

**Universidade Federal do Pará  
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Amazônia Oriental  
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas**

**Beatriz Helena López Arboleda**

**ETNOCONSERVAÇÃO DE SEMENTES**

**Trajectoria, práticas e redes em comunidades indígenas Ticuna na Tríplice  
Fronteira Amazônica (Colômbia, Brasil e Peru)**

**Belém  
2015**

**Beatriz Helena López Arboleda**

**ETNOCONSERVAÇÃO DE SEMENTES**

**Trajectoria, práticas e redes em comunidades indígenas Ticuna na Tríplice Fronteira Amazônica (Colômbia, Brasil e Peru)**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental. Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Orientador: Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros.

Belém  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) –  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

López Arboleda, Beatriz Helena, 1984 –

Trajetória, práticas e redes em comunidades indígenas Ticuna na Tríplice Fronteira Amazônica (Colômbia, Brasil e Peru) / Beatriz Helena López Arboleda. -2015.

Orientador: Flávio Bezerra Barros

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2015.

1. Sementes – Conservação. 2. Conservação da natureza. 3. Recursos naturais - Conservação. 4. Povos indígenas – Amazônia. I. Título.

CDD 22. ed. 631.521

---

**Beatriz Helena López Arboleda**

**ETNOCONSERVAÇÃO DE SEMENTES**

**Trajectoria, práticas e redes em comunidades indígenas Ticuna na Tríplice  
Fronteira Amazônica (Colômbia, Brasil e Peru)**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará – UFPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental. Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.  
Orientador: Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros.

Data de aprovação: Belém ...../...../.....

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros (Orientador)  
(NCADR/UFPA)

---

Prof. Dr. Claudia Leonor López Garcés (Membro Externo)  
(MPEG)

---

Prof. Dr. Rosa Elizabeth Acevedo Marín (Membro externo)  
(NAEA/UFPA)

---

Prof. Dr. Tatiana Deane de Abreu Sá (Membro Suplente)  
(EMBRAPA Amazônia Oriental)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e as suas diversas manifestações.

Ao orientador, Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros, por seu apoio incondicional no decorrer da pesquisa.

Ao Prof. Dr William Assis, que foi o canal inicial e permanente de comunicação para estudar meu mestrado.

A minha querida família e amigos que, embora a distância, me apoiaram e deram fortaleza.

A Universidade Federal do Pará, em especial ao Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, ao Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas por facilitar o apoio financeiro e por atender as diversas diligências.

Aos moradores das Comunidades Indígenas Ticuna de Umariçu II, Gamboa e San Sebastian de los Lagos, em especial a família do Tertuliano, José, Joel, Beatriz, Ruth, Claudio, Hernando, Nelson, as avós do Resguardo San Sebastian de los Lagos, aos membros das Associações ACIU-Eware e OCITU II, sem eles não seria possível o desenvolvimento desta pesquisa.

As diversas instituições públicas e privadas da Tríplice Fronteira Amazônica Brasil, Colômbia e Peru, que apoiaram no fornecimento de informação valiosa para a construção da pesquisa.

A Ana Lucia da Silva e Cristian Martins, amigos de fronteira.

Ao meu colega e amigo Enzo Quintero pelo valioso apoio na cartografia digital e por sua constante voz de ânimo.

Ao meu companheiro de estudo e de vida Andrés, por tudo.

## RESUMO

A pesquisa sobre etnoconservação das sementes crioulas foi trabalhada em Comunidades Indígenas Ticuna da Tríplice Fronteira Amazônica Brasil, Colômbia e Peru. A situação de Tríplice Fronteira tem apresentado para o povo Ticuna, desde as épocas de colonização, e logo depois da exploração da borracha, mudanças nas suas zonas de moradia assim como nas suas práticas tradicionais. A permanência dos povos Ticuna na situação de fronteira até hoje evidencia a relação com seu entorno que devido aos seus conhecimentos ancestrais tem lhes permitido o seu manejo e uso. Porém o crescimento da população das comunidades indígenas e sua proximidade aos centros urbanos tem colocado em risco os seus modos de vida. As Comunidades Indígenas de Umariçu II, no Brasil, Gamboa, no Peru e San Sebastian de los Lagos, na Colômbia, consideradas como os locais de estudo, possibilitaram a compreensão das formas de etnoconservação das sementes a través da vivência no seu cotidiano, as quais evidenciaram as suas perspectivas-imaginários em torno às sementes. O contato tanto com os moradores das comunidades como com seu entorno local e regional permitiu compreender sua estreita relação com a natureza representada nas suas práticas tradicionais que contribuem a conservação e preservação das sementes. Para o estudo foram abordadas segundo a perspectiva dos moradores através do tempo e espaço, sendo enquadradas nas práticas de armazenamento de sementes, práticas artesanais e de pesca, além dos significados das sementes nas suas histórias como nos seus rituais. Devido à complexidade do território, foi preciso uma abordagem sistêmica por meio da identificação de redes em relação as sementes que permitiu uma compreensão local, regional e global.

**Palavras-chave:** Povos indígenas. Cartografia social. Etnoconservação de sementes. Trajetória. Práticas. Redes.

## ABSTRACT

The Research about ethnoconservation of native seeds was worked in communities indigenous tribe of the Ticuna of Amazonian Triple Frontier of Brazil, Colombia and Peru. The situation of Triple Frontier area caused changes to the Ticuna people since the times of colonization, and soon after the exploitation of rubber. The changes were found in their housing areas and in their traditional practices. The permanence of Ticuna people in the border situation until today, demonstrates the relationship with their surroundings, that due to their ancestral knowledge has allowed them their handling and use. But the growth of the population of indigenous communities and its proximity to the urban centers endangered their ways of living. The indigenous communities of the Umariçu II in Brazil, of Gamboa in Peru and of San Sebastian de los Lagos in Colombia, considered as the study locations, provided an understanding of the ways of ethnoconservation seeds by the experiences of their daily lives, which showed their imaginary perspectives around the seeds. The contact with both, community residents and their local and regional environment, allows us to understand their close relationship with nature, represented in their traditional practices. This contributes to conservation and preservation of seeds. For this work the seeds are approached from the residents' perspective through time and space, being framed in seed storage practices, craft practices and fishing beyond the meanings of seeds in their stories as in their rituals. Due to the complexity of the territory it takes a systemic approach by identifying networks in relation of the seeds that enables a local, regional and global understanding.

**Keywords:** Indigenous peoples. Social mapping. Seed ethnoconservation. History. Practices. Networks.

## LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos de 1962-1970. ....	70
Desenho 2 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos 1970-1982. ....	73
Desenho 3 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos 1982-1990. ....	74
Desenho 4 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos 1990-2000. ....	76
Desenho 5 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos-Amazonas-Colômbia para os anos 2000-2014. ....	77
Desenho 6 – Croqui multitemporal do Resguardo Indígena San Sebastián de los lagos-Amazonas-Colômbia. ....	79
Desenho 7 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu - Amazonas-Brasil para o ano de 1980. ....	83
Desenho 8 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu-Amazonas-Brasil nos anos de 1990. ....	84
Desenho 9 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu - Amazonas-Brasil no ano de 2014. ....	86
Desenho 10 – Croqui Multitemporal da Comunidade Indígena Umariáçu-Amazonas-Brasil. ....	87
Desenho 11 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 1980-1985. ....	91
Desenho 12 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 1986-2001. ....	92
Desenho 13 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 2002-2007. ....	93
Desenho 14 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 2008-2014. ....	94
Desenho 15 - Croqui da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para o ano 2014. ....	95
Desenho 16 – Croqui multitemporal da Comunidade Indígena Gamboa, Peru. ....	96

Desenho 17 - Processo de dispersão natural das sementes RISSL. ....	114
Desenho 18 - Os tipos de espécies de palmeiras mais utilizadas no artesanato e os diferentes usos. ....	117
Desenho 19 - Espécies de palmeira Tucum e Tucumã desenhado por um artesão da associação ACIU-EWARÉ.....	124
Desenho 20 - Sementes, armazenamento e frutos da comunidade de Gamboa, Peru. ....	136
Desenho 21 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos para os anos 1962-1970 (localização das casas e acesso as espécies mais utilizadas).....	142
Desenho 22 - Croqui do R.I.S.S.L para os anos 2000-2014 (localização das casas e acesso as espécies mais utilizadas). ....	144
Desenho 23 - Croqui da Comunidade de Gamboa. Localização de algumas casas e seus acessos a espécies.....	144
Desenho 24 - Mapa da Comunidade Umariáçu II. Localização das espécies mais utilizadas e seu acesso. ....	145
Desenho 25 - Diálogo de saberes sobre as práticas das mulheres indígenas no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos. ....	166

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Narração da História de vida (C.N.G, Peru).....	51
Fotografia 2 - Narração da História de vida (C.I.U, Brasil). ....	51
Fotografia 3 - Narração da História de vida (R.I.S.S.L, Colômbia). ....	51
Fotografia 4 - Elaboração de cartografia social do RISSL-Amazonas-Colômbia. ....	69
Fotografia 5 - Elaboração da cartografia social da Comunidade Indígena Umariáçu II-Amazonas-Brasil. ....	82
Fotografia 6 - Elaboração da cartografia social da Comunidade Nativa de Gamboa-Loreto-Perú. ....	90
Fotografia 7 - Desfile festa do aniversário da comunidade Indígena Ticuna Umariáçu II, 2014. <b>A)</b> Vestimenta feita de Tururí com desenho de macaco. <b>B)</b> Representantes da associação ACIU-EWARÉ. <b>C)</b> Vestimenta de Tururí com desenho de ave. <b>D)</b> Abertura da festividade do aniversário da comunidade Umariáçu II. <b>E)</b> Meninos pintados de jenipapo e com vestimentas típicas Ticuna. <b>F)</b> Representante da associação ACIU-EWARÉ apresentando os fios de palmeira para fazer artesanato. ....	110
Fotografia 8 - <b>A)</b> Vassoura feita de cipó do mato. <b>B)</b> Morador da comunidade de Gamboa elaborando vassoura para sua casa.....	118
Fotografia 9 - Palmeira Tucum. Fotografia 10 Colheita da fibra do Tucum .....	120
Fotografia 11 <b>A)</b> Morador da comunidade de Gamboa tirando a folha de chapaja da água. <b>B)</b> Disposição da folha da chapaja no chão. <b>C)</b> Tecido da folha de chapaja. <b>D)</b> Secagem da folha de chapaja. ....	121
Fotografia 12 - Artesanato RISSL. <b>A)</b> Fios trançados de tucum. <b>B)</b> artesã com bolsa. <b>C)</b> tecido da bolsa. ....	123
Fotografia 13 - Tecido de rede feito por uma artesã da associação ACIU-EWARÉ, em Umariáçu II, Brasil. ....	123
Fotografia 14 - Cesta feita pelas artesãs da associação ACIU-EWARÉ, Umariáçu II. ....	124
Fotografia 15 - Tinturas para o artesanato na comunidade San Sebastian de los Lagos: <b>A)</b> Tintura Depaj (Urucum). <b>B)</b> Tintura Pau-Brasil. <b>C)</b> Tintura folha da pupunha. <b>D)</b> Urucum e roupas feitas de Tururí. <b>E)</b> Indígena pintando roupas. <b>F)</b> Calça de Tururí com tintura de Urucum. ....	128

Fotografia 16 - Tinturas para o artesanato na comunidade Umariáçu II: <b>A)</b> Tintura de jenipapo e cuia com azaflor. <b>B)</b> Pequenas cocares e tinturas em garrafas plásticas. <b>C)</b> Sementes de abai. <b>D)</b> Sementes de wairuro. ....	129
Fotografia 17 - Georeferenciamento das espécies nos Lagos Yahuaraca, R.I.S.S.L. ....	131
Fotografia 18 - <b>A)</b> Jovem guia no rio Amazonas. <b>B)</b> Avô guia nas cochas próximas de Gamboa, Peru. ....	131
Fotografia 19 - Georeferenciamento das espécies para alimento dos peixes na Comunidade de Umariáçu II, Brasil. ....	132
Fotografia 20 - <b>A)</b> Fruto “pepa negra”. <b>B)</b> Fruto uva nativa. ....	133
Fotografia 21 - Tipos de armazenamentos de sementes na casa da Dona Beatriz, moradora da comunidade de Gamboa, Peru. ....	137
Fotografia 22 - Georeferenciamento das casas das avós e dos avôs do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos. ....	141
Fotografia 23 - <b>A.</b> O senhor Jonato com a sua filha. <b>B.</b> Avó da associação junto ao seu filho e carregando a sua neta com artefato artesanal para carregar crianças. ....	152
Fotografia 24 - Os Avôs e as avós do R.I.S.S.L. ....	155
Fotografia 25 - Relatos na cozinha da casa do senhor José. ....	158
Fotografia 26 - <b>A:</b> Indígena da Comunidade San Sebastian de los Lagos apresentando pintura em Tururi feita por uma indígena Uitoto do Kilometro 8. <b>B:</b> Intercâmbio de conhecimento mulheres AZCAITA. ....	165
Fotografia 27 – Imagem global de redes. ....	168
Fotografia 28 - Desenho preliminar Imagem Redes na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru. ....	170
Fotografia 29 - Evento Intercâmbio de saberes e sementes na comunidade indígena San Sebastian de los Lagos. Setembro do ano 2014. ....	177
Fotografia 30 - Crianças das Comunidades Indígenas San Sebastian de los Lagos, Umariáçu II e Gamboa. ....	179

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de localização das três Comunidades Ticuna estudadas na Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia-Peru.....	32
Mapa 2 - Mapa do Resguardo Indígena San Sebastián de los lagos - Amazonas-Colômbia.....	80
Mapa 3 - Mapa da Comunidade Indígena Umariáçu - Amazonas-Brasil.....	89
Mapa 4 - Mapa da comunidade Nativa de Gamboa, Peru. ....	97
Mapa 5 - Mapa de redes em torno das sementes na Tríplice Fronteira Amazônica Brasil, Colômbia e Peru.....	172

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema metodológico para abordagem da Etnoconservação de Sementes Crioulas em uma Tríplice Fronteira. ....	34
Quadro 4: Espécies vegetais na comunidade Umariçu II, perspectiva multitemporal. ....	88
Quadro 6 - Características de algumas espécies referenciadas pelos moradores das comunidades San Sebastian de los Lagos, Umariçu II e Gamboa.....	105
Quadro 7 - Dispersores de sementes nas três comunidades indígenas Ticuna estudadas.....	113
Quadro 8 - Algumas tinturas utilizadas no artesanato Ticuna. ....	126
Quadro 9 - Cores para o Artesanato na Comunidade Indígena Ticuna San Sebastian de los Lagos. ....	129
Quadro 10 - Espécies, variedades, uso e manejo das sementes mais utilizadas na comunidade de Gamboa, Peru (Família Tertuliano).....	135
Quadro 11 - Espécies, variedades, uso e manejo das sementes mais utilizadas na comunidade de Gamboa, Peru (Família Beatriz). ....	137
Quadro 12 - Preços e tempo de elaboração dos artesanatos por alguns membros da Associação ACIU-Ewaré. ....	151
Quadro 13 - Práticas artesanais das avós da comunidade San Sebastian de los Lagos. ....	155
Quadro 14 - Nós e canais de comunicação das redes em torno às sementes existentes nas Comunidades Indígenas Ticuna de San Sebastian de los Lagos, Umariçu II e Gamboa na situação de tríplice fronteira.....	160
Quadro 15 - Tipos de redes.....	169

## LISTA DE SIGLAS

C.I.U II - Comunidade Indígena Umariáçu II.

C.N.G - *Comunidade Nativa de Gamboa.*

CORPOAMAZONIA - *Corporación Autónoma Regional del Amazonas.*

FUNAI- Fundação Nacional do Índio.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MAFDS – Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

PIB - Povos Indígenas do Brasil.

R.I.S.S.L - *Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.*

SINCHI - Instituto de Investigaciones Amazonicas.

UFAM - Universidade Federal do Amazonas.

UNAL - *Universidad Nacional de Colombia.*

DNP – *Departamento para la Prosperidad Social.*

## SUMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	17
2.1 GERAL .....	17
2.2 ESPECÍFICOS .....	17
<b>3. REFERENCIAL TEORICO</b> .....	18
3.1 OS RELATOS ORAIS E A PERSPECTIVA DO TERRITORIO A TRAVES DO TEMPO .....	18
3.2 PRATICAS TRADICIONAIS EM TORNO AS SEMENTES .....	23
3.3 AS REDES NA TRIPLICE FRONTEIRA AMAZONICA .....	26
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	30
4.1 ÁREA DE ESTUDO.....	30
4.2 DADOS UTILIZADOS.....	43
4.2.1 Trajetória nas Comunidades Indígenas Ticuna .....	43
4.2.2 Práticas Ticuna em Torno as Sementes.....	103
4.2.3 As Redes nas Práticas dos Ticuna em Torno às Sementes .....	149
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	182
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	191

## 1. INTRODUÇÃO

A diversidade biológica e a diversidade cultural alimentam-se mutuamente. As áreas de maior diversidade no planeta, ainda que devam a sua diversidade às características geoclimáticas, também têm sido desde cedo manejadas pelas culturas indígenas que habitavam ou habitam nelas, cuidando e aumentando essa diversidade. Referindo-se à Amazônia, a área com mais biodiversidade do planeta, estudos recentes indicam que, “mais que qualquer outro fator, é precisamente a domesticação de espécies e das paisagens por parte dos índios o que explica a presença de muitos tipos de vegetais que têm permitido a especialização dos habitats. Em outros termos, as práticas históricas de domesticação poderiam ter confluído para fenômenos de especialização mais rápidos e mais intensos do que seriam sem a intervenção do homem (BALÉE, 2000).

Desde que os seres humanos começaram a coletar e plantar sementes para as cultivar, dando assim origem à agricultura, transcorreram mais de 12 mil anos de adaptações e seleções sucessivas, criando espécies agrícolas que não existiam em forma comestível, por exemplo, o milho, o tomate, a mandioca, o arroz e em geral todos os cultivos alimentares tais como os conhecemos hoje em dia (RIBEIRO, 2003).

Na atualidade, a preocupação pela perda paulatina das espécies adaptadas e selecionadas e por conseguinte a erosão das práticas socioculturais das comunidades, leva a questionar o que acontece na atualidade com a conservação das espécies, especificamente das sementes crioulas. É preciso, então, considerar a perspectiva de etnoconservação, a qual procura associar a conservação da natureza com os conhecimentos tradicionais e manejo dos recursos naturais que proporcionam (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Se aproximar ao conhecimento da “Etnoconservação de Sementes Crioulas em uma Situação de Tríplice Fronteira”, surge como preocupação individual e coletiva pela perda deste tipo de prática, seja pela introdução de sementes modificadas geneticamente ou simplesmente pelo fato de que estas comunidades se encontrem em situação de fronteira de três países (Brasil, Colômbia e Peru), além da proximidade aos centros urbanos, tendo como consequência cenários complexos traduzidos na confluência de políticas, adoção de novas práticas e mudanças ou transformações nas tradições destes povos indígenas, gerando assim erosão em suas práticas

socioculturais, porém apresentando vantagens quanto a circulação de informação e ajuda de ações coletivas.

Por outro lado, os representantes das comunidades também manifestam sua preocupação pelas diversas problemáticas em que se encontram as sementes crioulas na atualidade, um exemplo vê-se no IV Encontro Continental de Mulheres Indígenas das Américas-Peru (2004), onde as mulheres ratificaram seu compromisso para retomar os valores e conhecimento e os conhecimento tradicionais de seus povos assim como a recuperação de seus alimentos. Manifestaram além disso sua preocupação pela perda de sementes crioulas pela substituição por sementes de banco de germoplasma à proliferação de transgênicos, rejeitando assim mesmo a implementação de megaprojetos que usufruem de seus territórios por meio de saberes e recursos naturais. Outros encontros ocorreram na região amazônica, como o primeiro Encontro de Autoridades Indígenas do Amazonas-Chorrera (2004) onde se identificaram algumas problemáticas relacionadas com a segurança alimentar como a perda de espécies cultiváveis, a diminuição da pesca e de espécies de extrativismo florestal usadas na elaboração de artesanatos (PEÑA et al., 2009).

Nesse contexto, é questão da pesquisa, política e institucional, dos movimentos sociais e da comunidade em geral, ressaltar a importância das sementes e sua relação com a soberania alimentar e com a diversidade cultural e social, refletidas nas práticas de partilha, elaboração de artesanato, usos medicinais, presentes, rituais, entre outros. Por esse motivo e muitos outros, é preciso gerar processos de resgate das comunidades nos diferentes níveis no tempo e espaço, orientadas pelo conhecimento em profundidade dos processos ecológicos que ocorrem nas áreas produtivas e nos contextos mais amplos dos quais elas fazem parte (GLIESSMAN, 2001).

De maneira pontual, o presente estudo “Etnoconservação de sementes crioulas em uma situação de tríplice fronteira” surge com a finalidade de identificar e analisar as diversas práticas no contexto das sementes, no tempo e espaço, seus cenários, os fluxos de troca e como em consequência destas circunstâncias, as comunidades evidenciam as diferentes redes de etnoconservação e assim se aproximar a contribuir ao resgate da diversidade das sementes crioulas e as práticas sociais, culturais, biológicas, econômicas e políticas das quais fazem parte.

O trabalho foi realizado por meio da interação com as comunidades indígenas Ticuna de San Sebastian de los Lagos (na Colômbia), Umariçu II (no Brasil) e Gamboa (no Peru), além do constante contato com as diversas instituições e demais

atores com influência direta ou indireta na Tríplice Fronteira que com seus conhecimentos e informações permitiram conhecer as trajetórias, práticas e redes relacionadas com a etnoconservação das sementes crioulas por parte da etnia Ticuna.

Finalmente, estruturou-se o trabalho em três temáticas; a primeira trata sobre os relatos orais e a perspectiva Ticuna do território através do tempo por meio das trajetórias; a segunda faz relação às práticas tradicionais dos Ticuna em torno às sementes através do seu manejo e uso, e finalmente a terceira apresenta as redes dos Ticuna na Tríplice Fronteira Amazônica. O anterior permitiu conhecer quais são as formas de etnoconservação das sementes crioulas por parte dos Ticuna na Tríplice Fronteira Amazônica.

## **2. OBJETIVOS**

### 2.1 GERAL

- Analisar as práticas de conservação de sementes crioulas que realizam as comunidades indígenas Ticuna em uma situação de tríplice fronteira.

### 2.2 ESPECÍFICOS

- Realizar um estudo de trajetória da conservação de sementes crioulas.
- Caracterizar as práticas de conservação das sementes crioulas.
- Identificar as redes sociais em torno as sementes crioulas.

### 3. REFERENCIAL TEORICO

#### 3.1 OS RELATOS ORAIS E A PERSPECTIVA DO TERRITORIO A TRAVES DO TEMPO

Os relatos orais são consideradas fontes de informação importante para a construção da trajetória das comunidades em relação as sementes, que no presente estudo baseia-se nas histórias relatadas pelos Ticuna de forma individual e coletiva. O termo utilizado para designar este tipo de informações orais, é chamado de etnohistória.

Para Olmos (1998), a etnohistória tem a finalidade de pegar informações sobre os processos produtivos, as técnicas agrícolas, pecuárias e florestais, as tradições, as costumes e o conhecimento do meio natural que os informantes tem herdado dos seus ancestres como uma parte integrante de acervo da sua cultura tradicional.

O termo etnohistória, segundo Bernard Cohn apud Martí (2013), surgiu na década de 1940 entre alguns antropólogos, arqueólogos e historiadores norte-americanos que estudavam aos “aborígenes” americanos. Nestes estudos, maiormente sobre aculturação, fundiam-se materiais etnográficos e históricos, no que Melville Herskovits chamou o método etnohistórico. Ou seja que a etnohistória é mais complexa e profunda que simplesmente um contexto histórico.

Para Axterll apud Martí (2013) a etnohistória está composta por três elementos: a primeira em relação a cultura como sujeito do estudo, a segunda no ênfase na mudança sociocultural, ênfase que compõe com a história e a antropologia e finalmente o uso de métodos e materiais históricos.

É assim que a os dados sobre a etnohistória são utilizados para enriquecer a construção da trajetória das três comunidades estudadas. A trajetória é definida por Sabourin (2002), como a evolução e a reorganização dos recursos produtivos – naturais, humanos, capital e informações -, no tempo e no espaço, por um grupo de atores sociais, em um território delimitado com o objetivo de manter, reproduzir ou melhorar suas condições de vida. Essas condições são determinadas, em parte, pela influência de fatores e de atores do ambiente externo.

Entendendo que a trajetória das três comunidades indígenas Ticuna é o mecanismo da presente pesquisa para conhecer a realidade do território em que se desenvolvem as práticas em torno as sementes por parte dos indígenas Ticuna, tem-

se a abordagem da etnoconservação que, segundo Berkes e Folke (1998), procura analisar como determinado grupo social utiliza o conhecimento tradicional dos recursos naturais locais para o desenvolvimento das práticas de manejo sobre os mesmos e quais os mecanismos sociais presentes em todo o processo.

Agora, a cartografia no presente caso, vê-se relacionado com o zoneamento agropecuário<sup>1</sup>. Trata-se de um trabalho de mapeamento temático e dinâmico que tem como objetivo organizar, sistematizar e atualizar as informações bibliográficas e cartográficas disponíveis sobre um determinado território, confrontando-as com os dados e as representações que os atores locais têm de sua realidade local. O cruzamento dinâmico e a complementaridade entre essas duas categorias e fontes de informação permitem produzir novas referências susceptíveis de subsidiar os processos de tomada de decisão quanto ao desenvolvimento rural (SABOURIN, 2002).

Segundo Almeida (2012) as técnicas de mapeamento consistem num conjunto de instrumentos que fortalece a emergência de identidades coletivas, consolida formas associativas intrínsecas às comunidades e relativiza a ênfase “absoluta” na biodiversidade, no caso da Amazônia, colocando-a como atrelada à diversidade cultural e à mobilização desses povos e comunidades tradicionais em torno de seus direitos territoriais.

Em síntese, pode-se asseverar que os instrumentos de mapeamento social, apoiados em trabalhos de campo prolongados e em relações de confiabilidade mútua entre pesquisadores e membros de comunidades, facultam meios para analisar os processos diferenciados de territorialização hoje em pauta em toda a Pan-Amazônia. Tais instrumentos encontram-se diretamente relacionados à emergência de novas identidades coletivas objetivadas em movimentos sociais. Tais identidades são múltiplas e configuram uma diversidade sociocultural que se converte num primado teórico para o desdobramento dos trabalhos de pesquisa e mapeamento social (ALMEIDA, 2012).

Na tríplice fronteira amazônica Brasil-Colômbia-Peru, pelas suas características ecossistêmicas (ecossistema amazônico) e políticas (convergem três países), é um cenário de interesse para diversas pesquisas, que particularmente são centradas em

---

<sup>1</sup> Zoneamento agropecuário (regional, municipal ou local) é um instrumento de representação da diversidade de um território, por meio da estratificação de seu espaço em unidades espaciais, definidas pela variação do meio físico ou humano, dos recursos e das atividades rurais.

comunidades indígenas Ticuna. Estas pesquisas têm diversos focos temáticos como alimentação, linguística, sistemas produtivos, entre outros, mas os que deram uma melhor contextualização em termos de trajetória foram sobre história e diálogo de saberes<sup>2</sup>.

Do lado da cartografia social, o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, liderado por diversos atores institucionais transfronteiriços<sup>3</sup>, foi junto com o Projeto *Cartografía Social: instrumento de gestión social e indicador ambiental*<sup>4</sup> (LÓPEZ, 2012), as bases metodológicas para se aproximar a um resultado do reconhecimento do território das três comunidades. Embora estas ferramentas sejam utilizadas como pauta nas decisões frente a conflitos ou luta pela terra por parte de movimentos sociais, a presente pesquisa a utilizará como ferramenta para a compreensão do território, das práticas existentes e os atores que nele influenciam.

Outra temática inserida na presente pesquisa, especificamente na trajetória, são as histórias ancestrais. A oralidade nos contos, mitos, lendas e rituais estão estreitamente relacionados com a memória. Segundo pesquisas feita sobre a memória dos indígenas Ticuna<sup>5</sup>, embora a palavra memória não tem tradução direta, existem algumas frases que podem ter esse significado: *nüna na kuachi* (*él recuerda*), *Tomagüi nüna ta kuachi* (“*nosotros recordamos*”) e *Tomagüi nüna kuachigü* (“*nosotros tenemos recuerdo*”). Daí deduz-se que existe o verbo *kuachi* que significa “recordar” ou “memorizar”. Essa palavra faz referência ao conhecimento do passado individual ou coletivo, mas também ao conhecimento geral das ideias, práticas e costumes (BUIRAGO, 2008).

Outra frase relacionada à “memória” é *chauaewa chana nemaee*, cuja tradução não exata é “*la mente retiene lo grabado*”. *Chauaewa* significa “mente” na oração, mas que utilizada só significa “*espíritu*” ou “*alma*” e que a alma é a quem retém os pensamentos, incluso de uma maneira corporal também, devido que *chana* alude ao verbo “*retener físicamente*”. Assim a concepção de memória Ticuna implica tanto o conhecimento de algo como o processo de guardar-lhe e manter-lhe no espírito (BUIRAGO, 2008). É assim como a maioria das histórias de vida da presente pesquisa tem um foco mais místico, como dos ancestrais Ticuna, da relação estreita

<sup>2</sup> Pesquisas de BUIRAGO (2008) e REYES (2009).

<sup>3</sup> UNAL sede Leticia. UFAM Manaus-AM, entre outros.

<sup>4</sup> Pesquisa de LÓPEZ (2012)

<sup>5</sup> Especificamente na comunidade indígena Ticuna de Macedonia/Colômbia, tríplice fronteira amazônica Brasil-Colômbia-Peru.

entre o homem e a natureza, dos médicos tradicionais, das sementes e das sabedorias dos frutos, temáticas que são assemelhadas a conceitos de segredo e sagrado que não tem início nem fim, tem uma concepção cíclica num espaço e tempo indeterminados, motivo pelo qual é a parte introdutória da trajetória das comunidades pesquisadas.

Embora, os contos, mitos, lendas e rituais não sejam o tema principal do presente trabalho, é importante conhecer brevemente algumas definições destes três termos, já que são apresentados no decorrer dos dados utilizados, além de serem importantes referências que enriquecerem tanto a trajetória, como as práticas e redes estudadas.

Para Mircea Eliade (1986 apud Socorro, 2010), “O mito conta uma história sagrada, narra um fato importante ocorrido no tempo primordial”. Há que se levar em conta, portanto, que é a palavra relatada no e do mito que constrói no imaginário social, mediante efeitos discursivos de sentido, representações de identidade que permitem ao indivíduo afirmar a sua existência no mundo, além de ser (o mito) o elemento justificador do próprio sentido e existir do mundo.

Por outro lado Guimarães (2012) no seu estudo sobre *Jogos dos Povos Indígenas e Rituais* considera “O mito, guiado por uma racionalidade, consiste na maneira pela qual um povo explica os aspectos essenciais da realidade em que está inserido. Dessa forma, o mito nos remete à visão de mundo dos indivíduos e sua maneira de vivenciar a realidade. Ele não se justifica e não se fundamenta, portanto não se presta ao questionamento e à crítica. O mito pressupõe a adesão e a aceitação, pois é significado como verdade que se legitima pela crença coletiva.

Em relação aos rituais, eles são utilizados como meios de tornar visível o invisível e inteligível o incompreensível. Representam a concretização de uma narrativa, tornando palpável o que vive no plano abstrato e subjetivo. O mito explica e determina o ritual, garantindo a sua eficiência. É por meio do ritual que o mito é manifestado concretamente, a partir de uma experiência corporal compartilhada coletivamente. O fluxo temporal que envolve os momentos rituais é dotado de início, meio e fim. Na medida em que o tempo passa, marcado pelos rituais, ganha um ritmo característico e singular, trazendo consigo a experiência coletiva de emoções e sentimentos expressos de modo padronizado (GUIMARÃES, 2012).

Para POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (2008), os rituais indígenas são uma celebração das diferenças. Em primeiro lugar, das diferenças entre os seres que

habitam o cosmos. Os humanos sabem que muito do que possuem (aquilo que chamamos de cultura) não foi meramente “inventado” por eles mesmos, mas sim tomado, no tempo do mito, de outras espécies, e mesmo de inimigos há muito não vistos. Os rituais indígenas são, além disso, uma celebração das diferenças entre os próprios seres humanos, diferenças sem as quais não haveria nem troca nem cooperação. E para celebrar essas diferenças uma intensa trama de prestações (de comida e bebida) más também, em certas ocasiões, de cantos e artefatos é posta em movimento.

Aproximando-nos aos mitos dos povos indígenas, especificamente na Amazônia, Pereira (2003), acrescenta as lendas ao significado dos mitos. A autora na sua pesquisa considera que tanto o mito quanto a lenda podem ser classificados como “narrativas míticas” que se propõem a explicar a origem ou a razão de um fenômeno. Neste caso, lenda e mito tendem a confundir-se, o que denota a dificuldade de traçar com nitidez as fronteiras entre eles. A autora contempla também algumas concepções de indígenas e antropólogos que recusam o termo de lenda, a aplicar às suas narrativas o termo “lenda”, porque, na sua concepção, “a lenda está mais desvinculada do povo, isto é, está menos ligada a um povo específico, enquanto que o mito é o patrimônio cultural de um povo, constituindo-se num elemento de coesão social, de agregação e, em consequência, preservando-lhe a identidade. Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o “mito” é uma verdade para o povo que o cultiva, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo-se, portanto, da lenda e, sobretudo da superstição”.

Para Comte (1991 apud Pereira, 2003), cada um desses povos tem um corpo de mitos que pode, algumas vezes, parecer muito estranho para um leitor que é de outra civilização, mas que também permite a esse leitor sair do seu território mental usual. Nesse sentido, o que é mito para um sujeito pode ser realidade para outro. Não devemos, portanto, confundir o estranhamento causado por ele como marca de ilogicidade. Ele representa, para muitos, um aspecto próprio da atividade de fantasia, que nada tem de bizarro ou de absurdo e que deve ser entendido em suas leis imanentes.

A categoria ou classificação do conto, embora seja semelhante a relatos fantásticos mais relacionados com crianças, no presente trabalho foi considerado esse termo por questões da linguagem espanhola, encontrada nas comunidade indígenas

da Colômbia e do Peru, sendo um termo que em ocasiões foram escutados como “*a mi me contaron que hace mucho tiempo*” (me contarem que há muito tempo) “*a mi me contaron que no podemos irrespetar la naturaleza*” (me falaram que não podemos dar desrespeito à natureza), “*existe un cuento sobre los animales de monte*” (existem contos sobre os animais do mato) estabelecendo assim a sua relação como a palavra conto. Além do anterior, para alguns moradores não foi bem visto falar de mitos ou lenda, já que para eles esses termos carecem de autenticidade, considerando eles os seus relatos como realidades (alguns das histórias apresentadas ilustram esta posição nos relatos de alguns dos moradores das comunidades estudadas).

É por isso que ao utilizar os termos mito, lenda ou conto, foi em razão de dar uma abrangência à compreensão dos relatos escutados nas três comunidades, além de respeitar as suas cosmovisões sobre tais termos, mas não com a intenção de debater ou categorizar tais termos e sim em facilitar a compreensão da leitura e respeitar a posição de diversos moradores das comunidades estudadas.

### 3.2 PRATICAS TRADICIONAIS EM TORNO AS SEMENTES

Além dos vínculos societários pelos quais existem os seres humanos, os seus vínculos com a natureza apresentam uma dependência tão universal como eterna (TOLEDO; BARRERA, 2009a).

A relação da diversidade de espécies com os locais de diversidade cultural, e em especial, com a diversidade linguística que pelo geral é atribuído aos povos indígenas (os quais tem uma estreita relação com a natureza há muito tempo e que pela sua sabedoria manifestada nos seus conhecimentos tradicionais, tem desenvolvido um uso e manejo da natureza que respeita os seus comportamentos por meio das suas próprias cosmovisões), é contemplada por Toledo e Barrera (2009a) como um “axioma biocultural”. Este axioma chamado por B. Nietschmann (1992 apud TOLEDO; BARRERA, 2009a) o “conceito da conservação simbiótica”, na qual a diversidade biológica e a cultural são reciprocamente dependentes e geograficamente conterrâneas, constitui um princípio chave para a teoria da conservação e suas aplicações, e é a expressão da nova investigação integradora e interdisciplinária que está ganhando reconhecimento dentro da ciência contemporânea.

Desde a ótica da etnociência, existe uma articulação entre o natural e social, utilizando como metodologia a investigação das nomenclaturas designadas pelas

populações tradicionais para os elementos e fenômenos naturais, assim como os valores culturais que transportam. Posey (1987, p. 15) indica que a partir desta percepção se desenvolve a hierarquização de um sistema taxonômico contemplado por categorias cognitivas, relacionadas à percepção da natureza por meio da cosmologia (influência mítica sobre a visão da natureza, recursos naturais e fenômenos naturais), dos conhecimentos (dinâmicas, relações e utilidades dos recursos naturais transmitidos por meio da tradição) e das práticas (a práxis entre o conhecimento e sua utilização como garantia da sobrevivência).

Toledo e Barrera (2009b) interpretam as anteriores categorias em relação ao núcleo intelectual dos produtores tradicionais nas suas principais facetas: como um sistema de conhecimentos (*corpus*) e como um sistema de crenças (*cosmos*), o qual a sua vez cobra sentido na função das práticas (*práxis*) que os indivíduos e suas famílias satisfazem suas necessidades materiais e espirituais. Desta forma se fala do complexo k-c-p (*kosmos-corpus-práxis*), que é o objeto central do estudo de toda pesquisa etnoecológica.

A etnoecologia como disciplina híbrida, aborda o estudo dos saberes locais e dos problemas convencionais sobre a separação do mundo em suas esferas do natural e o social. Esta disciplina propõe estudar a integração do complexo *kosmos-corpus-praxis* dentro dos processos de produção nas diversas escalas (as quais poderiam ser abordadas segundo a pesquisa como locais, regionais e globais), assim com compreender a realidade local mediante o estudo das dinâmicas, representações, rituais e simbolismos dos fatores naturais (TOLEDO; BARRERA, 2009b).

Assim como a etnociência e a etnoecologia são apresentadas como enfoques para a abordagem do presente estudo, é abordada a etnoconservação, a qual procura analisar como determinado grupo social (no caso, os Ticuna) utiliza o conhecimento tradicional dos recursos naturais locais (no caso, as sementes) para o desenvolvimento das práticas de manejo sobre os mesmos e quais os mecanismos sociais presentes em todo o processo (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Inseridos nesta perspectiva, para Pereira e Diegues (2010), os estudos da etnoconservação se direcionam para a classificação dos elementos naturais segundo os mitos, valores e visões de mundo das populações tradicionais, tomados aqui como elementos transversais do presente trabalho. Ao cogitar este sistema de classificação por meio da abordagem cognoscitiva, procura-se a compreensão do modo como estes

elementos culturais influenciam ou até mesmo determinam o manejo dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que proporcionam a conservação dos mesmos.

Os estudos de pesquisa sobre as sementes são fortes na perspectiva técnica e científica sobre estudos detalhados de determinadas espécies de sementes e ótimas formas de armazenamento de sementes que avalia as condições do ambiente que podem ser submetidas, especificamente em laboratório. Já estudos mais perto do aspecto social das sementes, no Brasil centra-se na região sul e de forte campesinato onde são identificadas diversas redes de troca de sementes e tipos tradicionais de armazenamento<sup>6</sup>.

A presente pesquisa considera as sementes como elementos naturais e culturais da etnoconservação, porém existem diversas conceptualizações, as quais variam dependendo do contexto e finalidade.

Segundo o decreto legislativo que modifica a lei 26272 Da lei Geral de Sementes, no Peru, considera a semente como “Toda estrutura botânica destinada à propagação sexual ou assexual de uma espécie” com produção de sementes como “O conjunto de operações ou processos encaminhados a multiplicar e acondicionar as sementes para realizar cultivos” e a variedade nativa como “O conjunto de plantas cultivadas que cumprem com a definição de cultivar, utilizadas tradicionalmente pelos agricultores ou camponeses de uma zona determinada e que não tem passado pelo processo de melhoramento sistemático e científico controlado. Se considera como sinônimo os termos variedades autóctones ou tradicionais”.

Do lado da Colômbia, um dos mais conhecidos líderes da agroecologia e soberania alimentar, Mejia (2003), propõe outro tipo de conceito de semente: “a semente é vida, é base de alimento, de multiplicação, de crescimento, de sobrevivência, é elemento básico da agricultura como estratégia social. Na vida

---

<sup>6</sup> Alguns desses estudos: ALMEIDA, Ana Cristina Oliveira, DALMORA, Eliane. Dinâmica de troca de variedades de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) em assentamento rural de Sergipe. Resumos do **VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia** – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013 14715

Desenvolvimento rural e práticas tradicionais de agricultores familiares: o caso do milho no vale do Capivari, Santa Catarina, Brasil. REBOLLAR, Paola Beatriz May; MILLER, Paul Richard Momsen; CARMO, Victor Barbosa. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, SC, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia** Rev. Bras. de Agroecologia. 5(2): 174-186 (2010) ISSN: 1980-9735.

ARAUJO, S.N; MATRANGOLO, W.J.R; TARABAL, L.M; MIRANDA, G.A; NETTO, D.A.M.; PEREIRA, M.P.R. Análises das sementes de *Cratylia argentea*: conservada em garrafas PET. Resumos do **VII Congresso Brasileiro de Agroecologia** – Fortaleza/CE – 12 a 16/12/2011 11806 -

camponesa, a posse das sementes próprias representa autonomia, liberdade, poder popular, independência, autossuficiência”.

A semente, princípio da vida, constitui-se numa das mais importantes inovações surgidas durante a evolução das plantas. Carrega consigo o valor da sobrevivência, da resistência, da continuidade, da perpetuação. Explode em vida ou, protegida por seu envoltório, a gema permanece pacientemente latente até que o chão se torne úmido, a terra macia. Resultado de um longo processo natural de seleção, reluta em crescer até que as condições ambientais lhe sejam favoráveis e, desta maneira, consegue sobreviver a períodos prolongados de estiagem ou a outras intempéries da natureza (ALMEIDA; FREIRE, 2003).

Outra abordagem sobre as sementes do lado do Brasil tem a ver com o sistema legal das sementes, especificamente como o sistema jurídico nacional e internacional<sup>7</sup> influencia tanto a agrobiodiversidade como aos grupos sociais, sejam eles chamados de agricultores, indígenas, camponeses, quilombolas, ribeirinhos, entre muitas outras denominações.

Finalmente para termos do presente estudo, as sementes para a Via Campesina (2013) agrega uma abordagem sócio-cultural:

Mas as sementes também são o recipiente que transporta o passado, a visão, o conhecimento e as práticas acumuladas das comunidades em todo o mundo que, durante muitos anos, tem criado a base de todo o que nos mantém no presente (LA VIA CAMPESINA, 2013).

### 3.3 AS REDES NA TRIPLICE FRONTEIRA AMAZONICA

Cada família, comunidade e povo têm determinados recursos e sementes que são parte da sua cultura e identidade, o intercâmbio tem sido um elemento sempre presente, ao qual se tem dado, não só conteúdos práticos e materiais, mas também sociais, religiosos, culturais. Por exemplo, em muitas culturas indígenas, o dote de casamento é a entrega de sementes de uma família para a outra; é muito comum que os camponeses partilhem as suas sementes como presentes aos outros etc. Esses processos não são fatos do passado, ainda que estejam fortemente ameaçados pela

---

<sup>7</sup> Especificamente Santilli (2009) aborda os impactos da Lei de Sementes e pela Lei de Proteção de Cultivares, pela Convenção Internacional para Proteção das Obtenções Vegetais, pela Convenção sobre Diversidade Biológica, pelo Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para Alimentação e Agricultura e pela legislação nacional de acesso aos recursos genéticos.

grave erosão genética e cultural, produto, entre outras causas, do avanço da “revolução verde” com agricultura industrial, química e mecanizada, da orientação agroexportadora que foi imposta às economias do Sul, da concentração da terra e a consequente expropriação das terras dos camponeses (CARVALHO, 2003).

Com o processo de contato com a cultura mestiça, além de gerar mudanças na forma de aproveitar e manejar o meio inserido em uma economia do mercado, o intercâmbio com comunidades indígenas além das fronteiras nacionais e linguísticas, tem permitido o enriquecimento cultural de espécies e variedades de produtores agropecuários. Isto se faz evidente com espécies como a mandioca onde os Ticuna que têm iniciado o manejo e domesticação de outras espécies provenientes de diferentes regiões da Amazônia, diversificando o material genético tradicional e ancestral transmitido entre gerações. À par com o enriquecimento agrônômico, se apresenta um enriquecimento cultural, onde cada nova espécie ou variedade vem acompanhada pela história acerca do lugar de origem, o “dono” e a forma de chegada. As variedades autóctones estão presentes na mitologia, porém as novas trazem sua história, desta forma, se enriquecem e complementam a tradição oral e a cultura material das comunidades (ACOSTA et al., 2011).

Segundo Curien (1998 apud SANTOS, 2006), a rede é “toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela tipologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação. Mas a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a requerem. É precisamente neste contexto em que o presente estudo aborda as redes sociais em torno as sementes usadas e manejadas pelos Ticuna, onde sua circulação vai mais além da zona de Tríplice Fronteira Amazônica.

As redes de intercambio para os Ticuna, tem registros na época da conquista, onde segundo Souza (1870) apud Goulard (1994), os Ticuna intercambiavam seus bens, sendo capturados a continuação embarcados para serem vendidos como escravos. Outro tipo de intercambio da época foi facilitado pelos novos colonos brasileiros. Estes inseriram-se na sociedade local como intermediários entre os indígenas e os patrões brancos. As grandes explorações deste últimos exerceram atrativo para os indígenas a traves do oferecimento de bens manufaturados em troca da sua mão de obra (GOULARD, 1994).

Durante o transcurso da conquista e o posterior processo de colonização, os Ticuna foram desenvolvendo um particular sistema de relações com os grupos étnicos vizinhos. Em primeira medida, as relações inter-étnicas passaram de alianças eventuais a uma franca hostilidade, sem dúvida alguma em função de circunstâncias locais, já que os interesses do jogo concerniam só a grupos locais e não ao conjunto étnico. Por outro lado, os Ticuna pertenciam a uma ampla rede de intercâmbios pan-amazônicos na que o *curare* constituía uma moeda apreciada. Finalmente, a adoção de noções estrangeiras a través do uso de termos como Maiyu mostram a capacidade de adaptação dos Ticuna (GOULARD, 1994).

O *curare* é um veneno utilizado pelos Ticuna e tem registros desde o século XVIII (GOULARD, 1994). Diversos autores tenham qualificativos para o *curare*: O veneno melhor e mais forte é dos Ticuna (Magnin, 1988 apud Goulard, 1994), o veneno que fazem os Ticuna com plantas, é o mais ativo. O *curare* era um objeto de intercambio muito apreciado tanto pelos povos indígenas vizinhos aos Ticuna, como pelos brancos que se proveem na missão e acostumam leva-lo fora e vende-lo em bom preço (ESCOBAR, 1908 apud GOULARD, 1994).

Na época das missões intercambiavam metal por uma panela de veneno. Os missionários valorizaram também espiritualmente o *curare*; no Aguarico, a boa conduta, a assistência ao culto e o abandono das bebidas alcoólicas por parte dos indígenas, eram recompensadas com o veneno, além das agulhas e os anzóis (URIARTE, 1986 apud GOULARD, 1994). O *curare* também era intercambiado por sal, pó de ouro e também era oferecido pelos missionários como pago pela mão de obra (GOULARD, 1994).

O *curare* fez dos Ticuna atores importantes nas redes históricas de intercambio no Amazonas. Após dos registros de intercambio que datam do século XVIII, Spix e Martius (1981) apud Goulard (1994) informam que no século XIX a substância mortífera (o *curare*) passou pelo Brasil, pelas nascentes do rio Napó, até a Cordilheira dos Andes, além das nações do baixo Rio Negro.

Outro elemento importante na história das redes de intercambio dos Ticuna, faz referência ao artesanato. Segundo Tessmann (1930) apud Goulard (1994), tempo atrás, os Chayahuita e Chamicuro acostumavam conseguir redes dos Ticuna. Ainda hoje, a rede Ticuna constitui um objeto comercial no mercado regional (GOULARD, 1994).

Em algumas áreas da Amazônia Colombiana, além do aproveitamento alimentar das espécies cultivadas em roças, as famílias indígenas Ticuna utilizam uma parte da produção resultante desta atividade para o intercâmbio ou venda de produtos em uma rede de comercialização local de baixa intensidade. Fazem parte dessa rede outros atores como, as instituições educativas e militares presentes na localidade, o comércio local e os intermediários; proprietários dos barcos provenientes geralmente de municípios próximos e cuja permanência no lugar está sujeita à terminação de existências das mercadorias (alimentárias, roupa, elementos de higiene e uso pessoal, ferramentas e combustível) que vendem ou trocam com os povoados. O processo de venda ou intercâmbio de produtos próprios permite as famílias o acesso, em primeiro lugar, a outros produtos alimentares locais como a carne de caças e o pescado e, em segundo lugar, a produtos de consumo final exógenos como grãos, sal, açúcar, óleo e ferramentas e em geral insumos oferecidos pelo comércio local. Entre as espécies mais vendidas ou trocadas encontram-se a mandioca, o plátano (banana) e o abacaxi (PEÑA et al., 2009).

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 ÁREA DE ESTUDO

O território Ticuna, além de ser uma ampla região dividida pelas fronteiras políticas entre Colômbia, Brasil e Peru, caracteriza-se porque sua população é multiétnica. Os Ticuna mantêm contatos com outros grupos indígenas como os Yagua, Cocama, Huitoto, Cambeba e Culina e com os “brancos” e “mestiços” que conformam a população rural e urbana nesta região de fronteiras (LÓPEZ, 2002).

Segundo censo realizado pelo IBGE no ano de 2010<sup>8</sup>, o total aproximado da população Ticuna no Brasil é de 46.045 habitantes. Na Colômbia se apresenta uma população Ticuna de 8.000 habitantes e no Peru um aproximado de 6.982 habitantes<sup>9</sup>.

A pesquisa foi realizada na situação da Tríplice Fronteira Amazônica em três comunidades indígenas Ticuna (Mapa 1), as quais depois de fazer a fase de pré-campo se identificaram como as comunidades que têm mais influência da situação de fronteira pela proximidade aos centros urbanos e todos os impactos socioeconômicos, culturais e ambientais que isso implica.

As comunidades indígenas Ticuna que fizeram parte do estudo são:

- O Resguardo Indígena<sup>10</sup> Ticuna San Sebastian de los Lagos: localiza-se no setor rural de expansão urbana ao noroeste da cidade de Leticia, na beira da *Quebrada Yahuaraca*<sup>11</sup>, afluente do rio Amazonas, no quilômetro cinco da

<sup>8</sup> FUNAI. O Brasil Indígena. Consulta em linha: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/o-brasil-indigena-ibge>. Fevereiro 6 de 2015.

<sup>9</sup> PIB. Quadro Geral dos Povos. Consulta em linha: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Fevereiro 1 de 2015.

<sup>10</sup> Segundo a *Sentencia C-921/07* o Resguardo tem tido através da história uma relação direta com o território pertencente aos povos indígenas, porém não pode se identificar resguardo com território já que o território é somente um dos elementos do atual conceito de Resguardo, pois faz referência ao local onde os grupos indígenas exercem o direito fundamental de propriedade coletiva. Resguardo: Instituição legal e sociopolítica de caráter especial conformada por uma comunidade ou parcialidade indígena que com o título de propriedade comunitária possui um território é regulada para o manejo deste e da sua vida interna por uma organização ajustada a suas pautas tradicionais e culturais. Consulta em linha: <http://www.corteconstitucional.gov.co/relatoria/2007/c-921-07.htm>. Fevereiro 23 de 2015. A Ley 89 de 1908 normatiza a organização de Resguardos e o Decreto 2164 de 1995 regula a dotação de titulação de terras as comunidades indígenas para a constituição, reestruturação, ampliação e saneamento dos Resguardos Indígenas no território nacional Colombiano. Consulta em linha: <http://sige.dane.gov.co:81/gruposEtnicos/doc/NormatividadResguardosIndigenas.pdf>. Fevereiro 23 de 2015.

<sup>11</sup> Quebrada é uma categoria para denominar aos afluentes que alimentam um rio. A Quebrada Yahuaraca conecta-se com o Complexo de Lagos-Igarapés de Yahuaraca os quais são sítios de

estrada Los Lagos do município de Leticia, a qual atravessa o Resguardo na parte Central e de forma perpendicular ao rio (REYES, 2009). Foi estabelecida como Resguardo Indígena mediante “*Resolucion 0087 del dia 27 de julio de 1982*”<sup>12</sup>. Tem uma população aproximada de 560 habitantes<sup>13</sup>, em sua maioria da etnia Ticuna, tendo também Indígenas das etnias Cocama, Yagua e “os brancos”<sup>14</sup>.

- Comunidade Umariáçu II, localizada aproximadamente a quatro quilômetros do centro urbano de Tabatinga/AM-Brasil, faz parte da Terra Indígena Umariáçu que inclui as comunidades de Umariáçu I e II. Tem uma população aproximada de 4316 habitantes<sup>15</sup>, só da etnia Ticuna.
- A comunidade nativa Ticuna de Gamboa faz parte da “*Jurisdicción del distrito de Yavarí*”, “na região Loreto”<sup>16</sup>, localiza-se frente à fronteira de Brasil (Estado do Amazonas) e Colômbia (Departamento del Amazonas). Tem um total aproximado de 170 habitantes, a maioria da população é Ticuna e tem uma área aproximada de 7 km de largura por 3 km de comprimento<sup>17</sup>.

---

pesca e que devido a sua grande extensão, são visitados tanto pelos moradores do R.I.S.S.L como de outros Resguardo indígenas vizinhos.

<sup>12</sup> Segundo o “Ministério del Interior de la República de Colombia”

<sup>13</sup> Dados obtidos dos registros do cacique (*curaca*) Nelson Saldana, pesquisa de campo 2014.

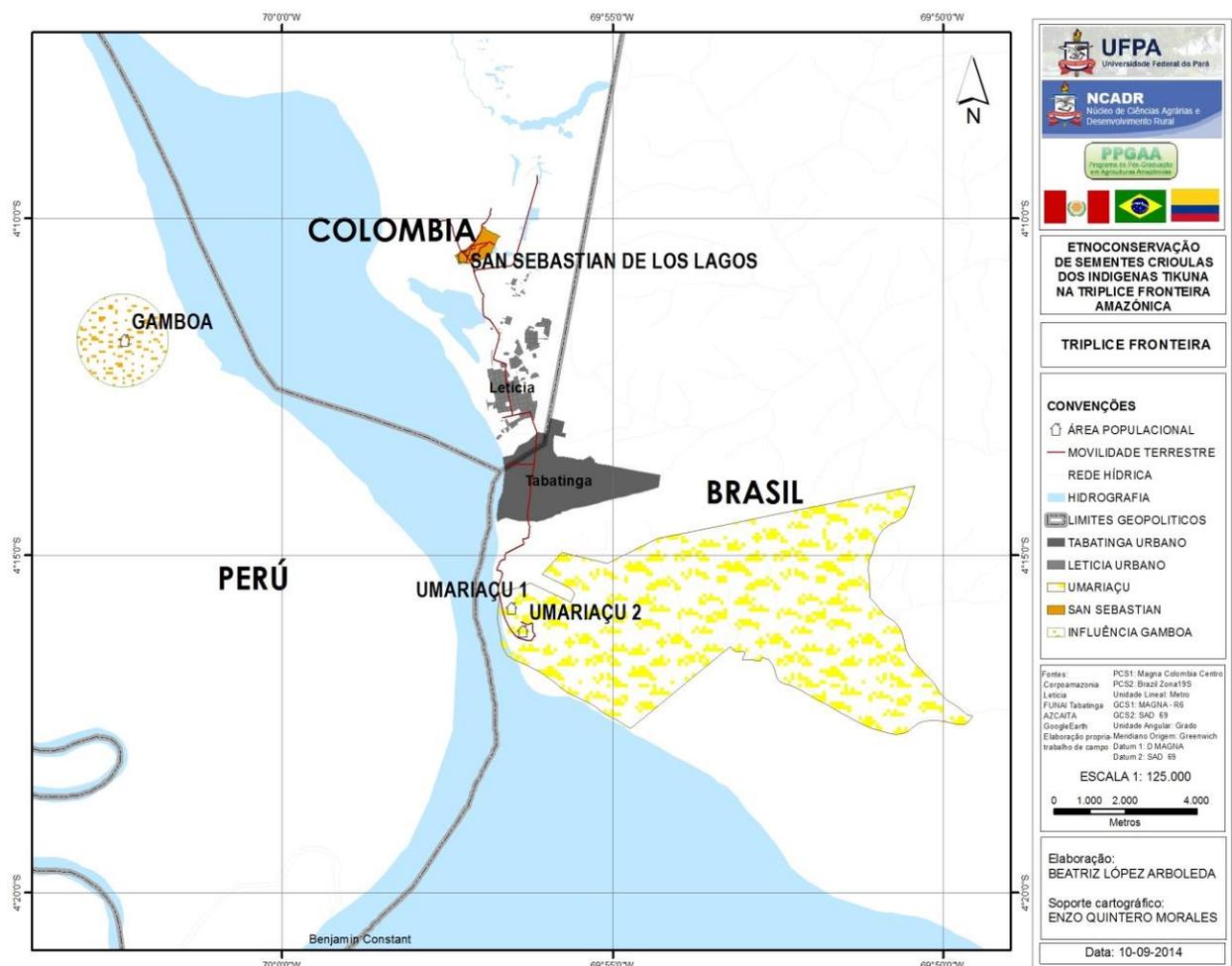
<sup>14</sup> Os moradores das comunidades chamam de brancos o homem branco, as pessoas que não fazem parte de alguma etnia.

<sup>15</sup> Dados obtidos nas oficinas da FUNAI, na pesquisa de campo 2014.

<sup>16</sup> Informação obtida do caderno de atas realizadas nas assembleias da comunidade Ticuna Gamboa/Peru.

<sup>17</sup> Informação oferecida pelo atual Tenente Governador da Comunidade de Gamboa-Loreto-Peru.

Mapa 1 - Mapa de localização das três Comunidades Ticuna estudadas na Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia-Peru.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Tendo em conta a complexidade do território, leva ao presente estudo a se enfocar numa abordagem sistêmica, o qual permite tanto a análise das realidades como a promoção de mudanças dentro das mesmas, que em uma abordagem de pesquisa ascendente, contempla a transformação dessas realidades e a produção de conhecimento sobre essas transformações (SCHMITZ, 2005).

No presente caso o sistema também pode ser considerado como "Uma estrutura viva que constitui um sistema "aberto" no sentido que se conserva através de um fluxo contínuo de trocas com o exterior. Tal estrutura pode ser descrita estaticamente, uma vez que ela se conserva apesar de sua perpétua atividade, mas ela é em princípio dinâmica, uma vez que ela constitui a forma mais ou menos estável de transformações contínuas." (L. BERTALANFFY, 1976 apud CÂMARA, 2012).

Por outro lado, Pinheiro (2000) menciona que é importante ter em conta dentro do análise de sistemas, estudar os segmentos marginalizados, além da construção de território, exploração de outros espaços, por meio de métodos participativos, sendo estes parte do projeto de pesquisa ao considerar o diálogo de saberes como uma das ferramentas transversais que possibilitam a participação multilateral dos atores a estudar.

A perspectiva de sistema dentro da tríplice fronteira considera o sistema como um complexo de elementos em interação dinâmica com finalidade em um ambiente determinado. A compreensão deste sistema depende dos fatores sociais, ambientais, culturais, políticos e econômicos, sendo estes também os que delimitam o sistema já que eles a nível de região exercem influência dentro dos elementos do sistema em seus diferentes níveis de localidade e de produção familiar.

Além de apresentar uma abordagem sistêmica, os estudos da etnoconservação se direcionam para a classificação dos elementos naturais segundo os mitos, valores e visões de mundo das populações tradicionais. Ao cogitar este sistema de classificação por meio da abordagem cognoscitiva, procura-se a compreensão do modo como estes elementos culturais influenciam ou até mesmo determinam o manejo dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que proporcionam a conservação dos mesmos (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Somando assim o foco sistêmico e da etnoconservação, foi construído em conjunto com os moradores das três comunidades indígenas as ferramentas metodológicas que permitiram conhecer as trajetórias, práticas e redes em torno às sementes, as quais são apresentadas no contexto de cada temática abordada e resumida no Quadro 1.

Quadro 1 - Esquema metodológico para abordagem da Etnoconservação de Sementes Crioulas em uma Tríplice Fronteira.

FASES	METODOLOGIA	FERRAMENTAS	ATIVIDADES
Pré-campo	Reconhecimento do campo	Levantamento de informação primária	Visitas as comunidades
			Entrevistas
			Visitas a instituições
		Levantamento de informação secundária	Visitas a instituições
			Consulta de bibliografia com pesquisadores da região
			Solicitação formal de informação a centros de pesquisa e de desenvolvimento
Histórico das sementes	Trajetória	Histórias de vida	Assistência a rituais que proporcionam esse tipo de informação (festa da moça)
			Entrevista semiestruturada a pessoas focais
			Mapa por décadas
Caracterização das práticas de conservação	Documentação das práticas locais	Tabelas e mapas	Oficina Tabela diversidade
			Oficina Tabela dependência
			Oficina Tabela práticas de conservação
			Oficina Mapas das pessoas que desenvolvem as práticas de conservação e das redes sociais de sementes
	Fluxo	Rede social de sementes	Entrevistas. Amostragem bola de neve

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Em relação ao trabalho de pré-campo, o reconhecimento da área de estudo foi fundamental, levando a uma aproximação das intenções da pesquisa, as leituras prévias, as pesquisas desenvolvidas, com a realidade da comunidade e assim com a pertinência do estudo. Para fazer tal reconhecimento é preciso ter uma perspectiva abrangente que permita contemplar o ambiente da comunidade, os atores envolvidos direta e indiretamente com o tema de pesquisa, além de suas influências entre eles e com seu entorno.

As atividades de recopilação da informação, conversa com indígenas, entrevistas a funcionários públicos e privados, visitas a comunidades indígenas, entre outras, foram feitas de maneira transversal (as mais representativas e que levaram a delimitar a área de estudo citam-se a continuação), mas não considerando uma estrutura rígida de ordem a ser desenvolvidas.

Os documentos encontrados, facilitados tanto por pesquisadores como por instituições públicas e privadas, são correspondentes aos Indígenas, em particular aos Ticuna que moram em situação de fronteira. As pesquisas feitas são em sua maioria (na Colômbia), da Universidade Nacional Sede Leticia a qual conta com um grande número de pesquisadores enfocados na linha de análise sobre as situações de fronteira (Carlos Zárate em aspectos políticos, Elizabeth Riaño em situação de

território, etc.). Outros tipos de trabalhos têm sido feitos em parceria com outras instituições de pesquisa. Teses de doutorado, livros e artigos documentam tais estudos.

Os estudos desenvolvidos na área do Brasil foram facilitados pelas instituições UFAM (Universidade Federal do Amazonas), UEA (Universidade do Estado do Amazonas) e pesquisadores em geral. O enfoque na sua maioria é sobre a etnia Ticuna, sendo representativos para o presente estudo, teses de doutorado sobre Soberania Ambiental e Segurança Alimentar em Benjamin Constant, projetos de desenvolvimento sobre construção de banco de sementes em comunidades indígenas em Benjamin Constant e pesquisas antropológicas e diversos trabalhos sobre fronteiras.

Em resumo, a informação compilada sobre Brasil e Colômbia foi significativa, tanto em quantidade como em qualidade, o que facilitou conhecer as temáticas feitas e assim delimitar a área do estudo e alimentar a justificativa, marco conceitual e metodologia.

Na UFAM, foram três os pesquisadores entrevistados, um deles desde a atitude de acolhida do tema da presente pesquisa, além de focar sua conversa na necessidade de unificar discursos sobre a situação de fronteira e nas dificuldades de vinculação entre instituições de pesquisa por parte dos três países, onde por um lado são escassamente feitas e as propostas formuladas não tem continuidade e carecem do apoio burocrático. O pesquisador da linha da antropologia falou sobre os estudos feitos pelas Universidades dos dois países e ofereceu documentos de estudo tanto do lado da Colômbia como do lado do Brasil e Peru. A pesquisadora da linha de Agricultura Familiar, comentou sobre sua experiência no projeto de pesquisa de seu mestrado, intitulado Governança Ambiental e Segurança Alimentar: A agricultura Familiar no Alto Solimões, AM (Castro, 2009), e sobre seu novo projeto de pesquisa do Doutorado também no enfoque das políticas que influenciam na Segurança Alimentar. O percurso para chegar à Instituição prometeu o olhar do rio Solimões (barco de Tabatinga a Benjamin Constant pelo rio Solimões), um grande ecossistema aquático onde se desenvolvem atividades de pesca (em sua maioria por ribeirinhos e indígenas), no momento o tempo passava pelos três dias de friagem, acontecimento que só ocorre uma vez ao ano no mês de julho. No momento da chegada ao município de Benjamin Constant se percebeu o grande movimento no porto, a infraestrutura das casas em sua maioria de madeira de diversas cores. A UFAM conta com uma

biblioteca que oferece um sem-número de estudos sobre a Amazônia em geral e a classe estudantil tem uma grande representatividade de indígenas.

No município de Benjamin Constant, existe a comunidade indígena Ticuna Filadélfia, a qual se encontra muito perto da zona urbana (meia hora a pé), e conta com uma associação de mulheres dedicadas ao manejo de sementes crioulas. Além dessa comunidade existem outras mais afastadas onde se desenvolve por parte do Instituto Sindical pela Cooperação ao Desenvolvimento/ISCOS-CISL (ONG da Itália) um projeto sobre banco de sementes crioulas, onde as comunidades recolheram as sementes crioulas com parâmetros de boa qualidade, passando por um processo de conservação para ser armazenadas no banco sendo depois adquiridas para os que querem ser sócios do banco.

Do lado da Colômbia, no SINCHI (Instituto de Pesquisa da Amazônia), foi procurado o pesquisador da linha da segurança alimentar dos indígenas na Amazônia Colombiana. Luís Eduardo Acosta concedeu uma entrevista (gravada em áudio) na qual falou da história dos Ticuna, suas atividades produtivas na zona de várzea, os diferentes estudos de pesquisa que tem desenvolvido o SINCHI, ressaltando a importância do tratamento da mandioca na forma de enterramentos, além de isso, foram concedidos documentos das pesquisas do SINCHI na linha de segurança alimentar.

Na CODEBA (*Corporación para el Desarrollo de la Biodiversidad em el Amazonas*) foi entrevistada a presidenta senhora Emperatriz, a qual comentou sobre a existência dos Planos de Vida das três associações de indígenas na Amazônia Colombiana desenvolvidos no período de três anos.

A visita a CODEBA guiou o presente estudo a considerar que não se pode limitar só a etnia Ticuna, devido que no Amazonas Colombiano o território indígena está dividido pelas associações ACITAM, AZCAITA e ATICOYA, as quais têm diversas comunidades dentro das associações que contêm mistura de diversas etnias sendo as mais representativas os Ticuna, Uitoto e Cocama.

Dentro da revisão bibliográfica dos planos de vida das associações, diálogos com antropólogos e reconhecimento de campo das comunidades indígenas foi definida a comunidade indígena de São Sebastian dos Lagos como área de estudo no lado de Colômbia, pela proximidade ao centro urbano. Com a visita a comunidade

e pelo contato já estabelecido com o *curaca*<sup>18</sup> da comunidade foram percebidas manifestações da viabilidade do desenvolvimento da presente pesquisa.

Na visita a CORPOAMAZONAS (*Corporación Autónoma Regional del Amazonas*) foram realizadas entrevistas com os funcionários relativas as temáticas indígenas e de ordenamento territorial, onde foi determinante o contexto espacial dos indígenas Ticuna na Amazônia Colombiana e Brasileira. Por meio de um ofício formal dirigida à instituição foram solicitados os arquivos cartográficos das áreas indígenas, o que permitiu por meio da ferramenta ARCGIS 9.0, a aproximação espacial, a localização dos possíveis povos a ser considerados dentro do projeto e as características geográficas no contexto de fronteira.

No final do trabalho de pré-campo se consideraram como as áreas prováveis de estudo a comunidade Umariáçu II (Brasil), San Sebastian de los Lagos (Colômbia) e Santa Rosa (que no decorrer na pesquisa foi substituída pela Comunidade Nativa de Gamboa, no Perú).

O trabalho de campo foi realizado no mês de fevereiro até o mês de setembro de 2014, além do trabalho de pré-campo feito nos meses de julho e agosto de 2013. A metodologia apresenta algumas ferramentas dos projetos: “Estratégias integradas e participativas de manejo e uso de agrobiodiversidade no estado de Santa Catarina”, “*Cartografía social: instrumento de gestión social e indicador ambiental*” da Universidade Nacional da Colômbia, “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia ” e “*Sistema de Información Geográfica para el conocimiento territorial nacional SIGOT*”, as quais foram ajustadas segundo a construção metodológica com as comunidades e considerando o diálogo de saberes como elemento transversal na moradia e no contato com os diversos atores institucionais que contribuíram com suas informações na pesquisa .

Para a coleta de dados, foram feitos trâmites éticos como a elaboração do Termo de Anuência Prévia na comunidade de Umariáçu para ser entregue ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM), e a solicitação de permissão a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), já que a pesquisa envolvia tanto acesso ao conhecimento tradicional como execução da pesquisa em terra indígena. Nas comunidades de Gamboa em Peru e San Sebastian na Colômbia, foram feitas reuniões com a comunidade onde permitiram o desenvolvimento da pesquisa e a

---

<sup>18</sup> Termo correspondente ao chefe ou cacique da Comunidade Indígena.

moradia nas comunidades. Por questões práticas, na comunidade de Umariáçu foram identificadas duas organizações para realizar a pesquisa, como foram ACIU Eware e OCITU II, já que a comunidade tem uma alta população (aproximadamente 5.000 habitantes em Umariáçu II), sendo assim facilitado o contato do cacique com as duas organizações para encaminhar a anuência prévia e execução da pesquisa.

Por outro lado, para o desenvolvimento da cartografia digital, foram consultadas as instituições estaduais e municipais da fronteira, como CORPOAMAZONIA, FUNAI, UNAL Sede Amazônia, entre outros, sobre as informações disponíveis da cartografia digital da fronteira e das três comunidades. Com o objetivo de integrar os sistemas de referência da zona de estudo, foi trabalhado o desenvolvimento e os levantamentos de campo em um sistema de coordenadas geográficas estándar para as Americas (SIRGAS) no marco do sistema de referência mundial como é o GCS WGS 1984.

A informação correspondente a Colômbia foi geralmente ao sistema de coordenadas geográficas WGS 1984, porém alguns arquivos vetoriais no formato *shapefile* forem migrados do sistema de coordenadas projetado Magna Colômbia Centro, e no caso do Brasil no sistema de referência Sudamérica SAD 1969.

Após, todos os demais produtos de campo, a configuração dos dispositivos de captura de GPS e outras fontes de informação como digitalizações de mapas no documento *Plan de Vida de AZCAITA* (2008) e mapas impressos da Terra Indígena Umariáçu facilitados pela FUNAI, foram referenciados em WGS 1984.

O trabalho de georreferenciamento da fronteira<sup>19</sup> com o dispositivo de captura de GPS<sup>20</sup> iniciou no mês de março e finalizou no mês de agosto de 2014. Foi fundamental a visita do apoio cartográfico entre os meses de maio e junho do ano 2014, para revisar os pontos georreferenciados no trabalho de campo, para visitar as áreas de interesse para complementar com atributos e os aportes pertinentes para determinar os resultados cartográficos.

O desenho dos mapas, cabeçalho, legenda, distribuição, cores e estilos, foi elaboração própria com base na “*Guía de Procedimientos Planimétricos para Proyectos Urbanísticos del Ministerio de Ambiente de Colombia* (2006)”.

Os croquis ajudaram a visualizar territórios em diferentes escalas multitemporais, além de serem contrastados com cartografia digital, permitindo

---

<sup>19</sup> Forem georeferenciados pontos e polígonos das três comunidades e de diversas zonas de fronteira que se considerarem pertinentes para a pesquisa.

<sup>20</sup> Equipamento emprestado pela UNAL Sede Amazônia/COL

identificar a perspectiva de território que tem as comunidades e sua relação com a cartografia digital manejada e estabelecida por diferentes órgãos de desenvolvimento e do Estado, que são os que fazem as tomadas de decisões sobre o ordenamento do território.

Para reconstruir a trajetória das comunidades foram realizadas entrevistas semiestruturadas sobre as histórias de vida das pessoas identificadas como cacique, antigos caciques, lideranças e os vovôs e as vovós da comunidade, sendo registradas em gravações e de forma escrita, referindo-se a fundação da comunidade, mudanças através do tempo, fatos marcantes, atividades produtivas e vivências que os entrevistados consideraram pertinentes.

Na redação das histórias de vida e demais acontecimentos contados pelos moradores das três comunidades, foram utilizados nomes fictícios, por efeitos de manter a sua privacidade e assim evitar qualquer tipo de inconveniente pelos fatos narrados.

Para a coleta de informação, além de serem trabalhadas as histórias de vida, foram desenvolvidas atividades grupais para coletar as histórias das comunidades de forma coletiva. O grau de idades dos participantes desempenha um importante papel quando se trabalha com história (LUDEMAN; DE BOEF, 2007), e considerando a contribuição de vivências passadas que falam dos acontecimentos da comunidade através do tempo, foram organizados grupos focais de anciãos, adultos e jovens. Nos diálogos de saberes foram levantados os fatos mais marcantes para a história da comunidade e das famílias, bem como os principais problemas e potencialidades desde os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e ambientais que influenciam as práticas sobre as sementes.

Finalmente é utilizada a ferramenta da cartografia social, que passa a integrar as lutas simbólicas envolvidas no processo de produção cultural da paisagem e de seus elementos materiais. Há, por certo, outras estratégias e outros tipos de atores-mediadores que recorrem a participação de grupos sociais localizados para configurar, mapas que tendem a se mostrar funcionais a projetos de ordenamento territorial, de desenvolvimento local, de manejo de recursos naturais etc. Nestas condições, o espaço é delimitado pelos próprios grupos, segundo suas identidades específicas (ACSELRAD, 2012).

É assim que os desenhos, os atributos desenhados e georreferenciados e as pessoas das comunidades que participaram na realização da cartografia social, não

foram encaminhados em parâmetros que impossibilitassem a sua visão real sobre seu território e sobre os atributos mais destacados para eles ou os que quiserem inserir ou omitir, possibilitando, assim, como discute Almeida (2012) “uma metodologia que não propõe como os agentes sociais devem participar de nenhuma metodologia que discipline a ação dos membros da comunidade nas atividades do projeto-pesquisa”, mas segundo Peña (2012), ela pode ser direcionada a conformação de grupos para construir imagens coletivas do território, com pessoas conhecedoras da história cultural e social de cada comunidade.

No Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos foram elaborados 4 croqui indicando as décadas de 1962-1970, 1970-1982, 1982-1990, 1990-2000 e 2000-2014. Na comunidade de Umariçu foram feitos 3 croqui, um do ano 1980, o segundo de 1990 e o terceiro de 2014. Na comunidade de Gamboa foram elaborados croqui das décadas 1980-1985, 1986-2001, 2002-2007 e 2008-2014.

Os croqui ajudaram a visualizar territórios em diferentes escalas multitemporais, além de serem contrastados com cartografia digital, permitindo identificar a perspectiva de território que tem as comunidades e sua relação com a cartografia digital manejada e estabelecida por diferentes órgãos de desenvolvimento e do Estado que são os que fazem as tomadas de decisões sobre o ordenamento do território.

A trajetória vai ser mencionada por cada comunidade, porém cada trajetória relaciona os elementos contados e ilustrados nas três comunidades. Os tempos manejados nos desenhos multitemporais e nas histórias variam já que, por exemplo, as histórias relacionadas com mitos são consideradas transversais, fazem parte do antes, agora e do futuro e podem se desenvolver em qualquer cenário, por essa questão é primeiro apresentado os relatos orais em relação a contos, mitos, lendas e rituais, acompanhados das histórias de vida, para depois passar aos croqui multitemporais e mapas.

Para realizar a caracterização das práticas em torno as sementes utilizadas pelos indígenas Ticuna das comunidades estudadas, foi utilizada a informação da trajetória referida especificamente as histórias de vida coletadas, as quais forneceram informação como tipos de sementes mais utilizadas e seus principais usos e manejos, além da informação da localização das mesmas referenciadas nos croqui multitemporais. Segundo esta informação foram desenhadas tabelas com o fim de identificar os tipos de sementes utilizadas e manejadas nas diversas práticas,

localização e demais informações que os participantes na elaboração das tabelas consideraram pertinentes.

Os grupos que participaram na elaboração das tabelas variaram dependendo das três comunidades. Na comunidade de Gamboa foram coletadas as informações por três famílias: na comunidade de Umariáçu o grupo correspondeu aos membros das associações ACIU Ewaré e OCITU II, sendo divididos em subgrupos que eles mesmos formaram e finalmente na comunidade de San Sebastian de los Lagos foi abordado um grande grupo familiar e o grupo dos avôs da comunidade.

Além de identificar as práticas em torno as sementes, foi preciso conhecer quem as fazem. O mapa da comunidade (DA CRUZ, et al, 2007), permite assim, a localização geográfica das famílias na comunidade e também a identificação daquelas que ainda fazem manejo e uso de variedades locais para diferentes fins.

O croqui de localização das pessoas que fazem as práticas nas comunidades de San Sebastian de los Lagos e Gamboa, foi referenciada nos croqui multitemporais, mas para os dados relacionados com as práticas, é especificado num desenho que apresenta a localização das casas das pessoas em relação com os locais das espécies das quais eles fazem uso.

Como as práticas tradicionais dos Ticuna em torno das sementes são desenvolvidas em uma situação de fronteira, leva-se a pensar em suas diferentes relações de intercâmbio tanto do conhecimento das práticas dos produtos como a venda e o presente. Identificar redes, especificamente redes sociais é a forma de conhecer o estado dessa prática, que além de ser parte das práticas milenares dos agricultores indígenas e camponeses, na atualidade faz parte de diversos movimentos sociais em prol da conservação da agrobiodiversidade e luta pelos direitos sobre a autonomia e acesso a recursos locais.

Um dos mecanismos utilizados para obter dados sobre as redes foi uma pesquisa sociométrica que consegue dados relacionais entre indivíduos em um sistema social. Na amostragem de bola de neve, os entrevistados são solicitados a indicar o nome de indivíduos das suas redes sociais que no caso seriam as pessoas localmente ativas e reconhecidas por seu conhecimento (SUBEDI et al., 2007).

Inicialmente são entrevistados moradores-chave da comunidade que oferecem informações sobre as pessoas que eles percebem possuir o maior conhecimento na comunidade, sobre os assuntos relacionados à diversidade de espécies utilizadas e os subprodutos obtidos nas principais práticas que para o presente trabalho faz ênfase

na prática agrícola e na prática artesanal. Depois de ser identificado o grupo inicial, eles forneceram dados sobre as conexões sociométricas, por exemplo, a existência de intercâmbio, venda e presente de sementes ou dos seus produtos. O grupo inicial após ser entrevistado, referenciou o grupo final das pessoas focais com as quais finalmente serão debatidos temas como o estado atual das redes e das influências sentidas por eles na situação de fronteira.

É preciso esclarecer que as entrevistas foram adaptadas segundo as condições dos grupos estudados em cada comunidade, por exemplo, na Comunidade Nativa de Gamboa todas as famílias foram indicadas por terem conhecimento sobre as práticas em relação as sementes, mas na obtenção dos dados foram trabalhadas as informações fornecidas pelas três famílias com as quais foi desenvolvida a pesquisa. Na Comunidade Indígena de Umariçu II no contrário por ter uma abrangência de população tão grande, só foram trabalhadas as pessoas indicadas dentro da Associação ACIU-Ewaré e finalmente no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos permitiu obter três grupos focais os quais foram catalogados como grupos dos avôs, dos adultos e dos jovens.

Além de serem consideradas as pessoas e seus locais como nós dentro das redes, também foram identificados os nós correspondentes a portos, infraestrutura, assentamentos humanos, rodovias e seus respectivos canais de comunicação, sendo preciso a visita a diversas instituições, reconhecimento geral da área da zona de fronteira que facilita o fluxo dos moradores das comunidades e diversas entrevistas a funcionários públicos e privados.

Depois de identificar os diferentes nós e tipos de conexões ou fluxos que envolvem as práticas em torno às sementes desenvolvidas pelos Ticuna, utilizando os mapas da trajetória, são desenhadas as diversas redes identificadas nas entrevistas bola de neve e no reconhecimento da zona de fronteira (ACSELRAD, 2012).

Finalmente para compreender a permanência ou perda de redes entre as três comunidades, foi necessário fazer perguntas sobre o tipo de acesso e de disponibilidade tanto de sementes, como dos seus subprodutos, além dos conhecimentos em torno a elas.

## 4.2 DADOS UTILIZADOS

### 4.2.1 Trajetória nas Comunidades Indígenas Ticuna

Nos dados obtidos dentro da trajetória das Comunidades Indígenas Ticuna de San Sebastian de los Lagos, Umariáçu II e Gamboa, são apresentadas, as histórias tradicionais que foram relatadas de forma individual e coletiva. As histórias de vida e a cartografia social também são insumos utilizados na trajetória das três comunidades. Mitos, lendas, contos sobre os ancestrais dos Ticuna, a natureza, as sementes, além dos relatos sobre rituais encontram-se inseridos a continuação e também no decorrer de todos os dados da presente pesquisa.

#### 4.2.1.1 Histórias ancestrais dos Ticuna

##### *Os seres da natureza*

Nas noites, na comodidade da rede, em companhia do seu filho menor e sem pressão das perguntas, a Lucy do Resguardo Indígena San Sebastian de los lagos, sente-se confiante para falar das suas histórias. As noites também são momentos de tecer tucum e tudo inicia com as histórias dos ancestrais Ticuna:

*“Homem e a natureza sempre tem estado relacionados, o homem nasce, cresce, se reproduz, igualmente que o animal ou planta e tem o mesmo fim”.*

*“Tempo atrás Mutapa tinha mulher, mas um dia por causa de ciúme, decidiu castigar a mulher e amarrou-a numa árvore, daí ela pensou: quando vier um pássaro preto com cola amarela (Tatatao) vou pedir para me soltar desta árvore e depois se converter em abelha para causar coceira nos joelhos de Mutapa, e como nesse tempo a relação com a natureza era tão forte que com só o pensamento dela, a ave soltou ela e se transformou em abelha (avispa), então foi picar os joelhos do Mutapa, dos quais saíram um par de filhos de cada joelho: Yoi, com características de uma pessoa que cumpre todas as regras, e seu irmão Ipi, o mais travesso. Ariana e Moach são as irmãs do Yoi e Ipi, a primeira com o dom do canto e da cerâmica e a segunda com o dom do tecido. Um dia eles foram encarcerados e o irmão Ipi castigou a Moacha entregando tucum para ela para fazer tecido”.*  
(Relato Lucy, RISSL)

Continuando sobre a importância de respeitar as regras, a Lucy fala do respeito que se deve ter quando uma mulher tem seu ciclo menstrual, ela não pode entrar na natureza porque nesse momento está eliminando todas as coisas ruins, em relação a isso ela contou a história quando sua irmã saiu com ela para roça e não contou para a família que era sua primeira vez do ciclo menstrual. Quando elas entraram na roça tudo mudou, o céu obscureceu e se escutaram gritos de animais e movimentos fortes e muito estranhos, elas correram até a casa e quando chegaram o pai delas perguntou o que aconteceu, por que ele estava sentindo coisas estranhas, mas elas não quiseram falar. Quinze dias depois do acontecido, o pai disse para elas que se não confessassem, coisas perigosas podiam acontecer para toda família, até correr perigo de morte; para evitar esse perigo se tem que fazer o ritual da “*pelazón*” na locação de Santa Sofia.

*“As histórias de como nossos avós fazem o processo do tucum, a sua recolecção e tintura, é sagrado, se precisa pedir licença a natureza. Em muitas ocasiões a recolecção e a tintura se realizam em locais afastados e depois trazidas à comunidade. Por isso acontece que tem mulheres com dor nas mãos, é porque não pedem licença para pegar o tucum”.*

*“Tempo atrás, nossos antepassados faziam caminhadas de muitos quilômetros no mato virgem e não aconteceu nada para eles, só precisavam ficar perto de uma árvore, construir maloca e com isso era suficiente, era outro pensamento de muita relação com a natureza, agora isso não se tem. Agora a gente mora nesta casa com energia, com coisas que antes não se precisavam”.* (Relatos da Lucy, RISSL)

As histórias também são contadas de forma coletiva e em família<sup>21</sup>;

*“É muito importante se proteger cada vez que a gente fica num lugar novo, para isso as plantas são fundamentais. Além do acompanhamento do xamã”.*

*“O sapo não é bem visto, dá medo já que existe um feitiço com sapo. Ao sapo se põe na boca com a roupa da pessoa a que se vai fazer o feitiço, depois se encerra numa lata de atum ou caixa de leite e se fecha, a pessoa enfeitada vai ter o mesmo sofrimento do sapo até chegar a sua morte. Agora*

---

<sup>21</sup> Contos narrados pela família da Lucy

*já ninguém acredita nestas coisas, mas é verdade mesmo”. (Relatos da família da Lucy, RISSL)*

Outro tipo de história familiar tem relação com os acontecimentos marcantes de violência que se referem à época da violência ou da Guerra da Colômbia com o Peru. San Sebastián de los Lagos por ser uma comunidade que fica muito perto da área urbana de Leticia e por seu constante contato com ela, muitas das casas da comunidade tem televisão. Os domingos em muitas ocasiões as famílias são reunidas pela noite para assistir filmes ou o jornal. Determinado dia, a família da Lucy esteve assistindo um filme de guerra e devido as imagens de violência, o pai da Lucy lembrou a violência na fronteira, em especial pela guerra do território (exploração de seringa) entre Colômbia e Peru.

*“O caminho que leva a UNAL, antes era uma estrada diferente e se encontrava com grandes tanques com cabeças de pessoas”. (Relato pai da Ruth)*

Tais acontecimentos, somados a outros como a violência gerada pelos grupos armados ilegais, ficam nas memórias dos moradores das três comunidades pesquisadas, onde em cada trajetória das comunidades é mencionada só de forma geral por questões de segurança e prevenção.

### *Os médicos tradicionais<sup>22</sup>*

Regularmente as noites evocam e convidam aos moradores a contar as suas histórias. O “Professor Francisco”, nas conversas de noite, na sua casa, fala:

*“Eu sou Ticuna, conheço sobre história, sou professor da língua Ticuna, trabalho na minha roça e também sou médico tradicional, assim que vou a contar algumas das histórias que conheço”:  
“Os xamãs têm desaparecido porque existe um conflito entre eles, de competência, quem tem a sabedoria fica com as forças de quem perde. O saber tem dez graus. No sétimo grau faz sua quiromancia, seus poderes mentais e físicos podem fazer mal a outra pessoa, quando está no oitavo grau, ele experimenta, cura, sana e faz medicina, no grau nove se transforma, se converte em cobra, onça, jacaré, quando está no grau 10 é*

---

<sup>22</sup> História contada por o Senhor Francisco, mora em Puerto Nariño, mas tem família e uma casa na comunidade San Sebastian de los Lagos. As histórias foram contadas nas suas visitas na comunidade.

*superdotado e sabe muitas coisas, experimenta toda a natureza, sabe sobre as mães natureza, da água, do vento, converte-se num condor grande, entra no fundo da água para saber que o tem, entra na terra para saber onde estão as mães, já o experimenta, faz seus truques e força, mentalmente sana com sua força, às vezes recebe o poder nas suas mãos, às vezes inspira-se, transforma-se porque já sabe e se defende do outro que fica do seu lado, quando faz curas ele se protege. Quando ele quer fazer maldade as pessoas, envia no ar as doenças como gripe ou lepra”.*

*“Yoi mora onde nasce o Amazonas (Peru) e Ipi mora na desembocadura do Amazonas (Brasil), quando Ipi vai visitar a seu irmão, traz consigo toda classe de doenças, pragas e maldades, então quando Yoi desce, faz limpeza do mal que fez seu irmão, ele vai como um forasteiro pelas comunidades, onde recebem ele não acontece nada, quando não recebem ele bem, aí deixa as pragas. Eu conheço ele, ele dormiu na escola, era um velhinho, não tem outra pessoa como ele, com sua canoinha, em alguns sítios ele desaparece”.*  
(Relato Francisco, RISSL)

Embora na atualidade sejam poucos os xamãs nas Comunidades Indígenas<sup>23</sup>, são os médicos tradicionais que permanecem e tentam manter a cultura da saúde por meio dos elementos naturais. Às vezes são consultados xamãs ou médicos tradicionais de comunidades próximas, mas na atualidade se precisa de dinheiro para serem consultados:

*“Eu preciso de proteção, por isso preciso visitar um xamã, mas aqui na comunidade não tem, só tem numa comunidade próxima, mas preciso dinheiro para poder pagar o atendimento, é caro mas vale a pena”.* (Primo da Lucy, RISSL)

#### *As sementes*<sup>24</sup>

As avós falam que as sementes foram trazidas pelos veados, porque antes não tinham sementes.

*“O veado trouxe uma cesta de sementes, de todas as classes, o veado as repartiu e falou: com estas sementes vão ter cada um suas parcelas, sementes de mandioca, abacaxi, banana, são sementes para agricultura. As sementes do mato são experimentadas pelos pássaros; tucanos,*

<sup>23</sup> Caso observado nas três comunidades indígenas pesquisadas

<sup>24</sup> História contada por o Senhor Francisco (Medico tradicional, professor língua Ticuna) mora em Puerto Nariño, mais tem família e uma casa na comunidade San Sebastian de los Lagos.

*papagaios, araras, diferentes espécies de aves, elas trazem sementes, vão pelo mato e depois vomitam e as sementes crescem como o açai, a bacaba, muitos frutos do mato”.*

*“O canagucho ou aguaje (buriti) são semeados pela libélula. Uma vez Ipi e a libélula bateram a árvore wone e foram a observa-a e ficaram entranhados porque a árvore não ficava podre e deu curiosidade e deitaram na árvore, escutaram dentro da árvore que latia o coração, e disseram esta árvore tem coração, vamos a tirar o coração dela wone, a árvore ficava num manancial de água, eles cortaram com um machado, quando Yoi olhou, e pensou por que o Ipi e a libélula estão cortando a árvore, então castigou eles, ele foi para o mato e trouxe uma massa e fez um envuelto, o Yoi fez descer o envuelto<sup>25</sup> pelo manancial de água. A libélula sentiu algo na sua perna e gritou, ahh ganhei meu presente, meu prêmio, ela pegou o envuelto, e foi voando pelo mato e falou para Ipi: eu vou, você fica aí. Ela no caminho sentiu fome e abriu a patarasca que levava e pensou que coisa saborosa e comeu, depois, no caminho sentiu dor de estômago e teve diarreia, onde ela voava, defecava, onde caía as fezes dela formaram-se os buritis dela. Tem diversos buritis, pequenos, grandes, até onde a libélula morreu, o Eware, tem um canaguchal grande, o esqueleto dela está ainda no Eware”.*

*“O jeito como são disseminadas as sementes é segredo: üune (sagrado, segredo, não termina, sempre continua produzindo, pequeno, grande, adulto, morre e volta a nascer a árvore)”. (Relato Francisco, RISSL)*

### *A sabedoria dos frutos<sup>26</sup>*

*“Tempo atrás existia uma árvore que deu frutos, de cada fruto que caiu e comiam, eles davam inteligência e sabedoria, para diferentes artes, essa árvore é sagrada, um segredo, assim como agora os ingleses, alemães e franceses, eles também comeram de uma fruta para fazer sua tecnologia, os que não comeram fruta boa, não conseguem desenvolver suas habilidades. As habilidades Ticuna: escultura, tecido, tecido de pacara (para guardar as roupas), cestos e tipiti (para o processo da farinha). Conserva-se o tipiti, peneira, pacará e tinaja. Quando iniciou a pelazon<sup>27</sup>, iniciaram as tinturas, as cores para adornar a moça, dependendo do clã, ela é pintada, as máscaras por meio de sonhos, o que sonhavam os xamãs, desse jeito seriam pintados. Quando a moça se prepara, ela é conjurada. Nessa época conservava-se a dignidade humana, porque ninguém pode olhar a*

<sup>25</sup> Alimento típico dos indígenas Ticuna chama-se de envuelto ou patarasca.

<sup>26</sup> História contada pelo Senhor Francisco Ahue Coello (Médico tradicional, professor de língua Ticuna), mora em Puerto Narino, mas tem família e uma casa na comunidade San Sebastian de los Lagos.

<sup>27</sup> O ritual Ticuna. A festa da moça é chamada de pelazon na Colômbia.

*moça, quem olhara ela vai ser comido por uma onça. Um saber é uma ciência oculta, é uma medicina tradicional". (Relato Francisco, RISSL)*

Assim como esta história Ticuna sobre a sabedoria que oferecem os frutos, tem outras mais do lado da história da colonização da Amazônia pelos espanhóis e portugueses, contando assim<sup>28</sup>:

- O desbravador Pedro Teixeira, alfares português que tomava conta do quartel da cidade chamada Presépio, hoje Belém do Pará, em nome da corte de Portugal e da Igreja Católica, subiu no sentido contrário o Rio Amazonas até o Equador. Ao longo do caminho, este desbravador foi colocando uma cruz de malta feita em pedra, que era o símbolo da coroa portuguesa, para marcar o território da Amazônia que, na ocasião, ainda pertencia à Espanha segundo o que estava determinado no Tratado de Tordesilhas. Quando Pedro Teixeira se aproximou do local que é fronteira entre o Peru, a Colômbia e o Brasil avistaram na margem alagada daquele rio árvores cobertas de frutos redondos verdes amarelados. A distância, Pedro Teixeira acredita serem árvores de limoeiros e exclamo: "Olhem, só! Limões!", batizando assim com o nome de Solimões o rio que nasce na Cordilheira dos Andes, no Planalto de La Raia, adentra o Brasil e caminha até o mar. Este rio troca seu nome quando encontra as águas escuras do Rio Negro que é o seu maior afluente passando a se chamar rio Amazonas. Naquele momento, Pedro Teixeira não sabia que as árvores não produziam limões, mas sim um dos frutos com maior quantidade de vitamina C do mundo: o *camu-camu* "Comida de peixe", é assim que a maioria da população amazônica chama o fruto *camu-camu*, que é uma fruta silvestre que ocorre ao longo das margens dos rios, lagos e igarapés e é consumida pelos pescadores enquanto permanecem longo tempo na beira da água ou utilizadas como isca para fisgar o peixe tambaqui.
- O cupuaçu é uma fruta amazônica cultivada desde os tempos pré-colombianos imemoriais, sendo utilizado como alimento. Além disso, alguns povos amazônicos como os Ticuna, usavam as sementes de cupuaçu para tratar as dores abdominais.

---

<sup>28</sup> Esteves e Manica (2012).

- Mandioca e milho, duas plantas que podemos considerar o “maná” das Américas. A diversidade de espécies e variedades, bem como dos produtos e dos pratos culinários que envolvem a mandioca e o milho são de tirar o fôlego. Como duas plantas, aparentemente primitivas, podem gerar tantas variações nutricionais e serem a base da sobrevivência de tantas tribos e comunidades ribeirinhas é quase um mistério.

Entretanto, sua relevância pode ser apreciada pelo fato destes alimentos fazerem parte de elementos culturais e religiosos de diversos povos indígenas, sendo para os Ticuna como um dos alimentos principais a mandioca utilizada para fazer a farinha e a macaxeira para fazer as bebidas típicas, e o milho para fazer pipoca e principalmente para a venda<sup>29</sup>.

Outra história tomada nas festividades e consultas bibliográficas, faz relação com o nome de uma das comunidades pesquisadas. A mulher nascida de Umari foi contada pelos moradores da comunidade de Umariçu na festa do aniversário de Umariçu no ano 2014, explicando o significado do nome Umariçu, proveniente da abundância do fruto Umari na comunidade, além do significado que tem para seus ancestrais como uma mulher muito bonita. Esta informação também faz parte da bibliografia que compila mitos e lendas dos Ticuna, onde “a mulher bonita” faz parte da história da *Mulher nascida de Umari*. Os irmãos Yoi e Ipi como na maioria das histórias Ticuna, são protagonistas e disputam a mulher nascida do Umari, mas no final o Ipi é castigado por Yoi por causa de pegar a mulher Umari que era dele e deixar ela grávida, e seu castigo foi conseguir Uito e ralar ele para pintar o corpo do filho, com isso levou ele a muitas dificuldades até ser ralado por ele mesmo e terminar jogado pela senhorita Umari ao rio:

Imediatamente Yoi mandou a senhorita Umari a pegar o uito ralado em uma cesta, sem deixar nenhuma partícula no solo, como o uito ralado a senhorita Umari pintou a seu filho. Depois a senhora Umari foi ao rio a jogar o bagaço. Tudo o que você jogou para o rio são os restos de Ipi, falou Yoi. (PREFECTURA APOSTOLICA DE LETICIA et al., 1990).

---

<sup>29</sup> Esses tipos de uso foram observados na pesquisa de campo.

### *La Kurupira*<sup>30</sup>

Contam as pessoas que vão ao interior do mato a tirar madeira, ou em outros tempos a tirar seringa, que apareciam-lhes um personagem especial que tem o nome de Kurupira ou *Madre Monte* (mãe do mato). Este personagem sempre tenta fazer perder as pessoas. Pode aparecer mudando de imagem, numa pessoa conhecida ou familiar. Os atrai e os leva por outro caminho. A Kurupira é uma pessoa baixa, muito forte, de cabelo longo, com pés torcidos até os lados ou para trás; quando alguém a olha, dá medo, porém provoca desejos de segui-la, se consegue deixa a pessoa perdida no mato, e pode transformar numa pessoa triste. A casa da Kurupira é uma árvore de *Lupuna* ou *Ceiba*.

#### 4.2.1.2 Histórias de vida

As histórias de vida coletadas nas comunidades corresponderam a um total de 18 pessoas (Nas Fotografias 1, 2 e 3, apresentam uma pessoa de cada comunidade), que contam nas suas próprias histórias os fatos mais marcantes para a comunidade evidenciando as mudanças e os mecanismos de adaptação com seu entorno atual. São mudanças que têm seus inícios no deslocamento do país de origem dos Ticuna (Brasil), até os países vizinhos da Colômbia e Peru na tríplice fronteira amazônica, resultantes das guerras na fronteira amazônica e da exploração da borracha, somados aos fatos da atualidade que correspondem aos mecanismos de adaptação e adoção de práticas no seu encontro com a cultura não indígena.

---

<sup>30</sup> Projeto etnoeducativo Escuelas Rio Amazonas. Núcleo "Manejo del Territorio y del Medio Ambiente. Prefectura Apostolica de Leticia, et al, 1990.

Fotografia 1 - Narração da História de vida (C.N.G, Peru).



Fotografia 2 - Narração da História de vida (C.I.U, Brasil).



Fotografia 3 - Narração da História de vida (R.I.S.S.L, Colômbia).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

### *Histórias de vida San Sebastián de los Lagos*

#### História de Vida Lucy

A história de vida da Lucy foi contada em diferentes momentos e em diferentes lugares. Foi uma das pessoas quem guiou nas primeiras visitas na comunidade e se teve uma conversa mais constante e próxima. Embora tenha desempenhado diversos ofícios como cacique (*curaca*) em anos passados e em diversas instituições do Estado, a Lucy fala da importância de conservar as tradições e da sua preocupação da perda das mesmas na atualidade.

*“Desde os nove anos saí da casa, estudei num internato, voltei aos meus dezesseis anos. Dentro das regras de uma mulher, ela não pode falar com homem branco nem com nenhum homem de outra etnia, mas como eu saí da comunidade sendo criança, comecei a me relacionar com outras pessoas. Quando cheguei a comunidade, aceitei um refrigerante de um homem da etnia Cocama, falei com ele, no momento que meu pai ficou sabendo, me entregou a ele para casamento. Ao princípio eu não compreendia por que as coisas tem que ser assim. Eu tive cinco filhos, uma mulher e quatro homens”.*

*“Tendo vinte anos decidi fechar meus estudos, não consegui estudar na universidade porque agora minha prioridade são meus filhos. Depois do tempo compreendi porque meu pai fez que cumprisse as regras “salve-me eu e salve ao meu pai, a minha família e a minha etnia”. Eu acho que na minha geração fecha toda a tradição, na atualidade não tem respeito pelas regras, não se cumpre, não acreditam, não estão interessados em escutar nem*

*em aprender, então não tem jeito de manter nossa tradição, por isso aqui morre”.*

*“A educação é muito importante nos Ticuna, não é dada pelos pais, mas sim pelas avós, por isso em ocasiões observa-se as avós com crianças e meninos e as pessoas não compreendem e dizem que abusivas essas avós tão velhas com essas crianças”.*

*“Eu sempre conto histórias para meus filhos para manter a tradição. Algumas histórias não se podem contar porque as regras falam que não se pode contar porque traz coisas ruins como doenças e a morte”.*

*“Eu comecei a trabalhar na Red de Solidaridad em Bienestar Familiar, conheci muitas pessoas, muitos sítios, nessa época eu gostava muito de ler e comecei a fazer uma relação entre os direitos tradicionais e os direitos humanos”.*

*“Antes tinha muita abundância em alimentos, muitos legumes, tipos de abacaxi, muito de tudo, porém com o tempo a pressão sobre a terra e o desflorestamento se tem perdido muito, quando a gente entra no mato virgem já é muito difícil encontrar algumas espécies que se usavam”.*

*(Relato da Lucy, R.I.S.S.L)*

### História de Vida Raina

A Raina é uma das pessoas com mais tempo de moradia na comunidade, embora só fale Ticuna, a Lucy se ofereceu como tradutora. Uma parte da sua história leva a pensar sobre a permanente relação dos moradores da Comunidade de San Sebastian de los Lagos com a Comunidade de Umariáçu no Brasil.

*“Os fundadores de San Sebastian de los Lagos são Marciano Fernando Ramos, o meu tataravô. Eu tive seis filhos e a Juliana teve sete filhos aqui na comunidade. Eu sou de Umariáçu mas fiz casamento na Colômbia aos meus quinze anos, depois do ritual em Umariáçu. Tudo aqui era mato, só tinha umas casas no contrário Umariáçu era mais povoado. Eu fiquei sozinha, o médico tradicional morreu e meu tio, aí eu fiquei órfã. Quando eu estive em Umariáçu já conhecia sobre as tinturas, aos meus cinco anos já tinha conhecimento, a minha mãe ensinou para mim as tinturas para o tucum e o Turutí. Juliana tem neta e sobrinha em Umariáçu e um tio. O Ticuna se fala do mesmo jeito mas se escreve diferente”. (Relato da Raina, R:S.S.L)*

### História de Vida Luis

Embora a história de vida do Luis seja curta, oferece dados importantes para a construção da trajetória e para compreender e conhecer as mudanças na produção e

no incremento populacional que tem tido a comunidade através do tempo, assim como os conflitos pelo território e a situação de vulnerabilidade da comunidade.

*“Eu sou Ticuna. A comunidade tem 60 anos, minha mãe foi a fundadora. Antes as casas eram de caraná, se criava gado, tinham bom preço, tinha trinta bois, para comprar cimento e lâmina. Antes eram quatro casas no processo de fundação, com roças de banana, mandioca, macaxeira, cana, inhame, pupunha, etc. Nos lagos a gente pescava gamitana, pacu e gaimitillo, agora só tem peixe pequeno. Faz vinte e cinco a trinta anos que iniciou o crescimento da comunidade. Tudo termina porque já não tem terra, agora está o vizinho, faz anos que ele é dono”. (Relato do Luis, R.I.S.S.L)*

#### História de vida Francisco

Em consequência com a história de vida do Luis sobre as dificuldades ou vulnerabilidades da comunidade, a história de vida do Francisco fala da problemática da mistura de etnias na comunidade na atualidade e a sua preocupação da migração das pessoas da comunidade para outros lugares.

*“A dificuldade é que vem muita gente de muitas localidades, muita mistura de branco com Yagua, Cocama, antes só era Ticuna. Minha cunhada, a finada Eva sabe da data de fundação (pode ser setembro 80-85). O sacerdote deu o nome à comunidade, ele chegou quando tinha vinte casas. Agora eu moro com a minha mulher, antes tinha muitos filhos e netos, eles foram embora. A gente tem para autoconsumo e para a venda em Leticia: Laranja, Umari, Cupuaçu, Tucumã, etc. Aqui só tem religião católica”. (Relato do Francisco, R.I.S.S.L)*

#### História de Vida José

Desde o primeiro momento o médico tradicional da comunidade San Sebastian de los Lagos falou que não é oriundo da comunidade e não é Ticuna, mas como a documentação das histórias de vida não tinha parâmetros, a sua história de vida foi considerada importante para conhecer a sua percepção da comunidade no seu tempo de moradia nela, além de ser uma pessoa reconhecida pela comunidade e ser frequentado para tratar as doenças.

*“Sou médico tradicional, tenho 77 anos. Eu estive 35 anos em Puerto Santander. Eu era marinheiro, levando materiais e uma entidade me contratou de*

*carpinteiro de lanchas, nesse tempo a gente matava aves como o peru para comer. Também morou em Araracuara (Caquetá). Agora a gente mora aqui, eu sou do Guaviare, mas gostaria de morar na beira do rio para poder pescar com meus filhos. Esta casa não é minha, é do Garcia<sup>31</sup>. Aqui na minha roça tenho mandioca, macaxeira, abacaxi, cana, cupuaçu e outros frutos. Eu faço parte do grupo de guardiães da comunidade e temos um transporte que nos leva para Leticia de graça os dias segunda, quarta e sexta-feira, é um transporte especial para os avós, ele pega a gente as 7:30 da manhã e traz de novo as 4:00 da tarde. Tenho meu próprio dialeto, ensinado por meu pai para as medicinas tradicionais, eu sou especialista na cura de venenos. Contra cobra (Vaibasco), contra coceira (vasobia), contra vômito (etuacua), contra berruga (asenyiai)” (Relato do José, R.I.S.S.L)*

### História de Vida Hernan

O senhor Hernan é muito conhecido na comunidade, durante o trabalho de pesquisa foi a pessoa que representava aos avós nas festas e nos encontros indígenas em outras localidades<sup>32</sup>. O Hernan é oriundo de Umariçu e chegou a Comunidade de San Sebastian de los Lagos para conformar sua família.

*“Eu venho do Brasil da comunidade de Umariçu, namorei uma mulher e ela morava aqui. Quando eu tinha 14 anos em 1962, morava na “isla de los micos”, depois no ano 1963 vem para San Sebastian. Em 1968 trabalhei na Governação especificamente na comissão, até 1999 e daí na roça, me lembro que nessa época até aqui mesmo chegava o rio. Em 1969 fizemos casa perto da beira do rio, depois fizemos casa neste lugar. Antes só eram quatro casas e todas ficavam perto da beira do rio. Em 1971 se fez a rodovia”.*

*“Tenho na minha roça guama, abacaxi, Umari, cupuaçu, caimo, poma rosa, buriti, açaí, zapote, mandioca, macaxeira e melancia. Preparo a terra e pegou as sementes daqui mesmo e compramos em Leticia quando esgotam, além disso, fazemos armazenamento de sementes em garrafas, as sementes que mais armazenamos são melancia, melão, abobora e pepino. O Tururí às vezes é trocada por comida como gamitana, isso acontece nos rituais. Eu sou cantor e sou do clã cascavel”.* (Relato do Hernan, R.I.S.S.L)

<sup>31</sup> Garcia é o sobrenome de uma pessoa que é vizinho da comunidade

<sup>32</sup> Para o mês de junho foi realizado um evento de encontro dos indígenas da Tríplice Fronteira numa comunidade de Peru, o senhor Hernan foi junto com os jovens representando a Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.

## História de vida Fernando

Em relação as outras histórias de vida, a história do Fernando foi a mais extensa, mas o que permitiu o detalhamento dos fatos foi a sua grande participação na elaboração dos croqui multitemporais e nas visitas nos ecossistemas representativos para a comunidade. Além do anterior, o Fernando foi *curaca* (cacique) da comunidade e uma das pontes para se dirigir aos avós da comunidade, é uma pessoa com uma visão e apropriação do seu território, o que permitiu também incluir dados na construção da trajetória.

*“Nos anos onde moravam os avós antes de ter esta comunidade, era uma área imensa, com árvores frutíferas, diversidade de espécies para fazer as casas como caraná e outras coisas mais para a vida humana. Esta comunidade foi fundada com cinco casas onde moravam os avós Santo Marciano, Julia Fernandez, Francisco Fernandez, Rafaela e Raimunda López Fernandez, na atualidade ainda alguns moram na comunidade. Nos anos dos avós isto era terra virgem e selvagem com muitos animais, os avós tinham cuidado e respeito ao mato pela Kurupira, pela Anaconda, era uma relíquia para esta comunidade, eram felizes porque cada família tinha seu pedaço de roça, agora não. Na década dos 70 aparecerem nossas famílias, meu pai e minha mãe, aí a comunidade foi crescendo. Tinha safra de banana, abacaxi, pupunha, a produção da comunidade era muito boa, nesse tempo Leticia era muito pequena, então tudo se vendia, a produção de mandioca e macaxeira era grande’.*

*“No ano 1978 iniciou a perda de tudo, foi aumentando a comunidade. Nos anos 80 iniciaram a construção de casas, foi então mudando a paisagem. Nesses anos o mato ainda era virgem para tirar madeira e folha de caraná para fazer casas. Nos anos 90 iniciou uma extração massiva, nesses anos eram como 40 casas. Se fizerem propostas de projeto de reflorestação para resgatar o mato e criar igarapés para semear a folha de caraná, como uma ajuda para a comunidade, mas no ano 1998 a comunidade apesar da reflorestação, iniciaram a fazer roças, e uma vez o fogo pegou tudo e teve uma seca muito grande que não se controlou, arrasou tudo, até a zona do vizinho, queimaram também as árvores que eram para a reflorestação”.*

*“No ano 1999 saiu o projeto para reflorestação, na zona alta e baixa, na zona baixa se reflorestou a quebrada Yaharcaca para ter madeira e árvores para a comida dos peixes. A comunidade deixou de derrubar as árvores; se teve uma conscientização e um controle. Na zona alta se reflorestou com espécies frutíferas como araçá (araza), aguaje*

(buriti), chontaduro (pupunha), zapote, mango (manga), cupuaçu (copoasu), guamo e outras nas roças da zona alta e assim recuperar nossas frutíferas. A comunidade não é quem derruba ou queima, a comunidade só faz suas roças, para os indígenas, para os Ticuna e nisso a farinha é como o arroz, a mandioca é como a batata, é fundamental, e a banana para fazer a yucuna a sobremesa, mas hoje em dia a comunidade vai crescendo”.

‘No ano 1990-2000 começou a época em que não se pode tirar madeira. As sementes que a gente quer é a semente de caraná para fazer nossas malocas, as casas tradicionais, agora como não temos caraná nem madeira, estamos comprando tijolo, teto de cimento, a gente está civilizando, mas não perdemos nossas tradições, mantemos nossa língua, falamos Ticuna e também fazemos os rituais como a pelazon, é uma festa tradicional que nossos avós tem deixado e serve para purificar os corpos das senhoritas no seu primeiro período menstrual, a família prepara a festa, convida as comunidades vizinhas, tem comida e bebida, é um ritual sagrado. Nesta festa não pode participar qualquer jovem, são os xamãs e os avós que programam a festa. Por que a festa? a senhoria representa a madre terra, porque na sua infância é terra virgem, assim é a terra comparada com uma menina. “Na festa tradicional, o avô abre as portas do peixe, dos animais, purificado através da festa da pelazon, mas agora não tem muita festa porque se precisa de abundância para preparar alimentos e bebidas como o pajavaru”.

“No ano 2004-2005 as casas não são de madeira, só de tijolos e cimento, tudo modernizado. Aos anos de 2011 a mudança que tem a comunidade é o clima, tempo atrás quando tinha muitas árvores a temperatura do sol não influía muito, era agradável, mas hoje não temos árvores e tem muita influência do sol, então muitas pessoas ficam nas suas casas. Tem fazendeiros vizinhos que desflorestaram muito, também agora tem muito carro, as vias com pavimento, antes eram caminhos e sendeiros de lama e areia, agora tudo é cimento, é muito quente”.

“Eu estudei na escola Camilo Torres, depois na normal, e depois me retirei por problemas econômicos. Após isso chegou um pessoal da UNAL onde procuravam a 15 avós em cada comunidade para a associação Ticuna e Cocama cuidando los lagos Yahuarcaca, no qual estive no tema de meio ambiente, manejo e controle dos peixes e teve uma capacitação da bióloga Tatiana Mendoza, UNAL, Bogotá, com ela tivemos uma viagem em Iquitos, para observar as técnicas do cuidado dos peixes dos indígenas na parte do Peru. No ano 1996 era o curaca meu primo Angel, ele esteve procurando curaca, e na assembleia me elegeram como curaca, nesse ano o primeiro projeto que saiu foi a escola com os suecos”.

*“A cancha de futebol e o posto de saúde foi outra conquista. No ano 2012 esteve atrás do projeto da água potável, no ano 2013 se logrou o objetivo. Nossa comunidade foi crescendo já não eram 40 ou 60 agora são 148 vivendas e 578 habitantes aproximadamente, não só Ticuna, tem Cocama, Yagua e Uitotos. O presente curaca é cocama, queremos ver suas funções, ele teve um bom resultado para o benefício da comunidade, eu sou vice-curaca e continuo com o projeto com os avós do cuidado, controle e vigilância da quebrada Yahuaracaca”.*

*“A fazenda do vizinho era um mato grande, nos anos 70-80 se criou uma fazenda com porteiro e derrubaram árvores, no qual as comunidades se reuniram e falaram com CORPOAMAZONIA para gerar um controle sobre a exploração de espécies. Hoje está um pouco recuperada. Tem 3000 a 4000 metros desmatados, árvores derrubadas, com gado, outro impacto negativo é para o povo leticiano porque contamina a Quebrada Yahuaracaca, e essa água é consumida por Leticia”.*  
*“Outro impacto é a proximidade com o aterro sanitário, gerando contaminação e enfermidades, quando não tinha controle anos atrás, o ar ficava muito contaminado com odores e com doenças como diarreia. Antes a comunidade tinha uma moto-bomba que abastecia 80 vivendas, mas hoje não tem 80 vivendas. Por esse motivo se formulou projeto da água potável e agora neste ano temos água em nossas vivendas. Para o futuro: precisamos de nosso território, nosso território é natureza, precisamos para viver e queremos deixar algo para nossos filhos e netos que vem no caminho, a comunidade é conformada pelo avô Santo Marcial Fernandez e pela avó Raimunda López Fernandez Ramos que foram os fundadores da comunidade”. (Relato do Fernando, R.I.S.S.L)*

Além das histórias de vida mencionadas, foram coletadas informações sobre a história do R.I.S.S.L de forma coletiva. Os fatos relatados pela comunidade datam desde 1930 até 2014 e são remetidos aos primeiros moradores na comunidade, a data da fundação da comunidade, os deslocamentos dos sítios de moradia, quantidade de famílias no início da comunidade, fenômenos naturais, construção de infraestrutura, tipos de produção, incremento da população, perda de espécies, constituição do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos e a situação da repartição de terra para novas pessoas na comunidade. As fontes são de pesquisas feitas na comunidade como dos mesmos moradores, são fatos contados tanto na elaboração das histórias de vida e da cartografia social como no diálogo cotidiano durante a moradia junto à comunidade.

O primeiro acontecimento faz referência à fundação da comunidade na década dos anos 20 o que evidencia um dado interessante: “*Em esta época a prioridade foi povoar o novo território e estabelecer uma rede de parentes com comunidades Ticuna próximas, como é o caso de Umariáçu em Brasil*” (REYES, 2009). Desde o início é visível a relação que existe com a comunidade de Umariáçu, em diferentes falas dos moradores, referem-se aos seus parentes em Umariáçu. Além desta comunidade e um aspecto que teve muito a ver com a escolha da comunidade no Peru, foi que moradores da comunidade de San Sebastian de los Lagos tiveram família na comunidade de Gamboa em Peru. Este tipo de vínculo familiar nas três comunidades faz com que as informações estejam quase sempre relacionadas (com similitudes e diferenças), sendo o caso de diversas histórias que foram contadas de maneira conjunta. Os primeiros moradores na comunidade, foram os indígenas Ticuna Marciano e Raimunda, no tempo do auge da borracha.

Segundo os relatos da comunidade, para novembro de 1930, ocorreram os primeiros assentamentos na zona de várzea, especificamente na Quebrada Yahuaraca. Logo depois, para o ano de 1969 as quatro famílias que moravam na comunidade, tiveram que se deslocar por causa das enchentes, tendo que procurar moradia em zonas de terra firme, fato relacionado como a grande inundação nos anos 1970 que ocasionou estragos em todas as plantações e cultivares (BUIRAGO, 2008). Embora varia um ano a data do acometimento do deslocamento segundo as narrações dos moradores, em ocasiões os fatos nem sempre são estritamente exatos, já que são as lembranças que tem cada pessoa sobre os fatos acontecidos. Alguns moradores relacionam a fundação da comunidade com os inícios de moradia na zona de terra firme, já que é neste lugar onde a comunidade mora até hoje.

Dos anos 70 aos 80 foi o início do desenvolvimento da comunidade, relacionado com a construção da rodovia para o ano de 1971, e infraestrutura como o espaço esportivo em 1974 e depois a escola San Juan Bosco, Cruz Blanca e a Casa Comunal. Para 1978 a rodovia existente foi adequada para pavimentação. Nestes espaços de infraestrutura e rodovia, os moradores lembram que antes ficavam zonas de mato e rocas.

Além do anterior, se apresentaram mudanças nos tipos de produção que o desenvolvimento e os fazendeiros vizinhos trouxeram como o estabelecimento de gado (que segundo os relatos foi roubado pelos militares) e cultivo de café (acabado pela praga), culturas que não são próprias dos Ticuna segundo as falas dos mesmos

moradores. A paisagem nos anos 80 é o resultado das grandes mudanças que se apresentaram na comunidade nos anos passados, a perda de espécies como *palo de sangre*, *caimitillo*, *ñame*, *game game*, *bore*, *papa dulce*, *mano de tigre*, etc, e escassez do mato virgem na comunidade são acontecimentos que ficam nas memórias dos moradores.

O ano de 1982 conta um episódio importante para a comunidade como foi o reconhecimento como Resguardo Indígena mediante a “*Resolución 0087*” do dia 27 de julho de 1982, quase a mesma data contada por Fernando que foi para o 5 de Julho de 1982. Reyes (2009) corrobora a informação do reconhecimento do Resguardo para o ano de 1982 e a sua extensão de 58 há.

O Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos faz parte da Associação AZCAITA, uma das três associações indígenas estabelecidas no trapézio amazônico da Colômbia, as quais incluem diferentes resguardos e são as encarregadas do manejo administrativo das comunidades indígenas.

Um fenômeno de ameaça antrópica foi o incêndio acontecido no ano de 1998 que no preparo de uma terra (para roça) que tinha que pegar fogo, ele foi espalhado, perdendo o controle e queimando safras, infraestruturas, casas até chegar a zonas vizinhas.

O ano 2011 é um cenário relacionado com o panorama internacional. A mudança climática que na atualidade se tem representado nas altas de temperatura em quase todo o mundo, também é sentido na comunidade de San Sebastian que na história de vida de Fernando é ocasionada pelo grande desflorestamento e pela construção de rodovias e casas em cimento que esquentam o clima.

Na atualidade, especificamente para o ano 2014 e para ter um panorama atual das questões da comunidade, se participou das assembleias comunitárias (Assembleia em maio/ 2014) sendo o tema mais tratado a repartição de terras ou entrega de terras a pessoas novas na comunidade. Assistiam pessoas de outras comunidades solicitando a sua aceitação na comunidade e entrega de terra para fazer as suas roças, embora suas razões fossem de pessoas deslocadas por diferentes pressões, os avós consideraram que não poderiam aceitar a vinda destas pessoas já que por antes ter aceitado isto se apresentaram muitos problemas nos jovens pela influência de outros costumes gerando conflitos e violência, além do escasso território que tem na atualidade.

## *Histórias de vida Comunidade Indígena Umariáçu II*

### História de Vida Ernestino

O Ernestino é o presidente da Associação ACIU-Ewaré, ele contou sua história de vida nas áreas do seu trabalho no CASAI (Casa da Saúde Indígena), nos tempos livres ele organiza as assembleias da associação que pelo geral são duas vezes por mês na quinta-feira de noite ou cada vez que se precise. Atualmente a Associação ACIU-Ewaré tem elaborado dois projetos, um sobre produção de peixe e outro para construir uma casa da cultura na comunidade. Para o Ernestino, o apoio e financiamento desses dois projetos são seus sonhos para ele mesmo contribuir a comunidade.

*“Aqui no CASAI (Casa da Saúde Indígena) faz nove anos que estou. A pessoa que assumiu ACIU recentemente, acabou com tudo, agora no ano 2013, eu tive uma reunião e se convocou a uma assembleia, onde eu resultei candidato. Daí foi que tinha que reorganizar tudo. Depois a gente vai iniciar um projeto com a FAO sobre o açude (piscicultura) e outro projeto a futuro é a casa da cultura”.*

*“Meu sonho futuro para comunidade é fazer turismo, porque quando a gente fala da casa cultural, então vai se realizar festa da moça nova e vai ser divulgada com a autorização da FUNAI e Polícia Federal. Aqui tem muito indígena, principalmente Ticuna, nós moramos bem próximo a cidade mas conservamos nossa cultura, costume, dança, música e a ideia é fortalecer isso aqui na comunidade por meio de nossos projetos. A ideia da casa da cultura, tem como finalidade fazer exposição de artesanatos, fazer encontros dos mais velhos para ensinar aos mais jovens. Meu sonho é resgatar tudo isso que a gente perdeu”.*  
(Ernestino, C.I.U II)

### História de Vida Juana

A Juana faz parte da Associação ACIU-Ewaré e se autodenomina como agricultora. Outra das suas atividades é focada no artesanato.

*“Tenho 41 anos, eu sou daqui mesmo, quando tinha 7 anos, aqui não tinha energia, água, só poucas casas. Nos meus 17 anos já tinha energia, aos 28 tinha água, tudo foi melhorando. Quando eu tinha 10 anos aprendi fazer rede, bolsa mas agora só faço cestos, também faço a roça, ajudo a minha mãe a botar farinha, peneirar massa, plantar*

*abacaxi, banana. Em minha roça tenho abacaxi, ingá, Mapachi, abiu, tucumã, tucum, macambo, banana e mais coisas”.*

*“Desde bebê comecei a trabalhar na roça, por isso a gente se chama de agricultor porque estando na barriga da minha mãe, acompanhei ela a trabalhar na roça”.*

*“Antigamente era o pássaro bem-te-vi que deixava as sementes de pimenta e milho, defecando deixava as sementes para eles crescerem. A gente planta, quando nasce o caroço, daí planta na roça e no quintal, as frutas também se plantam na roça. Eu tenho 4 filhas (mulheres), a minha mãe mora do lado da minha casa”. (Juana, C.I.U II)*

### História de Vida Lina

Uma das atividades na atualidade para Lina é o artesanato: fazer rede, cesto, coroas, jogos americanos, entre outros, são os afazeres diários dela. Agora trabalha poucas vezes na roça, só em companhia da sua filha que ajuda a trazer os seus produtos do “centro”. A Lina fala da sua preocupação pela bebida, uma das ameaças maiores para a comunidade segundo ela já que gera conflitos entre famílias e perda de interesse pelas tradições.

*“Eu nasci lá na beira do rio, só tinha cinco casas. Minha mãe agora tem 84 anos e eu 56 anos. Quando eu tinha 23 anos, iniciou esta comunidade, nesse tempo não tinha muita gente, agora tem muita. O problema da bebida é grande, eu não sei o que fazer, todos bebem, agora minha vida está mal”.*

*“A minha mãe ensinou para eu fazer artesanato, minha mãe sabe fazer tudo, artesanato e festa da moça. Eu trabalho a minha roça, trabalho nela desde meus 12 anos. Nela tenho banana, macaxeira, marero, milho, abiu, Mapachi, ingá, o que encontro eu planto, feijão, melancia, tudo. Também peneiro a farinha. Não tenho irmãos, só eu que planto, agora tenho 6 filhas e 4 filhos”. (Lina, C.I.U II)*

### História de vida Juan

O Juan é o presidente da associação OCITU II, os projetos liderados pela associação estão focados na construção de casas e na produção de peixe. Porém as temáticas não tem relação direta com as práticas que envolvam sementes, o Juan deu sua história de vida que contribui a construção da trajetória da comunidade, além de guiar um dos percursos pelas zonas de roça da comunidade.

*“Eu sou Ticuna, daqui do Brasil, antes todos os Ticuna eram só do Brasil. Eu nasci aqui mesmo. Vivemos da pesca, da agricultura e do artesanato. No ano de 1943 a Comunidade de Umariáçu tinha 5 casas. Antigamente nossa cassas eram de palha, de caraná, nessa época pegavam muito nossas mulheres. O Cândido Rondon foi uma das lideranças, autoridade que lutou pelos indígenas. Na época da segunda guerra mundial foi onde se espalharam os Ticuna pela Colômbia e Peru, se não acontecesse esse tempo de guerra não teria indígena na Colômbia e no Peru. Agora nós falamos português, castellano e Ticuna. No ano 1950 tinha muita tinta para fazer artesanato, por todos os lados, mas agora só tem no igarapé que é onde ninguém mora”.*

*“Temos jenipapo, Depaj (Urucum, da cor amarela), Naicu (da cor preta), folha da pupunha (da cor verde), pau-Brasil (da cor de rosa), ainda tem tucum, tucumã (grande, tem fruta). Também temos árvore para nossa cama, até hoje serve mas não se usa, porque já compramos colchão”. (Juan, C.I.U II)*

Na comunidade de Umariáçu II, a pesquisa foi desenvolvida com as duas organizações existentes na comunidade, OCITU II e Ewaré-ACIU, sendo alguns membros das associações que participaram do registro das histórias de vida e elaboração da cartografia social. A participação na festa do aniversário da comunidade também ofereceu muitas narrativas que contribuíram para a construção da trajetória da comunidade.

Os acontecimentos mais marcantes para a comunidade são resumidos referenciando a data em que chegaram os primeiros moradores à comunidade de Umariáçu, fenômenos naturais que ocasionaram o deslocamento dos moradores da zona de várzea a zona de terra firme, a divisão da comunidade em Umariáçu I e Umariáçu II e suas fontes de informação.

Com mais antiguidade que a comunidade San Sebastian de los Lagos, a primeira data referenciada para a Comunidade Umariáçu é o ano 1914, onde os primeiros moradores se instalaram no igarapé de Umariáçu, fato relacionado com os primeiros deslocamentos dos Ticuna por causa da extração da borracha.

Já para o ano 1942 foi fundada a comunidade de Umariáçu, mesmo fato contado nas histórias pelos moradores mas com diferença da data de fundação para 1944. Este tipo de diferença do mesmo acontecimento em datas diferentes também aconteceu nos relatos da comunidade San Sebastian de los Lagos.

Para o ano 1975 aconteceu uma grande enchente, motivo pelo qual os moradores se deslocaram para terra firme, o que levou Umariáçu a se dividir em duas comunidades, Umariáçu I e Umariáçu II, a primeira mais perto da zona do igarapé e a segunda na terra firme. Para o dia 15 de agosto de 1975 foi reconhecida a divisão das duas comunidades, e desde esse ano é celebrado o aniversário da comunidade Umariáçu II. Embora alguns moradores referenciam a data do início da comunidade no ano de 1991, esta data é mais relacionada com a demarcação da Terra Indígena (TI) Umariáçu, segundo o Decreto 11 de dezembro de 1998 da presidência da república do Brasil.

Nos dias 13, 14 e 15 de agosto de 2014 foi celebrada a festa do aniversário da comunidade Umariáçu II, na qual foram convocadas comunidades indígenas da fronteira, para participar dos eventos esportivos e demais atividades culturais que se desenvolveriam na festa. Um dos atrativos da festa é a representação da festa da moça nova e a venda e exibição dos diversos artesanatos feitos pelos moradores da comunidade, evento liderado pela associação ACIU Ewaré.

Na festa foi narrada a fundação da comunidade e o significado do nome da comunidade. Para os senhores *Lorenzo* e *Angelo* que fazem parte do ACIU, comentam:

*“Umariáçu significa Umari, era o nome da mulher branca, ela era mulher branca grande, foi das primeiras pessoas na comunidade. Umariáçu antes ficava do outro lado da ponte, onde a gente está agora é o segundo lugar”.* (Lorenzo e Angelo, C.I.U II)

Outras narrativas<sup>33</sup> falam sobre o significado do nome da comunidade, tendo duas versões, a primeira conta que Umariáçu é um nome de uma planta que servia de alimento para os peixes que moravam em abundância no igarapé de Umariáçu e a segunda fala do mito do Umari<sup>34</sup> e da abundância da fruta Umari típica do local e fonte de economia da comunidade.

<sup>33</sup> Histórias narradas no aniversário da comunidade Umariáçu II no ano 2014.

<sup>34</sup> Mito referenciado nos Contos/mitos e lendas como “A mulher nascida do Umari”.

## *Histórias de vida Comunidade Nativa de Gamboa*

### História de vida José

O José não é da etnia Ticuna, é “branco (homem não indígena)”. Mora na comunidade, tem sua roça, mas sua família permanece em Tabatinga onde faz seus estudos. Quando foi contar sua história de vida, só falou o seguinte, que foi tomado porque foi uma das formas de compreender alguns dos conflitos que vive a comunidade de Gamboa frente a luta pela terra (no presente caso é a luta pela Cocha San Roque).

*“No tempo da cheia tem muita necessidade, primeiro a gente perde a roça, lá tem outro jeito de cuidar, aqui é diferente, é sem venenos. Eu vivo bem, quem quer vive. Se vive da pesca, da agricultura e do turismo. Eu não sou indígena, não tenho isso de tradição. Quando não tem inverno, tem pragas (ratos e formigas) e matam as sementes, assim que precisamos que venham a trazer sementes”. (Jose, C.N.G)*

### História de vida Francisco

A história de vida do Francisco foi contada na sua casa, em companhia de sua esposa Nila. Embora o Francisco falasse que não é fundador da comunidade, a sua história foi registrada porque é considerado uma liderança da comunidade e seus fatos contribuíram para a construção da trajetória da comunidade.

*“Tinha um senhor chamado Gamboa que morava aqui e tinha uma árvore de manga de quase um século. Gamboa tempo atrás era um rio e perto dele morava um senhor chamado Gamboa. Antes tudo era praia. No ano de 1982 se criou a comunidade. Eu moro aqui faz 35 anos. No início eram cinco casas. Muitos foram para o Brasil, só ficaram dois filhos dos primeiros fundadores, eles foram embora porque o Brasil oferecia mais oportunidades, eles conseguiram nacionalidade brasileira. Depois chegaram duas famílias (entre elas a família de Manuel). Com sete casas se criou a comunidade, conseguiu a escola”.*

*“Agora temos a ameaça do barranco. A primeira escola foi na beira do rio Amazonas de 1000 metros dentro, 14 anos depois foi construída outra escola grande de madeira, a terceira em material “nobre” (cimento), a quarta escola em madeira, todas foram embora pelo barranco. Nesse momento ofereceu ajuda Marco Rivera Pereira, ele era prefeito de*

*Islandia-Peru. O professor sempre é o mesmo, teve ocasiões que saiu mas voltou de novo”.*

*“Nós agricultores utilizamos as mesmas sementes e as armazenamos. Às vezes compra-se sementes de melancia no Brasil. A gente tem sementes de chicória, mamão, pimentão, abóbora, milho, pepino e maxixe”. (Francisco, C.N.G)*

#### História de vida do professor

O professor da comunidade é bem conhecido e aceito, embora tivesse que sair da comunidade por alguns anos, voltou e fala que vai continuar por mais um tempo.

*“A fundação foi no ano de 1981, eu trabalhei aqui desde 1981 até 1985, depois fui para Cuchillo Cocha (comunidade indígena Ticuna no Peru). O professor que ficou nesse tempo aqui teve conflito com a comunidade, não aceitou ele, então eu regressei no ano de 1991 até o dia de hoje. Eu trabalho de segunda até sexta, sou professor comunitário. A gente trabalha por ciclos. Eu trabalhei em Puerto Alegria (comunidade indígena no Peru) no ano 2012. A escola de antes era de 19 metros em madeira, depois foi em cimento. No ano 2010 foi o assalto às 5 horas da manhã, uma pessoa foi ferida”.*

*“Eu tive que apresentar um documento confidencial (por problemas de informação), pelo qual foi deslocado a Bella Vista (comunidade indígena no Peru). Processaram-me por dois anos, então nesse tempo fui a trabalhar na minha roça em Cuchillo Cocha (eu sou de lá), produzindo banana, mandioca, verduras e depois trabalhei na alcaldia de Cuchillo Cocha. Em outubro de 2012 fui para Puerto Alegria e depois voltei no ano 2013 para a comunidade de Gamboa até agora”. (Professor, C.N.G)*

#### História de Vida Manuel

O senhor Manuel é um dos filhos dos fundadores da Comunidade Indígena Gamboa. A maioria da sua família se encontra em outras comunidades como San Sebastian de los Lagos, Nazareth, Umariçu e a cidade de Leticia, mas o seu ideal é voltar à Comunidade Indígena Umariçu já que ele se considera como Ticuna brasileiro, querendo assim voltar a seu lugar de origem.

*“Eu tenho 60 anos, cheguei em 1981, o meu primeiro país foi Brasil porque meu pai e minha mãe são brasileiros, morávamos em Umariçu, não tínhamos como viver, então nessa época a gente*

*se deslocou para Peru para procurar como manter a família para ter alimento sem problemas. Meu pai conheceu o senhor que morava aqui e ele foi quem ofereceu trabalho para a gente poder comprar açúcar e sal. Então a gente se criou aqui, eu não sei ler, nem escrever, eu sou índio, minha mãe morreu quando eu tinha seis anos. Quando estive jovem fui procurar trabalho em Leticia, nos quilômetros 8, 12 e 15, daí aprendi espanhol há mais de 15 anos, arranjei esposa para ter quem fizesse os alimentos e lavar as minhas roupas já que não tinha mãe”.*

*“Eu trabalho a agricultura aqui em Gamboa, tenho cana, milho, mandioca, macaxeira, banana, peixe, tenho para manter a todos meus filhos. Eu tive a minha filha Juliana em 1972, aí pensei que Deus me disse a oportunidade de fundar uma comunidade. Em 1973 aqui não tinha escola nem perto, então a gente pediu para fundar uma escola, falamos com o prefeito de Província em Iquitos, eles atenderam o chamado em 15 de dezembro de 1983, e daí veio o governo no avião e declarou a comunidade de Gamboa”.*

*“No ano 2010, a comunidade tinha 14 famílias, daí chegaram “grupos armados” para dizer que as pessoas de Gamboa faziam máfia de coca, explicamos que as famílias tinham motores das canoas porque muitos eram aposentados do Brasil. Daí foram 25 famílias para o Brasil. Faz três anos que temos esta escola.*

*“Os avôs foram quem ensinaram a gente fazer os tetos de palha. Cada seis meses a gente vai a Tabatinga a vender nossos produtos de mandioca, macaxeira, farinha, tomate, maxixe, banana, pimentão e peixe. Embora a gente tem que se deslocar em muitas ocasiões mas acho que não temos que fazer mais isso”. (Manuel, C.N.G)*

### História de vida Juana (95 anos)

A história de vida da Juana foi totalmente traduzida pelos filhos do Francisco já que a Juana só fala Ticuna. Foi uma história reconstruída nas falas de três tradutores.

*“Antes de Gamboa ser uma comunidade, tinha só a minha casa. Quando chegou o primeiro e atual professor, em 1980 a comunidade tinha 6 casas. Após esse ano, a comunidade foi organizada politicamente e foram criadas as autoridades de Teniente Governador, Presidente e Agente Municipal. Em 1990 a comunidade tinha 50 famílias antes do assalto, que foi no ano de 2010, onde foram embora aproximadamente 22 famílias”.*

*“O nome é Gamboa porque tempo atrás morava um senhor de sobrenome Gamboa. Ele era fabricante de licor de cana, as pessoas de Leticia, Tabatinga e Santa Rosa quando queriam comprar diziam “vamos para donde Gamboa”, eles demoravam 3 dias para chegar lá. No conflito da Colômbia-Brasil-*

*Peru, os Ticuna iniciaram um deslocamento e daí foi onde os vovôs se deslocaram a Gamboa, eles antes moravam em Belém do Solimões e São Paulo de Olivença". (Juana, C.N.G)*

Além do anterior, também foram relatados de forma coletiva, os fatos marcantes para a comunidade como a sua fundação, os primeiros moradores, a primeira escola, um grande inverno, a migração de famílias para o Brasil por causa de um assalto e a solicitação de ampliação do território da comunidade de Gamboa.

Assim como datam algumas histórias sobre o estabelecimento de cinco a seis casas nas comunidades de San Sebastian de los Lagos e Umariáçu, na comunidade de Gamboa também iniciou com seis casas, é um padrão constante de ocupação do território nas três comunidades. Ao contrário das outras duas comunidades onde são designadas duas autoridades sendo curaca e vice-curaca para San Sebastian e cacique e vice-cacique para Umariáçu, a comunidade de Gamboa tem três autoridades, sendo Teniente governador, presidente e agente municipal.

Para o ano de 1984 tem um registro de um grande inverno na comunidade de Gamboa, acontecimento relatado também por moradores das outras duas comunidades pesquisadas, porém com datas diferentes, 1970 para San Sebastian de los Lagos e 1975 para Umariáçu.

Para o ano de 1990 a comunidade teve uma grande população contando com 50 famílias, população que continuou por duas décadas, já que para o ano 2010 aconteceu um fato violento, o assalto por parte de grupos armados, fazendo com que 22 famílias deixassem a comunidade por temor e procuraram refúgio em outras comunidades no Brasil.

Para o ano 2013 a comunidade Gamboa teve uma assembleia com outras comunidades vizinhas como *Puerto Alegria* e *Primero de Mayo*, sobre o interesse em ampliar a área da comunidade. Foi então que o *Teniente* e o Presidente da comunidade viajaram para *Caballo Cocha*, a qual é a segunda cidade mais próxima de Gamboa, sendo a primeira Santa Rosa, mas com o inconveniente de que não tem sua jurisdição lá.

Na sede do Ministério de Agricultura foram a solicitar a ampliação da área, sendo em algumas ocasiões realizadas visitas à comunidade por um "Funcionário do Ministério de Agricultura" o qual solicitou à comunidade uma soma de dinheiro para poder realizar os trâmites de ampliação. Por tal motivo à comunidade junto o dinheiro, embora muitos dos moradores não estiveram de acordo já que achavam um pouco

estranho que um funcionário do Estado solicitasse dinheiro. Somado a isto o fato que deixou mais desconforto para a comunidade foi que para juntar o dinheiro solicitado para o “funcionário” tiveram que cortar e vender árvores muito valiosas para eles como é a *Lupuna* (Ceiba). Após a entrega do dinheiro à comunidade solicitou ao *Teniente* uma factura que comprovasse o pagamento, sendo constatado no trabalho de campo em uma reunião com vários moradores, que o documento não tinha autenticidade já que foi feito em uma folha de papel de um caderno com letras pouco perceptíveis e sem carimbo do Estado Peruano que garante a autenticidade, concluindo assim que à comunidade ainda não tem um documento que confirme a aprovação da ampliação e da área estabelecida.

Paralela a esta solicitude os moradores da comunidade tem vivenciado um sucesso que tem gerado conflito e temor; o estabelecimento de uma infraestrutura de turismo na “Cocha San Roque” e a rejeição aos moradores e não permissão de pesca na cocha tem ocasionado mal-estar já que esta área sempre foi um dos ecossistemas não só da comunidade de Gamboa, mais também das comunidades próximas para as práticas de pesca que representam uma das “cochas<sup>35</sup>” mais importantes para a comunidade, já que daí obtém o seu recurso principal para alimentação como o peixe. Além disso, a “Cocha San Roque” foi uma das áreas solicitadas para incluir na ampliação da comunidade, situação que tem gerado confusão e desconforto pela falta de atenção do Estado Peruano.

#### 4.2.1.3 Cartografía social

##### *Cartografía Social Resguardo Indígena San Sebastián De Los Lagos*

Na comunidade de San Sebastian de los Lagos foram obtidos 4 desenhos em forma de croqui da comunidade indicando as décadas de 1962-1970, 1970-1982, 1982-1990, 1990-2000 e 2000-2014. Os croquis ajudaram a visualizar territórios em diferentes escalas, focalizando características principais da comunidade.

A decisão das décadas em que foi elaborada a cartografia social de San Sebastian de los Lagos, foram estabelecidos pelas pessoas que participaram do desenho (Fotografia 4), além de ter como ponto de partida a data de declaração do

---

<sup>35</sup> A tradução mais próxima ao português é Igarapé.

resguardo indígena. A elaboração dos croqui foi acompanhada pela descrição oral dos atributos do desenho e os diversos atributos do território através do tempo.

Fotografia 4 - Elaboração de cartografia social do RISSL-Amazonas-Colômbia.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O desenho 1, que se remite a data de 1962-1970, mostra as primeiras pessoas na comunidade, localizados bem perto da *Quebrada Yahuarcaaca*. As casas do Francisco, Santo, Alfredo, Mario, Rafaela e Raimunda são referenciados no desenho ficando elas num ponto específico do croqui (parte de baixo), desenho que também é contado nas histórias de vida das pessoas da comunidade quando falam sobre a existência de 4 a 5 casas no início da comunidade.

É notória a visibilidade da zona do mato que faz parte de mais da metade do território, sendo marcadas espécies como, Tucum (*Bactris setosa*), Cedorana (*Cedrelinga catenaeformis Ducke*), Caracoli (*Anacardium, excelsum*), Palo Sangre (*Marcetella moquiniana*), Cedro (*Cedrella fissilis*), Acapu (*Vuocapoua americana*), Oje (*Ficus insipida Willd*), Caraná (*Lepidocaryum*) e Ngüguri<sup>36</sup>, animais como jiboias e quatro roças perto da locação das casas.

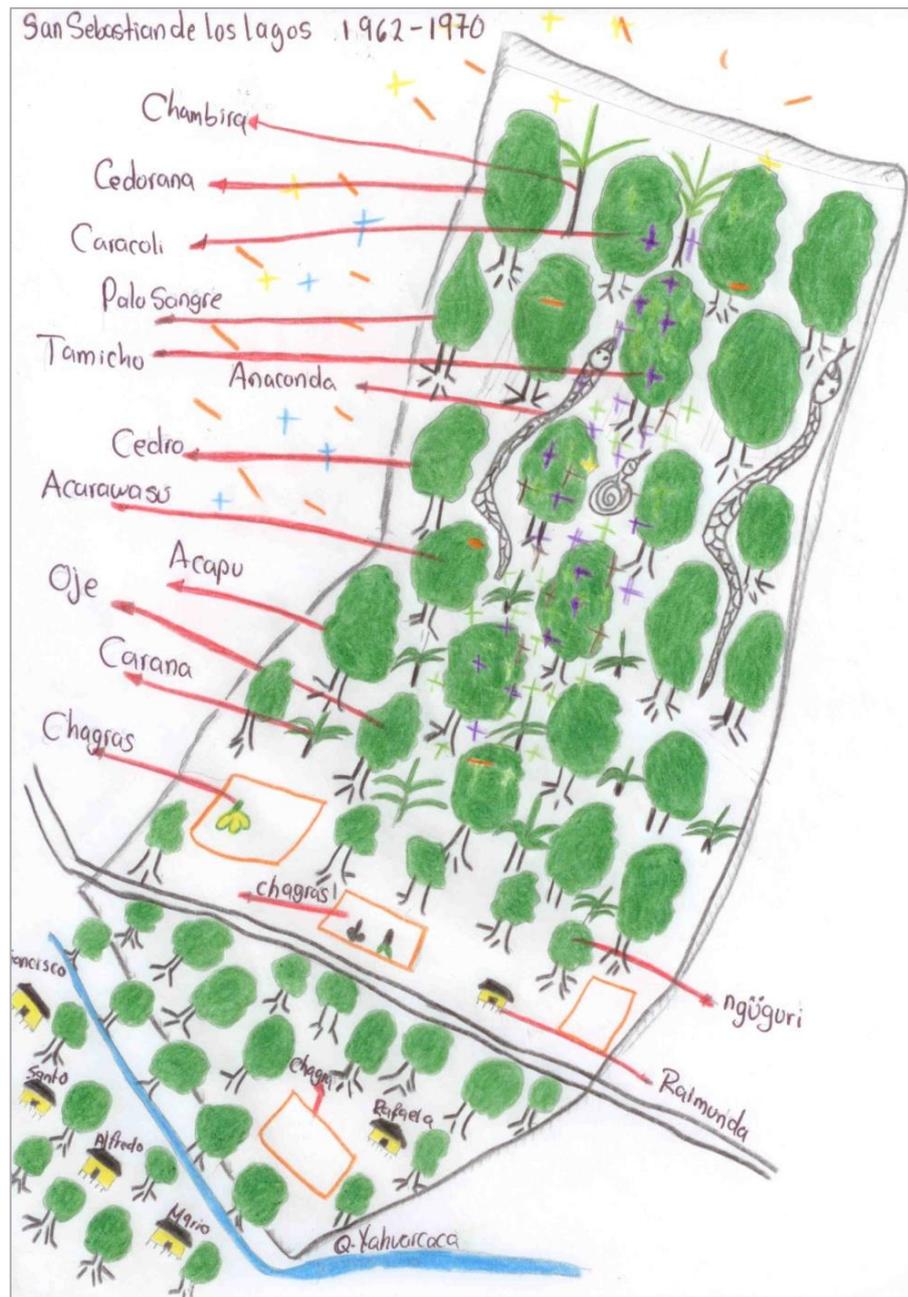
A elaboração do croqui foi sobre o perímetro atual da comunidade, entretanto, as pessoas consideraram borrar ele e fazer um perímetro maior já que consideraram que a comunidade nesse tempo tinha muita terra e não havia problema como na

---

<sup>36</sup> Espécie florestal da qual os moradores conhecem só o nome em Ticuna.

atualidade. Uma segunda visão do croqui mostra em forma de cruzes de cores, os pontos de extração de espécies utilizadas para o artesanato, já que ao igual que o mato e a roça, cumprem uma função importante no seu território. A cruz amarela corresponde a Topa, a cruz morada pertence a Tucum, a cruz laranja pertence a *Palo Sangre*, a cruz azul pertence a Tururí e a cruz verde corresponde a Açai.

Desenho 1 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos de 1962-1970.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O participante que contribuiu com a informação dos pontos de extração de espécies para o artesanato também as localiza fora do perímetro (do lado central esquerdo do perímetro), falando que nesse tempo essas terras também pertenciam aos avós, mas que agora não são mais por causa da pressão sobre o território que fazem entes externos e que limitam cada vez mais o acesso ao território. A presença de espécies animais como a boa (jiboia), junto com a abundância de espécies florestais dá conta da biodiversidade da comunidade nessa data. Foi localizado só um caminho principal que comunicava a comunidade com a rodovia que conduz a cidade de Leticia. A locação de espécies de palmeira caraná foi localizada em abundância na zona centro, perto do caminho principal e é corroborada com pesquisas feitas na comunidade onde citam a uma das avós falando: “*Antes...tudo isto era só caraná*” (REYES, 2009). Esta espécie ainda é utilizada embora em pouca medida pelas comunidades indígenas Ticuna, para a elaboração dos tetos das casas.

O croqui de 1970-1982, referenciado no Desenho 2, faz relação a primeira “*Acción Comunal*”, no ano de 1970, ato que deu a comunidade o reconhecimento dos moradores e do território. Para a elaboração do desenho foi conservado o perímetro atual da comunidade, já que para essas épocas iniciou um processo paulatino de pressão sobre o território. É evidente a mudança em relação ao desenho anterior. A primeira é o deslocamento das casas, sendo antes em terras de várzea, no presente desenho estão localizadas mais em terra firme e próximas ao caminho principal que conduz a cidade de Leticia, acontecimento relatado nas falas coletivas, onde cita que por causa da inundação entre os anos 1969-1970 os moradores tiveram que se deslocar para terra firme. As casas de Juliana, Rafaela, Milton, Júlio, Hernando Adan, Ilda López e Santo Mario Fernandez, sendo um incremento de uma casa e mantendo a permanência de Rafaela e Santo. A habitação mais afastada do centro de moradia, é a casa do Santo, que segundo as falas, era xamã da comunidade, sendo o local da casa ideal para os seus rituais e para a obtenção de espécies medicinais.

Do centro do perímetro em direção a Quebrada Yahuaracaca, a mudança refere-se a transformação da paisagem de abundância de espécies arbóreas a zonas de pastos ou adequação de terrenos seja para construção de novas moradias como para criação de novos espaços de produção, que segundo os relatos para o ano 1974 iniciaram outros tipos de produção como o gado e o café, além do incremento na infraestrutura, o que precisou no momento do uso do solo, porém são conservadas as

roças, sendo referenciadas e detalhadas como roças frutíferas, roças de mandioca e roças de banana.

Onde antes ficavam as roças e matos, no presente desenho ficam as habitações e onde antes ficava mato, ficam as roças. São referenciadas espécies florestais como *Palo Sangre*, Acapu, Cedro e palmeiras como Caraná, agora localizadas mais na zona norte da comunidade. É referenciado o primeiro cenário esportivo (sobretudo o jogo de futebol) e os primeiros caminhos que conduz do caminho principal até as roças.

A cruz de cores que referenciam os pontos de extração de espécies para o artesanato no presente desenho tem diminuído mais sua zona de concentração principal contínua, sendo o mato focado na zona norte.

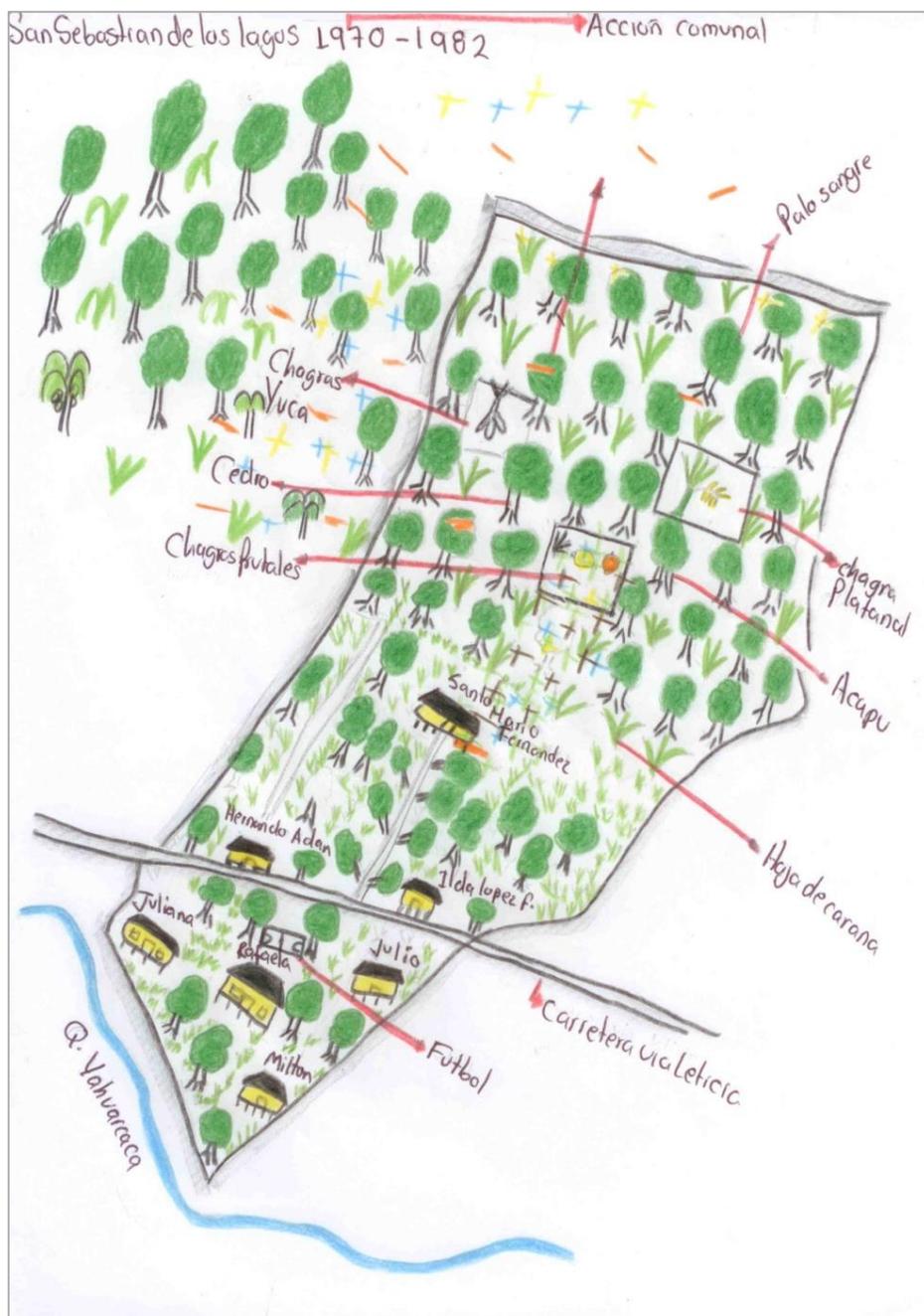
A última mudança observada foi a não inclusão da cobra no presente desenho, isto segundo os participantes, tem a ver com a mudança da paisagem, aonde vai sumindo paulatinamente o mato virgem. Também foram desenhadas árvores fora do perímetro que igual ao desenho anterior, fala de uma visão do território que vai mais além do perímetro estabelecido na atualidade.

O croqui de 1982-1990 correspondente ao Desenho 3 marca um acontecimento importante para a comunidade, como foi o reconhecimento como resguardo indígena segundo a resolução 0087 do dia 27 de julho de 1982. No presente desenho aparecem 17 casas, sem serem referenciados os nomes dos moradores das vivendas, sendo o incremento de dez casas, que poderia ter relação com o estabelecimento oficial do resguardo indígena. Para estas datas, as vivendas vão tendo uma distribuição mais homogênea e quadriculada, em comparação com a distribuição heterogênea e dispersa das vivendas das datas anteriores.

Outra mudança muito forte para a data referenciada, é a escassez do mato dentro do perímetro em relação as datas anteriores. Fora do perímetro foram localizadas a maioria das árvores e animais, concluindo que para essas datas ainda não foi exercida algum tipo de influência direta como construção de infraestrutura ou adequação de roças, marcando a diferencia com a zona do perímetro que entra em processos de transformação da paisagem. Também são referenciadas cinco grandes zonas de roças onde em datas passadas tenha mata virgem e pasto, assim podemos supor que a existência do pasto nas datas passadas fosse um processo de adequação para o gado que tinha nessa época, mas que por questões de roubo não continuaram este tipo de produção. Aparece a primeira escola perto do cenário esportivo, os

caminhos que conduz às roças são muito mais definidos e vão mais longe, já que para estas datas as zonas de roças ficam mais afastadas, misturando-se com zona de mato. Por outro lado, as cruces de cores que indicam os sítios de extração de espécies para o artesanato, vão mudando de distribuição, sendo concentradas no centro do perímetro, no meio das roças onde ainda se conserva um pouco de mato, e fora do perímetro onde é localizada a área com mais mato.

Desenho 2 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas-Colômbia para os anos 1970-1982.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Desenho 3 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas- Colômbia para os anos 1982-1990.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

O desenho 4, que representa o croqui da comunidade para os anos 1990-2000, a primeira impressão em comparação com os croquis anteriores é o drástico desaparecimento da vegetação, aparecendo o dobro das roças. O incremento da população, a definição de mais caminhos e um novo cenário esportivo também são percebidos no croqui. O incremento da população para estas datas pode-se atribuir, segundo Reyes (2009):

A dinâmica que tem vivido a população desde a sua fundação. A população de maior idade tem se deslocado dentro da região para fora da comunidade; no entanto, nela só moram atualmente três dos filhos da família fundadora com as suas companheiras e uma nora, que hoje são as pessoas de maior idade. Os avôs que ficaram e as seguintes gerações têm tido um número alto de filhos, que por sua vez tem estabelecido relações de matrimônio e tem permanecido na comunidade. Ademais, nos últimos 10 anos, tem se apresentado um aumento na chegada de novas famílias jovens de etnia Ticuna, Cocama e alguns mestiços, provenientes de outras comunidades do Trapézio, principalmente: Atacuari, Macedonia, Zaragoza, Santa Sofia, San Antonio de los Lagos e Leticia. Isto tem contribuído a aumentar a população jovem, pese a que o número médio de filhos tem diminuído nas últimas gerações.

Outro aspecto importante é que na zona vizinha, onde antes são desenhados mato e animais, não tem nenhum desenho, só as cruzes de cores da localização onde se faz a extração das espécies artesanais, pode se relacionar isto com o grande desmatamento que segundo falas da comunidade<sup>37</sup> nessa época iniciou um grande desmatamento nas áreas vizinhas da comunidade (que a comunidade considera como própria) com o fim de venda de terrenos e construção de infraestrutura.

O desenho de elementos nas zonas vizinhas até a década 1982-1990 e a sua desapareção nas décadas posteriores apresenta a estreita relação dos moradores com esta zona vizinha, que embora não seja parte do Resguardo por diferentes pressões, eles contemplam dentro da sua perspectiva de território.

Entre mais população, mais necessidade de roças e somando a perda do território (no seu imaginário se conserva o território mas na materialização não aparece), gera um conflito territorial, além do conflito nas práticas que se fazem nesse território, práticas que para os Ticuna são priorizadas como agricultura, pesca e artesanato.

Como o silêncio também faz parte da cartografia social, a não inclusão das roças nas zonas vizinhas pode se interpretar, segundo (VELEZ et al., 2012) como “uma informação chave sobre o que é o território e o que significam seus conflitos”, para o presente caso o silêncio fala da ameaça externa que representam os fazendeiros vizinhos e a fragilidade que pode representar ter suas roças nas áreas deles.

---

<sup>37</sup> Fatos contados nas histórias de vida.

Desenho 4 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos - Amazonas- Colômbia para os anos 1990-2000.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

O último croqui que mostra a comunidade na época mais atual (anos de 2000-2014, representado no Desenho 5), em primeiro lugar não é feito na base do perímetro que tem os anteriores croqui, aconteceu igual com o primeiro só que mudam os atributos de cada um, ao contrário do primeiro com elementos que evidenciam a grande biodiversidade sendo preciso ampliar a sua perspectiva de território, o desenho atual mostra que a maioria das características remete a elementos de infraestrutura como ampliação da escola, tanque de abastecimento de água e muitas

vivendas, que terminam por requerer mais espaço dentro do desenho, referenciando assim só a área de moradia. É o zoom da zona centro do perímetro da comunidade de San Sebastián de los Lagos, no entanto são conservadas algumas espécies de palmeira e árvores no desenho e a zona de roça e mato passa só a serem referenciadas do lado sul da comunidade, não sendo materializados por meio de formas de retângulos ou de árvores ou animais, razão pela qual também não aparecem as cruces da locação dos sítios de extração de espécies para o artesanato.

Desenho 5 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos-Amazonas-Colômbia para os anos 2000-2014.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O desenho dos croqui tem a ver com a idade e com as atividades que o participante fez no território. Um dos participantes na elaboração da cartografia, o Fernando, é da comunidade, fez as atividades que envolvem a maioria dos homens Ticuna como a pesca e agricultura, além disso tem desenvolvido funções de *Curaca* na comunidade, e é considerado como representante em dupla via dos avós da

comunidade, os quais depositam uma grande confiança nele, sendo um dos agentes chave na comunidade, somado a isto ele na atualidade (setembro de 2014) se encontra desenvolvendo um projeto com o Ministério da Cultura da Colômbia sobre construção de cartografia social e história do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.

Outra colaboradora na realização da cartografia social, a Lucy, nasceu na comunidade, foi *ex-curaca* (ex-cacique), é agricultora, artesã, funcionária de *Asuntos Indígenas* na *Governacion del Amazonas-Leticia/Colômbia*, entre muitas outras funções de representação indígena que ela desempenha ao nível local, regional, nacional e internacional. Ela foi o primeiro contato para entrar na comunidade San Sebastian de los Lagos e quem contribuiu constantemente na realização da pesquisa além de possibilitar o canal de comunicação com os moradores da comunidade. A Lucy junto ao seu filho menor e seu marido, na cartografia social, foram os que desenharam as cruzes da locação da extração das espécies para o artesanato.

Após os resultados da cartografia social, foram processadas as informações no programa ArcGis para contrastar as informações dos croqui elaborados da comunidade com a cartografia digital existente obtida por meio de informação secundária<sup>38</sup>. O Desenho 6 expõe os quatro croqui multitemporais de San Sebastian de los Lagos.

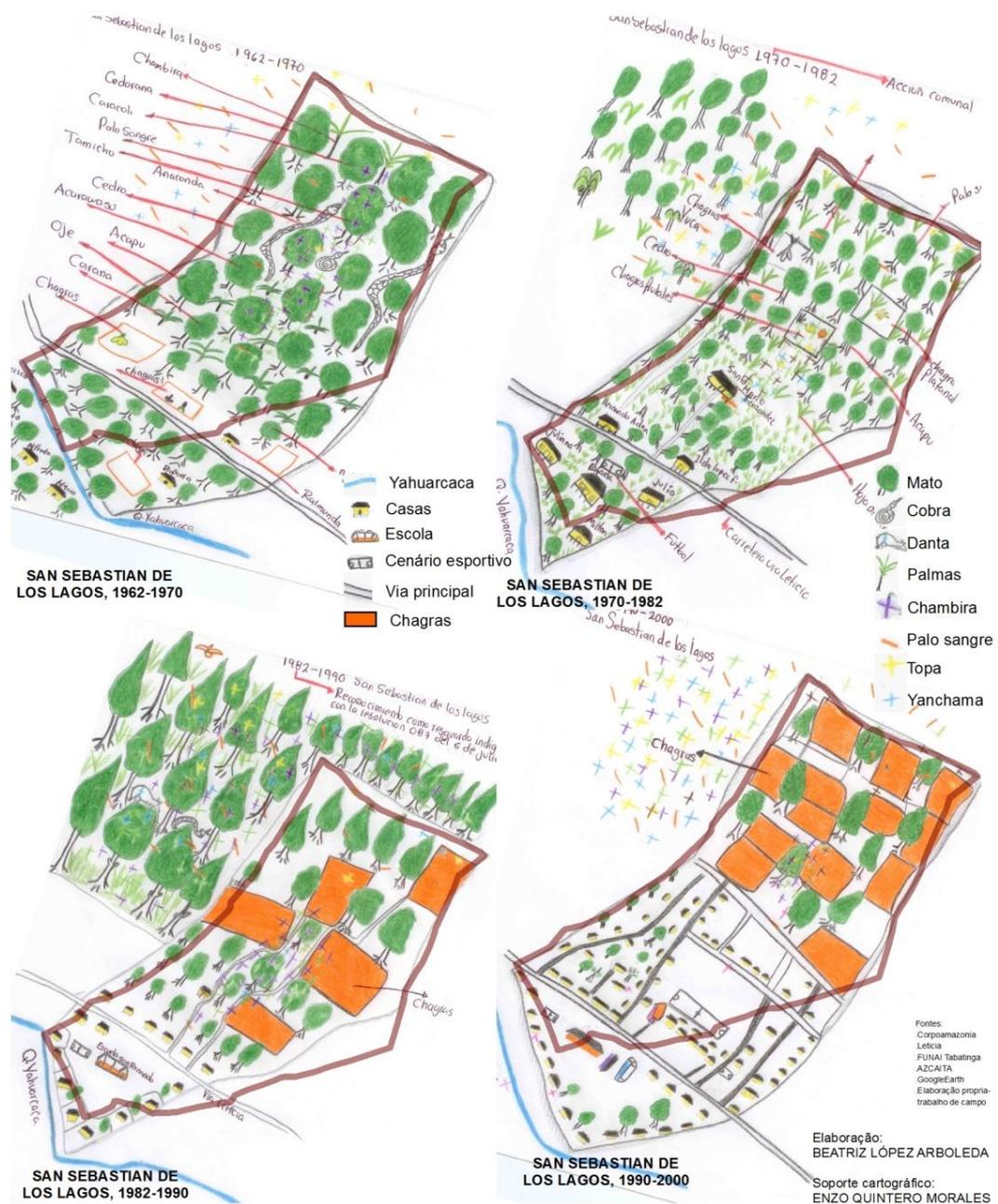
A informação de base digital foi o perímetro da comunidade e sendo contrastada com os croqui feitos pela comunidade, dá para perceber a similaridade no perímetro manejado nas duas perspectivas. Nos três primeiros croqui se evidencia que a abrangência da perspectiva do território pelos moradores, transpassa o perímetro estabelecido, onde é desenhada a zona do mato fora do perímetro do lado superior esquerdo da comunidade, zona que corresponde a um vizinho que segundo os moradores empresta as terras à comunidade para que possam ter suas roças, mas os moradores consideram que estas são suas terras que não são emprestadas se não que foram roubadas aos avós no início da comunidade, sendo enganados trocando as suas terras por aparelhos eletrônicos da época, além de utilizar outras formas repressivas. Outra explicação, segundo Reyes (2009) pode se atribuir a que a medida que foi crescendo a população e o número de vivendas, o território destinado as roças foi se deslocando perifericamente. Assim que uma parte do mesmo está dentro do

---

<sup>38</sup> As fontes da informação aparecem na Figura 9.

resguardo e outra por fora, em prédios de propriedade privada. Apesar da situação, as vovós decidem como se usa o território (REYES, 2009).

Desenho 6 – Croqui multitemporal do Resguardo Indígena San Sebastián de los Lagos-Amazonas-Colômbia.



ETNOCONSERVAÇÃO DE SEMENTES  
CRIOLAS DOS INDÍGENAS TIKUNANA  
TRIPLECE FRONTEIRA AMAZÔNICA

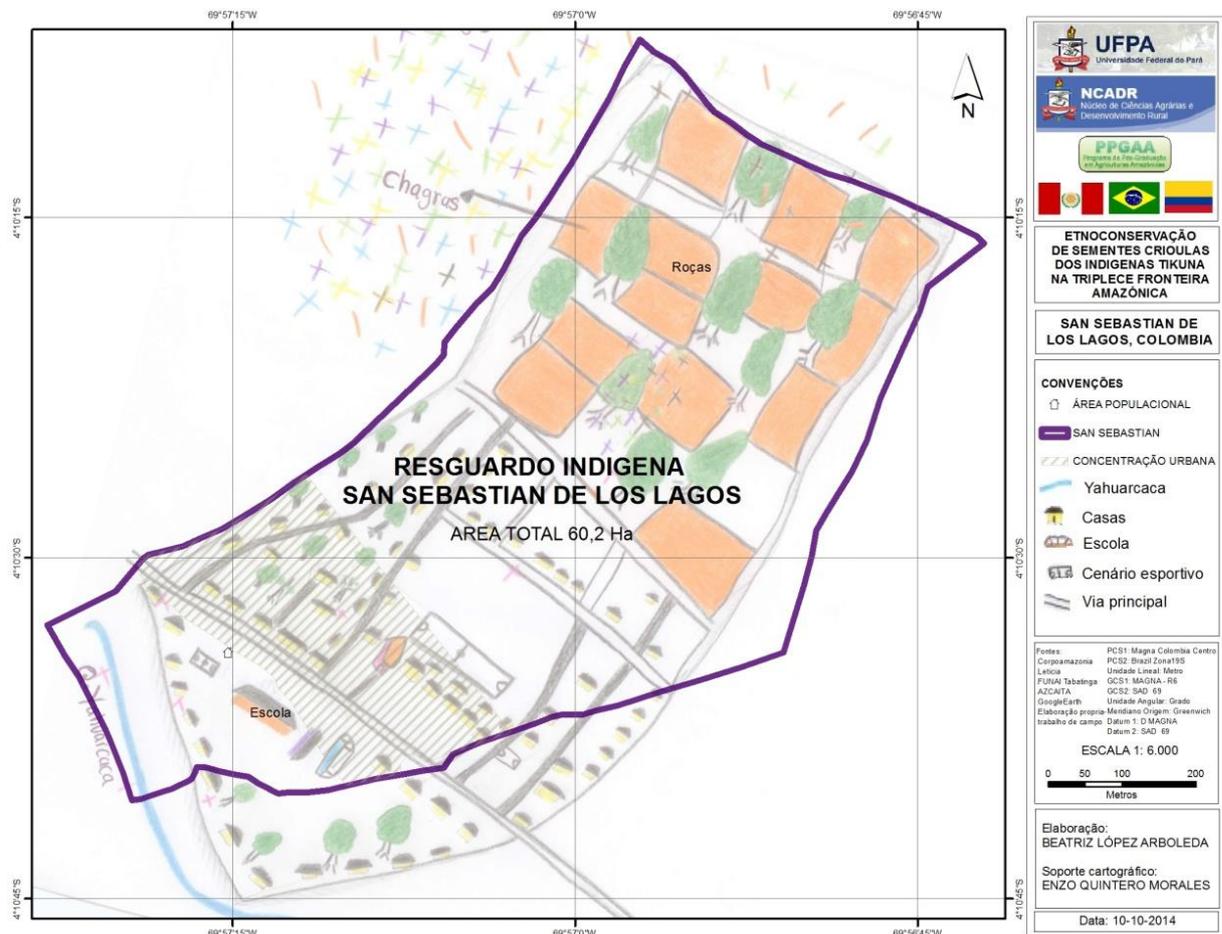
Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O primeiro e quarto croqui têm a similaridade de um perímetro maior que os outros croqui, os participantes falaram que tinha que ser desenhado um perímetro

maior para estes dois croqui por dois motivos: o primeiro que corresponde ao início da comunidade, não existia uma área estabelecida e tinham muita abundância de mato e terra para roça que não caberia dentro do perímetro atual estabelecido, embora o quarto tenha que ampliar a sua área, foi para incluir a grande quantidade de casas, foi tanto assim que o croqui final não é referenciado nos croqui multitemporais porque só é desenhada a zona da moradia.

Para ter uma melhor visualização da perspectiva do território por parte dos moradores em relação ao perímetro estabelecido, é referenciado no Mapa 2, o croqui mais atual (1990-2000) que a comunidade desenhou contemplando todos os elementos. O perímetro da comunidade tem uma área de 60,2 ha, a qual difere por dois hectares da outra medida da área citada por *el Plan de Vida* da Associação AZCAITA (2008) que corresponde a 58 Há.

Mapa 2 - Mapa do Resguardo Indígena San Sebastián de los lagos - Amazonas-Colômbia.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Os resultados obtidos nas histórias de vida, as histórias coletivas e na construção da cartografia social, evidenciam os acontecimentos no tempo e no espaço e constroem a trajetória do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.

A trajetória da comunidade baseia-se em histórias paralelas que contribuíram para identificar os inícios do Resguardo até os dias de hoje. Com o passar do tempo, o incremento de moradores, infraestrutura, rodovias e rocas, acompanharam o decline ou desaparecimento das zonas do mato e as diversas espécies existentes nele. A proximidade do Resguardo ao centro urbano da cidade de Leticia, foi um dos motivos que aceleraram este processo de crescimento populacional dentro da comunidade, assim pode-se explicar que a facilidade do acesso aos Resguardos incrementa e viabiliza os canais de comunicação e circulação tanto com outros Resguardos como com os centros urbanos, que no caso não só se remite a cidade de Leticia, senão também com a cidade de Tabatinga, que representa outro país e outras costumes.

#### *Cartografia social Comunidade Indígena Umariáçu II*

A cartografia social da comunidade de Umariáçu II foi desenvolvida por membros da Associação ACIU-Ewaré, tendo como participantes meninos, jovens, adultos e avós.

Os croqui foram desenvolvidos em três oficinas. Na primeira todos os participantes (Fotografia 5) queriam contribuir na elaboração dos desenhos, dando por tanto a liberdade de fazerem sem formar grupos específicos. As avós em companhia dos seus netos fizeram croqui, e o grupo em geral foi participando, sendo acrescentado por cada quem atributos no desenho que considerassem pertinentes, isto com o objetivo de identificar a percepção do território sem criar parâmetros que limitassem sua participação.

O resultado da cartografia social que vai ser analisada a continuação tem em conta que os participantes não consideraram pertinente a locação da zona urbana ou de moradias na comunidade já que é tão grande (4626 habitantes aproximadamente) que para a percepção deles não ia numa representação de desenho da comunidade. A diferença da cartografia social obtida na comunidade de San Sebastian de los Lagos, os presentes desenhos referenciaram uma data ou ano específico, sendo três croqui correspondentes aos anos 1980, 1990 e 2014.

Fotografia 5 - Elaboração da cartografia social da Comunidade Indígena Umariçu II- Amazonas-Brasil.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O croqui de 1980 (Desenho 7) mostra espécies de palmeiras como Tucumã (*Astrocaryum vulgare Mart*), Buriti (*Mauritia flexuosa*), Coco do Mato (*Familia Aracaceae*) e árvores como Tururi (*Corchorus capsularis*), Pau Brasil (*Caesalpinia echinata*), Tipo Tariri (*Pricamnia tariri*), Açafrão (*Carthamus tinctorius L*), Arumã (*Ischnosiphon ovatus*), Castanha (*Bertholletia excelsa*) e Cumate (*Myrcia Atramentifera*). Sobre o Cumate foi incluída uma cobra de cor vermelho que é um desenho animal que também foi referenciado na cartografia social da comunidade de San Sebastian de los Lagos. O desenho conservou o perímetro base da comunidade de Umariçu.

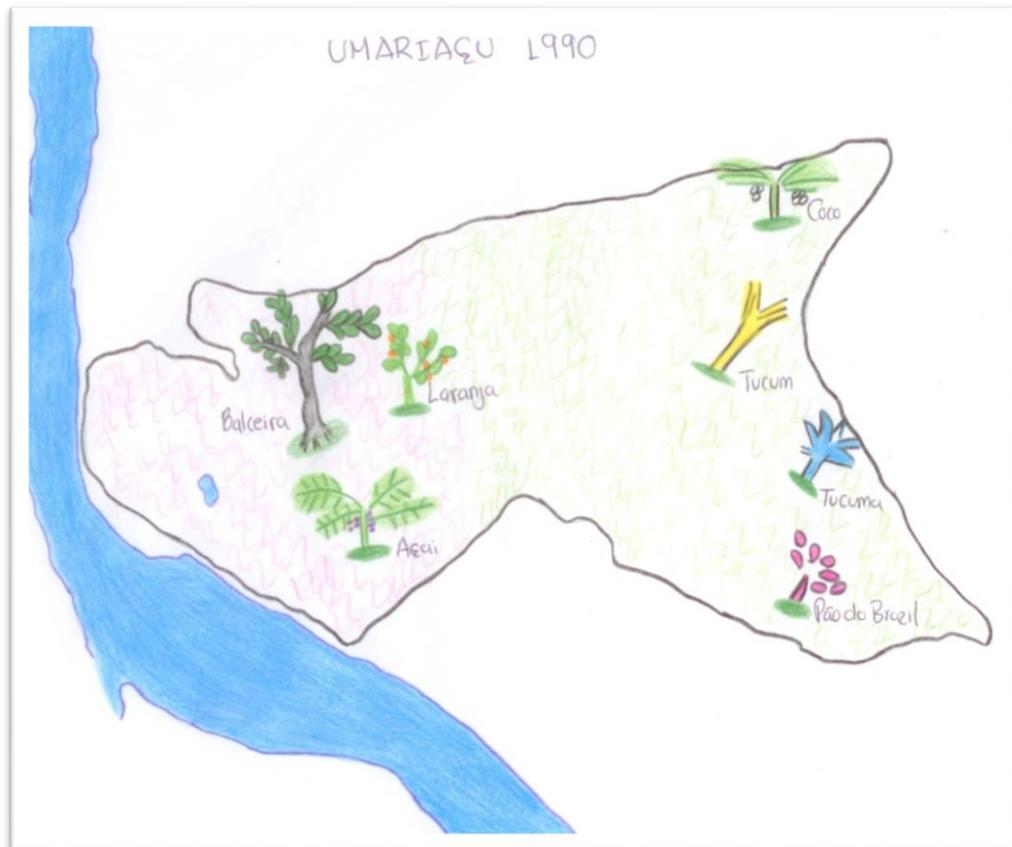
Desenho 7 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu - Amazonas-Brasil para o ano de 1980.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

No croqui de 1990 (Desenho 8), em relação ao anterior, aparecem outras espécies como laranja (*Citrus sinensis*), açaí (*Euterpe oleracea*) e Tucum (*Bactris setosa*), mas não são referenciadas as espécies como Tururi, Tipo Tariri, Açafrão, Arumã, Castanha, Cumate e Buriti. Foi o croqui que menos atributos apresentaram. Outra apreciação é que as espécies variam na sua distribuição, quer dizer, não tem um lugar fixo, por exemplo, no croqui de 1980 o Pau-Brasil é localizado na zona norte e no croqui de 1990 é localizado na zona sudeste da comunidade. Esta característica pode se atribuir a duas condições, uma a mudanças no território como o aumento das zonas de roça e em consequência a mudança (ou desaparecimento) na distribuição de determinadas espécies ou pelo contrário devido a sua extensão, são espécies que para eles em algumas datas foram percebidas, sem ter por isso prejuízo ou transformação no uso do solo.

Desenho 8 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu-Amazonas-Brasil nos anos de 1990.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O croqui do ano 2014 (Desenho 9) foi o desenho com mais atributos, incluindo além de espécies vegetais, animais, os caminhos que conduzem desde a zona urbana até o “centro”<sup>39</sup>, sendo localizado no final deles dois igarapés no extremo direito e no extremo esquerdo. Inclui outras espécies que não foram referenciadas nos outros croqui como é o Jenipapo (*Genipa americana*), Cuia (*Crescentia cujete*), Pupunha (*Bactris gasipaes*), Umari (*Geoffroea spinosa*) e Dendê ou Coqueiro (*Elaeis guineensis*). Uma diferença marcada dos presentes desenhos com os da comunidade de San Sebastian de los Lagos é que eles são bem definidos e cada espécie é desenhada de maneira específica segundo a perspectiva dos participantes na elaboração dos desenhos.

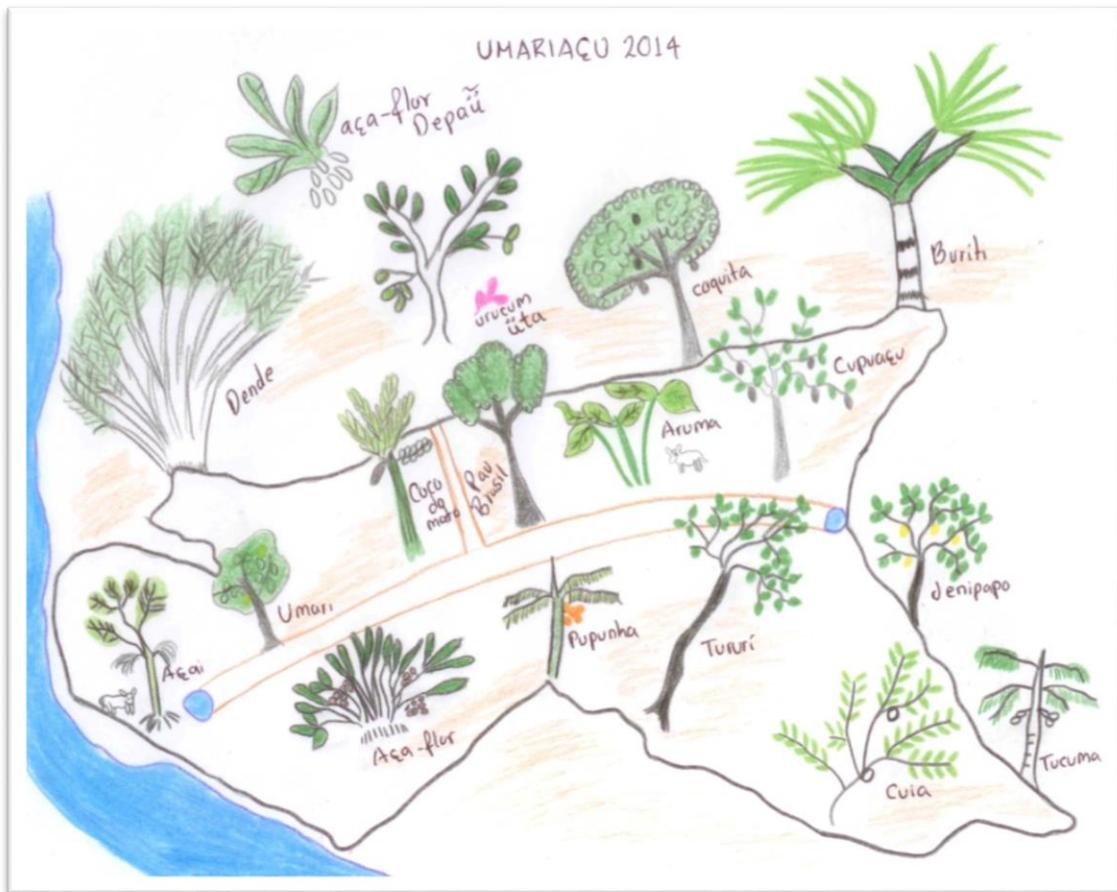
Outra característica é que os desenhos são localizados fora do perímetro, como ocorreu com o croqui de 2000-2014 de San Sebastian de los Lagos, só que mudam

<sup>39</sup> Os moradores da comunidade Umariáçu II chama de centro as suas zonas de roça e mato.

os atributos referenciados. No presente croqui mostra a grande biodiversidade, característica importante que pode se atribuir a que a zona de moradia não foi desenhada ou também a sua grande extensão de terra, portanto, não dá para perceber o incremento da zona de moradia, como acontece em San Sebastian de los Lagos.

O crescimento populacional foi desenvolvido num tempo muito curto, já que a comunidade de Umariáçu II tem aproximadamente 37 anos de fundação, o que poderia se atribuir, segundo a pesquisa, pela proximidade ao centro urbano de Tabatinga, oferecendo de alguma maneira melhores possibilidades de venda dos seus produtos e de aquisição de produtos que eles precisassem além do acesso a saúde e demais atendimentos sociais, além disso, os processos de migração de indígenas de outras comunidades Ticuna, que em busca de novas oportunidades terminaram procurando moradia em Umariáçu. Os processos de migração também são associados aos acontecimentos de violência dentro das Comunidades Indígenas liderados pelos grupos armados ilegais (situação acontecida na Comunidade de Gamboa) gerando medo nos moradores e sendo obrigados a se deslocar para outras comunidades indígenas (Umariáçu e outras Comunidades Indígenas Ticuna no Brasil).

Desenho 9 - Croqui da Comunidade Indígena Umariáçu - Amazonas-Brasil no ano de 2014.

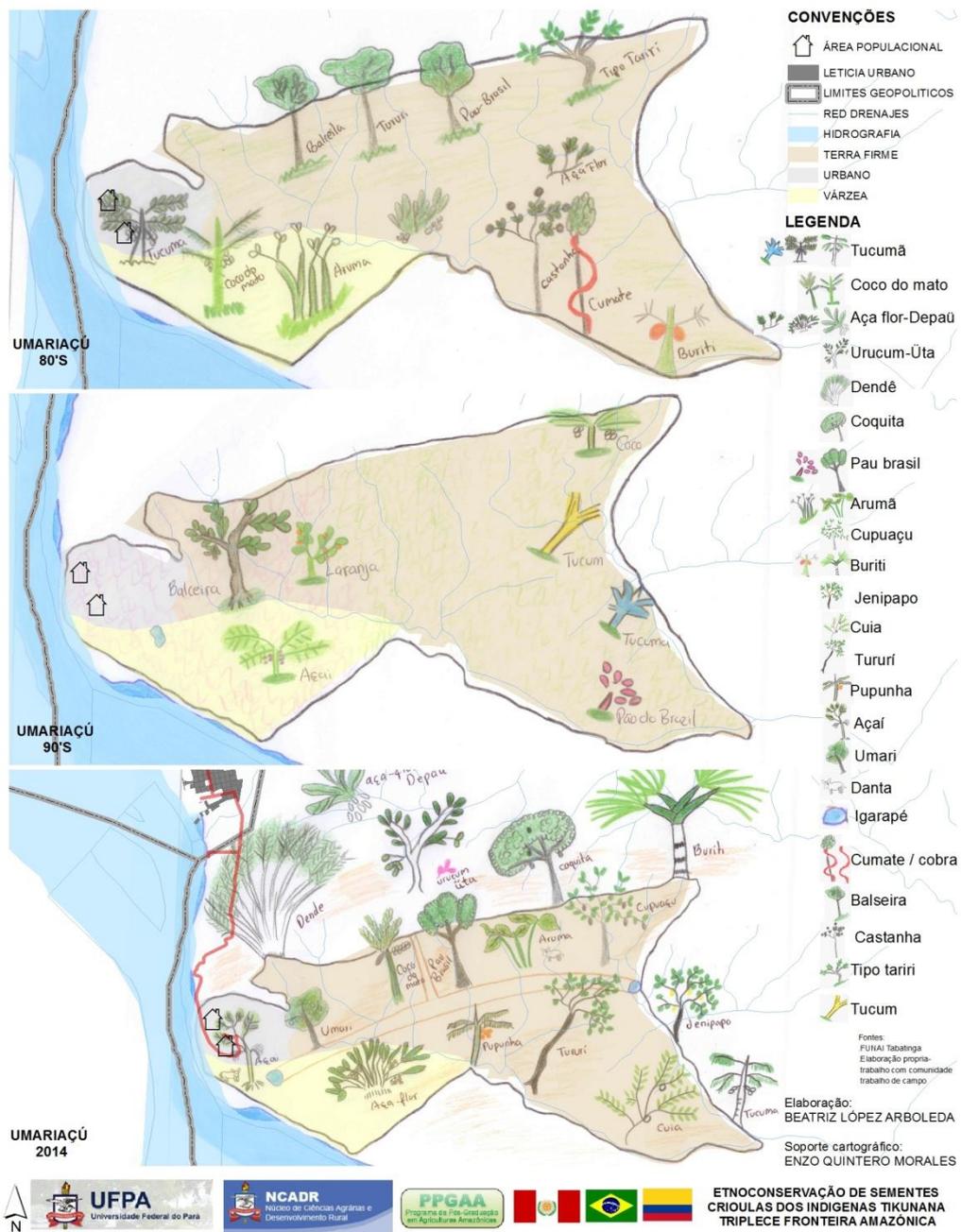


Fonte: Pesquisa de campo (2014).

A cartografia social obtida e comentada anteriormente foi processada no programa *ArcGis* para finalmente ter um croqui multitemporal da comunidade Umariáçu (Desenho 10) e o mapa do perímetro da comunidade de Umariáçu (Mapa 3) contrastando os desenhos feitos pelos participantes e o perímetro e ecossistemas de terra firme, várzea e zona urbana estabelecidos para a comunidade segundo fontes secundárias<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> As fontes são referenciadas na Figura 16.

Desenho 10 – Croqui Multitemporal da Comunidade Indígena Umariacu-Amazonas-Brasil.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Para visualizar as mudanças dos desenhos das espécies nos diferentes croquis multitemporais da comunidade Umariacu, são apresentados no Quadro 4. A terra firme por ter a maior extensão (3659,47 ha) é a zona que referencia a maioria das espécies. Um poucas espécies são referenciadas na zona de várzea. A zona urbana só referênciava uma espécie, mas se os participantes se focassem só na área

urbana, certamente desenhariam todas as espécies que se encontram nela, como foi observado na pesquisa de campo, encontrando na maioria dos quintais das casas, espécies como açaí, buriti, pimenta do reino, cheiro verde, chicória e diversas plantas medicinais e para tinturas do artesanato.

Quadro 2: Espécies vegetais na comunidade Umariçu II, perspectiva multitemporal.

ESPECIES VEGETAIS NO TEMPO E NO ESPAÇO. Comunidade Umariçu II			
CROQUI MULTITEMPORAIS	ECOSISTEMAS		
	Terra firme	Várzea	Área urbana
1980	Balceila	Arumã	Tucumã
	Tururí	Coco de Mato	
	Pau Brasil		
	Açaflor		
	Buriti		
	Cumate		
	Castanha		
	Tipo Tariri		
1990	Coco	Açaí	Nenhuma
	Tucum		
	Tucumã		
	Pau Brasil		
	Balceirla		
	Laranja		
2014	Pupunha	Aça Flor	Nenhuma
	Tururí	Açaí	
	Cuia		
	Tucumã		
	Cupuaçu		
	Buriti		
	Jenipapo		
	Arumã		
	Coquita		
	Dendê		
	Pau Brasil		
	Coco do Mato		
	Umari		

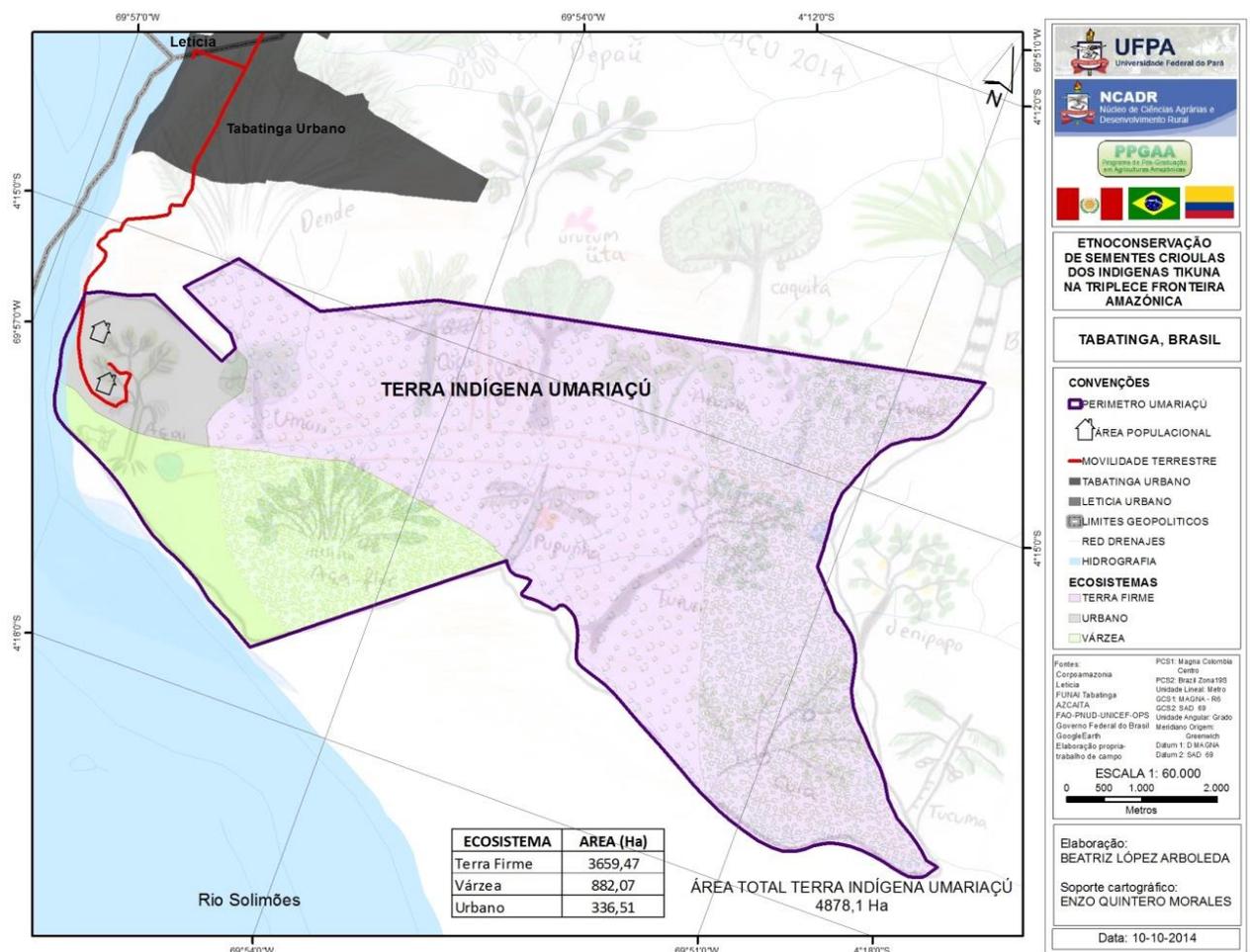
Fonte: Pesquisa de campo (2014).

A diversidade de espécies apresentada pelos participantes dá a perceber sua relação com as espécies vegetais, especificamente frutíferas e para uso no artesanato e nos rituais. Pode-se dizer que esta referência é uma das aproximações aos tipos de

práticas em torno das sementes mais empregadas pelos membros da associação ACIU. A mudança da locação das espécies através do tempo varia na sua locação em cada desenho, mas tem a ver muito a perspectiva das pessoas que o desenharam, já que não foram as mesmas pessoas quem desenharam todos os croqui, cada uma contribuiu com seu desenho.

O mapa da Terra Indígena Umariçu (Mapa 3), além de mostrar o perímetro total, também mostra a área dos ecossistemas existentes na comunidade como são Terra Firme, com 3.669,47 ha aprox, Várzea (882,07) ha aprox e uma Área Urbana de 136,52 ha. A linha vermelha é a rodovia que conduz de Umariçu II até Tabatinga e sua conexão com Leticia. É evidente a maior área da Terra Indígena de Umariçu em relação ao município de Tabatinga. Como transparência aparece as diversas espécies desenhadas para o croqui do ano 2014.

Mapa 3 - Mapa da Comunidade Indígena Umariçu - Amazonas-Brasil.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

### *Cartografia social Comunidade Nativa de Gamboa*

O desenvolvimento da cartografia social realizado na comunidade de Gamboa-Peru, diferentemente da realizada em San Sebastian de los lagos e Umariacu, não utilizou um perímetro da comunidade já que não foi possível acessar esta informação, só na capital do Peru, Lima, poderia ser conseguido o material cartográfico da comunidade, além disso, não tem desenvolvido nenhum tipo de pesquisa na comunidade<sup>41</sup>, só projetos de assistência que chegam a comunidade sem ter continuidade<sup>42</sup>.

Na elaboração dos desenhos (Fotografia 6), foi totalmente livre a percepção do espaço, mostrando os croqui a perspectiva do ecossistema do rio Amazonas como a principal dimensão. Outra característica foi que os croqui multitemporais foram desenvolvidos por adultos e avôs tendo em conta as datas de deslocamento da comunidade, sendo a data 1980-1985 o primeiro assentamento da comunidade de Gamboa, 1986-2001 o segundo, 2002-2007 o terceiro e 2008-2014 o quarto e atual assentamento. Somado a estes, está o croqui do ano 2014 desenhado por jovens da comunidade.

Fotografia 6 - Elaboração da cartografia social da Comunidade Nativa de Gamboa-Loreto-Perú.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

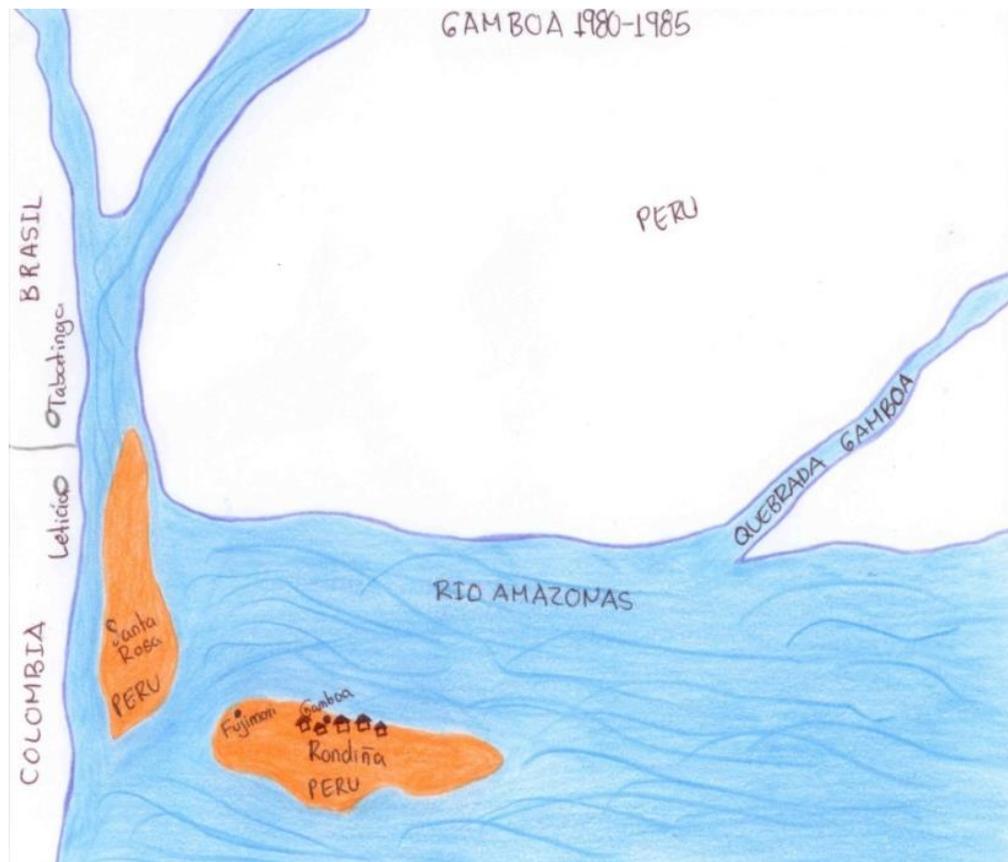
O croqui 1980-1985 (Desenho 11) inclui um elemento novo em relação aos croqui desenhados nas outras duas comunidades. A apreciação da fronteira entre Colômbia, Brasil e Peru, tem muito a ver com as diversas atividades desenvolvidas

<sup>41</sup>Motivo pelo qual não se tem material bibliográfico ou informação secundária sobre a comunidade de Gamboa.

<sup>42</sup> Segundo fala dos moradores na assembleia que foi apresentada a pesquisa.

pelos moradores de Gamboa<sup>43</sup>, relacionadas com o canal de comunicação do rio Amazonas, onde eles navegam pelas três fronteiras e desembarcam na cidade de Letícia-Colômbia, na cidade de Santa Rosa-Peru e na cidade de Tabatinga-Brasil, sendo os seus pontos de acesso aos centros urbanos para a venda dos seus produtos (da pesca e da agricultura), compra de produtos (alimentos, gasolina) e para a comunicação com as suas famílias que moram em outras comunidades indígenas do Brasil e da Colômbia. A comunidade nesta data ficava na ilha de Rondina-Peru, perto da ilha de Santa Rosa-Peru. São referenciadas cinco vivendas na zona centro da várzea.

Desenho 11 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 1980-1985.



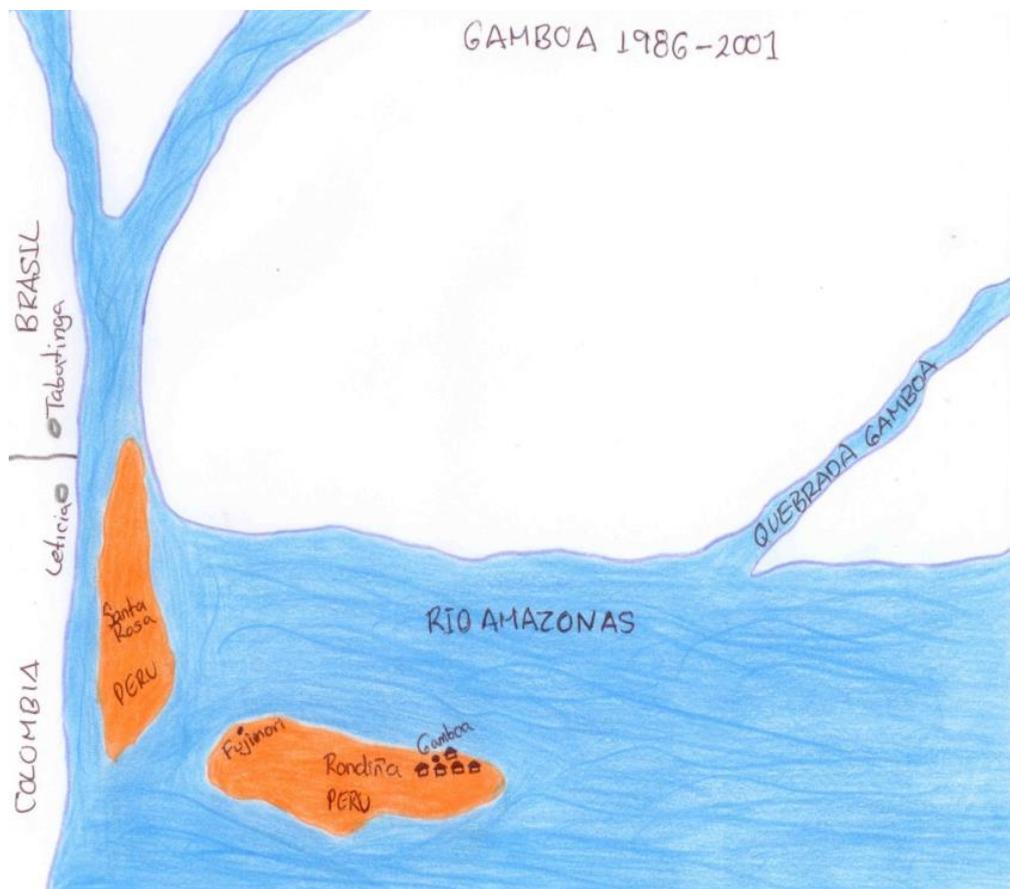
Fonte: Pesquisa de campo (2014).

<sup>43</sup> Entendem-se as fronteiras como a divisão material ou simbólica entre, ao menos, dois espaços físicos ou sociais. Estas divisões se constroem socialmente através dos diferentes modos de produção e dos ordenamentos sociais que constituem um território. Existem fronteiras que são determinadas juridicamente, assim também existem fronteiras que são resultado de diferenças nas práticas sociais, culturais e econômicas de duas ou mais populações, antes que de divisões legais (VELEZ, 2012).

O croqui 1986-2001 (Desenho 12) localiza a comunidade do lado esquerdo da ilha na zona da várzea, segundo os moradores, o deslocamento se deu pela erosão do solo, enchendo a zona da várzea e alagando as vivendas. Os outros elementos como a fronteira, o rio Amazonas e as Ilhas de Santa Rosa e Rondina, permanecem no desenho.

O croqui 2002-2007 (Desenho 13) não localiza a comunidade na ilha de Rondina como aconteceu nos dois desenhos anteriores. A comunidade passa ao outro lado do Rio Amazonas, perto da Quebrada Gamboa, acontecimento que segundo os moradores é atingido ao problema da enchente que embora tivessem dois deslocamentos na ilha de Rondina, não fechou a alagação da suas casas e das suas roças, procurando assim do outro lado do rio um lugar mais estável. São desenhadas mais do dobro das moradias, fato relacionado com as histórias contadas dos moradores que para estas datas a comunidade tinha 50 famílias. Também foram desenhados o cenário esportivo e uma zona representativa do mato.

Desenho 12 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 1986-2001.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Desenho 13 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 2002-2007.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O quarto deslocamento, croqui 2008-2014 (Desenho 14) localiza a comunidade mais perto ainda da quebrada Gamboa, devido segundo os moradores pela existência do “Barranco”, onde cada vez a água leva mais terra e assim leva todas as habitações, sendo preciso continuar procurando um lugar mais seguro e estável. Os elementos do croqui além das vivendas, são os cenários esportivos, casa comunitária e escola. Outra nova referência neste croqui em relação as anteriores datas é o desenho da comunidade de Chineria que tem uma localização similar à da comunidade de Gamboa, ficando perto da Quebrada Chineria. Isto pode se atribuir a constante comunicação que tem a comunidade de Gamboa com outras comunidade próximas.

Desenho 14 - Croqui da localização da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para a data 2008-2014.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O croqui de 2014 (Desenho 15) detalha mais a distribuição da zona do mato, zona da moradia, Quebrada Gamboa, e a zona do mato do lado da Q. Gamboa. Neste desenho aparecem animais como aves, as quais durante toda a pesquisa foram as espécies mais visíveis e diversas, também são desenhadas as canoinhas que ficam na beira da Q. Gamboa e que geralmente cada vivenda tem uma. O ecossistema do mato fica atrás da zona da moradia e na frente ao outro lado da Q. Gamboa. As infraestruturas que no desenho diferem das vivendas, são as escolas que tem uma arquitetura diferente, além de ser feitas em cimento.

Desenho 15 - Croqui da Comunidade Indígena Gamboa-Loreto-Peru para o ano 2014.

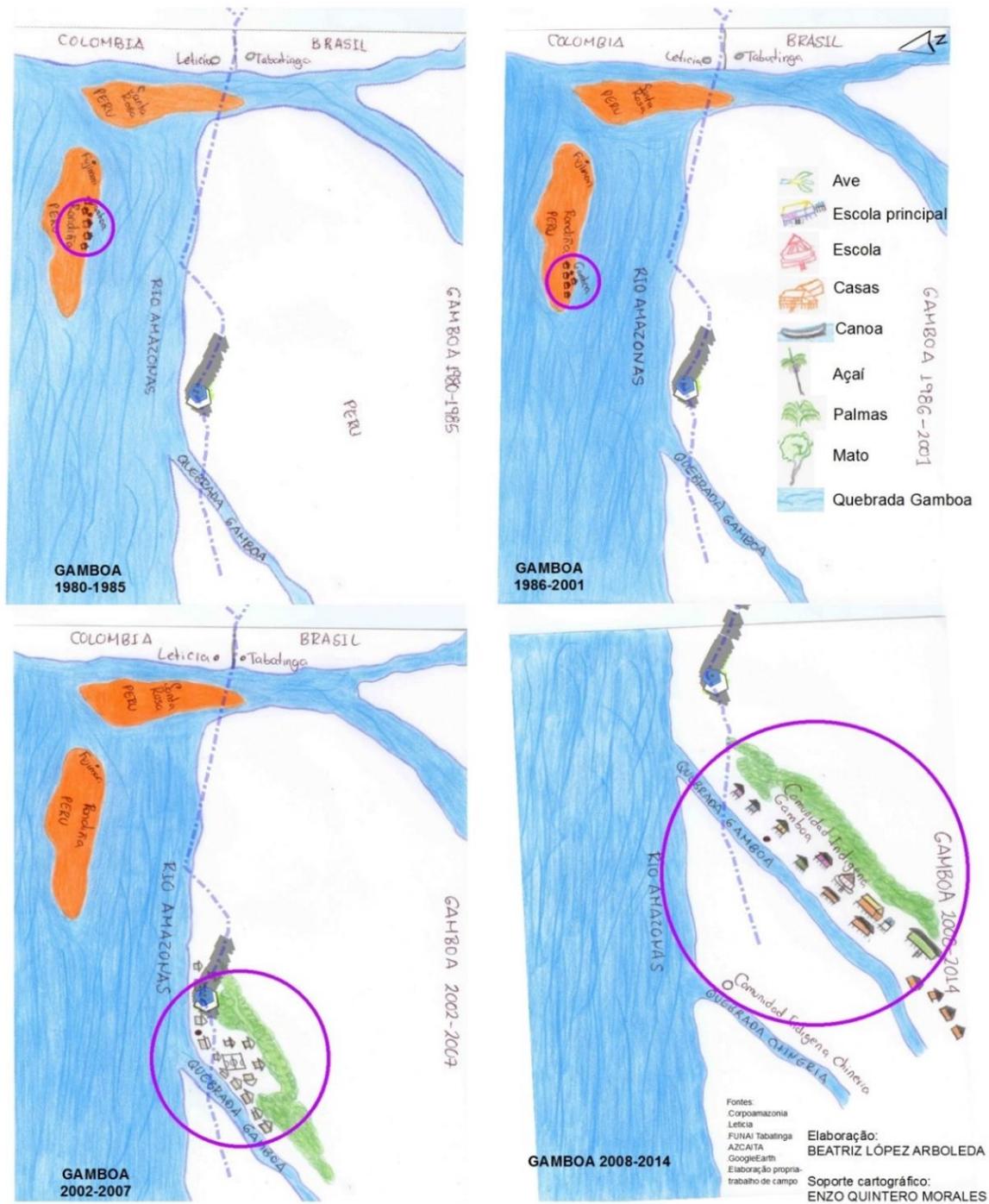


Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O Desenho 16 é o resultado da fusão da cartografia social feita pela comunidade com a informação digital, que para a presente pesquisa foi informação primária levantada no trabalho de campo com GPS, referenciando diversos elementos que para o caso dos croqui multitemporais foi tomado a linha da quebrada Gamboa como referência para associar os croqui desenhados. O círculo lilás mostra como através dos anos, a comunidade de Gamboa foi se deslocando até chegar a sua zona atual.

A relação entre a informação cartografia e a digital defere mais do que as outras comunidades, embora os desenhos mostrem o *rio Amazonas* quase sobre a mesma linha, também deve se lembrar que a escala de percepção foi muito grande já que para eles as mudanças no território não são sobre um mesmo território se não sobre 4 diferentes territórios aos quais se tem visto obrigados a deslocar-se devido a fenômenos naturais de enchentes e a fragilidade do solo.

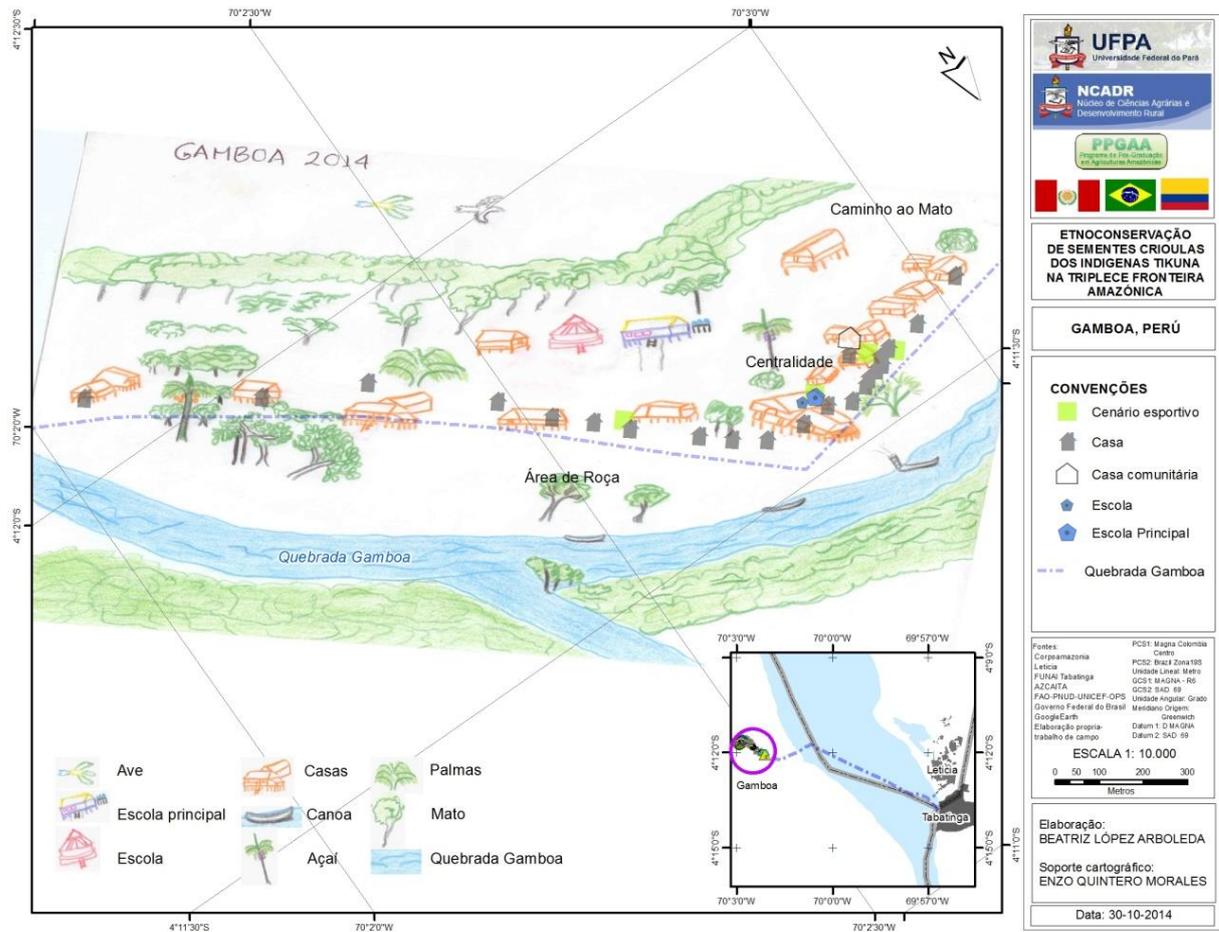
Desenho 16 – Croqui multitemporal da Comunidade Indígena Gamboa, Peru.



**ETNOCONSERVAÇÃO DE SEMENTES CRIOLAS DOS INDÍGENAS TIKUNANA TRIPLECE FRONTEIRA AMAZÔNICA**

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Mapa 4 - Mapa da comunidade Nativa de Gamboa, Peru.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O Mapa 4 além de utilizar o croqui da comunidade de Gamboa para o ano 2014 é superposto nos pontos georreferenciados da Q. Gamboa, o cenário esportivo, as casas e escolas os quais na sua localização foram muito similares aos desenhos feitos nos croqui. No lado inferior esquerdo é descrito o ponto da comunidade Gamboa e o seu percurso até chegar à cidade de Tabatinga (trecho que foi também georreferenciado). Os atributos (legenda) no lado inferior direito, igual que para as comunidades de San Sebastian e Umariçu foram tratados e transportados da cartografia social ao programa ArcGis para conservar os desenhos dos participantes.

Após de apresentar os valiosos resultados oferecidas pelos moradores de cada comunidade estudada, a través dos seus relatos, das suas vivencias individuais e coletivas e dos seus desenhos em relação à pesquisa sobre a trajetória, foi possível realizar um análise geral daqueles dados.

A narrativa é um ato de passagem pelo qual o narrador retoma, de acordo com os processos associativos, os espaços e os tempos esparsos e polimorfos de sua existência em um espaço-tempo construído e unificado (DELORY MOMBERGER, 2000 apud DELORY MOMBERGER, 2006). Motivo pelo qual a presente pesquisa em ocasiões desenvolveu a fala das histórias de forma paralela com o desenho dos mapas elaborados pelos participantes. É assim que a narrativa se constitui no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma interrelação singulares (DELORY MOMBERGER, 2006). Podemos assim analisar que a narrativa é um elemento cíclico, que pode ser reconstruído, depende do momento em que ele é retomado, dos tipos de interpretação e do contexto onde pode acontecer.

As narrativas sobre as sementes contam sobre quem trouxe as sementes, quais sementes e qual é o jeito de serem espalhadas. Especificamente é narrado o jeito de como foi que se criaram os canaguchales (buritizais). Para as crenças ocidentais se poderiam catalogar como histórias fora da realidade (fantástica), mas para os Ticuna, são histórias reais que requerem respeito, até para ser faladas.

*“O jeito como são disseminadas as sementes é segredo: úune (sagrado, segredo, não termina, sempre continua produzindo, pequeno, grande, adulto, morre e volta a nascer)”. (Relato Francisco, RISSL)*

Outra forma de compreensão da história para os Ticuna são os significados dos elementos da natureza como sagrado e segredo e que é por meio dessa magia que podem se realizar as suas práticas ancestrais como a agricultura, a pesca e o artesanato.

*“As histórias de como nossos avós fazem o processo do tucum, a sua recolecção e tintura, é sagrado, se precisa pedir licença de respeito à natureza. Em muitas ocasiões a recolecção e a tintura se realiza em locais afastados e depois trazidos à comunidade. Por isso acontece que tem mulheres com dor nas mãos, é porque não pedem licença para pegar o tucum”. (Ruth, R.I.S.S.L)*

Os contos, mitos, lendas e rituais contados pelos moradores das três comunidades, ofereceram informações, fatos importantes que no momento de serem relatados foram percebidas expressões corporais, tipo de entonação e emoção dos que a relatavam, o que denotava a importância e apropriação de tais fatos. Embora

no momento de serem relatadas, os que a escutam podem não aceitar ou acreditar nelas, os que contam só precisam da sua própria aceitação e pedem o respeito de escuta-os.

Encontram-se nos contos, mitos ou lendas relatados, a estreita relação do povo Ticuna com a natureza, esta relação existe pela visão de que sua existência faz parte da natureza, não existe uma separação. O entorno é um só, todos tem um papel e importância dentro da realidade, o tempo é contemplado de forma cíclica, da forma em que funciona a natureza.

A percepção que apresentam os Ticuna sobre as sementes, plasmada nas suas práticas tradicionais, evidenciam a sua visão do entorno natural, entendo que a percepção é precisamente, segundo Milton (2002), Ingold (2000) apud Durand (2008), a interação com o meio ambiente, onde tal interação se traduz em conhecimento. Este tipo de percepção, chamada de percepção ambiental, segundo a antropologia mexicana, é entendida como um processo social de assinação de significados dos elementos do entorno natural e aos seus cursos de transformação e/ou deterioro. Esse ponto de vista que assume a inexistência de uma realidade objetiva, tem sido muito importante para demonstrar que os processos de degradação ecológica são compreendidos e interpretados de formas muito diversas pelos distintos setores da sociedade (DURAND, 2008).

As histórias relatadas pelos moradores das três comunidades são elementos importantes na conformação da percepção sobre a natureza. As experiências pessoais, as histórias familiares, as lembranças, as amizades se produzem num contexto social (DURAND, 2008).

As práticas ancestrais e os processos involucrados nelas, são considerados pelos Ticuna como sagrados. Pedir licença a natureza é a forma de desenvolver as práticas que involucram o uso dos seus recursos. Em ocasiões alguns dos processos são conservados em segredo já que desta forma se garante o respeito a natureza e por conseguinte o equilíbrio com ela. O cumprimento dos rituais é a forma de garantir este respeito e de reafirmar as crenças, o não cumprimento delas irrompe na realidade e quebra o equilíbrio estabelecido com a natureza. Em relação ao anterior, a perspectiva ambiental segundo Durand (2008) permite compreender a realidade Ticuna já que além de se fundamentar na interação como o meio ambiente, baseia-se no conjunto de normas, pressupostos e valores que resultam da vivência do entorno natural e permitem compreende-lo e explica-lo.

Embora tem se debilitado os aspectos culturais, a união familiar é conservada na atualidade, o resgate e a necessidade de conservar a cultura a través da realização dos rituais, embora não sejam realizadas em todas as comunidades indígenas, existem algumas que continuam realizando-os e convocam às outras comunidades para que participem e assim manter vivas as práticas tradicionais.

O xamã e medico tradicional, são figuras importantes dentro das Comunidades Indígenas Ticuna, eles possibilitam, a través do uso dos recursos naturais por meio do conhecimento tradicional, a proteção ante feitiços e a cura de doenças. O quase desaparecimento deles (xamãs e medico tradicionais) nas Comunidades Indígenas Ticuna estudadas, evidenciam as mudanças culturais no seu território como consequência das influencias de novas culturas possibilitadas pela existência da Tríplice Fronteira e o paulatino crescimento urbano que estas tem tido.

Em relação as sementes, as histórias dos Ticuna fazem relação a dispersão das sementes fazendo distinção das sementes utilizadas na agricultura e as sementes do mato. Os ancestrais Ticuna; Yoi e Ipi, também são participes nas histórias sobre as sementes, em especial a história sobre as dispersão do buriti. Assim como o buriti, outros frutos carregam sabedoria e proporcionam habilidades aos Ticuna como esculturas e tecidos, de grão valor no momento dos rituais.

As histórias de vida narradas por alguns dos moradores das três comunidades, contribuíram para estabelecer uma relação entre as lembranças individuais com os fatos principais acontecidos no território a través do tempo. Numa das histórias de vida, é importante destacar a expressão *“Eu acho que na minha geração fecha toda a tradição”* é uma forma de manifestar a preocupação pela perda da cultura Ticuna, em especial da pouca importância que atribui a nova geração às tradições inerentes a sua cultura. O fato de relatar as histórias ancestrais é a forma de manter viva a tradição, mas existe também um modo de conta-as ou omiti-as com o fim de respeitar as regras da sua cultura.

Os pais e os avós foram os que transmitiram e ainda transmitem o conhecimento sobre as práticas tradicionais segundo as histórias relatadas; a transmissão do conhecimento tradicional encontra-se relacionado com a conservação de espécies devido aos mecanismos de não impacto e sim de relação de respeito no uso e manejo da natureza.

A abundancia faz parte do passado e a escassez do presente. A diversidade e grão quantidade de espécies é lembrada pelos moradores das comunidades, em

especial dos moradores do R.I.S.S.L pelos processos de pressão sobre o território que vivenciam na atualidade.

Em relação à história das comunidades, Umariáçu II e San Sebastian de los Lagos, apresentaram o mesmo comportamento em relação ao deslocamento da zona de várzea a terra firme, fato que atende a sucessos naturais como alagações ocasionando perda de moradias e plantações o que obrigou aos iniciais moradores a se deslocar, procurando terra firme. Esse acontecimento difere da comunidade de Gamboa, devido a sua posterior fundação. Embora sua primeira locação foi após as grandes alagações pelas que vivenciaram San Sebastian e Umariáçu, os Ticuna de Gamboa, passaram por quatro deslocamentos mas sempre em procura de zona várzea.

A proximidade das comunidades de Umariáçu e San Sebastian de los Lagos aos centros urbanos de Leticia e Tabatinga, levaram que no transcorrer do tempo, os seus territórios se transformaram pelo incremento da população, trazendo consigo a adequação de novas infraestruturas, oferecimento de serviços básicos e zonas de moradia.

A existência das espécies usadas e manejadas pelos Ticuna, sofreram transformações no território a traves do tempo. A escassez e falta delas, ocasionaram uma dificuldade para o acesso as mesmas, o que reduz de certa forma as práticas tradicionais que implicam o uso e manejo das mesmas, fato preocupante já que desta forma são práticas que na atualidade estão se debilitando.

Na atualidade, alguns das lideranças das comunidades, tem emprego nas cidades próximas, embora eles não dedicam ao mesmo tempo que em épocas passadas nas suas práticas tradicionais, desde sua posição fazem gestão e procuram benefícios para suas comunidades, por exemplo na formulação de projetos para o resgate dos conhecimentos tradicionais.

A trajetória, relacionada como a evolução dos atributos num tempo e espaço (plasmado nas histórias e na cartografia social) é uma forma de vivenciar as comunidades indígenas estudadas. Na construção da trajetória é evidente o uso do conhecimento tradicional aplicado nas suas práticas ancestrais sucesso que atende a abordagem da etnoconservação.

Não obstante os trabalhos de cartografia social e de obtenção de dados sobre história precisem de tempo, foi possível materializar uma síntese da trajetória das comunidades que, embora não tem informações exatas devido a diversidade das

fontes de informação e aos diferentes universos que apresentam os relatos individuais e coletivas, apresentam a realidade dos moradores sobre as mudanças no seu entorno, e tendo em conta de que estes resultados são subjetivos, deve-se analisar segundo Harley (1989; 1991 apud VELEZ, 2012) em relação ao contexto sociohistórico em que é construído. Eles não perdem importância pela sua falta de precisão, pelo contrário, sua riqueza consiste em refletir as visões e dinâmicas de uma comunidade num espaço dado. Neste sentido, é necessário compreender que os mapas não são neutros nem objetivos, e que, por esta razão, não estão isentos dos segredos e de outras estratégias sociais e políticas das comunidades. Uma das formas em que se evidenciam estas situações e posições de uma comunidade é através dos silêncios cartográficos ou dos vazios voluntários e involuntários num mapa (VELEZ et al., 2012). Nos resultados cartográficos o silêncio vem se evidenciado na existência de “vizinhos” fazendeiros nas comunidades de San Sebastian e Gamboa, mesmo porque foram as preocupações mais comentadas pelos moradores da comunidade, não foram plasmadas nos mapas.

Quando falamos de cartografia social, fazemos referência ao mapeamento temático representado nos croqui multitemporais feitos nas três comunidades. As representações dos atributos desenhados, junto com as informações das histórias das comunidades deram conta da representação e interpretação que tem os atores locais sobre o território. Os três mapas obtidos de cada comunidades, foram o resultado do cruzamento destas informações obtendo assim uma nova representação dos seus territórios e oferecendo desta maneira, ferramentas que possibilitam o que fazer. Em torno a este “fazer”, encontram-se os diversos atores sociais, institucionais e acadêmicos que contribuem com suas políticas locais, pesquisas e projetos de desenvolvimento no acionar sobre o território.

Um dos problemas e conflitos no território das três comunidades indígenas Ticuna e provavelmente em muitas outras é que os Estados de cada país, estabelecem limites territoriais que não fazem parte da visão do território Ticuna, a qual corresponde a uma visão sistêmica, que contempla zonas de moradias, os igarapés, mato, zonas de várzea, até a mesma tríplice fronteira, zonas que servem de canais de comunicação e são compartilhadas com as suas comunidades vizinhas já que todos tem seu sustento nos recursos naturais destes locais. Embora seja preciso a assinação do território de forma legal e segundo as normas dos Estados de cada país, nem sempre são cumpridos, já que são utilizados meios de repressão por parte

de agentes externos que querem se apropriar dos seus territórios para estabelecer outro tipo de práticas produtivas, fato preocupante que requer de uma estrita fiscalização e atendimento imediato.

#### 4.2.2 Práticas Ticuna em Torno as Sementes

A etnoconservação das sementes desenvolvida pelos Ticuna, é baseada no uso, manejo e respeito da natureza, adquirindo assim um conhecimento dos comportamentos e manifestações do ambiente propiciando a preservação e conservação de espécies que na atualidade combate uma luta de perda da terra e das suas práticas ancestrais influenciadas pelos novos costumes adquiridos de civilização das cidades vizinhas.

O papel da etnoconservação que faz parte da cultura Ticuna é um tipo de conservação com foco interdisciplinar que contempla as práticas Ticuna como formas de conservação da biodiversidade, indispensável para acionar frente as problemáticas atuais que são mantidas nas diversas relações de intercâmbio de conhecimento e de produtos autóctones, para ter um exemplo uma das falas das avós e dos avôs da comunidade de San Sebastian de los Lagos:

*“Para procurar e ter sementes, hoje se tem que semear, o problema é que não se tem tempo para semear e pior ainda não temos terra, falta terra para a gente. Com as sementes se tem que fazer uma reflorestação como espécies de abai e “ojo de Dios”, para isso temos que procurar um lugar perto do igarapé para reflorestar, ai teríamos problema com as pessoas que não tem respeito, elas vem para tirar o mato”. (Relato avôs, R.I.S.S.L)*

Assim, as práticas sobre as sementes identificadas nas três comunidades indígenas Ticuna têm a mesma base mas apresentam algumas diferenças dependendo do seu contexto. Na comunidade de Gamboa são referenciadas as sementes nas práticas agrícolas, em especial, as que são manejadas no armazenamento artesanal para a safra seguinte. Na comunidade de San Sebastian de los Lagos nas fibras de palmeiras e sementes para o artesanato, artes da pesca e frutos do mato significativos, e na comunidade de Umariáçu II nas fibras de palmeiras e sementes e frutos utilizados para o artesanato e nas sementes das roças para o

armazenamento. São referenciadas brevemente as espécies vegetais utilizadas nos rituais e as sementes mais utilizadas nos processos de troca-venda e presentes.

Nesta temática são identificados os tipos de práticas além das pessoas que as fazem. Uma compreensão sistêmica das sementes na tríplice fronteira contempla diversas perspectivas, sendo que a floresta, a roça, a mitologia e o rio, representam o contexto das sementes nas comunidades indígenas Ticuna estudadas. Porém, existe outros contextos que têm muito a ver com a situação de fronteira como são os vínculos com instituições públicas e privadas e os canais de mercado, contexto que para o presente trabalho é abordado nos dados sobre redes de intercâmbio, venda e presenteio que existem nas três comunidades na situação de fronteira.

São então referenciadas as sementes na floresta que são utilizadas como alimentos, elementos para o artesanato e nos rituais. No rio, as sementes são utilizadas como isca nas artes de pesca, além de serem transportadas como canais de disseminação. Na roça correspondem aos alimentos e também são encontradas espécies para o artesanato.

O mercado tem seu cenário dentro das comunidades e nas cidades vizinhas de Tabatinga e Leticia principalmente, onde acontecem compra, venda e escassamente intercâmbio de sementes já que esta última acontece mais entre comunidades indígenas e com mais frequência nas comunidades com vínculos familiares. Outro tipo de canal das sementes são os tipos de fornecimento de sementes e fortalecimento no intercâmbio de saberes que apoiam os Estados de cada país e ONG's, especificamente nos projetos de desenvolvimento rural ou de apoio e fortalecimento da segurança alimentar dos povos indígenas.

Apesar da proximidade com a área urbana, os Ticuna continuam tendo sua produção agrícola e artesanal regida pelos ciclos das águas, o que não os diferencia de outras comunidades localizadas na Amazônia. O tempo de enchente, cheia, vazante e seca determina o quê e onde será a produção<sup>44</sup>. Essa decisão também é influenciada pelos hábitos alimentares que determinam os tipos de cultivo e criação de animais realizados por essa etnia. Porém, não são apenas esses fatores que influenciam a decisão do produtor, mas também as pressões externas, dos não indígenas, que modificaram e modificam seus hábitos alimentares, sociais,

---

<sup>44</sup> O caso da influência dos ciclos das águas tem muito a ver com a Comunidade Nativa de Gamboa por se localizar numa zona de várzea. As comunidades indígenas de Umariçu II e San Sebastian não tem uma influência tão forte pelos ciclos devido a sua localização tanto em terra firme como em várzea.

tecnológicos e de produção. “Para o índio, os resultados desse choque foram sumamente graves: houve mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares [...]” (BATISTA, 2007 apud MACHADO, 2014).

As práticas dos Ticuna são desenvolvidas em um tempo e espaço determinado. Segundo as informações coletadas nos dados sobre a trajetória das comunidades, além de tabelas elaboradas com os moradores, foi possível identificar de forma introdutória as práticas relacionadas as sementes, quais são as espécies mais utilizadas e o seu uso num tempo e espaço determinado.

Quadro 3 - Características de algumas espécies referenciadas pelos moradores das comunidades San Sebastian de los Lagos, Umariáçu II e Gamboa.

NOME DA ESPECIE	NOME EM TICUNA	TIPO DA ESPECIE	USO	FREQUÊNCIA	ACESSO	ÉPOCAS
Abacate	Jumachire	Árvore	Comestível, a semente para tintura	Fevereiro	Nos quintais ou compradas	Fevereiro
Açaí	Waira	Palmeira	Comestível, tintura	Cada 15 dias	Quintais	Março a maio
Araçá		Árvore (frutífera)	Comestível	Março	Roça	Março
Arroz		Cereal	Comestível	Setembro	Várzea	Setembro
Arumã		Palmeira	Artesanato, para fazer o tipiti, peneiras e cestos	Quando se precise	Mato	Todo o tempo
Açafrão	Depámj	Herbácea	Comestível, tinta	Quando se precise	Quintal	Sem época
	Bure	Palmeira	A folha para tintura	Quando se precise	Mata virgem	Sempre
Bacaba	Borua	Palmeira	O fruto comestível		Mato e roça	
Banana (pindorito, ceda, plátano)	Cheda	Herbácea grande	O fruto como alimento	Depende	Quintal e roça	Depende
Buriti	Têma	Palmeira	O fruto como alimento e raspa a semente para fazer colar (artesanato)	Maio	Mato, várzea e roça	Maio
Caimo	Taw	Árvore frutífera	O fruto como alimento	Maio-junho	Quintal, roça	Maio-junho
Cana	Denechikw	Arbustivo	Alimento	Setembro	Várzea	Setembro
Caraná	Chuã	Palmeira	Folhas para o teto das casas	Depende	Mata virgem	Escassa
Cebola	Chabura	Hortaliça	Alimento	Agosto-setembro	Roça	Agosto-setembro
Cilantro	Chikuri	Hortaliça	Alimento	Todo o tempo	Quintal	Todo o tempo

Coco	Coco	Palmeira	Para fazer colar e as pulseiras para as crianças	Quando se precise	Mato	Outubro
Cupuaçu	Kupu	Árvore frutífera	O fruto como alimento	Março-abril	Roça	Março-abril
Goiaba		Árvore frutífera	Alimento	Agosto-setembro	Quintal	Agosto-setembro
Jenipapo	É	Árvore	Fruta comestível. Sagrada (tintura nos rituais e no artesanato).	Em épocas	Restinga (zona várzea)	Maior a julho
	Kumaka	Bejuco	Tinta para totumo e remos		Mata virgem	Já não se encontra
Maracujá	Bôra	Arbustivas trepadeiras	Fruto como alimento	Junho	Roça	Junho
Melancia		Herbácea trepadeira	Alimento	Setembro	Várzea	Setembro
Milho	Chaww	Cereal	Alimento	Setembro	Roça	Setembro
Morango nativo	Weribj	Herbácea	Comestível, tintura	Cada mês	Mato	Março a julho
Pimenta		Hortaliça	Alimento	Agosto-setembro	Roça e quintal	Agosto-setembro
Pimenta de Cheiro		Hortaliça	Alimento	Agosto-setembro	Roça e quintal	Agosto-setembro
Pimentão	Meé maicurane	Hortaliça	Alimento	Agosto-setembro	Roça e quintal	Agosto-setembro
Pau-Brasil	Menekj	Árvore	Tintura	Depende	Bosque	Escasso
Pepa negra	Naico	Arbustiva	Para tinta e alimento para peixe	Depende	Quintal e várzea	Difícil acesso
Piña (abacaxi) (com espina, sin espina, roja e caimanes)	Chinwchikw	Herbácea	Alimento	Março-abril	Roça	Março-abril
Pupunha	Itú	Palmeira	O fruto como alimento e a tintura da folha verde misturada com a folha de mato pasto	Março	Roça	Março a maio
Sangre de grado	Jowpatw	Bejuco	Sávia para tinturas, curas e cicatrizante	Depende	Mato virgem	Sem acesso, extingue-se pela exploração
Tamicho	Tuún	Bejuco	Para fazer cestos e vassouras	Quando se precise	Na mata virgem	
Tomate	Tomate	Hortaliça	Alimento	Agosto-setembro	Quintal	Agosto-setembro
Tucum	Naí	Palmeira	Comestível, para artesanato, medicinal e uso ritual	Depende	Restinga e roça	Agosto-novembro

Tucumã		Palmeira	O seu fruto é comestível e as folhas da palmeira para fazer cestos	Quando se precise	Mato	Fevereiro
Tururí		Árvore	Artesanato, elaboração das roupas, máscara e quadros de pinturas	Depende	No mato e no quintal	Escassa
Ubo	Yomero	Árvore	Uso ritual, tintura da rama. Alimento para tartarugas e pessoas	Segunda época	Zona de várzea e é semeada em zona alta	Fevereiro até metade de março
Urucum	Ütaa	Árvore	Fruto e tintura para artesanato	Quando se precise	Quintal	Março
Uva caimaronã		Árvore frutífera	Fruto como alimento			
	Om	Bejuco	Folhas pequenas para tintura	Quando se precise	Quintal	Todo o tempo
Mandioca (Yuca brava)	Twe	Tubérculo	Alimento: farinha	Agosto-setembro	Roça, quintal e várzea	Agosto-setembro
Macaxeira (Yuca Dulce)	Twe	Tubérculo	Alimento: em patarasca e bebidas	Agosto-setembro	Roça e quintal	Agosto-setembro

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Como demonstra o Quadro 6, são evidenciadas uma totalidade de 42 espécies como as mais utilizadas pelos moradores das três comunidades indígenas Ticuna estudadas; 11 árvores, 4 Cipós, 10 palmeiras, 3 arbustivas, 5 herbáceas, 6 hortaliças e 2 cereais, com usos para alimento, artesanato, pesca, ritual e medicinal.

Dentro das espécies de uso ritual, encontra-se o coco, a semente de coco, utilizada para fazer artesanato, especificamente pulseira para as crianças a modo de proteção contra doenças, o jenipapo para extração da tintura que é aplicada nas festas rituais, as folhas de Buriti e Tucum para adequação de cenários rituais, o Tururí para a fabricação de máscaras e roupas utilizadas em rituais e o Ubo para a moça nova.

O buriti, também conhecido como *Aguaje* ou *Canangucho* na Colômbia e no Peru, localiza-se principalmente em zonas inundáveis onde conforma densas populações chamadas de canaguchales (buritizais no Brasil). Estas áreas são muito importantes ao nível de ecossistemas pelo fluxo de nutrientes e por ser a base da alimentação de numerosas espécies animais<sup>45</sup>. Seu principal uso é a polpa muito nutritiva, sendo uma das principais fontes de vitamina A para os habitantes da Amazônia (NAVARRO et al., 2010).

<sup>45</sup> Exemplo disso é referenciado no item dos animais dispersores de sementes.

O uso do buriti foi muito observado durante a sua época de safra (maio-junho) na comunidade de San Sebastian de los Lagos, numa das casas vizinhas amoleciam ele na água quente, para fazer uma pasta grossa (polpa) a qual era principalmente consumida nas casas e também vendida na cidade de Leticia. Também na comunidade de Umariáçu II, este fruto além do seu uso artesanal para fazer colares, é muito utilizado para elaborar *puriche* (picolé em saquinhos plásticos) de buriti.

O artesanato de arumã é utilizado para fazer utensílios tais como tipiti (espremedor da massa de mandioca), peneiras e cestos. Pesquisas sobre esta espécie tem se adiantado no Rio Negro, especialmente sobre seus aspectos socioambientais. Segundo SHEPARD et al. (2004) o arumã tem um papel importante no ciclo da agricultura e manejo agroflorestal, já que duas das principais espécies de arumã utilizadas no artesanato fazem parte da regeneração natural de florestas em roças e capoeiras.

O espaço relacionado com os locais de acesso foi catalogado pelos moradores das comunidades como quintais, mata, mata virgem, restinga (várzea) e roça. O acesso a espécies hortaliças é mais comum na comunidade de Gamboa nas épocas de seca que é onde podem desenvolver suas safras já que por morar na várzea, durante a época de cheia alaga ao redor sendo difícil cultivar. Na terra firme, no caso das comunidades de San Sebastian e Umariáçu II é mais comum encontrar espécies herbáceas, arbustivas e árvores frutíferas que tem uso comestível, ritual, para pesca e artesanal.

As épocas de acesso são de acordo com as épocas de safras de determinada espécie, porém, algumas das espécies como sangue de grado (*Croton draconoides*), Caraná (*Lepidocaryum*) e Kumaca (nome em Ticuna, não foi possível referenciar o nome em espanhol nem em português) são consideradas escassas ou extintas.

Embora todas as espécies mencionadas no Quadro 6 são de frequente uso e de grande importância para os Ticuna, para a presente pesquisa, são citadas as espécies relacionadas com as seguintes temáticas.

#### 4.2.2.1 As sementes nos rituais

As sementes também têm seu papel nos rituais Ticuna, em especial, na festa da moça nova<sup>46</sup>, sendo utilizadas fibras de palmeira que são oferecidas aos convidados da festa, a construção do cercado da moça feito da palha do Buriti, a pintura facial feita do Jenipapo, máscaras de Tururí, e os alimentos e bebidas baseados em sua maioria da mandioca e do peixe em abundância para os convidados.

Em relação a prática de pintar com jenipapo, pode ser realizada por ambos os sexos e é empregada hoje em dia apenas durante os rituais, por todos os participantes, inclusive crianças. Essa pintura do jenipapo, já no primeiro dia da festa da moça, tem a função social de identificar o clã ou nação, como dizem os Ticuna, de cada pessoa. É possível detectar em alguns ornamentos faciais uma certa similaridade com a natureza, ou seja, como os animais e as plantas que dão nome aos clãs. Além da função social de especificação do clã, pintar-se na festa é um ato obrigatório. A decoração corporal das jovens e crianças iniciadas, por sua vez, é realizada segundo normas rigidamente estabelecidas (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2008).

Outros estudos se têm adiantado na fronteira desde o início das pesquisas sobre os Ticuna como os registros e coleções de artesanatos pertencentes ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Faulhaber (2004) fala sobre os artefatos etnográficos nos rituais, no caso as máscaras e seus significados e sobre o interesse dos indígenas de conhecer os artefatos que já tinha levado os museus, para mostrar aos mais novos já que eles na atualidade não sabem fazer. As fibras de palmeiras fazem parte da cultura Ticuna, tanto na arte como nos rituais. Segundo relatos da autora, na sua participação da festa da moça (ritual mais conhecido dos Ticuna), as fibras de palmeira como buriti, tucum e babaçu, são trazidos em feixes preparados pela irmã do pai da moça. "Essas palmeiras, associadas ao simbolismo da fertilidade, são utilizadas em danças rituais". Talas de buriti e caraná são utilizadas para a construção do recinto onde vai ser reclusa a moça. Os produtos artesanais como as redes são levados pelos visitantes e são penduradas numa área específica.

---

<sup>46</sup> O ritual da moça nova refere-se ao ritual de iniciação na puberdade. Uma das suas finalidades é proteger a família da moça nova de perigos e trazer a bonança na alimentação representada nas boas safras e pesca (fala dos moradores das comunidades indígenas Ticuna).

Conforme ao anterior, estes tipos de elementos também são utilizados nas festividades das comunidades indígenas Ticuna, como foi o caso da comunidade Indígena Ticuna Umariáçu II, sendo realizada uma apresentação da cultura Ticuna em desfiles, representação de rituais, eventos esportivos, alimentos típicos e barracas de artesanatos durante 5 dias (13-17/08 de 2014). No desfile do aniversário apresentaram vestimentas de Tururí com desenhos de animais (Fotografia 7 A, B e C), meninos pintados de jenipapo com colar de caracóis nas costas e penas penduradas (Fotografia 7 D), fibras para fazer artesanato (Fotografia 7 E) e um palco de inauguração da festividade onde assistiram diferentes instituições da cidade de Tabatinga e foram convidadas comunidades indígenas da Colômbia e do Peru.

Fotografia 7 - Desfile festa do aniversário da comunidade Indígena Ticuna Umariáçu II, 2014. **A)** Vestimenta feita de Tururí com desenho de macaco. **B)** Representantes da associação ACIU-EWARÉ. **C)** Vestimenta de Tururí com desenho de ave. **D)** Abertura da festividade do aniversário da comunidade Umariáçu II. **E)** Meninos pintados de jenipapo e com vestimentas típicas Ticuna. **F)** Representante da associação ACIU-EWARÉ apresentando os fios de palmeira para fazer artesanato.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Por outro lado, assim como as sementes têm sua importância nos rituais, também para o povo Ticuna é importante conhecer a sua origem. De acordo com as histórias narradas na trajetória, a origem das sementes é atribuída ao veado:

*“As avós falam que as sementes foram trazidas por um veado, porque antes não tinham sementes. O veado trouxe uma cesta de sementes, de todas as classes, o veado as repartiu e falou “com estas sementes vão ter cada um suas parcelas, sementes de mandioca, abacaxi, caimo, banana, são sementes para agricultura”. (Francisco, R.I.S.S.L)*

Assim como a libélula foi referenciada nas histórias Ticuna contada pelos moradores das comunidades, sobre a sua dispersão da semente de buriti e do veado como quem trouxe as sementes para cultivar na roça, segundo Faulhaber (2004) a ave *Piuri* que é desenhada na indumentária *Tou* (ritual) também é referenciada em um fragmento mítico sendo ela quem trouxe para o povo *Maguta* as sementes das plantas que eles cultivam. Este tipo de histórias apresentam uma relação entre a criação das sementes com os animais como aves e mamíferos que são conhecidos por serem dispersores naturais de sementes, referenciados a continuação.

#### 4.2.2.2 Dispersão das sementes

Os mecanismos de dispersão são um fato essencial na distribuição natural das espécies e na mobilização e intercâmbio de material genético dentro e fora das populações. Sua efetividade depende de dois fatores: as características físicas e morfológicas das unidades de dispersão e a presença de barreiras climáticas e edáficas que limitam o crescimento e desenvolvimento de novos indivíduos (DE NOIR, 2002).

Na abordagem do tema sobre as sementes nas comunidades indígenas Ticuna estudadas, além do referenciamento das sementes utilizadas na roça e no artesanato como temas mais repetitivos, também foi abordada a dispersão das sementes, sucesso que pode-se atribuir tanto a sua estreita relação com a natureza e ao respeito da função que cumprem os que moram nela e que vê-se representada na sua cosmologia tendo como exemplo a narrativa das histórias Ticuna como a dispersão das sementes do buriti.

Os moradores das comunidades narram que as sementes e em especial as sementes do mato, são disseminadas e semeadas pelos animais muito melhor que um deles:

*“Não é fácil semear sementes do mato, um exemplo é o buriti, para você semear, tem que virar de costas e jogar a semente pra trás, assim que tem que ser semeadas, mas mesmo assim não garante uma boa produção, essas sementes são melhor semeadas pelos animais”. (Relato filha do Tertuliano. C.I.G)*

É assim que os moradores nos falam da qualidade nos processos de dispersão das sementes, fato que para Colombo Speroni e de Viana (2000 apud de NOIR, 2002) está vinculado com os distintos aspectos tais como características do sítio, das unidades dispersantes e dos agentes. Os vertebrados são os agentes de dispersão mais importantes nos trópicos úmidos enquanto que os ambientes mais secos predomina a dispersão pelo vento e formigas (WUNDERLE, 1997 apud de NOIR, 2002). A Amazônia sendo trópico úmido, e segundo a cosmologia dos Ticuna, os principais dispersores são os mamíferos e as aves.

*“As sementes do mato são experimentadas pelos pássaros tucanos, papagaios e araras, diferentes espécies de aves e porcos do mato trazem sementes, vão pelo mato e depois vomitam ou cagam as sementes e crescem como o açaí, a bacaba, muitos frutos do mato”. (Francisco, R.I.S.S.L)*

Como agentes dispersores de sementes, as aves têm um imprescindível papel na regeneração de florestas, além de introdução de espécies em pastagens, principalmente em áreas onde há reservas de mata, pois carregam as sementes das matas para áreas impactadas ou degradadas, promovendo a sua reconstituição. Assim, a dispersão natural de sementes tem sido avaliada como um fator de importância na recomposição e para a conservação de ecossistemas (BANCROFT et al., 1995 apud DEMINICIS, 2009).

Segundo McConkey (2000), os primatas possuem importância como agentes dispersores, pois ingerem grande número de sementes dos frutos que consomem que permanecem viáveis após serem eliminadas nas fezes. Lapenta (2002) estudou o papel do mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) como dispersor de sementes, na Reserva Ecológica União/IBAMA, Rio das Ostras/RJ e verificou que este animal é responsável pela dispersão de 57 espécies de árvores de pelo menos 17 famílias.

Os tipos de dispersão comentados pelos Ticuna se encontram dentro das categorias técnicas como Zoocoria tendo como subclassificação a Ornitocoria (por meio de pássaros como o Tucano (Quadro 7, Desenho 17) e Mamaliocoria (por meio de mamíferos como o Mico, Anta, Caititu e Paca (Quadro 7, Desenho 17).

Quadro 4 - Dispersores de sementes nas três comunidades indígenas Ticuna estudadas.

ANIMAL DISPERSOR	FRUTO	PROCESO
Mico	Caimo	Come o fruto e tira a semente no mato
Tucano	Açaí	Come o fruto, armazena-o na sua garganta, amadurece e depois tira no mato
Anta	Buriti	Come o fruto e tira a semente no mato
Caititu	Coquillo, mandioca, pupunha, Umari, buriti, açaí.	Ele cultiva, faz buraco na terra e semeia.
Paca (porco do mato)	Coquillo, mandioca, pupunha, Umari, buriti, açaí.	Ele cultiva, faz buraco na terra e semeia.

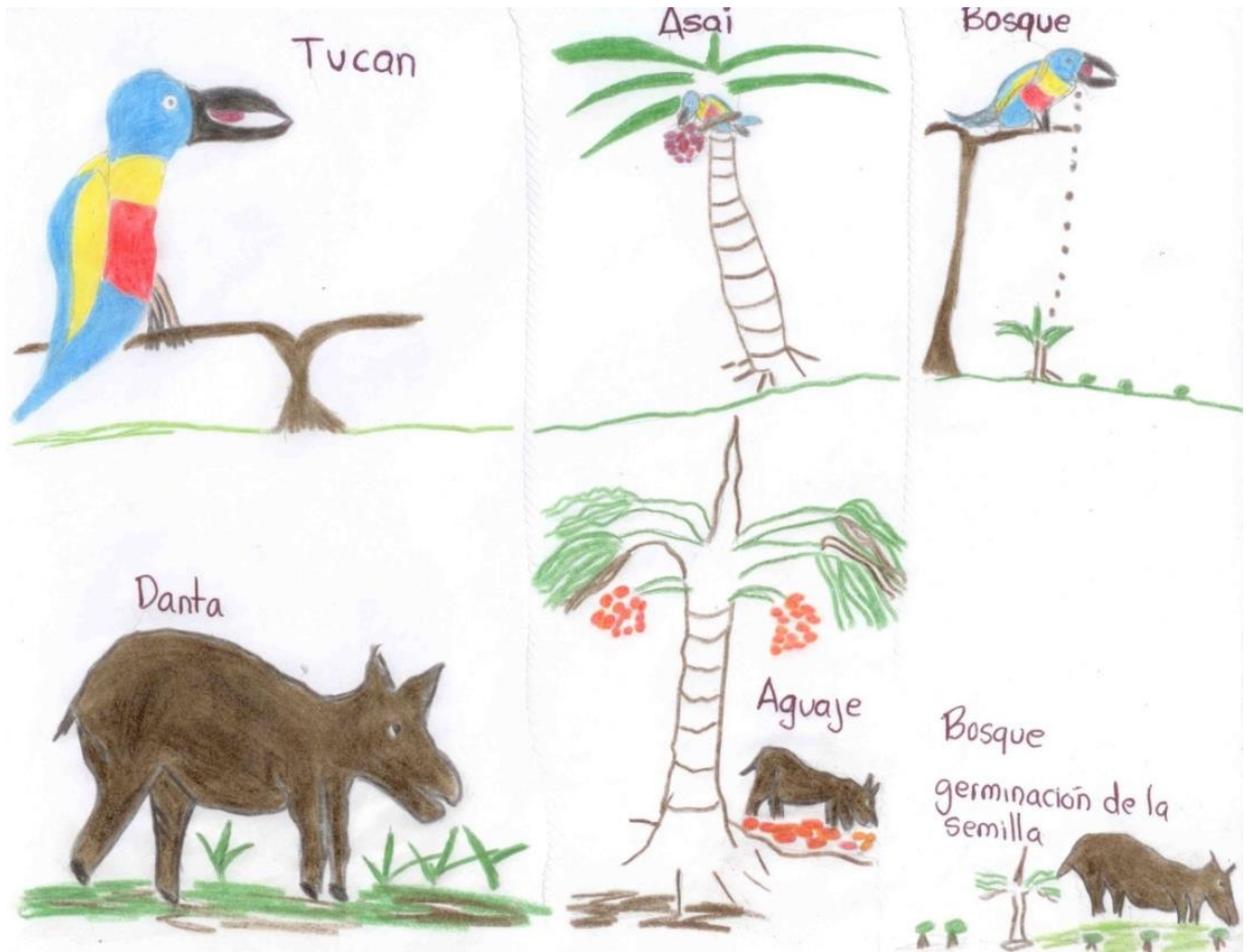
Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Além das espécies desenhadas, também foram falados os processos pelos quais são disseminadas as sementes pelo tucano e pela anta, além dos narrados pelos avôs:

*“Os pássaros também semeiam, el picaña, cucuna (pega açaí), tin tin (pega pupunha), assim como outros animais, agora já tem pouco porco de monte, veado, anta, macaco grande, guariba, cedurana, então esse jeito de semear se tem perdido também”. (Relato Avôs do R.I.S.S.L)*

*“Antigamente era bem-te-vi que deixava as sementes de pimenta e milho, cagando deixava as sementes para eles crescerem”. (Jesuita, C.I.U II)*

Desenho 17 - Processo de dispersão natural das sementes RISSL.



Fonte: Claudio Fernandez, R.I.S.S.L.

Os avôs da comunidade expressaram preocupação pela crescente perda de animais dispersores de sementes, caso que tem relação tanto com a exploração de espécies vegetais que serve de alimento para os animais do mato, assim como a mesma caça de animais. Este tipo de exploração na atualidade é regulada pelo órgão ambiental da Colômbia em Leticia CORPOAMAZONIA, controlando assim tanto a caça ilegal e a exploração de espécies vegetais do mato que como foi evidenciado nos croqui multitemporais de San Sebastian de los Lagos, corresponde ao desmatamento em zonas vizinhas desde os anos 80 e, além da perda do território indígena. Na comunidade de Gamboa, devido à falta de regulação por parte do Estado Peruano, segundo os moradores, se tem perdido animais dispersores pela caça ilegal e também por ser um canal de comunicação para o turismo, sendo uma interferência para diferentes espécies, se afastando assim para outros lugares. Os animais

dispersores na comunidade de Umariáçu II, se tem afastado da zona de moradia devido ao crescimento populacional, sendo eles mais observados nas zonas de roça, várzea e mato.

#### 4.2.2.3 As sementes no artesanato

A variedade e riqueza da produção artesanal dos Ticuna expressa uma inegável capacidade de resistência e afirmação de sua identidade. São as máscaras cerimoniais, os bastões de dança esculpidos, a pintura em entrecascas de árvores, as estatuetas zoomorfas, a cestaria, a cerâmica, a tecelagem, os colares com pequenas figuras esculpidas em tucumã, além da música e das tantas histórias que compõem seu acervo literário (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2008).

A prática artesanal foi identificada como uma das práticas mais importantes para as mulheres seguidas do interesse das avós e dos avôs, adultos e jovens das comunidades, em especial em San Sebastian de los Lagos e Umariáçu II. As sementes são abordadas dentro desta temática pela sua utilização na elaboração destas práticas, que vai desde fibras de palmeiras para o tecido, frutos, flores, sementes e folhas para a tintura, sendo assim um conhecimento ancestral dos Ticuna passado de geração a geração, ensinado principalmente pelas avós e pelos avôs aos seus netos.

*“A gente utiliza palmeiras para fazer vassouras, redes, bolsas, chapéu, tipiti, entre outros. Tem sementes no mato, porque é lá que ficam todas, por isso é que a gente não tem armazenamento de sementes para o artesanato, o jeito de manter as sementes seria ter terra para reflorestar com as espécies que a gente utiliza. (Relato avôs do R.I.S.S.L)*

A elaboração do artesanato Ticuna no ponto de vista ancestral é praticado para a obtenção de produtos que facilitam os processos de colheita de cultivos e animais de caça (pacarás, bolsas), elaboração de alimentos (tipiti), no lazer (redes e tapetes) e na elaboração de vestimentas, indumentárias e tinturas para rituais. Após o contato com a civilização, casamento com outras etnias e a necessidade de obter recursos econômicos para o seu sustento, o artesanato é acompanhado de um significado monetário. Segundo Caldas (2007), o artesanato é um produto importante na identidade Ticuna, potencialmente capaz de impulsionar o desenvolvimento

sustentável das famílias. Além do anterior, resgata a importante labor artesanal das mulheres da comunidade de Bom Caminho no município de Benjamin Constant (AM-Brasil), sendo o foco a importância comercial do artesanato como um dos principais sustentos econômicos das famílias.

Assim como Bom Caminho, existem outras comunidades onde o artesanato se tem fortalecido por meio da constituição de associações (caso comunidade indígena Ticuna de Umariçu II com a Associação ACIU-EWARÉ) para a comercialização do artesanato, esta prática também é desenvolvida de maneira particular e individual sem perder sua força e importância, embora a influência da globalização tenha deteriorado esta prática tão importante para a cultura Ticuna, sendo que além do significado econômico, este não é valorado nem reconhecido como uma arte, incursionando num setor econômico de competência nas cidades próximas como Leticia e Tabatinga e por tanto sendo valorizado por preços muito baixos que não contemplam o processo do artesanato que vai desde a coleta dos produtos seja no mato, roça ou quintal, o processo de secagem, elaboração de tintura, tintura de fibras, tecidos e desenhos além de todo o conhecimento que implica tais elaborações.

*“Estamos preocupados porque tudo seca e se está perdendo. Queremos recuperar as sementes e o conhecimento sobre elas, como tudo era antes, por isso queremos o apoio de todos para ter as sementes de todos”. (Reflexão avôs R.I.S.S.L)*

Nas comunidades San Sebastian de los Lagos e Umariçu II foram indicadas principalmente espécies relacionadas com artesanato como fibras de palmeiras para fazer tetos das casas (palmeiras de Caraná) e diversos artesanatos (Desenho 18) como bolsas, peneiras, tipitis, redes, entre outros, outro tipo de espécies mencionadas que são utilizadas para o processo da tintura das fibras de palmeiras e finalmente espécies do mato que são significativas para a cultura Ticuna das comunidades. O uso alimentar como o fruto do coquinho no momento de trabalhar na roça foi também comentado pelos moradores das duas comunidades.

Desenho 18 - Os tipos de espécies de palmeiras mais utilizadas no artesanato e os diferentes usos.



Fonte: Trabalho de campo (2014).

Na comunidade de Gamboa foram identificadas práticas artesanais para uso próprio, ou seja, para eles não tem um valor comercial, mas sim um valor útil para seus labores. Embora sejam poucos os produtos artesanais, assim como tetos para casas feitas das folhas da palmeira Chapaja, peneira, tipitis para obter farinha, assim como vassouras feitas do zipo da floresta (Fotografia 8 A e B), são elementos que utilizam no seu cotidiano e valorizam seus costumes reduzindo assim a dependência ou substituição desses por outros produtos que trazem a civilização. Não obstante as práticas artesanais encontradas em San Sebastian de los Lagos e Umariáçu II não foram muito visíveis na comunidade de Gamboa, se tem registro do potencial artesanal em torno ao Tucum e as suas tinturas, trabalhados em projetos com comunidade indígenas na região de Loreto, desenvolvidos pela *Agencia Española de Cooperacion Internacional para el Desarrollo “Manos trabajadoras tejiendo la chambira-regiao Loreto-Peru”*, além do desenvolvimento de *Planos de Manejo da “Chambira”* (Tucum) liderado por BIODAMAZ, Perú – Finlândia. *Proyecto Diversidad Biológica de la Amazonía Peruana*.

Fotografia 8 - **A)** Vassoura feita de cipó do mato. **B)** Morador da comunidade de Gamboa elaborando vassoura para sua casa.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Assim como se comentava anteriormente, a pouca visibilidade dos processos que requer os produtos artesanais leva não só a terem um preço baixo no mercado, mas também a desvalorização da importância dos conhecimentos ancestrais sobre os artesanatos que tem os Ticuna. A seguir, mencionarei alguns dos processos dos artesanatos referentes à colheita, tecido e tintura.

#### *Processo da colheita*

O processo da colheita, para quase todas as espécies, é desenvolvido tendo em conta as suas formas de identificar as espécies, de coletar, da quantidade, do tempo em que são coletadas e de quem as coleta.

*“Muitas pessoas acham que podem pegar Tucum de qualquer jeito, não pode, por isso as vezes os fios tirados da palha não ficam fortes ou as pessoas que pegam tucum sem os cuidados que devem ter, ficam com muita dor nas mãos”. (Relato Ruth, R.I.S.S.L)*

Em ocasiões foi comentado pelas artesãs das comunidades que quaisquer pessoas não podem pegar as folhas da palmeira e que tem processos dentro da colheita que são segredos na sua cultura. Embora a exploração das espécies para o

artesanato tenha sido incrementada nos últimos anos, já que pessoas comerciantes das cidades vizinhas se dedicaram a venda de artesanatos e que podem não contemplar o manejo desenvolvido tradicionalmente, gerando de algum jeito impacto sobre a mesma, os Ticuna ainda realizam suas atividades de colheita da forma tradicional e tem a esperança que esta tradição seja mantida no tempo.

Em relação à informação oferecida pelos artesãos, a espécie principal e de maior utilização para o artesanato é a folha da palmeira Tucum (*Astrocaryum chambira*) (Fotografia 9). O seu nome em Ticuna é Naí e tem uso comestível (as sementes), artesanal (as folhas) e como medicina tradicional (aplica-se o coco no rosto para problemas na pele). A palmeira na maioria dos casos se encontra no mato, na roça e na restinga, mas para a comunidade de San Sebastian o seu acesso é limitado devido à perda de território, caso contrário em Umariáçu II por terem um território mais amplo.

O Tucum é típico da Amazônia, pode se encontrar nos bosques tropicais do Peru, Colômbia, Venezuela, Equador e Brasil. Embora seu crescimento é lento, aos três anos já pode ser utilizada para confeccionar artigos que não precisam de fibra dura. Aos seis anos a fibra das folhas já está amadurecida, tornando-se resistente e dura (AGENCIA ESPAÑOLA, 2009).

A colheita das folhas da palmeira é feita pelas mulheres e principalmente nas horas da manhã (Fotografia 10), as folhas são dispostas no chão ou nos tetos da casa até o outro dia para ela secar, após secar, são retirados os fios para passar ao processo de torção do tucum do qual se obtém um fio firme trançado que serve para tecer (processo observado na comunidade de San Sebastian de los Lagos), porém os processos podem variar segundo as comunidades, no caso da comunidade de Umariáçu II uma moradora relata:

*“Pega só de manhã, leva pra casa, lá em casa tira o espinho, a tala, daí põe água no fogo pra caldar a folha, tira, e deixa amolecer durante o dia pra pôr no sol pra secar uma semana, daí fica pronta pra tecer ou pintar”. (Jesuítas, C.I.U II)*

Fotografia 9 - Palmeira Tucum.



Fotografia 10 Colheita da fibra do Tucum

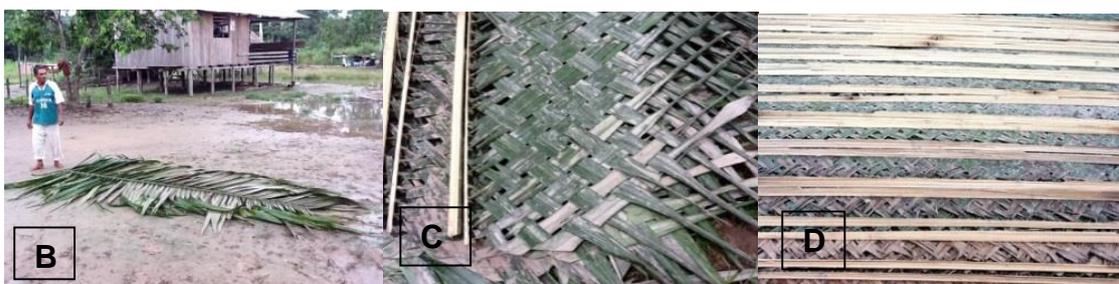


Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Outro tipo de espécie para o artesanato é a folha da palmeira Chapaja de nome em Ticuna *Mota* utilizada para fazer os tetos das casas na comunidade de Gamboa. Na casa da família do senhor Jose, foi identificado o processo da *chapaja*.

As folhas da *chapaja* são encontradas no mato, são submergidas na água (Fotografia 11A), depois são tecidas (Fotografia 11B) e expostas ao sol durante três dias (Fotografia 11C) para secarem e ficar prontas (Fotografia 11D) para pendurar como tetos das casas. Segundo os moradores da comunidade, o tempo de duração dos tetos feitos da palmeira é de dois anos no máximo, depois as mudam já que ficam fracas. Na época de cheia existem várias famílias que têm suas folhas de Chapaja tecidas no quintal das casas para elas secarem, na época de seca fica difícil o desenvolvimento desta prática já que a quebrada Gamboa diminui tendo pouca água para poder molhar as folhas das palmas perto das casas.

Fotografia 11 **A)** Morador da comunidade de Gamboa tirando a folha de chapaja da água. **B)** Disposição da folha da chapaja no chão. **C)** Tecido da folha de chapaja. **D)** Secagem da folha de chapaja.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

### *O tecido*

A arte de trançar fibras vegetais representa a mais diversificada das categorias artesanais indígenas, pois revela adaptações ecológicas e expressões culturais distintas. Os objetos trançados produzidos possuem ampla distribuição geográfica e se apresentam segundo uma apreciável variedade de técnicas de confecção, de elementos decorativos, de formas que conectam cada objeto a uma função específica ou a vários usos. Na vida das comunidades, os trançados tanto desempenham corriqueiras funções, armazenando as miudezas de um indivíduo, como permitem que uma família possa transportar e processar os alimentos necessários à vida cotidiana. No Brasil, os povos indígenas fazem uso de materiais de origem vegetal – madeiras, cipós, embiras, palhas, fibras, resinas, óleos, sementes, caniços – para edificarem suas moradias e na produção de artefatos de uso cotidiano e ritual (RIBEIRO, 1983 apud HUSSAK, 2007).

O tecido está intimamente ligado à mulher. A fabricação de fios é uma das primeiras tarefas desenvolvidas pelas meninas e na adolescência a importância dessa atividade ganha uma expressão ritual. Durante o período de reclusão a menina moça, *worecū*, dedica-se a trabalhos em tucum, especialmente à torção dos fios, que são enrolados em forma de “flor” de modo diferente dos novelos circulares vistos usualmente (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2008).

Obter os fios para tecer (na comunidade de San Sebastian de los Lagos chama de “torcer Chambira” e em Umariçu II “torção do tucum”) (Fotografia 12A), é um dos processos iniciais para a fabricação dos artesanatos, sendo para os artesãos, recomendável realizá-lo em horas da noite já que os processos de tecido requerem maior esforço visual sendo trabalhado em horas da manhã ou da tarde. “Torcer Chambira” é uma atividade tradicional dentro das comunidades de San Sebastian de los Lagos e Umariçu II, aprendido desde curta idade e ensinado pelas avós, porém, devido a diversas influências sobre as mulheres como o casamento com outras etnias (caso comunidade San Sebastian de los Lagos) ou por se ocupar num outro tipo de trabalho na cidade que demanda de seu tempo, se tem perdido paulatinamente e desvalorizado a prática do artesanato. Embora as influências existentes pela proximidade ao centro urbano e por conseguinte a degradação sobre as práticas tradicionais, existem moradores nas comunidades que ainda conservam as práticas artesanais.

Existem restrições com respeito a colheita, como narra uma moradora da comunidade de Umariçu II: *“Quando a mulher ganha bebê não pode pegar tucum e tucumã porque vinga a criança (fica doente)”*.

O tecido (Fotografia 12B) varia dependendo do artesanato a fabricar. As bolsas (Fotografia 12C) são feitas no tecido comprido e amplo. É empregada uma agulha de crochê e dependendo do tamanho pode levar de quatro dias a três semanas, isto tendo em conta que as artesãs devem empregar seu tempo em outros ofícios da casa, na roça ou no trabalho assalariado. O tecido das redes (Fotografia 13) pode demorar até um mês e tem tamanhos pequenos (para crianças), médios (para um adulto) e grandes (para dois adultos). O fio para tecer as redes é mais grosso que o utilizado para as bolsas.

Fotografia 12 - Artesanato RISSL. **A)** Fios trançados de tucum. **B)** artesã com bolsa. **C)** tecido da bolsa.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Fotografia 13 - Tecido de rede feito por uma artesã da associação ACIU-EWARÉ, em Umariçu II, Brasil.



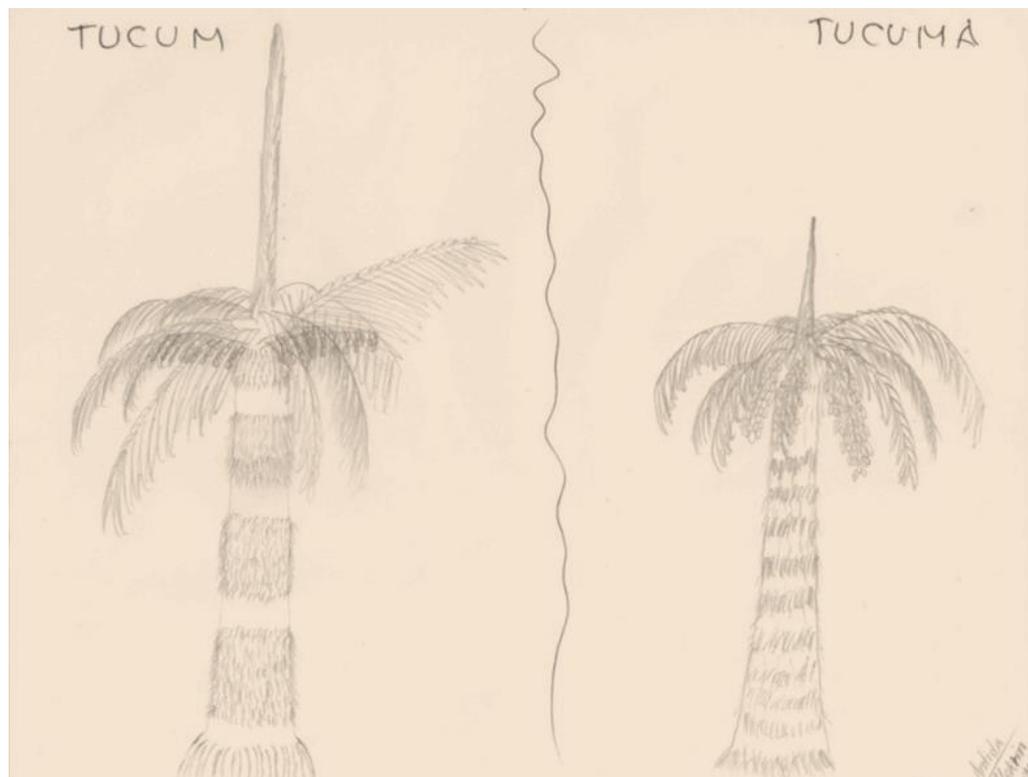
Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Os tipos de tecido, o tamanho e as cores, na atualidade, são segundo os requerimentos dos compradores dos artesanatos que na maioria dos casos moram nas cidades de Letícia e Tabatinga ou são estrangeiros que levam para a capital da Colômbia, Bogotá, para Manaus, no Brasil ou para algumas cidades da Europa.

Nas comunidades de Umariçu II e San Sebastian são produzidos quase o mesmo tipo de artesanato, mas são diferenciados na disposição dos tecidos, nos desenhos, nos tamanhos e nas cores, porém são quase iguais os elementos e os processos desenvolvidos para a elaboração do artesanato.

Além das fibras do Tucum, é utilizado outro tipo de fibra da palmeira Tucumã (*Astrocaryum vulgare Mart*) (Desenho 19), com características diferentes ao Tucum, com fibras mais fortes para realizar artesanatos como cestas (Fotografia 14) e tapetes.

Desenho 19 - Espécies de palmeira Tucum e Tucumã desenhado por um artesão da associação ACIU-EWARÉ.



Fonte: Alecrin da Comunidade Umariçu II (2014).

Fotografia 14 - Cesta feita pelas artesãs da associação ACIU-EWARÉ, Umariçu II.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

E quanto ao tecido das folhas das palmeiras de *chapaja*, na comunidade de Gamboa, são elaboradas de forma manual, em forma de trança dispostas no chão. A maioria das pessoas observadas realizando esta prática são os homens da comunidade e em algumas ocasiões na companhia dos seus netos transmitindo assim o conhecimento artesanal dos tetos de *chapaja*.

### *Tinturas*

Além da importância das fibras das palmeiras do Tucum e Tucumã para o artesanato, outros elementos muito comentados foram as tinturas. Uma das artesãs expressa sobre sua experiência com as tinturas:

*“Toda minha vida tem experimentado com cores para tintura do Tucum, até o momento levou 65 cores que vem das sementes, raízes, cascas, flores, folhas e lama, por exemplo, do açaí se obtém a cor chocolate, do morango nativo a cor azul, do abacate, rala-se a semente e junta suco e se mistura com cinza e sal para dar uma cor preta. Das flores se obtém uma cor preta diferente a anterior. Com Uito (Jenipapo) pintam-se as mulheres guerreiras, é uma semente sagrada, em especial para a festa da moça nova. O Ubo é uma árvore para o ritual, o pau enterra-se no lago onde é abençoada a menina. A semente não pode se espalhar em qualquer lugar, eu sou semente”.*  
(Ruth, R.I.S.S.L)

No Quadro 8, são referenciadas as espécies utilizadas para a tintura do artesanato, sendo identificadas 15 espécies que servem para tinturas, similitude encontrada em consulta (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2008), onde também são referenciadas cerca de quinze espécies de plantas para tinturas empregadas no tingimento de fios para tecer bolsas e redes ou pintar entrecascas, esculturas, cestos, peneiras, instrumentos musicais, cuias e o próprio corpo. Os processos para obter as tinturas são resultado de um longo processo de experimentação e aplicação do conhecimento tradicional dos artesãos Ticuna.

Quadro 5 - Algumas tinturas utilizadas no artesanato Ticuna.

NOME DA ESPÉCIE	NOME DA ESPÉCIE EM TICUNA	COR DA TINTURA	PROCESSO
Açaí	Waira	Chocolate	A cor pura do açaí: Pega-se o fruto, esquentando-se a água e quando estiver maduro se apanha, se peneira e se junta o tucum na panela. A cor cinza: Deixa-se dois dias o açaí fermentando, se agrega cinza, deixa-se 24 horas e seca-se no sol misturado com o tucum, no seguinte dia o tucum é deixado no sol.
Morango nativo	Weribj	Roxo escuro	Pega-se um quilo do morango, se apanha e se joga um pedacinho na água e se junta com o tucum, ao dia seguinte se expõe num lugar fresco e se seca.
	Bure	Azul claro	Pega-se o bure e se joga numa sacola, se apanha e se tintura o tururi. Esta tintura não é para tucum. No momento de tintura da cor verde mas ao dia seguinte da cor azul.
Abacate	Jumachire	Preto gris	Rala-se a semente do abacate, se agrega uma xícara grande de água e se junta com o tucum, depois vai para um lugar fresco para ser secada.
Jenipapo	é	Preto escuro	Rala-se a semente e agrega um pouco de água e se mistura com prego enferrujado.
Pupunha	Itü	Verde escuro	Pega-se várias folhas, se apanham e depois se jogam numa xícara de água e se dissolvem. As folhas devem ser “viches” e não maduras.
Urucum	Útaa	Vermelho e amarelo	Tem duas espécies, uma amarela obscura e outra vermelha. Se pega, apanha-se e se incorpora uma xícara de água e se mistura com o tucum.
-	Om	Preto	Pega-se em dois quilos de folha, se apanham e se jogam numa xícara de água, dá cor verde claro.
Tamicho	Tuún	-	-
Ubo	Yomero	Verde opaco e creme	Tira-se a casca da árvore, se joga na água, pode-se cozinhar ou pode-se deixar para o dia seguinte e se incorpora o tucum e dá cor cinza.
Azafran	Depámj	Laranja	Rala-se ou joga-se um pouquinho de água, se mistura com o tucum e se deixa para o dia seguinte e dá uma cor amarela clara. Tira, lava, rala, põe na água, leva ao fogo, ferve meia hora, tira do fogo, põe na sombra e leva o tucum dentro um momento, retira e espera a secar.
Pau Brasil	Menekj	Cor de rosa	Recorta-se a casca, rala-se e joga-se na água e depois se incorpora o tucum.
Sangre de grado		Chocolate claro	Pega-se uma xícara e se mistura com o tucum.
Pepa negra	Naico	Preto	-
Tururi		Branco e rosa	Derruba a árvore, parte-se em dois pedaços, tira-se o que tem dentro, com isso se chega em casa, se joga na água de tarde para que não fique preto, ao segundo dia se apanha.

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Os anteriores processos mencionados pelos moradores das comunidades são só alguns de muitos outros experimentados nas suas práticas artesanais, mas como falaram em diversas ocasiões, existem muitas informações que não são comentadas porque são segredos dentro das suas crenças e que poderia representar perigos para

suas famílias e comunidades se fossem revelados. Segundo relatos de moradores das comunidades estudadas, dentro das crenças Ticuna, alguns dos seus aprendizados não são permitidos de compartilhar já que estão carregados de valor ancestral e mantem a sabedoria oferecida pela natureza, conservar estas experiências em segredo permite manter um equilíbrio com seu entorno e proteger o bem-estar individual e coletivo da população Ticuna.

Este tipo de limitação ao acesso à informação sobre os tipos de tintas do artesanato e em geral sobre outro tipo de informações que até foram concedidas, mas foi solicitado não serem escritas ou publicadas. Desde o foco da etnoconservação poderia se contemplar como uma estratégia para preservação e conservação da biodiversidade existente na zona, manifestada num tipo de equilíbrio no manejo e uso das espécies. Comentários de alguns moradores durante os percursos nas zonas de várzea:

*“Aqui na nossa terra, conhecemos tudo, tem muita riqueza, mas a gente não pode falar sobre esses segredos porque poderiam afetar nossas famílias, nossas crenças além de acabar com tudo o que a gente vê neste momento”. (Claudio, RISSL).*

Na convivência com os moradores, observaram-se alguns dos processos para obter as tintas. Na casa do avô Lorenzo, no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos foi observado o processo do Urucum (Fotografia 15A), Pau-Brasil (Fotografia 15B) e folha de pupunha (Fotografia 15C). A produção das tintas no momento eram para a tintura das vestimentas típicas dos Ticuna (Fotografia 15D, E e F) que iam ser levadas para um encontro das três fronteiras no Peru, focada nos jovens e os avós para realização de atividades tradicionais e resgate dos seus conhecimentos tradicionais.

Fotografia 15 - Tinturas para o artesanato na comunidade San Sebastian de los Lagos: **A)** Tintura Depaj (Urucum). **B)** Tintura Pau-Brasil. **C)** Tintura folha da pupunha. **D)** Urucum e roupas feitas de Tururí. **E)** Indígena pintando roupas. **F)** Calça de Tururí com tintura de Urucum.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O Brasil herdou seu nome da espécie pau-Brasil, também conhecida como “pau de brasa”, por fornecer tinta vermelha. O pau-Brasil era abundante na época do descobrimento do Brasil, especialmente na região litorânea, do Rio de Janeiro a Pernambuco. Além do cerne vermelho, do qual se extraía a tinta para tecidos, a árvore era usada para produção de remédios e para construções navais e confecção de instrumentos musicais. A exploração intensa e predatória dessa espécie se deu principalmente em meados do século XVI e levou-a quase a extinção (SANTILLI, 2009).

Outro tipo de tinturas (Fotografia 16A e B) foi observado na comunidade de Umariçu II, que no momento foram utilizadas para a celebração do aniversário da comunidade. A tintura mais utilizada na festividade foi o jenipapo, pintada no corpo dos moradores da comunidade segundo seu clã e também nos visitantes como aceitação do convite. Identificou-se também a utilização de sementes de abai e wairuro (Fotografia 16C e D) como acessório que levam no seu corpo durante o desfile.

Fotografia 16 - Tinturas para o artesanato na comunidade Umariáçu II: **A)** Tintura de jenipapo e cuia com azaflor. **B)** Pequenas cocares e tinturas em garrafas plásticas. **C)** Sementes de abai. **D)** Sementes de wairuro.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Outros tipos de tintas mencionados pelos avôs, do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos, são as que apresentam além da cor das espécies, as cores que tem significado na sua cultura Ticuna (Quadro 9).

Quadro 6 - Cores para o Artesanato na Comunidade Indígena Ticuna San Sebastian de los Lagos.

COR EM TICUNA	COR	SIGNIFICADO
Choo	Branco	Espaço
Daura	Cor de rosa	-
Dee	Amarelo 1	Sol
Morao	Roxo	-
Yaune	Verde	Monte
Wheene	Preto	Quebradas
ee	Jenipapo	-
Waira	Chocolate	-
Dene	Amarelo 2	-
Bure	Azul	Lagos
-	Vermelho	Conflito, perigo

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O significado das cores: espaço, sol, monte, quebradas, lagos e conflito ou perigo tem relação com o seu entorno. Além destes significados, comentaram que o preto e amarelo dentro da cosmologia Ticuna tem relação com a cobra, animal considerado como sagrado, mas que na atualidade este tipo de interpretação das cores se tem perdido. As cores que aparecem na produção dos artesanatos são mais segundo os requerimentos dos compradores, só nos artesanatos próprios ou os utilizados nos rituais ou festividades ainda conservam as representações do seu entorno, sendo pintadas figuras míticas que em muitas ocasiões fazem relação com espécies animais<sup>47</sup>.

#### 4.2.2.4 As sementes na pesca

Outro tema mencionado por parte dos moradores das três comunidades foram as sementes que são utilizadas para pesca ou de alimento para peixe.

Por conseguinte, foram realizadas saídas de campo para alguns sítios de pesca para identificar algumas das espécies que alimentam os peixes. Em cada comunidade foram visitadas zonas de pesca: em San Sebastian de los Lagos foi visitado um dos ecossistemas mais representativos para os moradores da comunidade como para muitos outros moradores de comunidades indígenas próximas à rodovia dos *Kms via Tarapacá*, “O sistema de Lagos Yahuaraca<sup>48</sup>”. Foram visitadas algumas *cochas* em companhia de um dos moradores da comunidade (Fotografia 17) com amplo conhecimento de pesca além de pertencer ao grupo de monitoração dos Lagos Yahuaraca. No percurso foram georreferenciados os pontos da localização do alimento para peixes, os quais coincidem com os locais de pesca.

Na comunidade de Gamboa foram realizados diversos percursos pela Quebrada Gamboa, Rio Amazonas e *cochas* próximas à comunidade. Um dos percursos foi em companhia de um jovem (Fotografia 18A) da comunidade, apresentando seu conhecimento sobre todas as espécies encontradas no caminho, sobre os locais de pesca e de confluência de botos. Outro percurso foi guiado por um

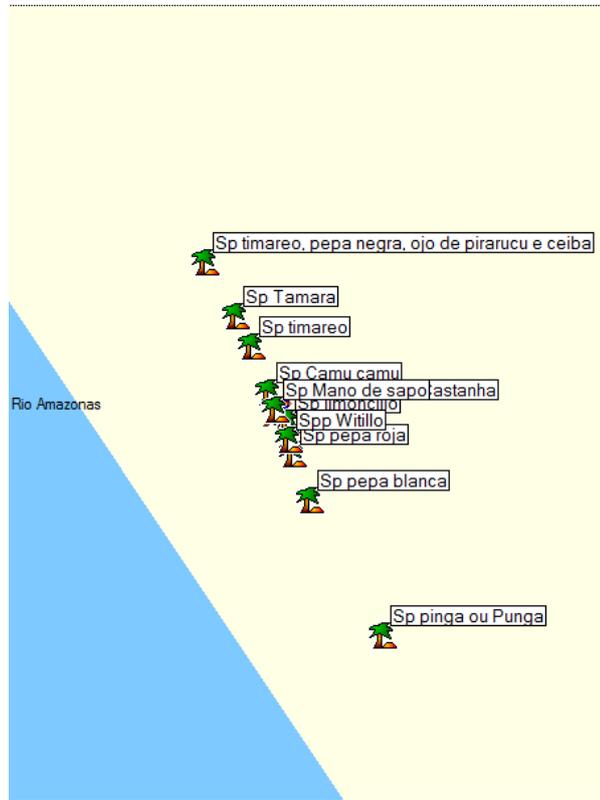
---

<sup>47</sup> Por exemplo, o macaco ou aves pintadas nas roupas feitas de Tururí apresentadas no desfile do aniversário da Comunidade Umariçu II.

<sup>48</sup> Ecossistema que foi referenciado na cartografia social por décadas no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.

dos avôs (Fotografia 18B) da comunidade e sua esposa, sendo encontrados variedade de espécies de aves, répteis, árvores e frutos.

Fotografia 17 - Georeferenciamento das espécies nos Lagos Yahuarcaca, R.I.S.S.L.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

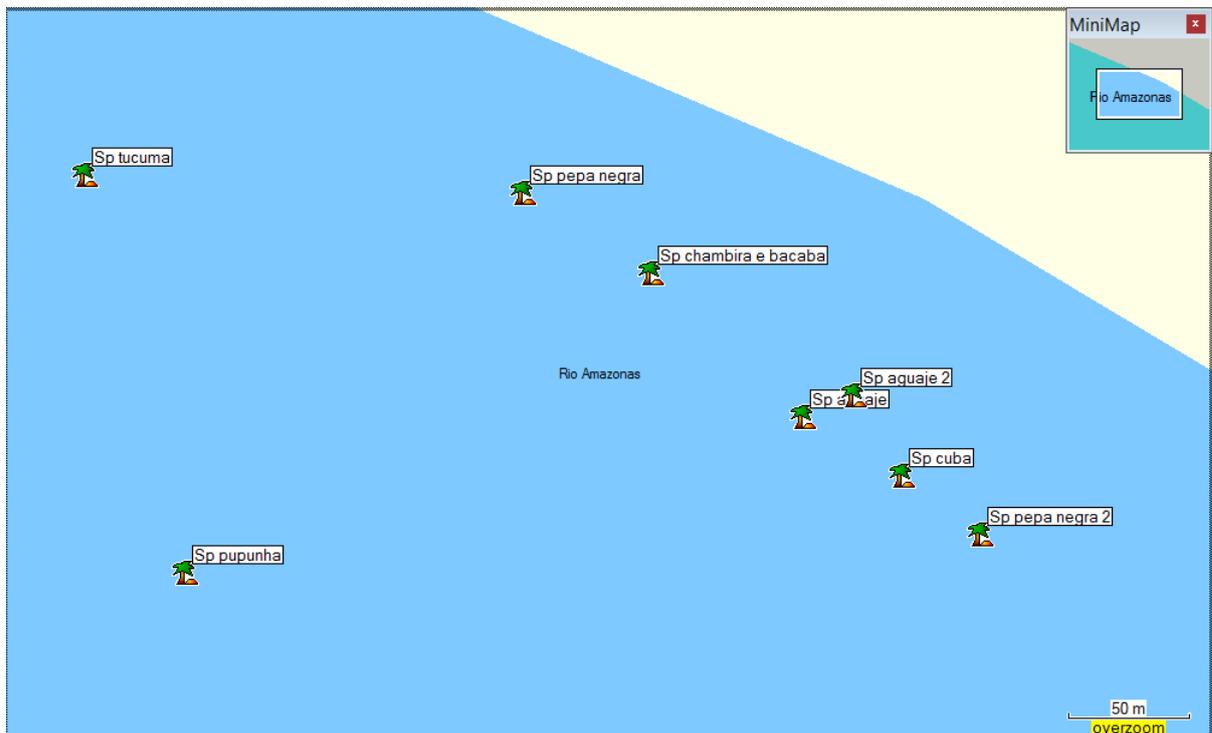
Fotografia 18 - **A)** Jovem guia no rio Amazonas. **B)** Avô guia nas cochas próximas de Gamboa, Peru.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Na comunidade de Umariçu II, em companhia de um dos membros da associação OCITU II, visitou-se um lugar que vai se adequar como zona de pesca dentro de um dos projetos da associação (Fotografia 19). Foram identificados sítios de pesca abandonados pela falta de continuidade na sua manutenção e referenciadas espécies que servem como alimento para peixes.

Fotografia 19 - Georreferenciamento das espécies para alimento dos peixes na Comunidade de Umariçu II, Brasil.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

As principais espécies de alimento para peixes encontradas na comunidade de Gamboa são *Turiman* de semente amarela, Tamara (*Phoenix canariensis*), Gengibre (*Zingiber officinale*), pepa negra (*Solanaceae*) (Fotografia 20A), Azafran (*Crocus sativus*), pepa de la ceiba (flia: *Malvaceae*) e ojo de pirarucu. Também foram observados outro tipo de frutos que servem para alimentação dos moradores da comunidade, em especial em suas jornadas de pesca, eles se alimentam de acerola e uva nativa ((Fotografia 20B). Algumas das espécies de peixes que se alimentam dos frutos no rio são a *Palometa* (Pacu) (*Mylossoma aureum*), o *Chirui* (Tamoatá) (*Hoplosternum littorale*), o *Sábalo* (Curimbatá) (*Prochilodus lineatus*), *Gamitana*

(caranha) (*Piaractus brachypomus*), Lisa (Aracu) (*Laemolita*) *cf taeniatus*) e o Bocachico (curimatã) (*Prochilodus nigricans*).

Fotografia 20 - **A)** Fruto “pepa negra”. **B)** Fruto uva nativa.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Segundo o pescador de San Sebastian de los Lagos, a “Pepa de la ceiba” serve de alimento para Gamitana, Palometa, Lisa e Pago. O sabalo se alimenta de Timareo, *Pepa negra* e *Olho de pirarucu*. A pepa da castanha alimenta ao Bacu, Pirra, Gamitana e Paco e o fruto da Tamara alimenta a Gamitana.

Muito similares foram as espécies encontradas na comunidade de Umariáçu II; ovos (*Anacardiaceae*), o cerezo (*Prunus avium*), genipapo (*Genipapa sp.*), imbiruçu (*Pseudobombax sp.*), a pepa negra (*Solanaceae*), catore (*Leonia glycyarpa*), umari (*Poraqueiba sericea*); também a *Conga*, *Amacizo* e *Timareo*.

As anteriores espécies mencionadas, além de servirem como fornecimento natural de alimento para os peixes, também são utilizadas pelos pescadores nas suas artes de pesca, servindo como isca na captura dos peixes, além de utilizar a locação destas espécies como estratégia para as práticas de pesca.

#### 4.2.2.5 Armazenamento de sementes

O armazenamento de sementes é uma das práticas ancestrais desenvolvidas por diversas comunidades tradicionais, regularmente com o fim de utilizar-lhes para a próxima safra ou como reservatórios que podem servir de troca ou presente por outras sementes, por alimentos ou outro tipo de produtos básicos.

Este tipo de prática em torno às sementes foi a mais comum na comunidade de Gamboa, sendo encontradas nas cozinhas das casas visitadas, garrafas de vidro e sacolas de lenço com sementes armazenadas.

Embora exista em quase todas as casas este tipo de prática, os moradores tem momentos em que precisam comprar sementes no mercado, já que as que armazenam não são suficientes para completar sua safra. Este tipo de problemática pode-se atribuir a que no momento em que decidiram comprar sementes no mercado, as sementes coletadas nas safras muitas vezes não deram fruto, sendo difícil obter suficiente quantidade de sementes a serem armazenadas.

Não obstante na comunidade não tem se desenvolvido algum tipo de pesquisa científica, instituições governamentais do Peru tempos atrás têm apresentado propostas sobre fornecimento de sementes, mas não teve continuidade e por esse motivo a comunidade tem certo receio em relação ao desenvolvimento de pesquisas sobre o tema.

A família do avô Tertuliano fizeram desenhos dos tipos de sementes que são armazenadas, os tipos de armazenamento e a produção do fruto (Desenho 20). Sementes de melancia (*Citrullus lanatus*), coentro (*Coriandrum sativum*), pepino (*Cucumis Sativus*), abóbora (*Cucúrbita moschata*) milho (*Zea mays*) e tomate (*Solanum lycopersicum*) são as mais armazenadas pela família.

Além do desenho, foram identificadas as espécies, o seu manejo e uso por parte dos moradores da comunidade de Gamboa (Quadro 10). Na elaboração da tabela os membros da família comentaram sobre o principal uso das espécies citadas na alimentação diária. Do milho são reconhecidas três variedades: nativa, para alimentos diários, a chicha para fazer chicha a qual é uma bebida típica de milho fermentada muito utilizada nos labores de roça para combater a sede e dar energia para o trabalho. A variedade de pipoca para fazer “pipoca” e para dar de comer as galinhas.

A macaxeira, igual que nas comunidades de Umariçu II e San Sebastian é uma das espécies principais na alimentação dos Ticuna, a macaxeira para alimentos e bebidas e a mandioca para fabricar farinha a qual é consumida diariamente acompanhada de peixe. No tempo de cheia foram observadas grande quantidade de paus da mandioca, armazenados em palafitas para serem semeados para a época de verão no mês de agosto.

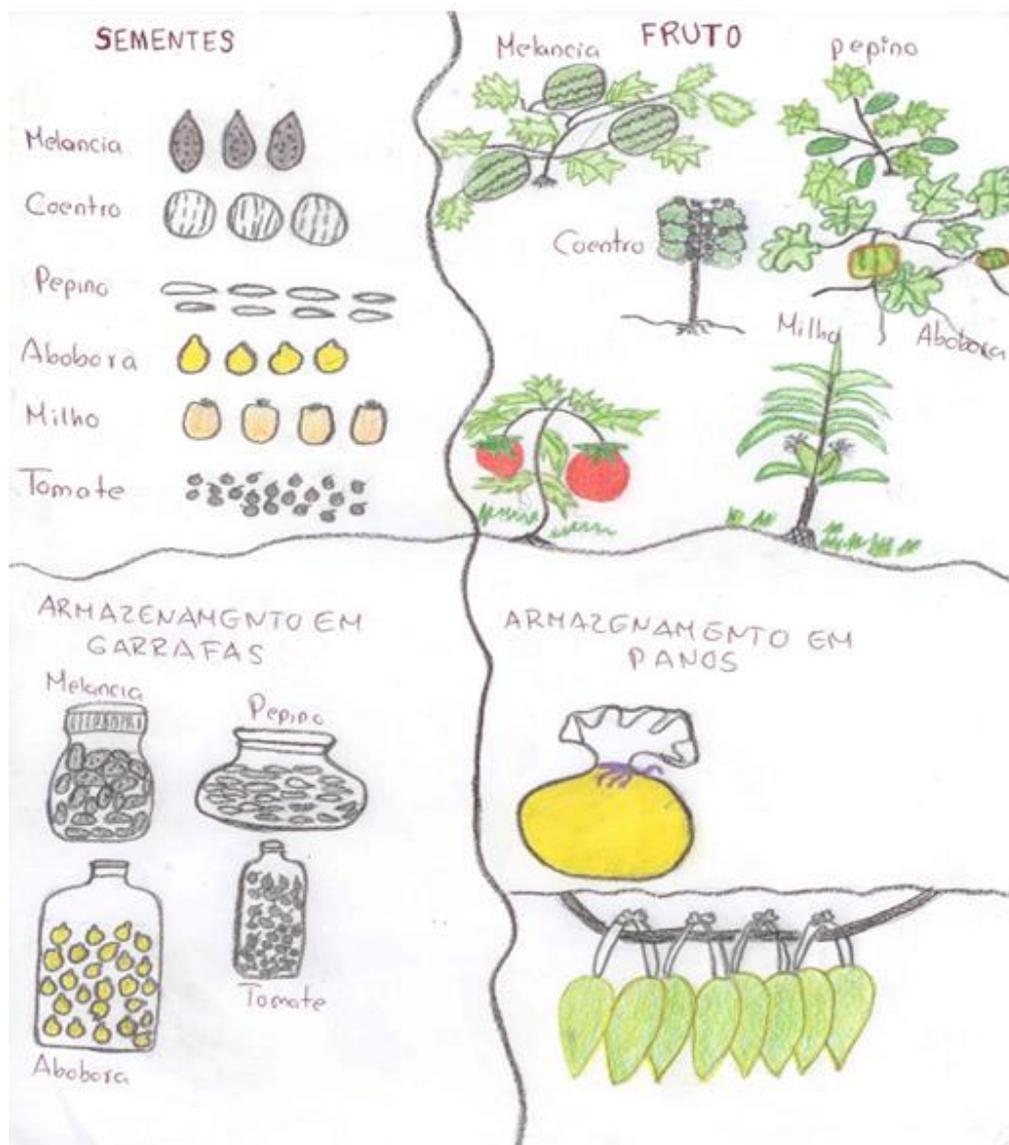
O tomate não é muito consumido, a maioria é destinado para a venda no mercado de Tabatinga igual que a melancia. Dentro das variedades são identificadas características de gosto, sendo preferidas na sua alimentação as variedades nativas. Uma variedade de tomate (diferente) e uma variedade de melancia (paulista) foram identificadas como não nativas e segundo os moradores são umas das que mais precisam comprar no mercado. As sementes de milho são compradas em pouca quantidade e a macaxeira e mandioca não precisam de compra. Todas as espécies identificadas, passam por processo de armazenagem tradicional em garrafas de vidro, sacolas de tecido e o sabugo no caso do milho. Os recipientes dos três tipos de armazenagem são dispostos nas áreas da cozinha, as garrafas no chão e as sacolas e sabugo penduradas perto do fogão de lenha.

Quadro 7 - Espécies, variedades, uso e manejo das sementes mais utilizadas na comunidade de Gamboa, Peru (Família Tertuliano).

CULTIVO	VARIEDADE	ORIGEM	USO	PRÁTICAS DE MANEJO
Milho	Nativa	Natural	Comestível para sopas e mingau	É armazenada e quando não se tem, se compra
	Chicha	Natural	Chicha (bebida típica)	É armazenada e quando não se tem, se compra
	Pipoca	Natural	Comida e animais	É armazenada e quando não se tem, se compra
Macaxeira	Comestível	Natural	Comestível	Armazena-se o pão da mandioca por 3 meses
Mandioca	Farinha	Natural	Farinha	
Tomate	Região (redondo e de melhor gosto)	Natural	Comestível e para a venda	É armazenada e quando não se tem, se compra
	Interior	Diferente		
Melancia	Redonda (meio ácida)	Natural	Comestível	É armazenada e quando não se tem, se compra
	Natural (doce e pintona)	Natural		
	Paulista (não tem gosto)	Diferente		

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Desenho 20 - Sementes, armazenamento e frutos da comunidade de Gamboa, Peru.



Fonte: Leila, filha do Tertuliano, CNG.

A casa da senhora Beatriz também foi visitada, a qual apresentou os seus diferentes tipos de armazenamento em garrafa e em tela (Fotografia 21). Do mesmo jeito que na família do avô Tertulino, foram identificadas sementes, suas variedades, usos e manejos (Quadro 11).

Fotografia 21 - Tipos de armazenamentos de sementes na casa da Dona Beatriz, moradora da comunidade de Gamboa, Peru.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Em tela aparecem armazenadas sementes de pepino e pimenta do cheiro (*Capsicum odoriferum*), em garrafas de vidro armazenam sementes de milho e abóbora. Além do armazenamento de sementes a família tem uma plataforma (palafita) de plantas medicinais e armazenamento de manivas de mandioca e macaxeira que são do uso da própria família como para a venda<sup>49</sup>.

Quadro 8 - Espécies, variedades, uso e manejo das sementes mais utilizadas na comunidade de Gamboa, Peru (Família Beatriz).

CULTIVO	VARIEDADE	ORIGEM	USO	PRÁTICAS DE MANEJO
Mandioca	Amarela	Própria "chagra" (roça)	Farinha	5 meses armazenada no quintal (palafitas na época de cheia)
	Branca		Comestível	
Pepino	Verde	Própria chagra	Comestível	Compra-se
	Branco			Guarda-se em sacola
Milho	Amarelo	Própria chagra (roça)	Comestível, chicha, sancocho, galinhas e para venda	Armazena-se em garrafa de vidro
	Pira		Comestível	
	Suave			
Tomate	Interior (largo)	Compra-se	Comestível	Armazena-se em garrafa
	Amazonas (redondo)	Armazena-se		-
Cebola	Cebollin	Própria chagra	Comestível	Em sacola e em muda

<sup>49</sup> A venda, o intercâmbio e presente de sementes, mudas, frutos entre outros, serão apresentados na temática sobre redes.

Coentro	Cimarron	Própria chagra	Comestível	Próprio e deixam-se cair as sementes na terra
	De pais			Compram-se as sementes
Melão	Melão	Própria chagra	Comestível	Armazena-se em garrafa
Melancia	Rayas	Própria chagra	Comestível	Compram-se as sementes
	Verde			
Banana	Peruano (grande)	Própria chagra	Comestível	Com pica se cava o pau
	Beyaco (+grande)			
Alface	Comum	Compra-se	Comestível	Compram-se as sementes
Couve	Comum	Compra-se		

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

As espécies diferentes das mencionadas pela família do avô Tertuliano, são o pepino, a cebola, o coentro, o melão, a banana, o alface e a couve. A cebola e o coentro foram as mais observadas na época de cheia as quais ficavam na plataforma (tipo quintal), já as outras espécies como pepino, melão, banana, alface e couve foram mais percebidas na época de seca já que elas são semeadas no quintal quando ele não fica alagado. Igual que na família do Tertuliano, todas as espécies são principalmente para o autoconsumo, sendo os excedentes vendidos ou dados de presente na mesma comunidade. Outra similitude encontrada é que a mandioca e macaxeira não é comprada e seu principal uso é para farinha (mandioca) e alimentos e bebidas (macaxeira).

Na comunidade de Umariçu II, os moradores comentam sobre o armazenamento de sementes, entre as mais comuns estão a melância, o açaí, e o milho.

*“Processo da melancia: Junta as sementes, seca elas por um dia e guarda em vazilas durante 10 meses. Igual se faz com o melão, pepino, jerimum e pimentão.*

*Processo Açaí: Apanha açaí, joga o caroço ao quintal, deixa secar, depois pega pouquinhos, faz buraco e planta.*

*Processo do Milho: A semente seca no sol e guarda na saca”.(Jesuita e Zita, C.I.U II)*

Além do conhecimento sobre os processos das sementes, Jesuita menciona como ela prepara seu lugar para cultivar:

*“Agora para plantar, tem etapas na paisagem do lugar onde serão semeadas as sementes. No*

*primeiro momento se tem mato virgem, depois ela se tem que roçar e botar fogo, ficam capoeira, daí o mato cresce de novo, faz roça, e semeia". (Jesuita, C.I.U II)*

As sementes utilizadas para produção, geralmente são procedentes dos ciclos produtivos anteriores, Há o cuidado de coletar, selecionar e armazenar as sementes, das quais depende a produção futura (CASTRO, 2009).

Tem-se adiantado pesquisas do lado do Brasil sobre o tipo de aquisição de sementes em comunidades indígenas Ticuna e Cocama em Benjamin Constant. Segundo Castro (2009), as sementes cultivadas são obtidas pelos próprios agricultores, por meio do armazenamento, e/ou pelo compartilhamento entre e intra comunidades, representando 70,2%, o mesmo ocorre com a reprodução vegetativa (manivas). São adquiridas no mercado local 19,1% de sementes, principalmente hortaliças. O escritório do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM) local fornece 10,6% de total de sementes, através do Programa de distribuição de sementes (milho, arroz, feijão e hortaliças). Existe uma relativa autonomia, superior a 70% em relação ao mercado de sementes, seja ele representado indiretamente pelas doações do IDAM ou pela compra de sementes no mercado local. Ressalta-se, ainda, que as sementes compradas ou “doadas” são armazenadas pelos agricultores para uma posterior semeadura, ou seja, esses agricultores mantêm a posse das sementes (CASTRO, 2009).

Outro tipo de pesquisa sobre sementes, na Comunidade de Umariáçu, tem estudado a importância do milho dentro da produção Ticuna. Machado (2014), menciona que um 13% das roças são cultivadas em milho. Assim como a mandioca pode ser transformada em farinha, goma e tucupi, o milho pode ser transformado em uma série de outros produtos como o fubá e a milharina, além de ser usado para alimentar os animais, especialmente galinhas e patos. Como nas economias de subsistência, os Ticuna utilizam quase toda sua produção para o consumo dos moradores da residência. Porém, eventualmente, parcela do excedente da produção é posta para ser comercializada na cidade e/ou mesmo na comunidade (MACHADO, 2014).

Também foi observado em algumas das casas da comunidade, armazenamento de sementes de uso alimentar e de tintura, em sacos de pano

pendurados próximo ao fogão de lenha, guardando similitudes com os processos de armazenamento encontrados na comunidade de Gamboa.

Outro tipo de informação foi referente as espécies do mato. Os homens da associação ACIU-Ewaré comentaram o tempo de dar fruto de algumas espécies.

*“A manga demora de três a cinco anos, correspondendo a uma vez por ano no mês de agosto. O ingá demora um ano, dá fruto duas vezes por ano em abril e novembro. O abiu demora de três a quatro anos, dando fruto duas vezes por ano no mês de dezembro. O amapachi tarde três anos e dá fruto em novembro. O maracujá demora oito meses para dar fruto no mês de julho. O pepino do mato demora um ano e sempre dá fruto. O Tucumã demora de cinco a sete anos e dá fruto no mês de junho e dezembro. A melancia demora um mês, sendo ela semeada no mês de agosto para colheita em setembro. Finalmente a castanha do Pará demora de dez a quinze anos e dá fruto em dezembro e janeiro”. (Relato homens ACIU-Eware. C.I.U II)*

Em San Sebastian de los Lagos, nas falas com as lideranças da comunidade, referenciaram que algumas famílias realizam armazenamento de sementes em garrafas, mas cada vez são menos as que realizam esta prática. Outro tema comentado foi o fornecimento de sementes por parte de instituições e do Estado, como se registrou numa fala de uma moradora:

*“Muitas dessas sementes não são boas, não dá produtos para a coleta e aí meu marido acha que eu não plantei mais, eu plantei mesmo mas não cresceu”. (Relato Maria R.I.S.S.L)*

Porém as experiências falidas na atualidade se têm desenvolvido outros projetos de assistência rural em especial para hortas e plantas medicinais. São também de reconhecer os seus aportes ao resgate de práticas tradicionais<sup>50</sup>, dos programas de *Familias en Acción*, liderado pelo Ministério do Interior da Colômbia para o ano 2014 voltado às *Comunidades Indígenas de los Kilómetros*, realizando eventos em torno da troca de sementes entre comunidades. Na comunidade San Sebastian de los Lagos, foi realizado no dia 20 de setembro do ano 2014 (evento que vai ser referenciado nos dados sobre redes).

---

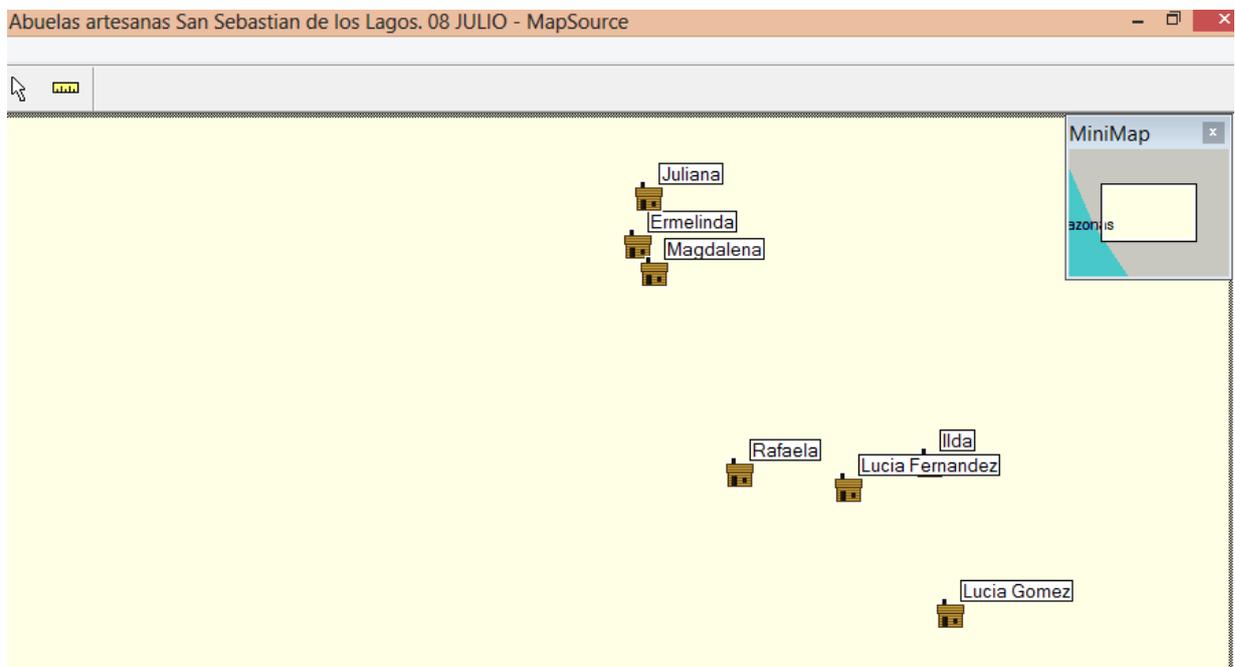
<sup>50</sup> Evento que será abordado com detalhe no item de redes.

#### 4.2.2.6 Os que fazem as práticas

Sem dúvida, a importância dos indígenas Ticuna que fazem as práticas em torno das sementes, radica no seu conhecimento contribuindo para a conservação e preservação das mesmas. Após eles distinguirem as sementes, os seus usos e suas diversas características, foram visitadas as suas moradias.

Na comunidade de San Sebastian de los Lagos, foram principalmente visitadas as casas das avós e dos avôs (Fotografia 22) em companhia do morador Claudio que deu apoio na tradução da linguagem.

Fotografia 22 - Georreferenciamento das casas das avós e dos avôs do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.

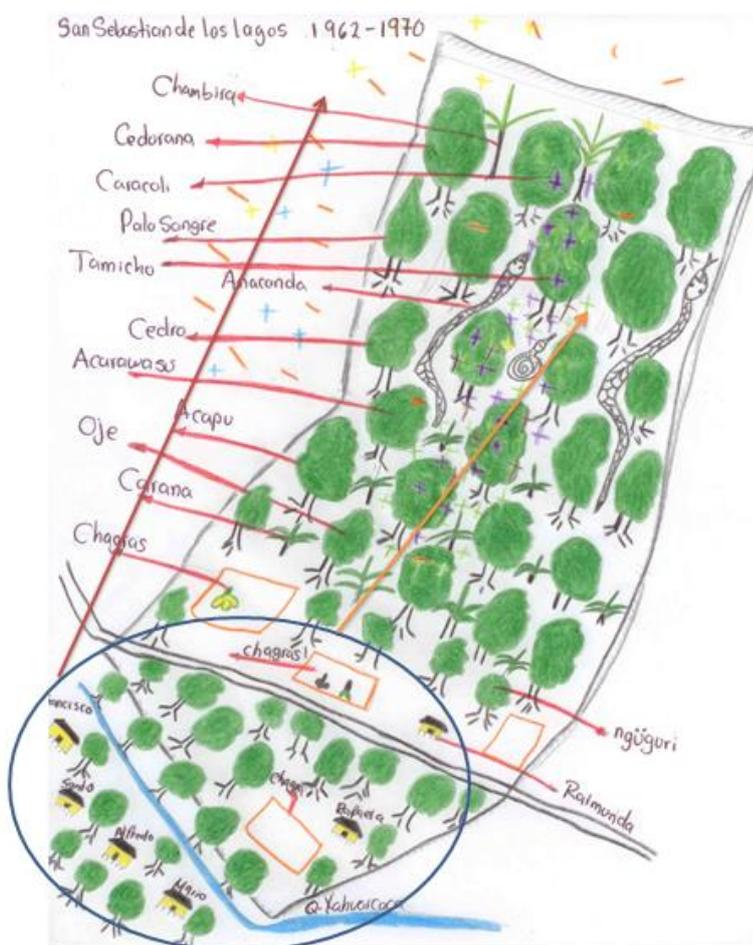


Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Além de serem referenciadas no programa digital, também foram expostas nos croqui multitemporais na trajetória das comunidades estudadas, tomando o croqui dos primeiros anos da comunidade em relação ao croqui atual da comunidade (Desenho 21 e 22). No croqui que data dos anos 60 e 70, por meio de uma circunferência azul, é representada a área de moradia dos avôs da comunidade que na época efetuavam todas as práticas tradicionais dos Ticuna como agricultura, artesanato, pesca, rituais, entre outros.

O tipo de acesso dos moradores da época correspondia a duas formas, uma que descreve a linha vermelha localizada na área vizinha do lado noroeste da comunidade na qual se encontra uma grande diversidade de espécies que paulatinamente e sofreu grandes transformações como pressão sobre o território por parte de fazendeiros privados assim como a subsequente desflorestação da área deixando só uma pequena fração para o uso empréstimo para algumas roças dos moradores da comunidade. Na zona centro-norte da comunidade aponta a linha laranja que apresenta o acesso ao mato e roça da área da comunidade ainda sem ocupação. A comunidade se encontra em zona de terra firme, sendo uma pequena parte (zona das casas) zona de várzea que na época, segundo os moradores, tinham um ótimo acesso a uma diversa quantidade de espécies vegetais que em relação ao número de habitantes era correspondente e não gerava algum tipo de impacto significativo que pudesse alterar de forma negativa a paisagem da comunidade.

Desenho 21 - Croqui do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos para os anos 1962-1970 (localização das casas e acesso as espécies mais utilizadas).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

No desenho a seguir a zona de moradia das pessoas, que antes foram identificadas próximas umas das outras, encontra-se fracionada em função das mudanças vivenciadas no decorrer do tempo. Desta forma, são visualizadas 4 casas de avôs e 2 casas de adultos que são considerados e reconhecidos pela comunidade como os que mantêm ainda os costumes e práticas tradicionais. Dentro dos adultos, a Ruth e Claudio (da mesma família), são os moradores que têm desenvolvido trabalhos de liderança como antigo cacique da comunidade, além de liderar processos de desenvolvimento para sua comunidade e gestão de apoio público e privado em relação a temas de soberania alimentar, ampliação de território e luta pelos direitos humanos. Ela lutando por conservar e por transmitir a seus filhos as práticas artesanais e de agricultura e ele, conservando a sua prática de pesca e agindo como monitor nos Lagos de Yahuaracaca, além de muitas outras tarefas, fazem parte do grupo familiar estudado na comunidade. Eles foram os intermediários para acessar aos vovôs e vovós da comunidade, sendo identificadas algumas das casas dos avôs no Desenho 22 (circunferências azuis: Ilda, Rafaela, Victor e Hermelinda, Pascuala e Hernando (pais da Ruth). A linha vermelha ao igual que no croqui do início da comunidade, indica o acesso as espécies localizadas em zona vizinha que embora não dá para perceber, segundo as falas dos moradores em geral da comunidade é uma área com restrições de uso por ser zona privada e são já poucas as espécies as quais podem aceder. A linha laranja aponta a zona de roça e mato que na atualidade vê-se reduzida pelo incremento populacional da comunidade apresentando assim pouca disponibilidade de espécies para seus diferentes usos.

Na comunidade de Gamboa, foram realizados trabalhos com três famílias, correspondendo assim na época de cheia as famílias do senhor Jose e da senhora Beatriz e na época de seca a família do senhor Tertuliano.

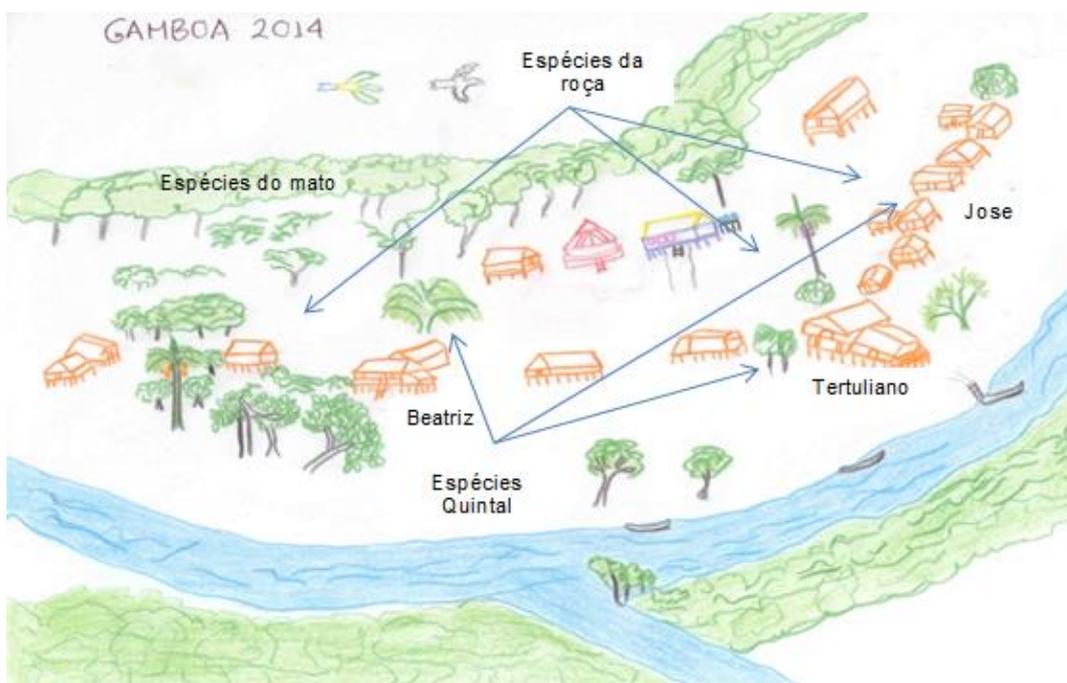
No Desenho 23, são localizadas as casas e o acesso de cada uma delas as espécies do mato, do quintal e da roça. As espécies do mato são quase do mesmo tipo de acesso para as duas famílias já que é uma pequena área e o deslocamento a zona do mato fica atrás da escola e da casa comunitária, lá tem o acesso as espécies utilizadas para artesanato próprio e espécies frutíferas e animais para alimento. As zonas de roça pelo geral estão localizadas depois da zona do quintal, próximo a estrada do mato. O quintal das casas é a zona mais próxima, encontrando principalmente espécies de uso medicinal, algumas frutíferas e hortaliças.

Desenho 22 - Croqui do R.I.S.S.L para os anos 2000-2014 (localização das casas e acesso as espécies mais utilizadas).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

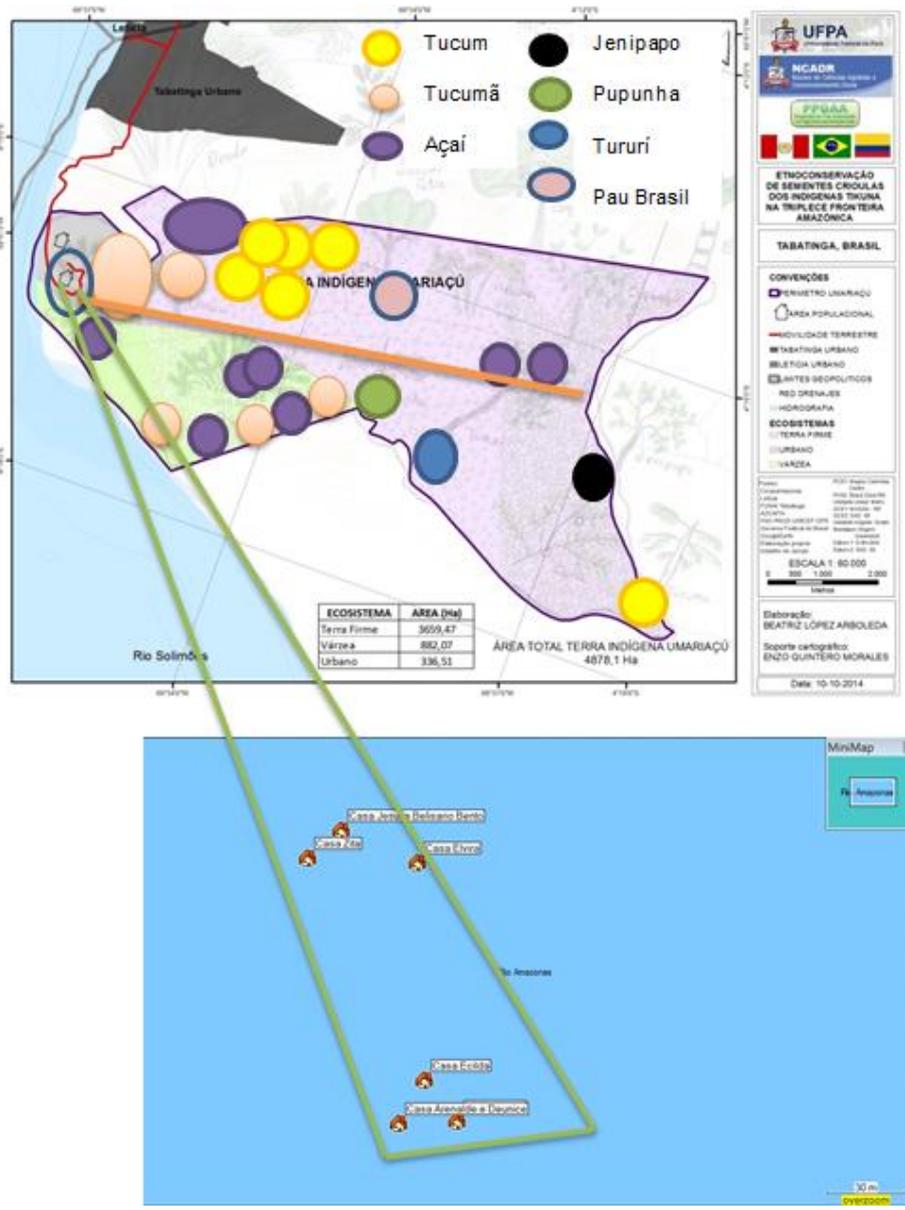
Desenho 23 - Croqui da Comunidade de Gamboa. Localização de algumas casas e seus acessos a espécies.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Na comunidade de Umariçu II, foram identificadas sete espécies principais para os artesãos da associação ACIU-Ewaré (Desenho 24). A distribuição das espécies é observada em quase toda a comunidade, sendo que a maioria fica no lado centro e mais perto das zonas de moradia, apresentando um fácil acesso as espécies utilizadas pelos artesãos. O açaí foi uma das espécies mais referenciadas, seguida do Tucum, Tucumã, Jenipapo, Pupunha, Tururí e Pau-Brasil. Uma linha laranja indica o acesso às espécies pelo caminho que fazem os moradores da comunidade para se dirigir a zonas de roça e mato.

Desenho 24 - Mapa da Comunidade Umariçu II. Localização das espécies mais utilizadas e seu acesso.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O georreferenciamento das casas da Jesuita, a Zita, o Belisario, o Jonato, a Elvira, a Ecilda, a Arenaldi e o Aldecir, membros da associação ACIU-Ewaré é apresentado como um *zoom* da zona urbana da comunidade.

A diferença do Resguardo Indígena San Sebastián de los Lagos, o acesso a espécies em variedade e quantidade foi identificado na comunidade de Umariáçu II, porém o crescimento populacional tem incrementado o que não descarta uma futura influência sobre as zonas onde são pegas estas espécies, elemento evidenciado mais ainda com as falas dos moradores das outras comunidades estudadas onde seu sonho é morar na Comunidade de Umariáçu II, de onde são seus ancestrais.

A resultados obtido na trajetória, foram insumos para conhecer e analisar a práticas dos Ticuna nas três comunidades, sendo a forma para conhecer a formas de etnoconservação dos Ticuna em torno as sementes. Esta proposta atende ao falado por Toledo e Alarcon (2012) onde afirmam que a forma de compreender os saberes locais de um grupo cultural, é a traves do analise das relações entre as atividades práticas com o sistema de crenças. Foi assim que o sistema de crenças levou a presente pesquisa inicialmente a identificar quais são as práticas dos Ticuna em torno as sementes, além de compreender os seus conhecimentos em relação a estes.

Um dos mais interessantes enigmas etnoecologicos são as formas como o pensamento do sujeito tradicional percebe, conceitua, classifica e utiliza seu espaço imediato, assim como sua correlação com as construções científicas especialmente com as da ecologia da paisagem (TOLEDO e ALARCON, 2012).

É assim que os indígenas Ticuna, dentro da sua cosmologia, contemplam as sementes como um elemento natural que faz parte do seu entorno como das práticas desenvolvidas por eles. Práticas de armazenamento, de artesanato e de pesca são alguns que contemplam o uso e manejo de sementes.

Na cosmologia Ticuna, as sementes vem-se representadas nos seus aspectos culturais e produtivos, é dizer, classificam as sementes de acordo ao seu uso, por exemplo, sementes de importância para uso na agricultura, sementes utilizadas para suas práticas artesanais e a representação da sementes nos rituais e relatos orais. A semente no seu imaginário, faz relação tanto a semente em se como as suas diversas etapas de propagação vegetal, sejam mudas ou mesmo palmeiras, árvores, plântulas, e assim a semente também é representada na vida própria dos mesmo indígenas, segundo relatos nas histórias de vida falando; “eu sou semente”. Este tipo de representação das sementes para os Ticuna evidencia a sua estreita relação com a

natureza, a qual pode-se contemplar como fala Diegues (2000) numa diversidade manipulada e domesticada de várias formas a qual não é vista como um recurso natural, mas o conjunto de seres vivos, que tem valor de uso ou simbólico e estão integradas numa complexa cosmologia.

Nesse sentido, pode-se falar numa etnobiodiversidade, isto é, a riqueza da natureza da qual participam os humanos, nomeando-a, classificando-a, domesticando-a, mas de nenhuma maneira, selvagem e intocada. Pode-se concluir que a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite as populações tradicionais entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la, retirar espécies, colocar outras e frequentemente enriquecendo-a (DIEGUES, ?).

O Quadro 6 (anteriormente referenciado), evidencia a grande diversidade existente nas três comunidades estudadas, além do conhecimento tradicional relacionado a estas. Cada espécie tem seu uso e manejo associado a frequência da sua colheita, o seu acesso e a sua época de safra. Embora nas três comunidades varia o tipo de espécie, é dizer tem abundância de espécies vegetais como legumes na Comunidade Nativa de Gamboa mais tem escassez de frutos e acontece o contrário no Resguardo indígena San Sebastian de los Lagos, a existência de vínculos familiares permite o intercambio destes produtos possibilitando assim complementar a diversidade nos seus hábitos alimentares.

Nas práticas Ticuna identificadas, as espécies utilizadas tem apresentado mudanças. A perda paulatina das atividades tradicionais e a escassez e o desaparecimento de espécies ocasiono uma falta no uso e manejo destas espécies o que explica que o conhecimento em relação a estas espécies poderia vê-se vulnerado, sendo preciso o apoio no resgate das práticas tradicionais e na transmissão oral do conhecimento tradicional.

De igual jeito, as espécies animais dispersoras de sementes, a traves do tempo, tem se visto vulneradas. O conhecimento dos Ticuna sobre seu entorno e em especial das espécies dispersoras relatam da propriedade e da função especial na dispersão das sementes do mato. A pouca observação destas espécies por parte dos Ticuna na atualidade, pode se considerar como um indicador preocupante da perda tanto das espécies do mato como das espécies dispersoras.

A celebração do aniversário da C.I.U II, embora atende a atividades mais do lado das novas influências como desfiles, venda dos seus produtos, é uma forma de lembrar as suas costumes e de se adaptar as condições do meio circundante que leva a sua interação com outras culturas e diversidades de atores sociais.

O conhecimento dos Ticuna em relação as práticas artesanais evidencia o seu grande aprendizagem no uso e manejo dos recursos naturais convertidos em elementos artesanais para labores comuns e também a forma de obter recursos econômicos que precisam na atualidade. Uma grande quantidade de espécies são utilizadas nas práticas artesanais e a maioria faz parte das espécies do mato. Embora o valor que representam as espécies para o artesanato, o uso e manejo desenvolvido por gerações e o tempo empregado não pode ser traduzido num valor monetário, a venda destes artesanatos, permite pelo geral as mulheres Ticuna a contribuir a subsistência das suas famílias.

O desaparecimento ou escassez de algumas espécies utilizadas no artesanato Ticuna, tem tido como consequência a mudança nos elementos artesanais elaborados na atualidade representados na sua maioria em bolsas e redes que são os artesanatos mais vendidos na fronteira, é assim que artesanatos como indumentárias com sementes de abai importantes nos rituais ou tipitis e peneiras utilizadas para o tratamento da mandioca diminuíram na atualidade.

As sementes na pesca é uma das tantas formas da percepção que os Ticuna tem sobre seu entorno natural. A identificação de locais que proveem de alimento aos peixes é uma estratégia que permite o conhecimento do seu território como a utilização dos seus recursos para desenvolver práticas tradicionais como é a pesca. Por esse motivo, os ecossistemas aquáticos como igarapés, lagoas, entre outros são muito especiais para os Ticuna e quaisquer motivo que coloque em risco estes locais, afeita em grande medida a prática produtiva tão importante para os Ticuna tanto para manter as suas costumes como para o sua soberania alimentar.

O armazenamento de sementes é realizado nas três comunidades estudadas. O fato que seja praticada com mais frequência na Comunidade Nativa de Gamboa, demonstra que a agricultura, igual que a pesca, são as práticas tradicionais mais importantes para os moradores desta comunidade. O conhecimento em torno ao armazenamento de sementes foi similar nas comunidades estudadas. A falta de armazenamento das comunidades de Umariáçu II e San Sebastian de los Lagos atende a sua influência pela proximidades aos centros urbanos de Tabatinga e Leticia.

Como os alimentos das comunidades de Gamboa dependem quase em sua totalidade da agricultura e da pesca, o armazenamento de sementes requer de atenção e constante prática.

A identificação de algumas das pessoas que realizam práticas em torno as sementes, foi preciso para ressaltar a importância destas pessoas para manter e resgatar as suas costumes assim como para valorar o conhecimento tradicional no uso e manejo destes recursos naturais, contribuindo assim na etnoconservação das sementes do seu território, sendo eles: Juliana, Ermelinda, Magdalena, Rafaela, Lucia Fernandez, Ilda e Lucia Gomez do lado do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos; Jesuita, Zita, Belisario, Jonato, Elvira, Ecilda, Arenaldi e Aldecir na Comunidade Indígena Umariçu II e as famílias do Tertuliano, José e Beatriz.

#### **4.2.3 As Redes nas Práticas dos Ticuna em Torno às Sementes**

As redes de sementes têm registros antigos. Santilli (2009) retoma a história das sementes no ano de 1809, onde Luis de Abreu Vieira e Paiva, oficial da armada portuguesa, depois do naufrágio de um navio que o levava até Goa (Índia), conseguiu chegar até as Ilhas Maurício (colônia francesa na África) e de lá trouxe para o Brasil várias mudas de plantas americanas e asiáticas, cultivadas em um jardim de aclimação criado pelo botânico francês Pierre Poivre. As sementes foram também mandadas para as demais colônias portuguesas, como Angola, Cabo Verde e São Tomé. Por outro lado, do Brasil foram transferidas para Goa, na Índia, o mamão, a mandioca, a pitanga e o caju, e para África a mandioca e a batata-doce. A questão que despertou este tipo de redes foi uma procura em vantagens a quem se dispusesse a aclimatar árvores “úteis ao progresso agrícola do Brasil” e liberava as taxas alfandegárias para a entrada e saída de especiarias.

Embora este tipo de redes tivesse um fim no “desenvolvimento agrícola” que veio depois a apoiar a “revolução verde”<sup>51</sup> por meio de pacotes tecnológicos com

---

<sup>51</sup> A Revolução Verde é o modelo agrícola baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos (OLIVEIRA e NASSER, 2007). Este modelo agrícola surge entre as décadas de 1950 e 1960, dependendo de insumos industriais e de mecanização o qual se estendeu por várias regiões do mundo. Os avanços da genética vegetal, proporcionados principalmente pela descoberta das leis da hereditariedade pelo monge austríaco Gregor Mendel, hoje considerado o “pai da genética”, contribuíram para a revolução verde. A revolução verde expandiu-se amplamente pelo mundo promovendo uma intensa padronização das práticas agrícolas e artificialização do ambiente natural (SANTILLI, 2009).

fornecimento de agrotóxicos ideais para os monocultivos que tenham nesse momento a justificativa de acabar com a fome no mundo e logo depois a introdução de sementes transgênicas e melhoradas, existem outros tipos de redes em torno as sementes, mas voltada em garantir uma diversidade de espécies para quem as cultivam e para fortalecer a sua soberania territorial e alimentar, baseadas nas suas próprias culturas. Diversos povos tradicionais estabelecem redes sociais principalmente baseadas na troca e no presente.

Porém, na atualidade esse tipo de rede vem se transformando e adquirindo padrões da economia Ocidental, em especial da introdução de modelos da “revolução verde”, para serem inseridos ou impostos de alguma maneira nas práticas agrícolas dos diferentes povos tradicionais, influenciando os tipos de redes com base na confiança mútua entre famílias e na reciprocidade das relações entre os mesmos.

Segundo Sanches (2009) as redes sociais para os Ticuna têm sua base na organização do território, as quais se tem dado pela união de duas metades de um clã e pela necessidade de formar uma rede de parentes, que lhes proporcionam coesão social e construção de laços de parentesco com outras famílias Ticuna ou com outras etnias. As redes de parentesco promovem a solidariedade, constituem força de trabalho e promovem a formação dos atores sociais a través do aprendizagem.

As redes de intercâmbio, venda e presente, especificamente de sementes, artesanatos e conhecimentos foram evidenciadas nas três comunidades indígenas Ticuna estudadas, apresentando similitudes e diferenças entre as mesmas.

#### 4.2.3.1 Os que fazem as redes sociais. Atores nodais

Nas três comunidades estudadas, foram identificados diversos moradores nodais que especificamente realizam práticas de intercâmbio, venda ou presente de sementes, assim como de artesanatos e dos conhecimentos em torno a estes. Tem-se identificado também os principais produtos que fazem parte das redes dentro e entre comunidades.

##### *Comunidade indígena Ticuna Umariacu II*

No primeiro momento foram identificadas lideranças da comunidade tendo como primeiro contato o cacique, quem forneceu a informação da existência das associações OCITU II e ACIU-EWARÉ. Após o primeiro contato, foi estabelecida uma

conversa com os presidentes de cada associação, sendo comentado o objetivo das entrevistas para identificar pessoas focais em torno às redes sociais que são desenvolvidas em torno às sementes. Por meio de oficinas com a Associação ACIU-Ewaré, foi estabelecido um grupo de pessoas que além de desenvolver práticas de artesanato, trabalha cotidianamente suas roças, já que para a maioria das famílias é a base do seu sustento alimentar.

O grupo foi formado por Nileni, Alcides, Jesuíta, Jonato, Elvira, Neici, Zita, Arenaldi, Deunici, Noelsa, Aldecir, Adelina, Ecilda Angel, Ernestina do Carmo Pona e Nilza Belisario Paria. Eles apresentaram por meio de um Quadro os objetivos de venda dos artesanatos feitos por eles, além do tempo que demanda para eles na elaboração dos mesmos (Quadro12).

Quadro 9 - Preços e tempo de elaboração dos artesanatos por alguns membros da Associação ACIU-Ewaré.

ARTESANATO	DURAÇÃO DO PROCESSO	PREÇOS	PESSOAS QUE FAZEM OS ARTESANATOS
Redes	2 a 4 semanas	R\$120 R\$ 80	Zita
Cesto	3 dias	R\$120 R\$ 80 R\$ 60 R\$ 50	Jesuita Elvira
Bolsa	2 e 3 semanas	R\$ 25 R\$ 20 R\$ 15 R\$ 10	Deunice Neici
Brinco	1 dia	R\$ 10	Nileni
Pulseira	2 dias	R\$ 5 R\$ 10	Arenaldi
Colar	1 semana	R\$ 15	Marilda
Tapete	1 mês	R\$ 100 R\$ 80 R\$ 50 R\$ 40 R\$ 30	Elvira
Jogo americano	2 semanas	R\$ 20	Zita

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

A duração do processo do artesanato varia dependendo das atividades na roça e nos trabalhos domésticos, é uma atividade que pelo geral é desenvolvida nas horas da tarde e da noite. Os preços assinalados pelas artesãs, não são fixos, mas os produtos artesanais encontrados nas cidades vizinhas tem um preço maior do que os oferecidos por elas.

No percurso da identificação das pessoas focais dentro da associação, foi indicada a família da Jesuíta que forneceria as informações sobre a diversidade de espécies (das práticas agrícolas e artesanais) e sobre as conexões em relação a esses elementos.

Jesuíta, seu marido Jonato e a mãe da Jesuíta, Zita, foram interlocutores-chave na identificação das redes dadas na comunidade. Embora seja ambicioso falar que por meio das informações de uma família pode-se identificar os tipos de redes em torno às sementes existentes numa comunidade como Umariçu II, com uma população que excede os 4.000 moradores, tem que se esclarecer que para efeitos do presente trabalho foi realizado este tipo de mecanismo devido aos alcances e parâmetros estabelecidos ao início da pesquisa.

Segundo a pesquisa, o acesso das sementes por parte dos moradores da comunidade é das mesmas roças e outros ecossistemas como mato e várzea. O conhecimento pelo geral se encontra associado às avós e os avôs que corresponde transferir os seus conhecimentos aos netos (Fotografia 23).

Fotografia 23 - **A.** O senhor Jonato com a sua filha. **B.** Avó da associação junto ao seu filho e carregando a sua neta com artefato artesanal para carregar crianças.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Pelo geral as sementes são pegas por cada família na sua roça. Assim, a obtenção e fornecimento de sementes são desenvolvidos dentro das mesmas famílias.

Em-quanto ao artesanato, circula no mercado de venda em Tabatinga e em algumas ocasiões compartilhado dentro das mesmas famílias para uso próprio. As sementes, frutos e fibras utilizados por eles para a fabricação do artesanato provêm das suas mesmas roças ou das zonas de mato e várzea.

Os tipos de produtos que circulam dentro da comunidade e com outras comunidades (comunidade Tacana) são farinha, peixe, tinturas, frutos, sementes e bicos de Tucano<sup>52</sup>.

#### *Resguardo Indígena San Sebastián de los Lagos*

Estudos adiantados no Resguardo Indígena de San Sebastian de los Lagos e em geral de todas as comunidades associadas a AZCAITA, apresentam que a subsistência dos moradores depende primordialmente da pesca e da roça, em especial da mandioca para preparar farinha que acompanha todos seus alimentos e que serve como mercadoria de troca para ingressar nas redes de comércio estabelecidas em Leticia. Os produtos agropecuários que são considerados de maior importância para a comercialização em Leticia são a *uva caimaron*, o abacaxi, a farinha e o amido de mandioca (AZCAITA, 2008).

No resguardo, foram inicialmente identificadas lideranças que ofereceram informações sobre as pessoas que desenvolvessem práticas em torno às sementes como intercâmbio das mesmas, assim como dos seus produtos artesanais. A principal pessoa focal, de fato, foi previamente identificada antes de conhecer a comunidade, no trabalho de pré-campo, na consulta a “*Gobernacion del Amazonas*” na cidade de Leticia, na oficina de Assuntos Indígenas, referenciaram a moradora da comunidade Ruth Lorenzo como uma liderança e com quem se poderia ter o primeiro contato com a comunidade, sendo ela a primeira pessoa focal identificada, depois do Claudio Fernandez que, no momento de pré-campo era o *Curaca* (cacique).

A primeira entrevista foi da Ruth Lorenzo, ela falou sobre as pessoas que também tem conhecimento das sementes e o seu uso para tinturas: Avó Juliana, Avó

---

<sup>52</sup> Informação oferecida numa entrevista a senhora Zita.

Rafaela, Don Victor, Dona Ermelinda, avó Pascuala Fernandez (mãe da Ruth) e Dona Ilda Lorenzo.

Depois foi feita a entrevista a Claudio Ferndandez. Ele indicou os jovens: Javier Chota Lorenzo, Tony Ramos, Nixon Felipe Fernandez e Tejjilda Fernandez. Os adultos: Ruth Lorenzo, Adacio Manrique e Jorge Juan Gomez e as vovós e os vovôs: Pascuala, Juliana, Rafaela, Ilda, Josefina, Magdalena, Ana, Lucia Fernandez, Lucia Gomez e o “tio Victor”.

Depois foram realizadas as entrevistas a cada um deles e referenciaram as vovós mencionadas nas entrevistas anteriores e a Ruth Lorenzo, como as pessoas que possuem maior conhecimento sobre o tema abordado.

Depois das entrevistas, foram selecionados três grupos: o grupo dos jovens, representado pelo Javier Chota, o grupo dos adultos representado pela Ruth Lorenzo e o grupos dos vovôs, que foram reunidos para socializar as temáticas e fornecer as informações por meio de um convite na casa do avô Hernando Lorenzo (pai da Ruth).

Sobre o acesso às sementes no grupo dos avôs (Fotografia 24), foram evidenciadas suas próprias *chagras* e *monte virgen* como os principais locais onde são adquiridas as suas sementes na utilização tanto no artesanato como na agricultura. Em relação ao compartilhamento das sementes e dos produtos artesanais, em geral acontece entre famílias, que moram na comunidade ou em outras comunidades. Os produtos artesanais são compartilhados tendo em troca alimentos como farinha e peixes nos convites para participação em rituais.

A elaboração de artesanatos tradicionais como tipiti e peneira são pouco realizados na atualidade e o conhecimento sobre o manejo das próprias sementes, repousa nos avôs da comunidade, manifestando eles uma grande preocupação já que os seus netos que são aos quais tem que compartilhar os seus conhecimentos, não têm interesse já que estão se envolvendo nas novas culturas da cidade ou moram em outra cidade afastada (principalmente capitais) onde foram para continuar os seus estudos. Outro problema tem relação com o território, manifestando que o problema na atualidade é que não tem onde semear, eles falam “*temos as sementes mas elas esgotam à medida que nosso território fica mais reduzido*”.

Fotografia 24 - Os Avôs e as avós do R.I.S.S.L.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

As avós também falam dos fins dos artesanatos que produzem (Quadro 13). A Ilda e Ermelinda têm como finalidade a venda dos seus artesanatos, Lucia e Magdalena fazem venda e presente, a Rafaela além de vender armazena os seus artesanatos para uso próprio, a Pascual utiliza seus artesanatos para uso próprio, em especial, para carregar a mandioca e finalmente a avó Juliana faz artesanatos para seus filhos vender e dar de presente. Foi evidenciado um tipo de artesanato mais tradicional por parte dos avôs e de fato ainda conservando o fim para uso próprio, isto em relação aos artesanatos produzidos mais frequentemente por parte de jovens e adultos com fins comerciais.

Quadro 10 - Práticas artesanais das avós da comunidade San Sebastian de los Lagos.

NOME DA PESSOA	TIPO DE ARTESANATO	FINS DO ARTESANATO
Ilda	Tipiti	Venda
Lucia	Pacará	Venda e presente
Magdalena	Rede	Venda e presente
Ermelinda	Bolsa	Venda
Rafaela	Cesto, peneira	Vende e armazena para ela
Pascuala	Peneira, cesto	Para carregar mandioca
Juliana	Rede, colar <i>ojo de dios</i> e de <i>wairuro</i>	Para os filhos dela, venda e presente.

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Numa das entrevistas feitas ao avô Hernando Lorenzo foram evidenciados os locais de acesso das espécies para elaboração de tinturas como o quintal da sua casa, na beira da *Quebrada Yahuaracaca* e do mato, sendo as mais utilizadas por ele a *Pepa Negra* e Pau-Brasil. O acesso por meio de compra não é feito nem de sementes para artesanato nem para a agricultura já que a maioria do que ele tem são frutos e mandioca, os quais são disseminados pelos animais ou por eles mesmos, pegam e plantam nas mesmas roças. O avô Adan<sup>53</sup> foi quem deu para o avô Hernando o conhecimento sobre sementes. O intercâmbio tanto das sementes como dos seus produtos representados em tinturas ou artesanatos, não é muito comum na comunidade. Além das práticas elaboradas pelo avô Hernando, também tem a função de guardião da comunidade *“a nossa função é cuidar do povo e proteger o território indígena. São nove guardiães”*.

O fornecimento de sementes por parte de instituições e do Estado Colombiano, foi comentado pela Ruth, ressaltando que na maioria das ocasiões não tem dado certo pela falta de uma área adequada para o armazenamento destas sementes, além disso, em ocasiões as sementes fornecidas não dão fruto na safra, sendo trabalho perdido na *Chagra*. Não foi percebida a compra de sementes nos mercados das cidades. Os produtos artesanais são principalmente para a venda e feitos somente por encomenda. O principal produto artesanal elaborado são bolsas, com preços que variam entre \$35.000 até \$100.000 pesos colombianos.

Outro morador, do grupo dos adultos, fala sobre o conhecimento adquirido sobre as sementes:

*“O naico a gente pega do chão, dentro dele tem muitas sementes e são semeadas, crescem muito fácil. Elas são apanhadas e sai o suco, isso me ensinou meu avô Augusto Lorenzo Faria, também ensinou tirar a yanchama, a apanhar e fazer artesanato. Existem três tipo de yanchama: ojé, Acarabazu e Ñguri. O mais fácil de conseguir é ojé e acarabazu, eles diferem da textura, o ojé é mais branco que o acarabazu e o Ñguri é cor de rosa (o mais difícil de conseguir)”*. (Benjamin, R.I.S.S.L)

No grupo dos jovens a principal produção são máscaras, as quais são feitas da árvore topa, considerada uma espécie escassa pelos moradores.

---

<sup>53</sup> A casa do avô Adam foi referenciada nos croqui multitemporais do Resguardo Indígena de San Sebastian de los Lagos, nas primeiras décadas.

O filho da Rutn, Javier Chota Lorenzo, mostrou os seus artesanatos feitos de topa, que aprendeu com seu irmão mais velho. Para ele o processo do artesanato inicia na coleta da topa sendo ideal na roça em época de seca, pela *Quebrada Yahuaraca*. Existe outro tipo de árvore utilizada para fazer máscaras, a *Comala*, mas ela é escassa e na comunidade é difícil de encontrar. A topa tem a característica de ser macia e frágil no contrário da *Comala* que é mais forte, porém difícil de encontrar. Tem algumas no rio pelo Lago Zapatero.

A venda dos artesanatos do Javier tem preços variados, de acordo com tamanho dos produtos. As máscaras de 15 cm são \$2000 (pesos colombianos), de 30 cm \$4000 e a maior de \$100 mil (pesos colombianos). Os produtos são vendidos na sua própria residência, por compra direta ou encomendas. Segundo seu relato, a venda nas lojas de Leticia é muito complicada, por oferecer preços baixos. Outros jovens citados pelo Javier que fazem artesanato na comunidade são Nixon, Tony, Margot, Juan Carlos, todos fazem de máscaras de topa.

#### *Comunidade Nativa de Gamboa*

O primeiro contato estabelecido foi com a família do senhor José, o qual é filho do fundador da comunidade. Na vivência com a família do José foram identificadas as pessoas que regularmente tem estabelecido algum tipo de rede em torno às sementes. Pelo fato da comunidade ser pequena, todas as pessoas pertencem às redes, contudo só foram trabalhados os tipos de redes das três famílias estudadas.

Nas três famílias foi identificado o mesmo tipo de acesso a sementes, provenientes da *chagra* ou compradas no mercado de Tabatinga. Devido às condições da locação em zona de várzea da comunidade e passar por alagação na época de cheia, é muito importante para eles armazenar sementes.

A família do senhor José (Fotografia 25) apresentou as formas de armazenamento de sementes em garrafas. A filha de José, Josefina, relatou sobre como sua avó transmitiu o conhecimento sobre esta prática.

Fotografia 25 - Relatos na cozinha da casa do senhor José.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

A família do senhor José na época de cheia estava conformada pela sua esposa, a sua filha Lina (menina), seu filho Esneider (menino) e a sua filha Josefina com seu marido e a Natali, filha deles. Na vivência com eles nesta época, foi observado visita dos filhos que moram na cidade de Leticia, sendo evidenciado o presente por parte dos visitantes mas também era traduzido em intercâmbio no momento do fornecimento de alimentos como peixe e farinha por parte do José.

Na época de seca, a família do José viu-se reduzida, já que a família da sua filha Josefina migrou para outra comunidade indígena, aumentando assim de alguma maneira as redes existentes na sua família, já que tem um lugar mais para visitar propiciando assim o compartilhamento entre eles.

Nos relatos do filho do José, o Joel quem acompanhou e ilustrou durante a pesquisa, a comunidade e seu entorno, comentou sobre os seus vínculos com a Comunidade Indígena Nazaré do lado da Colômbia, lá mora a avó dele.

Por outro lado, foi escutada a percepção das redes em torno as sementes por parte da família da Beatriz. A senhora Beatriz mora com seu marido e seu filho, ela é uma dos poucos moradores não indígenas. Porém mantém as mesmas práticas de armazenamento observadas nas outras duas famílias estudadas. As redes de intercâmbio ou presentes na família dela não foram identificadas, sendo somente a venda o fim dos seus produtos da roça e do quintal.

A família do senhor Tertuliano indicou as pessoas que tem conhecimento sobre o armazenamento de sementes: Beatriz, Noila, os filhos do Tertuliano, Lupe, Lucimar, Amelia, Pedrina e Yaira.

As melhores safras são oferecidas como presente para a família, fala o senhor Tertuliano. As três famílias foram entrevistadas pelo mecanismo bola de neve. Porém, somente a família do Tertuliano informou sobre as pessoas que participam das redes de venda e presente na comunidade.

#### 4.2.3.2 Tipos de redes-Canais de comunicação

Os tipos de redes que fazem parte do artesanato da Comunidade Indígena de Umariçu II, correspondem na sua maioria a venda. As artesãs fabricam produtos específicos, a Jesuíta vende cestos de arumã de diversos tamanhos, a mãe dela, Zita, tem a especialidade de redes, cocares de penas e jogos americanos e Elvira e Neici vendem bolsas. Este tipo de especialidade de cada uma delas, de certa forma, não gera concorrência na produção artesanal.

As redes de venda também se dão nos produtos da roça os quais são vendidos no mercado Ticuna de Tabatinga ou na Feira de Tabatinga. As redes de troca são escassas, apresentando-se esporadicamente com famílias de outras comunidades. As redes de presentes são dadas dentro da mesma comunidade e regularmente dentro dos núcleos familiares.

No Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos foram identificados principalmente redes de venda, seguidos pelas redes de presente dentro dos núcleos familiares e em menor medida pelas redes de intercâmbio com outras comunidades próximas.

Na comunidade Nativa de Gamboa as redes de presente, foram as mais evidenciadas, sendo somente redes de venda em torno aos produtos das suas *Chagras* que são levados para o mercado de Tabatinga.

Além dos tipos de redes referentes à venda, intercâmbio e presente dentro das comunidades, foi preciso identificar os atores com algum tipo de influência nas redes identificadas nas três comunidades, sendo indagado por meio de revisão bibliográfica e por entrevistas aos moradores das comunidades sobre os grupos influentes na zona de fronteira. Assim como os atores, no Quadro 14, foram identificados os diferentes nós e canais de comunicação que fazem parte das redes na tríplice fronteira.

Quadro 11 - Nós e canais de comunicação das redes em torno às sementes existentes nas Comunidades Indígenas Ticuna de San Sebastian de los Lagos, Umariçu II e Gamboa na situação de tríplice fronteira.

ATORES-NÓS	CANAIS DE COMUNICAÇÃO	PESSOAS FOCAIS
<b>ASENTAMENTOS HUMANOS: COMUNIDADES INDÍGENAS</b>	-	-
<u>SAN SEBASTIAN DE LOS LAGOS</u>	Rodovia Leticia-Tarapacá Quebrada Yahuaracaca	Ruth Lorenzo Claudio Fernandez Vovós e vovós
<u>KILOMETRO 6</u>	Rodovia Leticia-Tarapacá	Famílias de San Sebastián de los Lagos
<u>KILOMETRO 11</u>	Rodovia Leticia-Tarapacá	Famílias de San Sebastián de los Lagos
<u>NAZARET</u>	Rio Amazonas	Famílias de Gamboa
<u>UMARIAÇU I E II</u>	Rodovia Umariçu II-Tabatinga-Leticia	Grupo ACIU-Ewaré Famílias de San Sebastián de los Lagos e de Gamboa
<u>FILADELFIA</u>	Rio Solimões	Famílias de San Sebastián de los Lagos
<u>BOM CAMINHO</u>	Rio Solimões	Famílias de San Sebastián de los Lagos
<u>GAMBOA</u>	Rio Amazonas Quebrada Gamboa	Tertuliano Beatriz José
<u>CHINERIA</u>	Rio Amazonas Quebrada Chineria	Vizinhos Gamboa-famílias
<u>PRIMEIRO DE MAIO</u>	Rio Amazonas	Vizinhos Gamboa-famílias
<b>CIDADES</b>	-	-
<u>LETICIA</u>	Rodovia Leticia-Tarapaca Aeroporto Alfonso Bonilla Porto fluvial de Leticia	Famílias Gamboa e San Sebastian
<u>TABATINGA</u>	Porto fluvial de Tabatinga Rodovia via aeroporto	Famílias Gamboa e Umariçu II
<u>SANTA ROSA</u>	Porto fluvial de Santa Rosa	Compradores
<u>CABALLO COCHA</u>	Rio Amazonas-Iquitos	Instituições Peru
<u>BOGOTA</u>	Aeroporto el Dorado	Instituições-compradores independentes
<u>MANAUS</u>	Porto fluvial de Manaus Aeroporto de Manaus	Compradores
<u>LIMA</u>	Aeroporto de Lima	Instituições-compradores
<b>INSITITUCIONAL</b>	-	-
<u>CORPOAMAZONIA</u>	Projetos de apoio e fortalecimento em prol dos saberes tradicionais e a conservação da biodiversidade (conhecimentos).	Entrevistados: Cartografia Jhon Jairo Arbelaez POMCH: Jhon Jairo Acuña Projetos indígenas: Carlos Lozano
<u>Instituto Amazônico de Investigacion científica SINCHI</u>	Projetos de apoio e fortalecimento em prol dos saberes tradicionais e a conservação da biodiversidade (conhecimentos).	Entrevistado: Coordenador Luis Eduardo Acosta.

<u>Asuntos indígenas- Gobernacion del Amazonas- Colombia</u>	Conhecimento. Representação indígena	Entrevistados: Ruth Lorenzo Fernandez
Instituto de Bienestar Familiar ICBF	Apoio por meio do desenvolvimento de projeto e atenção aos moradores da comunidade San Sebastian no referente a segurança alimentar (conhecimento).	Entrevistados: Sector de Segurança Alimentar
Fundação Nacional do Índio FUNAI	-	Mislene Netchacuna Martins Mendes
FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura)	Na fronteira tanto FAO com sede em Tabatinga-Brasil e com sede em Leticia-Colômbia, tem desenvolvido projeto de fortalecimento em torno ao intercâmbio de sementes visando a contribuir a segurança alimentar dos povos indígenas (conhecimento).	Representante sede Leticia: Olga Lucia Chaparro
ONG ITALIANA ISCOS Istituto Sindacale per la Cooperazione allo Sviluppo (Istituto Sindical pela Cooperação ao Desenvolvimento)	Desenvolvimento de projeto de banco de sementes em comunidades indígenas no município de Benjamin Constant (conhecimento).	Entrevistado: Enrico Garbellini
Associação Indígena ACIU-Ewaré	Associação indígena da Comunidade de Umariçu II, focada no artesanato e na agricultura	Tertulino
Associação indígena OCITU II	Associação indígena da Comunidade de Umariçu II, focada na pesca e na construção de moradias	Cristóbal Pinto
<b>ACADÊMICOS</b>	-	-
<u>Universidad Nacional sede Leticia-Colombia</u>	A Universidade, especificamente o <i>Instituto Amazônico de Investigaciones IMANI</i> , tem adiantado diversas pesquisas em comunidades indígenas Ticuna (conhecimento).	Entrevistado: Carlos Zárate
<u>Universidade Federal do Amazonas-UFAM</u>	Pesquisas em comunidades indígenas na tríplice fronteira (conhecimento).	Entrevistados: professora Ivanilse Castro
<u>Universidade do Estado do Amazonas - UEA</u>	A universidade tem sua sede na cidade de Tabatinga e vários jovens da comunidade de Umariçu II estudam nela (conhecimento).	Entrevistado: professor Fred Spinoza
<b>PORTOS</b>		
Porto de Leticia	Rio Amazonas	Porto de Leticia
Porto de Tabatinga	Rio Solimões	Porto de Tabatinga
Porto de Santa Rosa	Rio Amazonas-Yavari.	Porto de Santa Rosa

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Os assentamentos humanos, em especial as comunidades indígenas apresentadas no Quadro 14, além dos estudados, foram indicados pelos moradores das comunidades, os quais possuem algum tipo de vínculo familiar e com as quais mantêm um regular contato tanto nas suas visitas a estas como no recebimento deles nas suas próprias comunidades. Estas visitas têm implícito um processo tanto de intercâmbio como de presente, sendo somente apresentado o canal de venda nos assentamentos humanos em relação às cidades próximas de Leticia e Tabatinga. Os principais canais de comunicação são os afluentes hídricos que correspondem ao Rio Solimões (Brasil) e Rio Amazonas (Colômbia e Peru) e as rodovias Leticia-Tarapacá (Colômbia) e Tabatinga-via aeroporto (Brasil).

As Comunidades Indígenas referidas pelos moradores das três comunidades com as quais apresentam algum tipo de vínculo de parentesco ou de amizade são as comunidades Indígenas do Peru (Chineria e Primeiro de Mayo), da Colômbia (Nazaré, Km 6, Km 11), do Brasil (Filadélfia e Bom Caminho).

Outros tipos de nós identificados são os correspondentes às instituições e associações públicas ou privadas presentes na zona de fronteira e com algum tipo de relação ou influência nas três comunidades estudadas.

A associação ACIU-Ewaré tem participado de várias feiras de artesanatos realizados nas cidades de Manaus/AM, Brasília/DF, Tabatinga/AM, Leticia/Colômbia e vem promovendo feiras de artesanatos com peças feitas pelos artesãos da associação. Assim o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (IDAM), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), são instituições com as quais a Ewaré-ACIU vem fazendo parcerias.

O pesquisador da Universidade Nacional da Colômbia com sede em Leticia ofereceu informação sobre os tipos de projetos adiantados pela FAO sobre intercâmbio de sementes. Esta informação também foi corroborada no momento que o *curaca* do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos comentou sobre evento de intercâmbio de sementes feito na comunidade de Nazaré.

A *Corporación Autónoma Regional da Amazonia* CORPOAMAZINIA foi uma das fornecedoras da informação cartográfica utilizada na presente pesquisa, além das diversas informações bibliográficas sobre a zona de fronteira e concessão de entrevistas sobre sua perspectiva das sementes, suas redes e a situação de fronteira. O objetivo da corporação é “Diminuir os conflitos ambientais, fortalecendo o papel da

autoridade ambiental, melhorando a qualidade de vida das comunidades da região”, já que sua missão é conservação e administração dos recursos naturais, esta instituição tem muita influência no desenvolvimento das práticas de manejo e uso das sementes na Amazônia Colombiana.

O *Instituto Amazônico de Investigación Científica* (SINCHI) é um instituto de pesquisa científica que tem como fim pesquisas relacionadas com a realidade biológica, social e ecológica da região amazônica. Especificamente tem conduzido pesquisas sobre segurança alimentar nas comunidades indígenas do Trapézio Amazônico.

A secretaria de *Asuntos Indígenas* faz parte da *Gobernacion del Amazonas-Leticia-Colômbia* e tem como objetivo visibilizar e solucionar as diferentes necessidades e problemáticas dos grupos étnicos. Ruth Lorenzo, moradora do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos, trabalha nesta instituição.

A polícia ambiental da cidade de Leticia tem como principal objetivo fazer fiscalização de espécies vegetais e animais que circulam pela zona de fronteira. Durante a pesquisa, foi observado campanhas de conscientização sobre o uso das folhas de palmeira do Tucum na época de semana santa, controlando sua comercialização.

A Fundação Nacional do Índio – FUNAI é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro e sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. No decorrer da pesquisa foi visitada regularmente esta instituição tanto por trâmites éticos para o desenvolvimento da pesquisa na Comunidade Indígena Umariçu II, como para consulta de informação cartográfica sobre a comunidade e entrevistas a alguns funcionários.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura-FAO- tem abrangência nos três países, apresentando seu foco em projetos sobre soberania e segurança alimentar, em parceria com instituições dos três países. Durante a pesquisa a FAO realizou eventos em comunidade indígenas da Colômbia em torno a troca de sementes e soberania alimentar e acompanhou a elaboração de projetos de produção de peixe para a Associação ACIU-Eware na Comunidade Indígena de Umariçu II.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem conduzido diversos estudos em comunidades indígenas Ticuna, mas não foram muito visibilizadas já que sua sede fica no município de Benjamin Constant, porém foi comentado por educadores do

recinto que tem intencionalidade de realizar pesquisas interdisciplinares em conjunto com Colômbia e Peru.

#### 4.2.3.3 Nós: Conexões locais, conexões na fronteira e conexões globais

No lado da Comunidade Umariçu II, os moradores locais têm como canal de comunicação a rodovia que conduz a Tabatinga, eles vão na maioria das vezes caminhando, em poucas ocasiões utilizam o transporte de van que funciona regularmente todos os dias com uma frequência de 20 minutos desde às 07:00h da manhã até as 17:00h da tarde, com destino às cidades de Tabatinga e Leticia. Este canal de comunicação ou conexões, para o presente caso, é utilizado para a venda dos produtos das roças da comunidade e dos artesanatos, especialmente, tapetes e taparas. Esses últimos são observados com frequência, na cidade de Tabatinga, carregados pelos indígenas nas ruas. Os moradores da comunidade não costumam comprar sementes, utilizam as mesmas sementes das suas safras.

Os produtos do artesanato na comunidade de San Sebastian de los Lagos é intercambiado na mesma comunidade e em outras comunidades próximas por outro tipo de produtos como roupas e alimentos (açúcar, arroz e grãos). Existem vínculos de artesanato principalmente com as comunidades indígenas Ticuna de Nazaré, Arara, Nuevo Jardin e El Progreso.

*“Eu sei que tem muito bom conhecimento sobre artesanato nas comunidades de Nuevo Jardin, el Progreso, Arara e Nazareth”. (Benjamin, R.I.S.S.L)*

Segundo moradora da comunidade San Sebastian de los Lagos, os primeiros habitantes na comunidade foram: Antonio, Raimunda Ramos, Santo Fernandez, Francisco Ramos, Rafaela, Julia, Eva (yagua), Manuel, Alfredo Manrique e dona Rosa, Abuelo Chigana (irmão de Roberto Cruz, eles vieram com família e dois filhos, mas eles voltaram ao Brasil por causa da morte da irmã), Artemio, Ana, Lucia. No ano de 1991 chegaram: Don Ojanama (cocama), Família Navarro, Família Ariramos (Antonio Moram trouxe filhos e genros).

Na atualidade aumentou em grande medida a mistura com outras etnias e os vínculos familiares se expandiram tanto nos três países como nas comunidades próximas. Existem vínculos familiares como foi evidenciado com a etnia Uitoto. Uma das moradoras da comunidade de San Sebastian de los Lagos (Fotografia 26A) se

ofereceu a apresentar a família dela que mora na comunidade indígena Uitoto do *Km 11*, especificamente numa associação de artesanato.

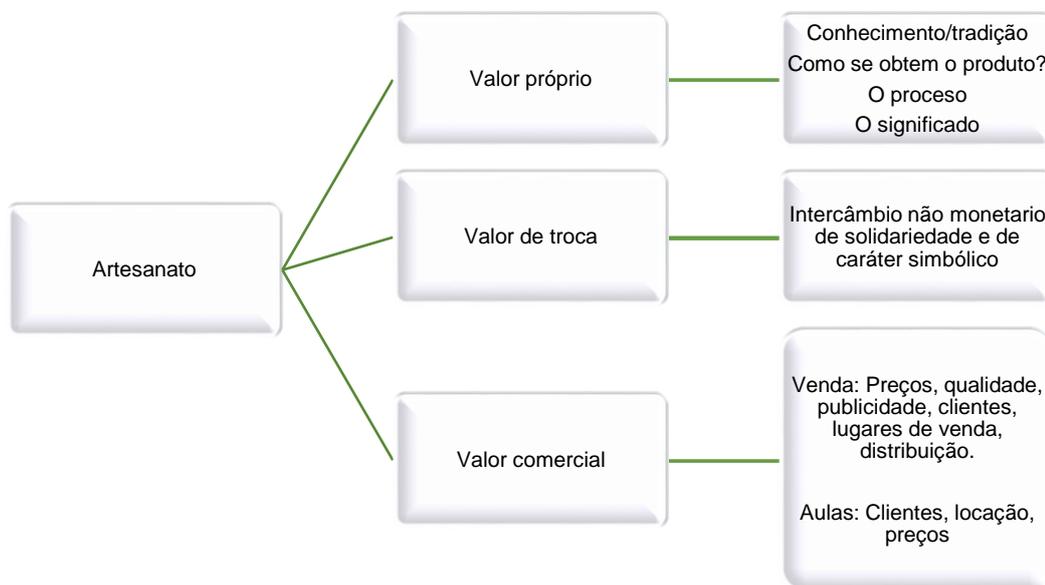
Fotografia 26 - **A**: Indígena da Comunidade San Sebastian de los Lagos apresentando pintura em Tururi feita por uma indígena Uitoto do *Kilometro 8*. **B**: Intercâmbio de conhecimento mulheres AZCAITA.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Outro tipo de relação existente é por meio da associação AZCAITA que integra as comunidades indígenas do trapézio amazônico. Na vivência na comunidade foi realizado um evento em torno as práticas tradicionais das mulheres indígenas (Fotografia 26B). Durante o evento foi debatido o trabalho da mulher indígena e foram ressaltadas as práticas do artesanato como um dos sustentos econômicos das famílias. Um dos resultados evidenciou os valores que os participantes atribuem ao artesanato (Desenho 25) como valor próprio referente ao conhecimento que ele envolve desde seu significado para a cultura indígena, assim como a obtenção dos elementos, da elaboração e do seu uso. O valor de troca foi identificado como um intercâmbio não monetário, de solidariedade e de caráter simbólico. Finalmente o valor comercial foi relacionado com a venda dos produtos artesanais, além dos recursos econômicos que recebem por administrar aulas sobre a elaboração dos artesanatos nas cidades.

Desenho 25 - Diálogo de saberes sobre as práticas das mulheres indígenas no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Existem vínculos familiares entre as comunidades estudadas, indígenas de San Sebastian de los Lagos têm família na comunidade de Gamboa e na comunidade de Umariçu. Estes tipos de vínculos existem desde o princípio da fundação das comunidades, assim como comentava um dos moradores mais velhos de San Sebastian de los Lagos, sobre o seu casamento nos tempos da fundação da comunidade com uma indígena Ticuna da comunidade de Umariçu.

Além da existência do relacionamento dentro das comunidades e entre as comunidades estudadas, existem redes a nível global que envolvem a venda dos artesanatos das Comunidades Indígenas de Umariçu II e San Sebastian de los Lagos.

*“Ojo de Dios: São sementes para fazer colares e pulseiras. Eu vendo por encomenda na cidade de Leticia, Bogotá, França, Alemanha, Espanha. Às vezes vem uma espanhola e compra muito artesanato para levar para a Europa”.* (Relato avós, RISSL)

Para Machado et al. (2014), a participação da etnia Ticuna de Umariáçu em atividades desenvolvidas como comércio de produtos, serviço público, atividades educacionais de nível básico e superior, trabalhos no varejo, etc, é facilitado devido a sua proximidade com o centro urbano. Este comportamento é muito similar no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos com quase a mesma proximidade ao centro urbano e com canais de comunicação como rodovias que facilitam seu acesso e circulação de produtos. Além disso, o autor afirma os tipos de relações de troca monetárias no comércio Ticuna não há apenas o comércio interno, existe também a comercialização de produtos tanto com Tabatinga quanto com o Peru e a Colômbia.

As trocas simbólicas, que consistem na troca de um produto ou serviço por outro não produzido na aldeia, remontam ao passado dos Ticuna. Parece uma prática que está se deteriorando com o tempo e foi acelerada com a maior participação dos Ticuna na economia de mercado (MACHADO et al., 2014).

#### 4.2.3.4 Mapa de redes

O mapa de redes passa em primeira medida pelo desenho sobre imagens de satélite consultadas no programa Google Earth para a abordagem da zona global e regional que ia ser contemplada na rede. A primeira imagem (Fotografia 27) contempla parte do continente Americano e do continente Europeu. A zona de Tríplice Fronteira dos países Brasil, Colômbia e Peru, apresenta uma relação com as capitais da Colômbia em Bogotá e do Peru em Lima. Do lado do Brasil, tem relação com Manaus (capital do Estado do Amazonas) e saindo do continente apresenta relação com o continente Europeu, especificamente com a Espanha e a França. Os tipos de relação existentes são de venda.

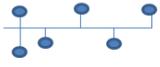
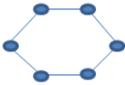
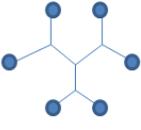
Fotografia 27 – Imagem global de redes.



Fonte: Adaptação imagem de *Google Map*, Fevereiro, 2015.

Segundo o IGAC (2008), existem tipos de redes que vão desde as mais simples até as mais complexas, como lineares, de circuito, de estrela, de árvore, de malha, de malha totalmente conexa e híbridas (Quadro 15). No desenho do Mapa Global de Redes foi identificado um tipo de rede radial. É uma rede centralizada onde existe um nó com acessibilidade privilegiada que representa o elemento predominante. Este tipo de rede também é conhecido como redes com topologia de estrela, radial ou polar, já que conecta todos os nós mediante eixos ou rádios que confluem a um nó central (no presente caso o nó central é a tríplice fronteira, mais especificamente o Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos e a Comunidade Indígena Umariçu II). Conseqüentemente todos os nós periféricos, que no caso são as grandes cidades mencionadas, só podem se comunicar com os demais através do nó central. Os elementos que circulam pela rede são os diversos artesanatos produzidos pelas duas Comunidades Indígenas. Os canais de comunicação são aéreo e fluvial correspondendo o primeiro as capitais da Colômbia e do Peru e no continente Europeu e o segundo canal às cidades de Manaus e Iquitos.

Quadro 12 - Tipos de redes.

TIPOS DE RED	DESCRIÇÃO
 <p data-bbox="395 472 472 501">Linear</p>	<p data-bbox="560 338 1375 510">Nas redes lineares, todos os nodos estão conectados a um eixo principal e não existe outra conexão entre eles. A falta de conectividade da rede permite que alguns nós fiquem desconectados, segmentando a rede em várias partes.</p>
 <p data-bbox="387 680 480 710">Circuito</p>	<p data-bbox="560 526 1375 645">Na rede de circuito todos os nós estão interconectados, formando um anel, se algum nó da rede se desconecta, se altera a conectividade de todo o circuito.</p>
 <p data-bbox="395 887 472 916">Radial</p>	<p data-bbox="560 732 1375 904">As redes de estrela são centralizadas, existindo um nó com acessibilidade privilegiada que representa o elemento predominante. Nela se conectam todos os nós mediante eixos que confluem a um nó central.</p>
 <p data-bbox="395 1122 472 1151">Árvore</p>	<p data-bbox="560 938 1375 1155">A rede de árvore é caracterizada por ser descentralizada de tal forma que os sub-centros incrementam os seus níveis de acessibilidade. A árvore tem nós periféricos individuais que como nas redes em estrela convencionais, podem ficar isolados por um dano pontual em rota de conexão do nó.</p>
 <p data-bbox="395 1382 472 1411">Malha</p>	<p data-bbox="560 1176 1375 1348">As redes com topologia de malha estão compostas por eixos principais paralelos e perpendiculares. Nela cada nó está conectado a um ou mais nós, de maneira que todas as comunicações existentes tem dos ou mais rotas.</p>
 <p data-bbox="284 1641 491 1715">Malha totalmente conexa</p>	<p data-bbox="560 1435 1375 1509">Diferente da malha, todos os seus nós estão interligados, de modo que tem mais diversidade de rotas.</p>
 <p data-bbox="387 1912 472 1942">Híbrida</p>	<p data-bbox="560 1736 1375 1854">As redes híbridas usam uma combinação de duas ou mais tipologias básicas distintas, de tal maneira que a rede resultante não tem uma forma estandar.</p>

Fonte: Adaptação IGAC (2008).

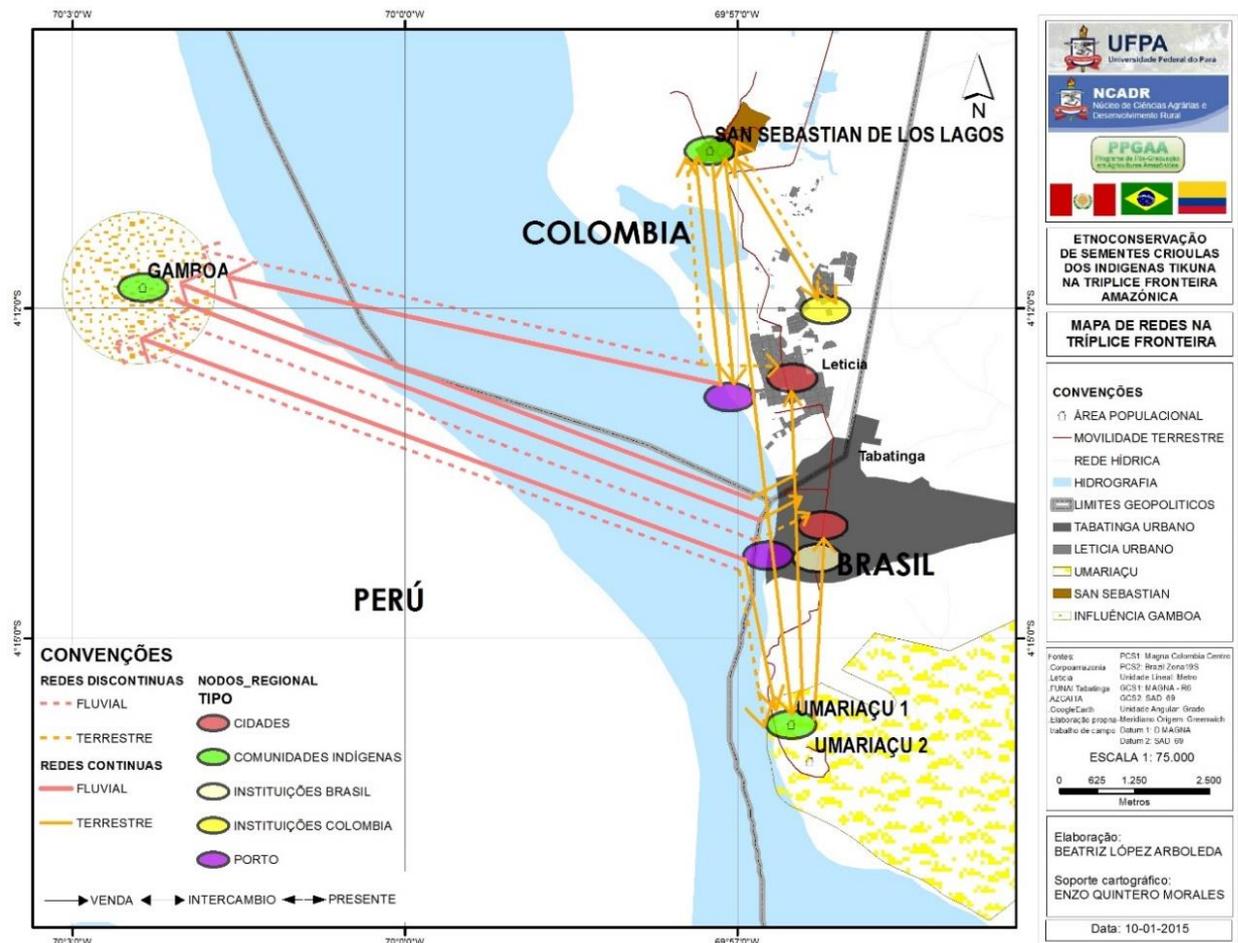


Após esta contextualização visual, foram trabalhados os dados no programa ARCGIS, obtendo como produto final o Mapa de Redes na Tríplice Fronteira (Mapa 5). O tipo de rede identificado é malha, a qual está composta por eixos paralelos e perpendiculares. Nelas cada nó está conectado a um ou mais nós, de maneira que todas as comunicações existentes têm dois ou mais canais possíveis. Esta tipologia a diferencia da radial, não estando dominada por um nó central. A rede pode funcionar inclusive quando uma conexão não funciona, pois os demais nós podem evitar a passagem por esse ponto. Em consequência, é a configuração com menor vulnerabilidade em sua conectividade.

Para o presente caso, os nós identificados são alguns dos referidos no Quadro 15, correspondendo assim aos nós de tipo assentamentos humanos, os quais vem-se representados nas principais cidades de Leticia e Tabatinga e nas Comunidades Indígenas estudadas. Porém existem outras comunidades indígenas referidas pelos moradores com as quais apresentam algum tipo de vínculo parental ou de amizade, mas não foram apresentadas no presente mapa por questões de espacialidade, ao igual que os nós institucionais e acadêmicos, sendo assim apresentado somente um nó geral de instituições para os países de Brasil e Colômbia.

Além dos nós anteriormente mencionados, são apresentados os nós correspondentes aos portos das cidades de Leticia e Tabatinga. O porto da cidade de Santa Rosa em Peru não foi apresentado já que para os moradores não representa um ponto de conexão importante, isto devido a que os seus produtos tem uma melhor circulação e melhor preço nos outros portos.

Mapa 5 - Mapa de redes em torno das sementes na Tríplice Fronteira Amazônica Brasil, Colômbia e Peru.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Após termos identificado espacialmente os nós relacionados com a Tríplice Fronteira, são apresentados os tipos de relacionamento entre os nós, os quais fazem referência à venda (linha em uma via), intercâmbio e presente (linha em dupla via). O que diferencia ao intercâmbio e ao presente é que o primeiro é apresentado numa linha de dupla via contínua e o segundo em uma linha de dupla via descontínua. É assim que a venda, o intercâmbio e o presente circulam entre os diferentes nós por meio de canais de comunicação, os quais são de tipo fluvial e terrestre.

Agora o movimento que acontece entre as redes identificadas com seus respectivos nós e canais de comunicação, tem muito a ver com a categoria que para o presente estudo foi atribuída ao tipo de rede que acontece a nível regional ou de Tríplice Fronteira.

Para o IGAC (2008), a estrutura das redes e sua relação com a distribuição das origens e destinos têm efeitos centrífugos e centrípetos enquanto a acessibilidade que proporciona as localizações e essa orientação se traduzem na estrutura, organização e funcionalidade dos fluxos, por exemplo:

- As redes que predominantemente funcionam com efeitos centrífugos não têm uma centralidade tão dominante, os nós têm múltiplas possibilidades de interação e a rede apresenta uma estrutura topológica em forma de malha. Uma rede centrífuga proporciona diversas vantagens de especialização a múltiplas localizações.
- As redes centrípetas têm uma forte centralidade e distingue-se a existência de nós com melhor conexão que outras. Uma rede centrípeta favorece a um número limitado de localizações.

Em relação ao anterior, o tipo de rede de malha (que foi o atingido para o Mapa de Redes na Tríplice Fronteira), tem efeitos centrífugos, apresentando assim uma diversa gama de conexões não centralizadas. Pensado nos elementos que circulam nestas redes, são apresentados a seguir as categorias:

- Intercâmbio (sementes, artesanatos, conhecimento, alimentos, roupa)
- Venda-compra: sementes, artesanatos, produtos da roça
- Presentes: artesanato e produtos da roça.

É também importante assinalar que os elementos que circulam não se reduzem ao tangível, já que o conhecimento é também considerado um elemento importante que circula entre cada nó. Ele circula pela existência dos nós que apresentam vínculos parentais assim como os nós de instituições acadêmicas e de desenvolvimento. Os vínculos acontecem da seguinte maneira:

Comunidade Nativa de Gamboa:

Família de Gamboa com filhos em Tabatinga: Rede de presentes

Família de Gamboa com família em Umariçu II: Rede de presentes e intercâmbio

Família de Gamboa com filhos em Leticia: Rede de presentes e intercâmbio

Família de Gamboa com família de San Sebastian: Rede de presentes e intercâmbio.

Famílias de Gamboa com mercado de Tabatinga: Rede de venda dos seus produtos da *chagra* e da pesca.

Famílias de Gamboa com mercado de Tabatinga: Rede de aquisição de sementes das famílias de Gamboa no mercado de Tabatinga.

Resguardo Indígena San Sebastián de los Lagos:

Família de San Sebastian com família em Umariáçu: Rede de intercâmbio

Famílias de San Sebastian com Mercado de Leticia: Rede de venda de artesanatos e produtos das *chagras*.

Família de San Sebastian com família em Gamboa: Rede de presente e intercâmbio.

Famílias de San Sebastian com Instituições: Rede de intercâmbio de conhecimento

Aldeia Indígena Umariáçu II:

Famílias de Umariáçu com Tabatinga: Rede de venda de artesanatos e produtos das roças.

Famílias de Umariáçu com Leticia: Rede de venda de artesanatos

Famílias de Umariáçu com San Sebastian de los Lagos: Rede de intercâmbio e presente.

Famílias de Umariáçu com Gamboa: Rede de intercâmbio e presente.

O intercâmbio de conhecimento que acontece dentro das comunidades e entre elas, basei-se nas suas práticas tradicionais e o intercâmbio de conhecimento das comunidades com as diversas instituições é baseada em diversas pesquisas científicas (instituições acadêmicas), assim como a introdução ou no melhor caso a construção de mecanismos voltados ao desenvolvimento agrícola e pecuário (instituições do Estado e de desenvolvimento).

#### 4.2.3.5 As redes na conservação e preservação das práticas

A existência de redes entre comunidades indígenas tem registros, um dos quais nos falam: Há décadas, comunidades indígenas da região comercializam cestaria de arumã para o mercado regional por meio de diferentes intermediários. Nos anos 1970 e 1980, por exemplo, houve grande procura para o artesanato de arumã na cidade colombiana de Mitu. Comerciantes (chamados localmente de regatões) viajavam pela região de barco comprando artesanato nas comunidades em troca de bens como anzóis, sal, roupa, sabão etc (SHEPARD, 2004).

Porém a existência destas redes, na atualidade se tem modificado devida a diversas influências na situação de fronteira, onde os moradores manifestaram sua preocupação pela perda das suas práticas tradicionais e apresentaram assim problemáticas sentidas.

Um dos problemas que tem tomado maior intensidade nos últimos 20 anos é a desfragmentação dos núcleos familiares. Em relação a esta problemática foram identificadas várias causas que provavelmente tiveram levado à desfragmentação familiar gerando assim um impacto na existência das redes em torno as sementes. Um exemplo disso é a migração de jovens para a área urbana da fronteira ou para cidades principais mais próximas como Manaus e Bogotá. Outra causa pode se atribuir aos deslocamentos para outras comunidades indígenas devido a episódios de violência (caso comunidade de Gamboa).

*“Tempo atrás quando chegaram os narcotraficantes em 1965, tinha mata virgem e as casas eram feitas de caraná e crescia de tudo”. (Relato Lorenzo, RISSL)*

O casamento dos indígenas Ticuna com outras etnias ou “homem branco” e o crescimento populacional também influenciam a fragmentação familiar, caso apresentado no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos onde foi evidenciando casos como perda da transmissão do conhecimento tradicional e como consequência o enfraquecimento das práticas tradicionais, entre estas, as das sementes.

*“Atualmente as pessoas não respeitam os clãs, agora só se respeita o sobrenome. Na minha família, todas as mulheres tiveram pelazon, mais onde eles moram agora (Gamboa) não tem maloca”. (Relato Joel. C.N.G)*

A fragmentação dos núcleos familiares faz com que os conhecimentos que regularmente são transmitidos dos avôs aos seus netos, sejam perdidos debilitando paulatinamente as práticas transmitidas de geração a geração.

Segundo as falas dos moradores das comunidades, foram identificadas como problemáticas os conflitos familiares que terminam de alguma maneira influenciando as redes de intercâmbio e presente que são apresentadas regularmente entre famílias.

Por outro lado, as redes relacionadas com o artesanato veem-se influenciadas pela competência com a produção artesanal em massa e a um baixo preço no mercado das cidades próximas, afetando assim a venda dos artesanatos produzidos de forma independente (caso Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos) e em forma de associação (caso Comunidade Indígena Umariáçu II). O enfraquecimento das redes de venda de produtos das roças e do artesanato foram muito sentidas no Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos, acontecimento que tem a ver com a paulatina redução do seu território. Do lado de Umariáçu a rede de venda vê-se afetada pela falta de conhecimento sobre a comercialização dos seus produtos, por não terem um vínculo comercial nas duas cidades próximas e também pela dificuldade de se deslocar já que em muitas ocasiões não dispõem de recursos econômicos. Apesar disso, as artesãs vão a pé vender os seus artesanatos nas ruas das cidades.

A falta de interesse por aprender as práticas em torno as sementes devido a diversas influências no cotidiano da população jovem das comunidades como existência de acessórios eletrônicos (celular-computadores), T.V, motos, bebidas alcoólicas, entre muitos outros que tem trazido as novas culturas encontradas nos centros urbanos próximos as comunidades, é somada as anteriores problemáticas sentidas e faladas e que influenciam o comportamento das redes.

Embora instituições públicas contribuam aos fluxos das redes como o fornecimento de sementes, os moradores manifestam sua inconformidade porque muitas delas não têm produção.

Frente as diversas problemáticas sentidas pelos moradores, comentaram sobre algumas propostas ou ideias para atender estas situações; fazer oficinas onde todos vão fazer artesanato (todos fazem os seus desenhos e se interessam por aprender). A ideia destas oficinas é compartilhar o conhecimento que tem cada artesão. Além de fortalecer e resgatar o conhecimento que se tem sobre o artesanato, os adultos e avós tem o interesse que a través destas oficinas, os jovens e meninos sejam incentivados e possam adquirir o conhecimento sobre o artesanato, garantindo assim a permanência deste conhecimento para futuras gerações. Este tipo de oficinas são propostas para escala de comunidades como a escala de região, ou seja das comunidades indígenas dos países da Tríplice Fronteira. A ideia de compartilhar o conhecimento e também fortalecer o contato com membros familiares que moram em outras comunidades dos outros países da fronteira. Outra proposta foi o reflorestamento de algumas áreas da comunidade com espécies artesanais. Esta

ideia surge pela preocupação da perda de espécies utilizadas para o artesanato, sendo o reflorestamento a opção de resgate destas espécies. Finalmente foi exposta a ideia de incentivar pesquisas científicas sobre as comunidades indígenas para divulgação de informação ou rede de intercâmbio de conhecimentos que tenham como compromisso com as comunidades a socialização dos produtos finais das pesquisas feitas.

De maneira pontual, o fortalecimento das redes observou-se por parte do Estado na Colômbia, por meio do desenvolvimento de eventos de intercâmbio de sementes entre Comunidades Indígenas da Colômbia. O evento foi desenvolvido na comunidade de San Sebastian de los Lagos, liderada por “*Mas Familias em Accion*”<sup>54</sup> sobre intercâmbio de saberes e sementes (Fotografia 29). Participaram comunidades indígenas de diversas etnias e realizaram atividades como canto, dança, contos e finalmente intercambiaram sementes, mudas, frutos e plantas entre as comunidades participantes, onde foram trocados pimentão por menta, tangerina por abacate, pepino e guisador por tucumã, castanha de caju por araçá, entre muitas outras trocas. Depois da troca marcaram um encontro para dentro de seis meses apresentar o que se tem semeado. Participaram as comunidades *Kilometro 6*, *Kilometro 11*, *Castanal*, *San Sebastian de los Lagos*, *San Antonio*, *Kilometro 7* e *San Juan*.

Fotografia 29 - Evento Intercâmbio de saberes e sementes na comunidade indígena San Sebastian de los Lagos. Setembro do ano 2014.



<sup>54</sup> Segundo DNP (*Departamento para la Prosperidad Social*) -Colômbia “*Mas Familias em Acción*” é um programa de transferências monetárias condicionadas que procura contribuir a redução da pobreza e a desigualdade de ingressos, a formação de capital humano e o melhoramento das condições de vida das famílias pobres e vulneráveis mediante um complemento ao ingresso. Além de obter benefícios pelos espaços de participação comunitária e o papel ativo que desempenha a mulher no programa como receptora das transferências.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

O tema sobre os direitos dos agricultores tem uma estreita relação com as redes e sua representação na troca ou venda de sementes. Embora as redes não sejam abordadas na circulação restrita de sementes, senão que retoma além das sementes, outros elementos como artesanatos, produtos da roça ou conhecimento, a continuação são tomados aportes de Santilli que leva-nos a pensar sobre como as redes na fronteira e em outros contextos, pode-se ver vulneradas devido a existência das políticas nacionais e internacionais que cada vez estão mais voltadas ao comércio das sementes a favor de uns poucos impossibilitando assim o manejo e uso dos povos que finalmente são os que garantem a diversidade genética, de ecossistemas e de culturas através das suas práticas tradicionais.

Do ponto de vista da conservação da agrobiodiversidade e dos sistemas agrícolas locais, tradicionais e agroecológicos, é absolutamente fundamental assegurar os direitos dos agricultores a guardar, usar, trocar e vender as sementes (em mercados locais), tanto de variedades locais como de protegidas. Entretanto, tais direitos conflitam com as restrições impostas pelas leis de proteção de cultivares, principalmente quando baseadas na Ata de 91 da Convenção da Upov e, em alguns casos, entram em conflito também com as leis que regulam o comércio, a produção e a utilização de sementes. No Brasil, a Lei de Proteção de Cultivares, inspirada na Ata de 78 da Convenção da Upov, já abre algumas brechas para o reconhecimento dos

direitos dos agricultores de guardar, usar e trocar sementes, ainda que de variedades protegidas, mas elas não são suficientes. Se, entretanto, vierem a ser aprovados pelo Congresso Nacional, os projetos de lei que pretendem adaptar a Lei de Proteção de Cultivares a Ata de 91 da Convenção da Upov, o uso próprio de sementes será restringido e os intercâmbios entre os agricultores proibidos, o que trará impactos extremamente negativos para os sistemas agrícolas tradicionais e locais.

Entretanto, não é apenas a Lei de Proteção de Cultivares que impõe restrições aos direitos dos agricultores de guardar, trocar, usar e vender sementes. As restrições impostas por essa lei se aplicam apenas aos cultivares protegidos. A Lei de Sementes, que estabelece normas sobre produção, comercialização e utilização de sementes também impõe algumas restrições, que se aplicam também aos cultivares de domínio público. Ela contém, no entanto, ressalvas importantes para os cultivares locais, tradicionais e crioulos, assim como para os agricultores familiares, assentados da reforma agrária e indígenas que multipliquem sementes para distribuição, troca ou comercialização entre si (SANTILLI, 2009).

Finalmente, falando de redes e sua relação com a conservação e preservação da biodiversidade, pode-se contemplar as crianças-meninos (Fotografia 30) como um dos agentes principais. O contato deles com as práticas tradicionais e o acompanhamento e transmissão do conhecimento é muito importante para garantir na atualidade e no futuro a permanência das suas práticas tradicionais.

Fotografia 30 - Crianças das Comunidades Indígenas San Sebastian de los Lagos, Umariçu II e Gamboa.



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

As redes sociais dos Ticuna em torno as sementes, para efeitos da presente pesquisa, foram consideradas como tipos de relacionamento representados em redes de intercâmbio, venda e presente, tanto de sementes, como dos artesanatos e do conhecimento que são transmitidos sobre as práticas trabalhadas no presente documento.

Embora existam métodos quantitativos para a identificação de redes, são identificados e analisados qualitativamente com base em informações cartográficas e

as obtidas a través das entrevistas, consultas em instituições de influência direta e indireta nas comunidades e oficinas com moradores das comunidades e reconhecimento da área de estudo (visitas dos diferentes ecossistemas, assentamentos humanos e canais de comunicação), permitindo assim uma compreensão do comportamento das redes em relação as sementes por parte das três Comunidades Indígenas Ticuna estudadas.

Os tipos de intercambio dos Ticuna mudou com o passo do tempo, antes faziam parte deste intercambio a mão de obra e bom comportamento por *curare* e produtos manufaturados, porem um produto que se manteve com o passar do tempo foi o artesanato das redes mas mudo o produto recebido em troca, que na atualidade é mais representado por recursos económicos.

As formas de intercambio realizadas pelos Ticuna tempo atrás, atende à repressão que exerceram os conquistadores e colonizadores na Amazônia, se representado como um sucesso que gerou transformação na sua cultura devido à incorporação de novos elementos como produtos manufaturados além de gerar mudanças nas suas práticas tradicionais já que eram obrigados a oferecer sua mão de obra e no pior caso a se converter em escravos.

Na atualidade, nas três comunidades estudadas os produtos que fazem parte da rede social de intercambio, venda e presente são pelo geral artesanatos; como redes, cestos, brincos, pulseiras, colares, tapetes e bolsas, sementes e mudas; abacaxi, mandioca, açaí, etc., alimentos; como farinha e peixe, além de incluir alimentos como açúcar, arroz e grãos. Devido a influência das zonas urbanas, as redes sociais estão se focando cada vez mais na venda, criando assim uma relação de rede numa só direção, relações que carecem dos significados culturais e sociais que carregam as redes de intercambio e presente.

A facilidade de venda da farinha no mercado comercial de Leticia e Tabatinga tem representado mudanças nas práticas de cultivo das comunidades, já que paulatinamente suas roças se tem incrementado em relação a mandioca gerando uma paisagem mais homogenia enquanto a distribuição espacial das suas roças.

As redes, os seus fluxos e o que circula nelas encontra-se relacionado com a economia, que para o presente caso seria tomado como economia indígena. Schröder (2003) nos fala da sua percepção sobre economia indígena, mas para ele, não existe um conceito pontual do que poderia ser denominado como economia indígena, apresentando assim diversos critérios estruturais, organizativos e sociais que podem

nos aproximar a sua compreensão. Para termos do presente estudo, são considerados os seguintes critérios:

- As dimensões reduzidas de circulação de produtos (maioritariamente aos níveis local e interlocal)
- Trocas não monetárias
- Objetivo principal dos sistemas econômicos (autosustento vs comércio)

Estes e mais critérios citados por Schöder podem ser usados, mas poucas vezes um critério só. É evidente também que no modelo dos povos indígenas da Amazônia costuma ser voltada principalmente ao autosustento. Também fala que existem uma interrelação entre a organização econômica e outras áreas da sua cultura, sendo mencionado o meio físico e biótico e a cosmologia uma das mais evidenciadas no presente documento (SCHÖDER, 2003).

Para Schröder (2003) as redes de troca têm a ver com as relações econômicas, as quais além do nível doméstico e local manifestam-se muitas vezes em redes de troca interlocais, Interétnicas, regionais ou interregionais. É errado pensar sobre sociedades indígenas e seus grupos locais como sistemas fechados. Até os grupos chamados “isolados” no vocabulário indigenista, costumam manter, na sua maioria, relações de troca com outros grupos. As trocas são realizadas em escala menor, mas podem implicar em valores simbólicos muito altos, dependendo da valorização cultural dos objetos.

Embora membros das famílias tem que se deslocar para outras comunidades por diversos motivos, permanece a existência de relações de intercambio e presente, o que demonstra um tipo de adaptação e resistência frente as mudanças a traves da permanência dos seus núcleos famílias.

O estado dos canais de comunicação como rodovias, e sistemas fluviais, assim como o comportamento comercial nas cidades e a existência de inclusão das políticas estaduais, institucionais e acadêmicas, determinam a frequência nas redes sociais dos Ticuna. A Comunidade Nativa de Gamboa, apresenta dificuldade nos seus canais de comunicação devido a seu afastamento do outro lado do rio, intensificado mais ainda na época de verão onde o seu afluente hídrico esgota, com tudo isso eles fazem grandes caminhadas e criam estratégias para conseguir viajar as cidades e levar seus produtos da roca e da pesca.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição de critérios na elaboração da trajetória e a escolha das três comunidades que tiveram algum tipo de vínculo ou relação permitiram se aproximar a compreensão da dinâmica no território das comunidades indígenas Ticuna na tríplice fronteira. Embora a presente pesquisa em relação a outras realizadas sobre trajetória e cartografia social poderia parecer ambiciosa, tem a intenção de servir como elemento inicial ou base para as comunidades nas suas iniciativas, como propõe VELEZ et al. (2012), para o reconhecimento crítico da sua realidade e o desenho de ações para sua transformação.

Os acontecimentos de violência são lembrados pelos moradores das comunidades, sem dúvida a época da borracha marcou para os Ticuna, pois configurou-se como um evento que ocasionou o seu deslocamento, fugindo de atos violentos, mortes e exploração. Embora tenha acontecido os deslocamentos e ser criados assentamentos indígenas em Colômbia e Peru, a maioria dos moradores, no caso da pesquisa, se consideram indígenas Ticuna brasileiros ou tem algum tipo de vínculo familiar no Brasil.

As histórias do deslocamento não só atendem a fenômenos de violência ou perda de território, também a conformação de família com pessoas de outras comunidades, levou alguns a se deslocar.

*“Eu venho do Brasil da comunidade de Umariçu, namorei uma mulher e ela morava aqui (em San Sebastian de los Lagos). Quando eu tinha 14 anos em 1962, morava na “isla de los micos”, depois no ano 1963 vim para San Sebastian”. (Relato Hernando Lorenzo. R.I.S.S.L)*

Os frutos são mencionados como os que fornecem a sabedoria, sabedoria que foi oferecida para os Ticuna com as habilidades do artesanato. O artesanato na atualidade pode se considerar como artefatos supérfluos ou acessórios, mas para os Ticuna são elementos que serviram para desenvolver suas práticas de construção de moradias (tecidos de palha para os tetos das casas ou malocas), tratamento de alimentos, utensílios para pesca e objetos para guardarem frutos e roupa, mas na atualidade tem perdido a sua importância dentro das suas práticas ancestrais e tem ganhado passo na comercialização, sendo um dos produtos mais vendidos na tríplice fronteira amazônica aos turistas.

A função dos avós é muito importante, é a figura com mais poder, vai mais além da função do cacique, elas-eles são os que transmitem o conhecimento aos seus netos e as que tomam as decisões importantes nas comunidades, como a repartição de terra.

*“A educação é muito importante nos Ticuna, não é dada pelos pais, mas sim pelas avós, por isso em ocasiões observam-se as avós com crianças e meninos e as pessoas não compreendem e dizem que abusivas essas avós tão velhas com essas crianças”. (Ruth, R.I.S.S.L)*

Os fenômenos naturais, construção de infraestrutura, tipos de produção não tradicionais e o incremento da população influenciaram na transformação drástica do território, gerando assim conflito pela perda do território, erosão dos recursos naturais e, portanto, das práticas tradicionais desenvolvidas nele. Este tipo de transformação segundo Gross, afetava o acesso aos recursos necessários, obrigando-os a suprir as suas necessidades através da adoção de práticas de agricultura comercial e a incorporação ao mercado de trabalho (GROSS et al., 1979 apud TRUJILLO, 2008).

A autodenominação de agricultor foi escutada nas três comunidades. A maioria dos moradores das três comunidades se autodenomina como agricultores, pescadores e artesãos. As suas práticas de uso e conservação das sementes estão relacionadas com as formas de autodenominação, assim tem sementes utilizadas para elaboração dos artesanatos, tem sementes que são armazenadas para as próximas safras nas suas roças e sementes que servem de alimentos para os peixes facilitando os sítios de locação de pesca. Nos resultados da pesquisa foram referenciadas aproximadamente 50 espécies, distribuídos entre espécies de árvores, espécies para uso no artesanato, na roça, espécies frutíferas e espécies madeireiras. Com as mudanças através do tempo pode se entender as práticas das sementes e também a sua permanência ou descontinuidade.

Segundo a trajetória das três comunidades, leva a estabelecer algum tipo de relação entre as mesmas, que dependendo da perspectiva que tem cada pessoa será construída continuamente. A seguir são apresentadas as semelhanças e diferenças encontradas nas Comunidades Indígenas de San Sebastian de los Lagos, Umariáçu II e Gamboa:

As semelhanças:

- As três comunidades iniciaram em zona de várzea
- Inundação nas três comunidades
- Iniciaram com aproximadamente 5 a 6 casas
- Incremento da população
- Mudança na infraestrutura
- Conformação de Resguardo Indígena, Terra Indígena
- Usos do solo: Mato, várzea, terra firme e área urbana
- Conflito pela terra nas Comunidades San Sebastian e Gamboa
- Preocupação pela perda de tradição
- As três comunidades referenciaram espécies vegetais, na roça, no mato e na várzea.

As diferenças:

- Adopção de sistemas produtivos não tradicionais na Comunidade San Sebastián de los Lagos
- A comunidade de Gamboa não tem rodovia, sua comunicação é pelo rio Amazonas
- A extensão do território varia nas três comunidades
- Na atualidade a zona de moradia das comunidades de San Sebastian de los Lagos e Umariçu ficam em terra firme, a diferença da zona de moradia de Gamboa, que se encontra em zona de várzea.

Embora pode se considerar subjetivo a leitura quanto às semelhanças e diferenças, se contempla a hipótese de que são mais os vínculos que existem entre as três comunidades, tanto assim que ainda existindo algumas diferenças, é por meio delas que se geram canais de comunicação alternativos, caso a existência da fronteira política e natural no rio Amazonas como forma de contato com as zonas urbanas e com as demais comunidades. Em termos da presente pesquisa e com a intencionalidade de identificar as práticas no território através do tempo, elas são reflexadas nas práticas tradicionais Ticuna adotadas nas três comunidades, correspondentes a agricultura, artesanato e pesca, é, portanto, que são comentadas

as práticas de armazenamento de sementes, de utilização de materiais vegetais para o artesanato e da utilização de sementes para a pesca.

Para as três Comunidades Indígenas Ticuna estudadas, as sementes têm um significado especial que abrange seu conhecimento tradicional assim como sua aplicação por meio das suas práticas. Assim como fala Mooney (1987), as sementes utilizadas geralmente são procedentes dos ciclos produtivos anteriores. Porém, na atualidade, devido aos processos de colonização, pressão sobre o território e introdução de sistemas produtivos vindos da “Revolução Verde”, os Ticuna têm perdido paulatinamente o seu acesso e soberania frente a seu entorno, gerando assim mudanças nas suas práticas tradicionais em relação às sementes.

Existe uma estreita relação entre as práticas tradicionais dos povos indígenas com a biodiversidade, uma a outra se complementando, a biodiversidade oferecendo os elementos necessários para a subsistência dos povos e eles salvaguardando-a por meio do conhecimento ancestral sobre o seu uso e manejo, mas vendo-se interrompido, pela apropriação estrangeira, tanto do território como de todos seus elementos, incluindo a vida dos povos como seus conhecimentos tradicionais. O uso da natureza continuou, mas foram apresentadas mudanças como a exploração massiva, alterando assim o manejo e uso tradicional efetuado por muitas gerações sendo uma das causas da atual erosão da diversidade genética, de espécies, de ecossistemas e de culturas.

O armazenamento de sementes foi a prática mais evidenciada na Comunidade Nativa de Gamboa, sendo executada pela maioria das famílias da comunidade. Garrafas e sacos de pano brancos são identificados como utensílios para o armazenamento das sementes. Embora a prática seja efetiva, em ocasiões terminam adquirindo sementes no mercado devido a que desde safras anteriores as sementes utilizadas são compradas apresentando características de melhoramento genético o que muitas ocasiões implica condições ou parâmetros estabelecidos para monocultivos, apresentando assim uma discordância no momento de ser efetuada tanto a safra como o processo de armazenamento. Não obstante as famílias da comunidade continuam com suas práticas de armazenamento já que desta forma garantem a proveniência das mesmas, além de minimizar custos na aquisição completa de sementes no mercado.

Segundo (FAJARDO 1986; MOSQUERA 1986; GOULARD 1998 apud GARCIA, 2005), a economia da sociedade indígena Ticuna se baseia na subsistência

e recria os conhecimentos tradicionais de processos produtivos, os quais correspondem a horticultura, a pesca artesanal, a caça, a coleta de frutos silvestres, e em menor medida ao comércio e a venda de artesanatos, atividades que em conjunto são complementares.

Porém, a perspectiva da subsistência dos Ticuna na atualidade tem variado em alguns lugares devido a influência dos centros urbanos mais próximos, pela pressão sobre o território ou pela constante mudança de zonas de moradia, as comunidades estudadas manifestam que embora a situação do seu território distingua as fronteiras políticas pela existência da econômica que varia em cada país ou pelo auxílio representado em fornecimento de bolsas ou aposentadoria, mas o ecossistema amazônico faz parte do seu território, são Ticuna, tem famílias em diversas comunidades estabelecendo assim vínculos na zona de tríplice fronteira.

O artesanato foi identificado como uma das práticas em torno às sementes mais comentada pelos moradores das três comunidades (em menor medida na Comunidade Nativa de Gamboa). Em relação a esta prática, percebeu-se algumas espécies que os moradores catalogaram como escassas ou extintas.

A elaboração dos tetos de caraná não foi identificada no item dos artesanatos devido à perda na execução desta prática nas comunidades de San Sebastian de los Lagos e Umariáçu II. São poucas as casas que ainda conservam os tetos desta palha. Nos croqui multitemporais do Resguardo Indígena San Sebastian de los Lagos, foi percebida a perda paulatina da espécie de caraná. Em relação a isto na cidade de Leticia foram percebidos diversos estabelecimentos com tetos de caraná sendo consultada a proveniência deste artesanato, destacando assim, que são muito caros e vendidos por encomenda, mas que na atualidade é muito difícil ter acesso a eles. Além disso, na fronteira foi vivenciado na época de semana santa, a fiscalização e controle que exerce a polícia da Colômbia, na cidade de Leticia, com respeito ao uso das folhas da palmeira Caraná nos “Domingos de ramos”, onde são utilizadas pelos religiosos católicos. A polícia ofereceu informação sobre a palmeira, seus cuidados e sua preocupante extinção dando como opção o uso de panos brancos para este tipo de cerimônia.

Uma prática similar identificada nas três comunidades foi a pesca por meio dos frutos disseminados no rio. Os frutos que alimentam aos peixes são utilizados como isca para pescar, além disso os pescadores utilizam o conhecimento sobre os locais

que apresentam estes frutos com maior frequência para estabelecer seus locais de pesca.

O fato de não ser forte a prática artesanal na comunidade de Gamboa pode-se atribuir a sua constante mudança, quer dizer, além de ser uma comunidade jovem, tem sofrido diversos deslocamentos por causas naturais (alagações) ou antrópicas (violência), apresentando-se assim uma constante mudança na estrutura social da comunidade, além da fragmentação familiar provocada pela migração dos jovens para as cidades para concluir seus estudos.

Assim como foi comentado a constante e atual preocupação manifestada por pesquisadores, moradores das comunidades indígenas e diversas instituições, a perda de espécies ou quase extinção delas, leva a considerar como uma das causas da erosão das práticas de conservação em torno das espécies, deteriorando assim os costumes tradicionais dos Ticuna.

A desaparecimento de espécies dispersoras de sementes preocupa aos moradores das três comunidades, já que dentro da sua cosmologia, são elas que contribuem na existência e variedade de espécies importantes na sua cultura. Estas espécies são muito importantes na recuperação de paisagens degradadas.

O manejo e uso das sementes representadas nas diversas práticas feitas pelos indígenas Ticuna evidenciam a sua estreita relação com seu entorno e o valioso conhecimento sobre ele. O contato e uso constante das espécies levam-lhes a dar importância a estas e adquirir conhecimento sobre seu uso e cuidado através do tempo. Diegues e Arruda (2000) destacam como as práticas por parte de povos contribuem para a conservação da biodiversidade:

O papel das comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade na floresta tropical brasileira já foi analisado em comparação com as formas convencionais de utilização da terra em atividades agropecuárias. Neste caso, observou-se maior erosão genética, mesmo quando acompanhada de “medidas conservacionistas”. Por outro lado, as formas de utilização dos recursos naturais pelas populações extrativistas e indígenas podem resultar em mínima erosão genética e maior conservação. Assim, o sistema desenvolvido pelas populações tradicionais tem demonstrado uso mais rentável da floresta em curto e médio prazo, mantendo a biodiversidade e os processos naturais de forma eficaz (DIEGUES: ARRUDA, 2000).

Embora a preocupação pela perda de espécies e pela perda de transmissão do conhecimento, ainda é mantida nas três comunidades a sua biodiversidade representada nas suas práticas tradicionais, além de ser manifestada a intenção do

resgate de espécies por meio da reflorestamento e da transmissão de conhecimento não só aos seus netos, senão a diversas pessoas por meio de oficinas.

A adaptação e adoção de novas culturas e a sua proximidade a centros urbanos, que confluem em três países, embora têm prejudicado as práticas tradicionais dos Ticuna, também tem possibilitado de alguma maneira a existência de redes complexas que dependendo da perspectiva ou da linha de análise, permite identificar e compreender a sua existência e suas conexões.

Em relação as redes no nível global, Faulhaber (2007) comenta sobre os elementos tangíveis e intangíveis de circulação dos Ticuna. “O contato implica a inserção Ticuna em atividades de âmbitos nacional e internacional, sendo que a cultura deste povo é manejada por especialistas em áreas específicas do conhecimento, além de museólogos associados ou não diretamente a representantes Ticuna. No circuito internacional de bens simbólicos, as manifestações culturais Ticuna são apresentadas a diferentes audiências que abrangem uma ampla gama de interessados, tais como pesquisadores, estudantes e o público em geral”.

As redes no nível local e regional ou de Tríplice Fronteira tem sua base na existência de núcleos familiares dentro e entre as comunidades. Assim famílias da Comunidade Nativa de Gamboa tem família nas comunidade de Nazaré (na Colômbia), em Umariáçu (no Brasil), em San Sebastian de los Lagos (na Colômbia), entre muitos outros vínculos familiares das famílias de San Sebastian na Comunidade Indígena Umariáçu I e II. Estes tipos de vínculos também são encontrados em outras pesquisas que falam da “existência de vínculos de parentesco entre os Ticuna das terras indígenas Evare I e Evare II e os Ticuna dos resguardos Nazaré e Arara. Vários anciãos em Nazaré, já viveram no Brasil e sabem falar português. Como o custo de vida ultimamente estava mais alto na Colômbia do que no Brasil, a migração Ticuna para o Brasil tornava-se conveniente também por causa de benefícios, como aposentadorias e serviços do Distrito de Saúde Indígena. No entanto, são colocadas muitas dificuldades práticas, uma vez que também no Brasil os Ticuna passam por problemas financeiros, tornando-se precária a possibilidade de absorção de migrantes mesmo entre “parentes” (MARQUES; HERALDO, 2008).

Segundos as redes identificadas nas três comunidades, pode-se concluir que a circulação dos Ticuna entre os três países é muito frequente e mais ainda se tem vínculos familiares, independente do país, os Ticuna falam sua língua assim como a língua espanhola e portuguesa. Esta circulação é facilitada ou impedida em algumas

ocasiões pelos canais de comunicação, mas os nós cobram importância e até são uma nova opção de moradia permanente dependendo dos benefícios que possibilita cada fronteira política.

Na identificação dos nós, foi evidente a falta de alguns deles dependendo da divisão política. Do lado do Peru não foram apresentados a existência de nós institucionais com influência nas redes em relação as sementes. No entanto, os moradores comentaram sobre a existência delas na cidade de Cuchillo Cocha na Região de Loreto, mas sua ação na comunidade é inexistente.

As formas de distribuição e redistribuição também estão marcadas pela falta de presença de instituições. A organização social e política, como redes de parentesco e lealdade e as normas correspondentes determinam principalmente seu funcionamento. Produtos circulam, em sua maioria, em dimensões reduzidas, isto é, aos níveis locais e interlocal. Isto, no entanto, não implica que não haja e não houvesse relações e redes de troca Inter étnicas a longa distância. As tecnologias geralmente são adaptadas às necessidades sociais locais de produção, distribuição e consumo e quase sempre são realizadas manualmente, considerando o artesanato como uma técnica sofisticada (SCHÖDER, 2003).

Em relação a metodologia e atendendo a visão sistêmica pertinente para abordar a temática sobre redes, Wilches (1998) nos ilustra sobre as redes e sua complexa representação:

Uma comunidade humana é um sistema. Os elementos que a conformam são pessoas: indivíduos integrados em parcerias, familiares, colégios, escritórios, fábricas, organizações, quadras, bairros, etc. A conformam, igualmente, elementos materiais, tangíveis e concretos, como são as edificações públicas e privadas, vias e meios de comunicação, redes de serviços públicos e tudo o que comumente conhecemos infraestrutura física, os recursos naturais e culturais disponíveis, e a tecnologia e os meios para sua transformação. A conformam também aqueles elementos, in materiais mas, não menos tangíveis e concretos; que constituem a superestrutura "institucional" da comunidade: o estado, a religião, o direito, a moral, a tradição, a ideologia, a economia, a ciência, a política, a história, a cultura.

E a conformam, sobre todo, a complexa rede de relações formais e não formais, instituições e, de fato, intencionais ou acidentais, previstas ou causais, expressas ou tácitas, ocultas ou evidentes, conscientes ou ignoradas, que vinculam entre se aos indivíduos ou grupos de indivíduos, e que os ligam dinamicamente aos demais elementos descritos, à infraestrutura e à superestrutura, ao meio ambiente cultural e natural da comunidade.

Pela existência desta rede podemos considerar à comunidade como um processo complexo. É esta rede a que outorga vida e dinâmica ao sistema. A que faz que o todo "comunidade" seja qualitativamente superior à soma de suas partes. Desta rede surgem as aspirações e os temores, as potencialidades e as frustrações, as necessidades e seus satisfatórios, os conflitos e suas soluções (WILCHES-CHAUX, 1998).

Além da reflexão anterior, outro autor como Garcia Canclini nos apresenta uma forma de conviver nas redes em uma sociedade atual e por que não em um território complexo espacial, ecossistêmico e multicultural como é a Tríplice Fronteira:

Este mundo globalizado, onde cada dia formam-se espaços de deslocamentos voluntários ou não, onde originam-se cada vez mais comunidades diaspóricas que vão criando, produzindo e mudando a paisagem real e imaginado, deveria ser pensado como um novo mundo de nós, redes e intercessões, onde temos a oportunidade de nos cruzar com o outro no mesmo espaço e coexistir, criando um novo tipo de sociedade onde a convivência seja menos incompreensiva, com menores mal-entendidos que nos tempos da colonização e o imperialismo. (GARCIA CANCLINI, 1999).

Além da visão sistêmica e de redes, as perspectiva da etnoecologia para o presente trabalho, permitiram a compreensão da realidade dos Ticuna em relação a seus conhecimentos, cosmovisões e práticas, além de contribuir à crítica do mundo moderno, ao mostrar que existe uma memória biocultural representada pelas muitas sabedorias locais, com antiguidades de centenas e milhares de anos, as quais foram avassaladas pelos modelos de caráter agroindustrial. Isso vem explicar desde uma perspectiva ligada à cultura e ao conhecimento, a aguda crise do mundo contemporâneo. Em suma, a etnoecologia tem a singular tarefa de decifrar a “memória da espécie” e de reivindicar e revalorizar, de passagem, aqueles que a representam e a mantêm viva (TOLEDO; BARRERA, 2009).

A etnoconservação em torno as sementes por parte dos indígenas Ticuna, ligada as crenças, ao território e as suas práticas tradicionais, requer na atualidade do acionar nas formas de luta pelo território e pelos seus direitos. As novas funções dos Ticuna em órgãos Estaduais, facilita a sua imersão na tomada de decisões a qual implica a convergência de diversos atores. Um exemplo disso é a solicitude de ampliação do território requerida por moradores das comunidades, se constituindo desta forma num mecanismo para recuperar o seu território e por conseguinte, manter as suas práticas tradicionais desenvolvidas nele, garantindo desta forma uma continuidade da vivencia tradicional Ticuna a través do tempo e do espaço.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, L. E, et al. **La chagra en La Chorrera**: más que una producción de subsistencia, es una fuente de comunicación y alimento físico y espiritual, de los hijos del tabaco, la coca y la yuca dulce. Colombia: Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas, SINCHI. Asociación Zonal Indígena de Cabildos y Autoridades Tradicionales de La Chorrera- AZICATCH, 2011.

ACSELRAD, H (org). **Cartografia Social e Dinâmicas Territoriais, Marcos para o Debate**. 2. ed. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2012.

ESPAÑA. Ministerio del Ambiente y Dirección Regional de Comercio Exterior, Turismo y Artesanía y la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo. **Ambiente y cultural**: Manos Trabajadoras Tejiendo la Chambira. 1. ed. Colômbia, 2009.

ALMEIDA, A. Mapas Situacionais e Categorias de Identidade na Amazônia. In: ZARATE (ORG). **Espacios Urbanos y Sociedades Transfronterizas en La Amazonia**. Leticia, Colômbia: Universidade Nacional Sede Leticia. Instituto Amazonico de Investigaciones IMANI, 2012.

ALMEIDA, P. E; FREIRE, A. G. Conservando As Sementes Da Paixão: Duas Histórias de Vida, Duas Sementes para a Agricultura Sustentável na Paraíba. In: CARVALHO, H, M. (Org). **Sementes dos Povos**. São Paulo, Brasil: Editora Expressão popular, 2003. 279 p.

ASOCIACION ZONAL DE CONSEJO DE AUTORIDADES INDÍGENAS DE TRADICION AUTÓCTONO (AZCAITA). **Plan de vida de los pueblos Tikuna, Uitoto, Kokama y Yagua de Azcaita**. Editorial Alta Voz Comunicaciones, 2008.

BALÉE, W. A Amazônia: diversidade biológica, em Mundo Científico. **La Recherche**, Barcelona, n. 216, outubro. 2000.

BERKES, F; FOLKE. (ed). **Linking social and ecological systems**: Management practices and social mechanisms for building resilience. New York: Cambridge University Press, 1998.

BUITRAGO G, A. I. La História de los Leones: Exploración de la memória familiar entre los Ticuna. In: UNIVERSIDAD NACIONALDE COLOMBIA – Sede Amazonia. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. (Org). **Gente Tierra y Agua en la Amazonia. I. Memória e Indígenas**. Bogota-Colombia: Editora Guadalupe Ltda, 2008, p 16. ISBN: 978-958-98806-1-6.

CALDAS, T. A visibilidade do Trabalho das Mulheres Ticuna da Amazônia. **Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 15, n. 2: 240, mai/aug. 2007.

CÂMARA, D. C. Teoria Geral Do Sistema: histórico e correlações com a geografia e com o estudo da paisagem. **Entre-Lugar, Dourados**, MS, ano 3, n. 6, p 85-108. 2012.

CARVALHO, H. M. **Sementes, Patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo, Brasil: Editora Expressão popular, 2003.

CASTRO D, I. **Governança Ambiental e Segurança Alimentar: a Agricultura Familiar no Alto Solimões**, Am. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas UFAM, Manaus, 2009.

COLOMBIA. Alcaldía Apostólica de Leticia. Coordinacion De Educacion Contratada Amazonas. Fundacion Caminos de Identidad. Red de Solidaridad Social y Alcaldia de Leticia. **Manejo del Territorio y del Medio Ambiente: Proyecto Etnoeducativo-Escuelas Rio Amazonas**. Leticia, 1990. ISBN 958-33-1067-0.

CORBELLINI, L. M. **Manejo e agrobiodiversidade na agricultura indígena em Barcelos, Rio Negro (AM), Brasil**. 2004. Dissertação (Monografia de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CORTE CONSTITUCIONAL DE COLOMBIA. **Sentencia C-921/07**. Disponível em: <http://www.corteconstitucional.gov.co/relatoria/2007/c-921-07.htm>. Acesso em: 23 fev 2015.

DA CRUZ, T; DOS SANTOS, K; KISTVOLMIR. In: DE BOEF, et al (Org). **Biodiversidade e Agricultores, fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre, RS, Brasil: L&PM, 2007. 125 p.

DANE. **Compendio de normatividad de los resguardos indigenas en colombia en relacion con la informacion estadistica**. Disponível em: <http://sige.dane.gov.co:81/gruposEtnicos/doc/NormatividadResguardosIndigenas.pdf>. Acesso em: 23 fev 2015.

DEMINICIS, B; VIEIRA, H; ARAUJO, S. Dispersão Natural de Sementes: Importância, Classificação e sua Dinâmica nas Pastagens Tropicais. **Archivos de Zootecnia**, Brasil, v. 58, p. 35-58, abril. 2009.

DE NOIR, A. F; BRAVO, S; ABDALA, R. Mecanismos de dispersión de algunas especies de leñosas nativas del Chaco Occidental y Serrano. **Ciencias Forestales**, Quebracho, n. 9, p 140-150, dez. 2002.

DIEGUES, A. C; ARRUDA R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: Universidade de São Paulo USP, 2000.

DIEGUES, A. C “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação. In DIEGUES, A. C. (Org). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2 ed. São Paulo: Hicitec e NUPAUB, 2000. p. 273-290.

DIEGUES, A. C. **A Construção da Etnoconservação no Brasil**: O desafio de novos conhecimentos e novas práticas para a conservação. São Paulo: Universidade de São Paulo USP, ?.

DELORY MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Tradução de Maria Carolina Nogueira. Dias e Helena C. Chamlian. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DURAND, L. De las percepciones a las perspectivas ambientales: Una reflexión teórica sobre la antropología y la temática ambiental. **Nueva Antropología**, México, v. 21, n.68, p. 75-87. 2008.

ELOY, R. *Entre ville et forêt: le futur de l'agriculture amérindienne en question*. Thèse, Institut des Hautes Études d'Amérique Latine, Paris, 2005.

EMPERAIRE, L; ELOY, L. Space and crop diversity management in the middle and upper rio Negro (Brazilian Amazon). In: COMMUNICATION À LA XV INTERNATIONAL CONFERENCE OF SOCIETY FOR HUMAN ECOLOGY, October 4-7, Rio de Janeiro, Brazil, 2007.

ESTEVEVES, R. E. MANICA DA CRUZ, I. B. **Dieta Amazonica, Saúde e longevidade**. Manaus: Editora Cultural do Amazonas, 2012.

FAULHABER. P. As estrelas eran terrenas. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 47, n.2, 2004.

FAULHABER, P. Interpretando os artefatos rituais Ticuna. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 17, p. 345-363, 2007.

FAULHABER, P. Repensando a historicidade discursiva no exame de trajetórias de dois líderes nacionalistas na Colômbia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, p. 609-624, 2010.

FUNAI. **O Brasil Indígena**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/o-brasil-indigena-ibge>. Acesso em: 6 fev 2015.

GARCIA A, J. C, et al. **Diversidad de yucas (Manihot esculenta Crantz) entre los Ticuna**: Riqueza cultural y genética de un producto tradicional. Colombia: Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas SINCHI, 2005.

GARCIA CANCLINI, N. Globalizarnos o defender la identidad. **Revista Nueva Sociedad**, n.16, 1999.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecología**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001.

GUIMARÃES, S. J. **Jogos dos Povos Indígenas e Rituais**: Diálogo Entre Tradição E Modernidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.

GOULARD, J. P. Los Ticuna. In: SANTOS, F; BARCLAY, F (eds). **Guía etnográfica de la alta Amazonia**. 1 ed. Quito: FLACSO, 1994.

GOULARD, J. P. **Les genres du Corps**: conceptions de la personne chez les Ticuna de la haute Amazonia. 1998. Dissertação (Doctorado en Antropología y Etnología) - Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1998.

HUSSAK, V. V. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v. 4, n.2, p.117-146, dez. 2007.

INSTITUTO AMAZÔNICO DE PESQUISA IMANI (Colômbia); Universidade Nacional de Colômbia UNAL, Sede Leticia. **Mundo Amazônico**. Revista anual, Vol. 1, 2010.

INSTITUTO GEOGRAFICO AGUSTIN CODAZZI, IGAC (Colômbia). Ordenamiento Territorial, Métodos de modelamiento y analisis espacial. Analisis Geograficos, **Revista del Instituto Geografico Agustin Codazzi**. n. 39, p 1-176, Bogota, Colombia. 2008. ISSN: 0120-8551.

LAPENTA, M. J. **O mico-leao-dourado (Leontopithecurs rosalia) como dispersor de sementes na reserva biológica uniao/IBAMA, Rio das Ostras, RJ. São Paulo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo. 96 p.

LÓPEZ. G, C. L. **Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos**: Etnicidad y nacionalidad en la región de fronteras del alto Amazonas/ Solimões. 2002. Doutorado (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília - UnB. Brasília, Brasil, 2002.

LÓPEZ. G, C. P. **Cartografía social**: instrumento de gestión social e indicador ambiental. 2012. Dissertação (*Maestria en Medio Ambiente y Desarrollo*) - Universidad Nacional de Colombia. Medellín, Colombia, 2012.

LUDEMAN, R; DE BOEF, W. S. In: DE BOEF, et al. (Org). **Biodiversidade e Agricultores, fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre, RS: Brasil: L&PM Editores, 2007. p. 122-127.

MACHADO, A, et al. Economia Indígena: os modos de produzir e viver dos Ticuna na cidade de Tabatinga (AM). In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 19, 2014, São Pedro-SP-Brasil. Resumos: ABEP, 24 a 28 de nov, 2014.

MARQUES L, W; HERALDO M, R (Orgs). **Nortes antropológicos: Trajetos, trajetórias**. Belém: EDUFPA, 2008. ISBN: 978-85- 247-0424-6, p. 140-142.

MARTÍ C, J. Historia, antropología y etnohistoria: una relación entrecortada. **Revista de la Asociación de Estudiantes Graduados de Historia Universidad Interamericana de Puerto Rico**, Puerto Rico, v. 1, n.1. 2013.

MCCONKEY, K. R. Primary seed shadow generated by gibbons in the rain forest of Barito Ulu, Central Borneo. **American Journal of Primatology**, 52:13–29, 2000.

MEJIA G, M. Sementes Crioulas, um olhar a partir da Colômbia, In: CARVALHO, M. (Org). **Patrimônio de povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão popular, 2003.

MOONEY, P. R. **O escândalo das sementes**: o domínio da produção de alimentos. Tradução: Adilson Paschoal. São Paulo: Nobel, 1987. p. 41-113.

MOTA CARDOSO, T. **O Saber Biodiverso, práticas e conhecimentos na agricultura indígena do baixo rio Negro**. Manaus: EDUA: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010. ISBN: 978-857401-523-1.

NAVARRO, J. A; GALEANO, G; PEÑUELA, M. Palmas del CEA. In: Peñuela-M., M.C. y E.M. Jiménez. **Plantas del Centro Experimental Amazónico –CEA– Mocoa, Putumayo**. Leticia: Corporación para el Desarrollo Sostenible del Sur de la Amazonía-Corpoamazonia, Grupo de Ecología de Ecosistemas Terrestres Tropicales-Universidad Nacional de Colombia - Sede Amazonía, 2010. 424 p.

OLMOS H, E. **Fuente oral e etnohistoria en el estudio del agua durante la baja edad media**. Valladolid: Fuentes para su estudio, 1998.

PEÑA, V. C, et al. **Seguridad Alimentaria em Comunidades Indígenas do Amazonas: ayer y hoy**. Sinchi. 1. ed. Colômbia. Dezembro de 2009.

PEREIRA, B. DIEGUES, A. C. Conhecimento de Populações Tradicionais como Possibilidade de Conservação da Natureza: Uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR n 22, p 37 -50, jul-dez. 2010.

PEREIRA. C. M. **As Narrações da Cultura Indígena da Amazônia: Lendas e Histórias**. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2003.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PIB). **Quadro Geral dos Povos**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em: 1 fevereiro 2015.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PIB). **Etnia Ticuna**. Junho 2008. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ticuna/1349>. Acesso em: 21 janeiro 2015.

PINHEIRO, S. L. enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: Uma oportunidade de mudança da abordagem hard-systems para experiências com soft-systems. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Emater, Porto Alegre, v.1, n.2, p. 27-37, abr-jun. 2000.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária; capoeira, campos e cerrados (Kayapo). In: RIBEIRO, B. G. (Org). **Suma Etnológica Brasileira**. v. 1. Etnobiologia. Petrópolis, 1987. p. 173-185.

RIBEIRO, S. Sementes. In: CARVALHO, M.O, (Org). **Patrimônio de povo a serviço da humanidade**. Editora Expressão popular. São Paulo, Brasil, 2003. P 51-73.

SABOURIN, E. Métodos e Instrumentos de Planejamento e Desenvolvimento Territorial. In: SABOURIN, E; TEIXEIRA, O. A. (Eds). **Planejamento e Desenvolvimento dos Territórios Rurais: Conceitos, Controvérsias e Experiências**. Brasília, DF, Brasil: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Universidade Federal de Paraíba, Centro de Cooperação Internacional de Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento. Embrapa, Informação Tecnológica, 2002.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. 1. ed. São Paulo: Editora Petrópolis, 2009.

SANTOS M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMITZ, H. Abordagem sistêmica e agricultura familiar. In: MOTA, D. M; SCHMITZ, H; VASCONCELLOS, H. E. (Org). **Agricultura familiar e abordagem sistêmica**. Brasil: Aracaju, Se: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2005. p.19-52.

SCHÖRDER, P. **Economia indígena: situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia legal**. Brasil: Editora Universitária UFPE, 2003.

SHEPARD, G. H, et al. Sustentabilidade socioambiental de arumã no Alto Rio Negro. In: RICARDO, F. (Org). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação**. Brasil: Instituto Socioambiental (ISA). Novembro, 2004. p. 129-143.

SOCORRO, M. Lendas E Mitos Da Amazônia. **Revista Litteris Literatura**. n.5, Julho de 2010.

SUBEDI, A, et al. In: DE BOEF, Walter S; THIJSSSEN, M. H; OGLIARI, J. B; STHAPIT, B. R. (Org). **Biodiversidade e Agricultores, Fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, Brasil 2007. p. 122-127.

REYES, S. **Dialogo de Saberes: plantas medicinales, salud y cosmovisiones**. UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA, SEDE AMAZONIA. ARFO. 1. ed. Bogota, Colombia: Editores e Impresores Ltda, 2009. ISBN: 978-958-719-171-4.

TOLEDO M, V; BARRERA B, N. **La memoria Biocultural**. La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales. 1. ed. Barcelona: Icara Editorial, 2009a.

TOLEDO M, V; BARRERA B, N. A etnoecologia uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR. n. 20, p. 31-45, jul-dez. 2009b.

TRUJILLO O, C. História y Economía: Exploración cuantitativa de los ingresos en hogares indígenas. In: UNIVERSIDAD NACIONALDE COLOMBIA – Sede Amazonia. Instituto Amazonico de Investigaciones IMANI. **Gente Tierra y Agua en la Amazonia**. II. Bogota, D.C, Colombia: Editora Guadalupe Ltda, 2008. ISBN: 978-958-98806-1-6.

VELEZ, T; RATIVA, G; VARELA, C. Cartografía social como metodología participativa y colaborativa de investigación en el territorio afrodescendiente de la cuenca alta del río cauca. Universidad Nacional de Colombia, Colombia. **Cuadernos de Geografía. Revista Colombiana de Geografía**, Bogota, v. 21, n.2, jul.-dic. 2012. ISSN 0121.

WILCHES CHAUX, G. **La vulnerabilidad Global**. LA RED, 1998. Disponível em: <http://www.desenredando.org/public/libros/1993/ldnsn/html/cap2.htm>. Acesso em: 20 dez 2014.